

CÉLIA PALMA



INSPIRADO
EM FACTOS
VERÍDICOS

AS TRÊS VIDAS DE LUANA

ROMANCE



O AMOR INFINITO
DE UM ANIMAL É CAPAZ
DE SARAR ATÉ AS FERIDAS
MAIS PROFUNDAS.



 MANUSCRITO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

CÉLIA PALMA



INSPIRADO
EM FACTOS
VERÍDICOS

AS TRÊS VIDAS DE LUANA



ROMANCE

O AMOR INFINITO
DE UM ANIMAL É CAPAZ
DE SARAR ATÉ AS FERIDAS
MAIS PROFUNDAS.



 MANUSCRITO

**AS TRÊS
VIDAS
DE LUANA**

CÉLIA PALMA

**AS TRÊS
VIDAS
DE LUANA**

© 2024

Todos os direitos relativos à chancela Manuscrito encontram-se reservados para a Editorial Presença, S.A.

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

Título: *As Três Vidas de Luana*

Autora: Célia Palma

Copyright © Célia Palma

Copyright © Editorial Presença, S.A. 2024

Revisão: Paula Pegado/Editorial Presença

Ilustrações da capa: *Shutterstock*

Capa: Vera Espinha/Editorial Presença

Paginação: Fotocompográfica, Lda.

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-9181-30-4

1.ª edição em papel, Lisboa, junho, 2024

**A PRIMEIRA VIDA
DE LUANA**

PRÓLOGO

30 de maio de 2005

LUANA

Lembro-me ainda com clareza da minha entrada neste mundo. Recordo-me de flutuar num líquido morno, agradável, sem nada para fazer a não ser bocejar de vez em quando, ou esticar as pernas para tocar nos meus irmãos, às vezes acordando-os. É possível que, apesar do espaço limitado, já nessa fase da minha vida fosse muito brincalhona.

Um dia, sem que nada o fizesse prever, fui envolvida por uma força desconhecida mas poderosa que, como uma garra gigante, me arrancou daquele ambiente seguro e aconchegante e me lançou, em segundos, para um mundo frio e desconhecido.

Foi assim que nasci. Senti-me perdida e cheia de medo, mas fui rapidamente acolhida por algo quente e húmido que limpou todo o líquido viscoso que tapava as minhas narinas e me ajudou a respirar. Senti a minha circulação sanguínea reativar e, sem saber bem como nem porquê, percebi que não havia nada a temer e que estava segura.

No início, os únicos sentidos que me ligavam ao mundo eram o olfato e o tato: era ainda cega e surda. Mas foi exatamente com estes dois sentidos que iniciei a minha aprendizagem do mundo. Percebi mais tarde que tinha sido a língua da minha mãe a salvar-me a vida, uma vez que me secara, me desobstruía o nariz e me encaminhara para a zona segura entre as suas patas. Ali vivi durante algum tempo, num emaranhado de pelo macio e com um cheiro inconfundível. Reconheceria a minha mãe em qualquer lugar do mundo simplesmente pelo seu odor.

Também pelo odor encontrava o meu mamilo preferido. Sim, entre mim e os meus irmãos, cada um de nós tinha um mamilo privado. E que sensação tão boa quando o agarrava com a boca, quando sentia aquele sabor adocicado a descer pela garganta e a preencher-me o estômago. Aprendi rapidamente que se pressionasse com as minhas patas a zona em seu redor, o leite saía mais rápido e eu ficava

satisfeita mais depressa.

Sentia que tudo do que precisava estava naquele local, entre as patas da minha mãe: conforto e alimento. Os dias passavam tranquilos e não havia mais nada a ambicionar.

Um dia, algo estranho aconteceu. Tinha uma sensação de ardor nos olhos, como se estivesse novamente envolvida em líquido viscoso. Durante as limpezas da minha mãe, o mundo foi assumindo novos contornos. Pelos vistos, o meu tempo de cegueira tinha terminado. Abri os olhos para o mundo. E como estava cada vez mais crescida, movimentava-me melhor. Arrastava-me de barriga encostada ao chão e começava a explorar a zona do ninho. Mas voltava sempre às maminhas da minha mãe, onde me sentia em casa.

Depois, comecei a ouvir. Primeiro, sons muito abafados, depois, cada vez mais claros. O meu mundo encheu-se de sons, altos, baixos, agradáveis, tenebrosos, curiosos, envolventes. E com este acréscimo da visão e audição ao tato e olfato, fiquei apetrechada para enfrentar os desafios que a vida me reservasse.

Mas o tempo não parava e quanto mais desenvolvia as minhas capacidades, mais queria explorar, conhecer, experimentar. Já não passava o dia a dormir e a comer. Nesta altura, brincava sobretudo com os meus irmãos, também um pouco com a minha mãe, que tinha paciência infinita. Ainda assim, ausentava-se cada vez mais tempo do ninho e nós ficávamos por nossa conta.

Quando já estávamos tão crescidos que o leite deixou de nos ser suficiente, tudo voltou a mudar: seres gigantes, apoiados em duas pernas, começaram a dar-nos alimentos estranhos na sua textura, aroma e forma. No entanto, era agradável experimentar coisas novas. A minha mãe parecia apreciar muito a sua presença. E, por isso, apesar do seu enorme tamanho, não me amedrontavam. Se a minha progenitora não os temia, era porque não havia o que temer. A minha mãe sabia tudo! Na verdade, até apreciava muito a sensação reconfortante que era o afago que me faziam atrás das orelhas, ou ao longo do dorso. Era como se a língua da minha mãe se tivesse agigantado e conseguisse estar em todo o lado ao mesmo tempo. Mas menos húmida! Por vezes, elevavam-me no ar. E eu ficava a observar, aninhada nos seus braços, o mundo visto de cima. A perspetiva era encantadora.

E desta forma cresci! Sem sobressaltos, segura de que a vida nada tinha de intimidante, sentindo que teria sempre a minha mamã para me proteger e os meus irmãos para brincar, além dos gigantes para me mimarem. Que o melhor da vida era passar horas a dormir sob o sol escaldante do verão.

I

3 de agosto de 2005

Era agosto. Os últimos dias tinham sido quentes, tão quentes que os termómetros batiam recordes e as casas não conseguiam refrescar durante a noite. De manhã, já o calor subia em ondas de espiral, elevando-se do asfalto da estrada em direção a lado nenhum. Os carros deixavam atrás de si um espectro de cores esbatidas, como se coabitassem em dois tempos diferentes. Os transeuntes exibiam trajes reduzidos, que deixavam vislumbrar os bronzeados de um verão que já durava há dois meses. Nas fachadas dos prédios, os ares condicionados gotejavam para os passeios, permitindo que algumas ervas daninhas despontassem, como oásis, no meio do deserto acinzentado da calçada portuguesa. Já nas esplanadas, saboreavam-se bebidas frescas, à sombra de grandes chapéus de sol publicitários. Os insetos zumbiam no ar, meio perdidos, sem saber para onde ir, afugentados por mãos impacientes e transpiradas. Tudo se movimentava devagar, como se fosse um filme e alguém tivesse carregado no botão *slow motion*.

Luísa acabara de acordar. Apesar de ser quase meio-dia, era habitual passar a manhã na cama. Aliás, sempre que podia, passava o dia inteiro na cama. Preferia deitar-se tarde e aproveitar o sossego noturno para vagar pela casa, observar a rua deserta pela janela e, depois então, sentar-se em frente à televisão para dedilhar, sem rumo, o botão do telecomando. Quando o dia chegava, era entre os lençóis que se sentia bem, escondida e protegida de um mundo que persistia em movimentar-se lá fora.

Nessa tarde, porém, ia ter de se levantar, tinha consulta com a psiquiatra. De seis em seis meses, tinha esta obrigação. Detestava ter de se arrastar da cama para se vestir, apanhar o táxi, esperar a sua vez na sala de espera do consultório, onde se sentavam clientes taciturnos, focados em si e nos seus próprios problemas. Como ela própria, aliás. Detestava tudo naquele processo tortuoso, que culminava consigo própria sentada na cadeira, em frente à médica, a relatar com entusiasmo acontecimentos que não correspondiam, de todo, à verdade. Durante uma hora, falava com forçada exaltação dos passeios com as amigas, dos jantares com a

família, das longas conversas com Francisco, com quem era casada há mais de quarenta anos.

A psiquiatra sabia que era tudo invenção. Conseguia fazer essa leitura no olhar de Luísa. Mas deixava-a falar porque sabia que, de algum modo, ela apreciava aquele momento — talvez até fosse a única coisa boa que tirava daquelas consultas. Quando já ia embrenhada na narrativa falsa que, dias antes, começava a preparar deitada sobre a cama, acrescentando-lhe pormenores de última hora que de súbito se lembrava e a deixavam ainda mais entusiasmada, sentia-se «normal». Igual aos outros. Como se a vida não lhe tivesse pregado tantas partidas, deixando-a vulnerável à depressão.

Naquela altura, e por breves instantes, era como se não tivesse sido vítima de uma escuridão permanente, que aparecera sorrateiramente e se instalara algures dentro de si, sem que fosse capaz de precisar exatamente quando, mas que, por certo, não mais a largaria.

Como mentia, mas a mentira não era segredo, nem tão pouco enganava alguém, Luísa voltava para casa com mais receitas, doses novas, prescrições diferentes, porções de uma falsa esperança que, ela sabia, nunca seriam capazes de a resgatar do abismo em que se afundara. Poderia ela, alguma vez, sentir-se leve, solta, livre, motivada, alegre, com objetivos? Poderia, alguma vez, desaparecer para sempre aquele peso opressivo que sentia sobre os ombros e a prensa imaginária que lhe apertava permanentemente o crânio? Não acreditava nisso.

A bem da verdade, isso só acontecera uma vez na sua vida. E de forma tão intensa quanto fugaz, que dava por si a duvidar de que efetivamente tivesse sido real.

*

Luísa nasceu em Lisboa, em 1940, na Maternidade Alfredo da Costa, para onde a mãe, Deolinda, foi transportada à cautela mal sentiu as primeiras contrações. O seu primeiro parto tinha sido longo e difícil e, para evitar uma repetição do mesmo, Armando, o pai, optou pelo nascimento assistido. A precaução veio a revelar-se desnecessária, pois a bebé nasceu sem sobressaltos e rapidamente, talvez devido ao seu pequeno tamanho. Foi a primeira filha do casal, que já tinham sido pais de Manuel, três anos antes.

Dez anos depois, quando já ninguém suspeitava de que a família pudesse ficar maior, nascia Olívia. Bebé rechonchudo e bem-disposto, foi ela quem trouxe alegria a uma casa em que as pessoas raramente se alegravam, com a sua gargalhada constante e brincadeiras infantis. Deolinda, que nunca fora muito carinhosa com os filhos, nem tinha grande instinto maternal, delegou o seu papel de mãe na filha mais velha, incumbindo-a de todas as tarefas, desde mudar fraldas a dar banho e adormecer.

Luísa acatou a missão que lhe foi entregue sem questionar. Exímia e

competente nesta tarefa, nunca deixou que Olívia passasse qualquer dificuldade. Contudo, como nunca recebeu afetos da mãe, também não sabia oferecê-los. Já naquela altura tinha uma personalidade dura e distante — quem sabe porque talvez não fosse assim tão diferente da mãe, quem sabe porque nunca poderia ser outra coisa numa casa em que o pai era figura ausente e a mãe só abria a boca para repreender os que a rodeavam.

Tornou-se também assim Luísa. Quanto mais amor sentia pela irmã, única alegria na sua vida, mais a sua afeição acabava por chegar sob a forma de constantes advertências e repreensões.

Quando tinha apenas treze anos, o pai faleceu num acidente de viação. Conduzia em direção a Cascais, pela marginal, na companhia de Deolinda. Era um dia de inverno, com chuva miudinha, que tornava o piso muito escorregadio. Numa curva apertada, perdeu o controlo do carro, derrapou, capotando em seguida. A mulher ficou ferida e inconsciente, acabando por recuperar depois de semanas hospitalizada. Ele não teve qualquer hipótese: o óbito foi atestado no local.

Menos de um ano depois, a mãe já tinha um novo relacionamento. Por serem considerados problemáticos — pela mãe ou pelo padrasto, Luísa nunca chegou a saber —, os dois filhos mais velhos foram estudar para um colégio interno, vindo apenas a casa nas férias de verão. A mais nova, ainda pequena, ficou. Naturalmente bem-disposta, porque era assim a pequena Olívia, conquistou o coração do padrasto. Tratou-a sempre com todo o carinho possível, para alguém que havia sido criado na convicção de que os homens não devem exteriorizar sentimentos.

Completado o ensino, Luísa regressou a casa. O retorno foi tudo menos pacífico: o tempo levava-lhe todo e qualquer vínculo afetivo com a mãe; pior ainda, a relação com a irmã. O amor que ainda podia persistir foi substituído por um forte ressentimento em relação ao padrasto, o que só agudizou a escuridão de uma casa onde, até então, Luísa raras vezes tinha conseguido ver a luz.

Nos poucos anos que viveu em casa da mãe, após a saída do colégio, Luísa tentou canalizar a sua energia para reatar a relação com Olívia. O irmão tinha partido para Angola, pelo que a relação que um dia as duas irmãs haviam tido era tudo o que lhe restava. Só que o tempo passara e Olívia deixara de ser um bebé para se tornar uma criança extrovertida, esperta e despachada. Consegua reconhecer a dificuldade de Luísa em expressar emoções e perdoava-lhe as observações mordazes que debitava, a todo o momento, na sua direção. Mas tinha uma vida preenchida, com amigos de escola, festinhas infantis, tardes de chás de bonecas, noites em casa de outras meninas.

Apesar do amor que nutria por ela, Luísa não conseguia deixar de sentir algum ressentimento pela infância perdida, por esta absoluta normalidade que lhe havia sido negada, mas permitida à irmã mais nova. Não conseguia deixar de se sentir ultrajada porque a irmã trocava a sua companhia pelas tertúlias com os amigos,

não deixando de lho cobrar constantemente quando a conseguia manter na sua presença. Olívia relativizava estas atitudes, mas não deixava de ser uma criança que só queria ser feliz. Com o tempo, começou a evitar a irmã, para fugir à constante cobrança dos seus afetos.

Era preciso seguir em frente, e para isso teria de deixar a casa dos pais. Luísa equacionou várias hipóteses, comprou jornais e revistas, devorou os classificados em busca de anúncios de emprego. Apresentou-se a algumas entrevistas, sem resultados imediatos, e começou a desesperar, porque a vida não a tinha ensinado a ser paciente.

Estava-se em 1959. Um dia, numa visita ao seu tio Joaquim, irmão da mãe, Luísa conheceu Francisco. Ele era irmão da sua tia por afinidade, consequentemente, cunhado do seu tio. Era já um homem maduro, de estatura mediana, elegante, vestido de forma clássica, sério e compenetrado.

Inicialmente, não repararam propriamente um no outro. Cumprimentaram-se cordialmente e cada um continuou a sua visita, sem trocarem mais conversa. Foi já em casa, deitada, que Luísa deu por si a pensar nele. Não que se tivesse sentido verdadeiramente atraída. Mas, devagar, muito devagar, algo se começava a desenhar nos seus pensamentos. Seria casado, ou teria namorada? Que idade teria? Haveria reparado nela? Na verdade, Luísa não tinha vestido o seu melhor modelo. E o cabelo? Há séculos que não ia a um cabeleireiro. A mãe e o padraсто não lhe disponibilizavam verba suficiente para renovar o guarda-roupa, desgastado e fora de moda, quanto mais ir ao cabeleireiro. E a sua roupa... herdara alguma dos primos mais afortunados, mas, mesmo assim, tinha só o essencial para se apresentar decentemente vestida, sem luxos ou extravagâncias.

Deu por si a pensar numa forma de voltar a ver Francisco. Este surgia-lhe cada vez com mais frequência em pensamentos que lhe causavam agitação abdominal, como se um bando de borboletas batessem as asas, em uníssono, dentro do seu estômago.

Tudo isto era novidade para si. Tinha passado a adolescência demasiado concentrada nas suas desventuras para reparar que tinha crescido e se tornara uma jovem mulher, em todos os sentidos. Passou a olhar mais para o espelho, avaliando-se, como se a sua alma saísse do seu corpo e ficasse a observá-la com imparcialidade. Escovava o cabelo vezes sem conta, tentando domá-lo à imagem das modelos das capas de revista, que lia avidamente sempre que conseguia poupar algum dinheiro para as comprar na papelaria da esquina. Por vezes, quando sobrava algum exemplar, o rapaz que lá trabalhava oferecia-lha, piscando-lhe o olho, em jeito de cumplicidade, sendo este um segredo que ambos guardavam tacitamente. Abençoou as aulas de costura, que tanto a tinham entediado no colégio, mas que agora lhe permitiam fazer a transformação total de algumas aborrecidas peças de vestuário. Passou a andar muito direita, tentando parecer segura de si, dando a impressão de que deslizava sem tocar no chão, silenciosa e etérea.

Um ano depois, Francisco e Luísa estavam casados. Não foi uma cerimónia emotiva. As borboletas tinham-se transformado há alguns meses em crisálidas, o cabelo regressara à sua natural rebelião, os vestidos voltaram a ser tristonhos, sem o *glamour* das suas incursões no mundo do estilismo caseiro. Mas, mesmo sem estes atributos, Francisco parecia ter ficado irremediavelmente enfeitiçado pela sua inocente e apagada personalidade. Percebera que o seu amor não era correspondido na mesma ordem de grandeza, mas estava habituado a que nada na sua vida fosse muito intenso. Preferia algo duradouro, apesar de morno, do que uma relação escaldante, que se esgotasse aos primeiros chuveiros.

Foram viver para Algés, num pequeno apartamento de uma assoalhada, tendo ela arranjado emprego numa grande multinacional e ele na GNR. A relação caiu mais ainda no marasmo, sem que nenhum deles manifestasse carinho um pelo outro. Luísa voltara à sua forma de estar natural, implicativa, descontente, autoritária. Francisco, apesar de a amar, fazia-o de forma discreta, fingindo desinteresse, vivendo numa aceitação tácita da personalidade difícil da mulher.

Cada um seguia a sua vida, concentrado nos seus afazeres, sem projetos, sem diálogo, de forma mecânica, sem qualquer romantismo. À noite, em casa, prosseguiram com as tarefas domésticas, ora em silêncio sepulcral, ora implicando com tudo e nada; ainda assim, cuidavam um do outro, com um zelo disfarçado de indiferença.

Luísa não sabia quantificar o que sentia por Francisco. Estava formatada para reprimir sentimentos, numa tentativa de se proteger. Se sentia que algo saía do seu controlo, revoltava-se contra o objeto do seu afeto, numa tentativa de esconder os verdadeiros objetos, os seus próprios sentimentos. A par disso, a revolta e descontentamento tinham-se entranhado na sua personalidade de tal forma — primeiro em casa, depois no colégio, mais tarde novamente em casa — que, agora, já ninguém podia esperar que ela pudesse ser outra coisa.

Os filhos tardaram, pelo menos para o habitual naquela época. Nuno surgiu nas suas vidas cinco anos depois do casamento, instalando em Luísa uma confusão mental ainda mais marcada. Os seus instintos mais primários ditavam que amasse aquele ser com todas as suas forças, mas o medo de não ser correspondida no seu afeto refreava as suas manifestações de carinho.

Garantiu que nada faltasse ao filho. Todavia, nunca o apertou nos braços simplesmente porque o amava, nunca lhe acariciou os caracóis escuros porque lhe dava prazer, nunca lhe limpou as lágrimas quando magoou os joelhos, nunca o embalou para adormecer, nunca lhe cantarolou canções infantis para o entreter. Refreava-se, sistematicamente em todos estes impulsos, mesmo que por vezes surgissem.

Nuno cresceu a invejar os colegas cujas mães eram amorosas, não compreendendo o que tornava a sua tão contida quanto a mostrar sentimentos. Tudo piorou quando, prestes a entrar no ensino primário, os pais decidiram que iria viver com os tios paternos, perto de Vila Real de Trás-os-Montes. Tanto a mãe

como o pai estavam no auge das carreiras e não tinham horários compatíveis com o horário escolar. Em termos teóricos, parecia fazer sentido. Em termos práticos, Nuno nunca perdeu os pais.

Luísa sofreu horrores com a distância do filho, mas a sua convicção baseava-se no seu eterno controlo de sentimentos. Agarrou-se à ideia de que estava a fazer o melhor por ele e pelo trabalho, para esquecer a saudade. Queria chegar a casa tarde e cansada, cair na cama e adormecer, sem pensar muito, evitando a insónia que a deixava às voltas, vezes sem conta.

Francisco tornou-se desconfiado. Começou a reparar no que Luísa vestia quando saía de casa, na forma como se penteava, na elegância com que se comportava. Não conseguia localizar no tempo o momento em que a jovem insegura e sem graça com quem casara se transformara na mulher elegante que despertava olhares de soslaio nos homens pelos quais passava na rua. Começou a ser atormentado pelo ciúme, sentimento que foi surgindo aos poucos, mas que se foi instalando e tomando perigosamente forma.

Nos raros momentos em que estavam juntos, Francisco já não ignorava os acessos de mau humor da mulher. Sobrepunha-se-lhe em gritaria e, quando esta resistia, ameaçava-a. No início, Luísa sentiu-se confusa, porque estava habituada a sair vencedora em todos os confrontos. Resistiu o que pôde, até àquela primeira vez em que o marido lhe deu uma bofetada que a deixou marcada, mas, sobretudo, atarantada, desorientada, insegura. Naquele dia, Francisco conseguiu ganhar (se é que existem vencedores nestas situações). Nos dias seguintes, Luísa chegou ainda mais tarde, evitando o confronto, não porque estivesse receosa, mas porque algo tinha mudado e seria necessário um período de adaptação para se reorientar.

Quando, poucos dias depois, chegou a casa, já passava muito da hora de jantar, e Francisco recebeu-a embriagado. Começou por perguntar onde é que ela tinha estado até àquela hora, levantando a voz e agitando-lhe o dedo em frente ao nariz, de forma ameaçadora. Luísa sentiu a raiva crescer-lhe nas entranhas, insuflou ar até se sentir inchada, abriu a porta que dava para a rua, empurrou-o para fora e fechou-lha na cara. Nem sequer lhe deu tempo para se dar conta do que estava a acontecer. Quando Francisco se apercebeu, era demasiado tarde: estava em cuecas, no patamar do prédio, sem chaves, sem carteira e sem roupa. E, se bem conhecia Luísa, ela não lhe abria a porta em breve, mesmo que ele se humilhasse e lho implorasse.

Passou essa noite no sofá do vizinho solteirão do andar de cima, que lhe emprestou algo para vestir. De manhã, à hora que Luísa saía para trabalhar, estava à sua porta. Ela não lhe dirigiu palavra e continuou o seu caminho para o autocarro, como se ele fosse invisível. A partir desse dia, ele não mais a desafiou. Conformou-se, para sempre, com a sua personalidade indomável.

Frustrado com um casamento estagnado, sem manifestações de carinho e em permanente conflito, Francisco acabou por se atirar de cabeça para um relacionamento extraconjugal. Luísa apercebeu-se facilmente do que se estava a

passar, experimentando um misto de emoções, que oscilavam entre a raiva, a humilhação e a indiferença.

Sucedeu-se uma nova fase do casamento, em que eram parceiros de um projeto, o que visava a sobrevivência da pequena família que tinham criado. Não havia mais ninguém: o padrasto de Luísa morreria de enfarte no ano em que Nuno entrara para a escola primária, a mãe seguiu-o pouco tempo depois. A relação com os irmãos resumia-se a chamadas rápidas no Natal, às vezes nem isso. Francisco, mais velho, há muito que tinha perdido os pais. Só lhe restava o irmão, perdido em Bragança, o que agora lhe tomava conta do filho, mas com quem tinha uma relação que não ia além do cordial.

Eles eram tudo o que restava. E embora por vezes quisessem arriscar o abismo do desconhecido, deixar para trás um casamento de aparências e serem, de facto, felizes, a verdade é que o divórcio era algo que nem sequer ponderavam. A educação que tinham recebido não lhes permitia considerar essa hipótese, além de que os tempos eram outros.

E, de alguma forma, gostavam um do outro. Para Francisco, pelo menos, era impensável idealizar uma vida sem a sua mulher. Para Luísa... um casamento seria sempre para a vida.

Foi pelo menos assim, até Guilherme surgir na sua vida.

II

Passavam poucos minutos das sete da tarde quando o telefone tocou. Apesar de ainda ser de dia, Luísa estava sentada na sala de estar a ler uma revista que meses antes comprara na papelaria. Sentia-se agitada, talvez com um ligeiro pico de energia, algo que só podia dever-se à nova medicação. Sempre que lhe faziam ajustes nas prescrições, era frequente sentir alterações no seu estado anímico. Umas eram mais evidentes, outras menos, nenhuma lhe dava esperança: semanas depois, estava tudo de volta ao normal. Ao seu normal, pelo menos.

O telefone continuou a tocar. Voltando ao espaço onde se encontrava, Luísa levantou-se do sofá e atirou a revista para a mesa de centro. Quem poderia estar a ligar-lhe? Não era frequente ouvir o telefone tocar. Talvez fosse publicidade, pensou, preparando-se logo para cortar rispidamente qualquer conversa.

— Luísa? Olá, como estás? É a Emília!

Emília. Colegas durante vários anos na multinacional de máquinas de costura na qual trabalharam toda a vida até se reformarem, agora viam-se esporadicamente — e sempre por iniciativa e insistência de Emília. Luísa nunca percebeu bem porque insistia tanto a ex-colega em prolongar o contacto entre elas, mas a verdade é que o fazia.

A dança entre as duas era sempre a mesma: depois de recusar muitas vezes o convite, Luísa lá acabava por ceder, quando já não tinha força anímica para contrapor — e quando o esforço para sair se tornava menor do que o de recusar. Os encontros eram breves e tinham quase sempre um único tema: os cães de Emília. *Lord* era o membro da família mais antigo. Cão de raça cruzada de pequeno porte, tinha um bonito pelo comprido afogueado, orelhas caídas, olhos grandes e redondos, focinho achatado e nariz empinado. Há pouco mais de um ano, Emília e o marido tinham adotado *Lady*, cadela muito parecida com *Lord*, mas com um pelo castanho chocolate.

Luísa participava nas conversas com pouco entusiasmo, resumindo as suas intervenções a reparos de espanto ou de admiração. Recordava-se, contudo, do último café que tinham tomado juntas e de Emília lhe dizer que *Lady* estava grávida. Ela insistia sempre nos enormes benefícios de ter um animal, de como os seus haviam transformado a sua vida, em particular agora que tanto ela como o

marido estavam reformados. Sim, lembrava-se cada vez com mais clareza daquela conversa, sobretudo do momento em que se sentiu saturada, com pressa de ir para casa. Talvez na intenção de abreviar o encontro, talvez já sem ouvir muito bem as palavras de Emília, acabara por deixar em aberto uma possibilidade. Uma possibilidade? Seria verdade, tê-lo-ia mesmo feito? Já não se lembrava bem!

O coração parecia querer saltar-lhe pela boca.

— Luísa, os cães estão prontos para serem adotados! Tu e o Francisco já podem vir escolher o vosso.

Como se, de súbito, o coração tivesse mesmo encontrado uma porta de saída pela boca, Luísa deixou-se cair sobre uma das poltronas da sala e o mundo ficou em silêncio. O telefone escapou-se-lhe da mão, caindo no chão com um baque surdo. Ao longe, vinda do interior do aparelho, a voz de Emília ainda se ouvia:

— Estou? Estou? Luísa, estás aí?

Os pensamentos corriam-lhe soltos na mente, em desordem. Luísa nunca tinha tido um animal. Se recuasse uns anos, conseguia recordar-se de ter convivido com alguns gatos ainda na casa da sua infância, mas eram livres e cuidavam de si próprios. E, na verdade, nunca lhes tinha dedicado grande afeto, ocupada que estava em desempenhar com afinco as tarefas domésticas que lhe tinham sido confiadas.

Remexendo nas memórias guardadas no sótão da sua mente, lembrou-se de *Silvestre*, voltando de imediato a mágoa de quem se sente sempre insuficiente, secundário, mesmo quando comparado com um animal.

Com a respiração subitamente alterada, Luísa esfregou as mãos uma na outra enquanto o seu olhar se desviou para a janela. Há vários anos que não se lembrava de *Silvestre*, gato tigrado escuro, exímio caçador de ratos. Sem saber porquê, a mãe tinha-se tomado de amores pelos seus dotes de sedução, sendo o bichano provido de grande poder de persuasão para com todas as suas vontades. Pavoneava-se pela casa, cauda içada, exibindo um porte atlético, destilando simpatia para todos os seres humanos. Ao contrário, tornava-se um verdadeiro leão quando algum congénere seu se atrevia a aproximar-se das imediações da casa. Eriçava o pelo de tal maneira que parecia ter o dobro do tamanho e acompanhava a sua atitude bélica com uivos lancinantes, que se assemelhavam ao choro de uma criança desesperada, correndo com o pobre invasor, em pânico, até o perder de vista.

Quem o via nesta atitude agressiva tinha dificuldade em reconhecer o carinhoso animal que se deitava nos almofadões dos sofás, ronronando ruidosamente, ou que solicitava educadamente as sobras do jantar. Nunca mostrou uma atitude agressiva para com pessoas. Mas os abscessos que, com frequência, lhe apareciam no corpo testemunhavam a sua intolerância aos seus semelhantes. Os ratos, que outrora povoavam o barracão das ferramentas, desapareceram para parte incerta, pois durante o reinado de *Silvestre* não foi avistado qualquer deles, a não ser já defunto, largado à porta da entrada, ou transportado para dentro de casa, em jeito de oferenda.

Luísa tinha a certeza de que a mãe gostava mais do gato do que dos próprios filhos, pois dedicava-lhe o carinho e atenção que estes nunca receberam. Em momentos de rebate de consciência, pensava que talvez estivesse a ser acometida por ciúmes disparatados, pois o gato conseguia ser adorável e ela própria reprimia a afeição que lhe tinha. Depois, sentia a raiva a crescer dentro de si e a necessidade premente de extravasar aquele sentimento. Nesses momentos, enxotava o bichano para a rua, aliviando sob a forma de vingança a frustração que sentia na sua relação com a mãe.

Quando voltou a casa, após os anos passados no colégio, *Silvestre* já era velhote. Dormia a maior parte do dia, enroscado ao sol, ou perto do fogão, absorvendo o calor de que o seu corpo gasto precisava. Quando se movimentava, fazia-o como um autómato, com as articulações rígidas e reflexos lentos. Há muito que tinha deixado de perseguir outros gatos, e estes, sabendo bem disso, tinham voltado ao jardim de forma provocatória. Os ratos tornaram a avistar-se, ocasionalmente, a testar a sua sorte, pois nenhum dos gatos que substituíram *Silvestre*, após a sua reforma, conseguiu a mesma perícia na caça. E este vivia a última etapa da sua vida com o sentido de dever cumprido, delegando assim noutros o que já não lhe competia, nem conseguia, fazer.

Quando morreu, *Silvestre* foi enterrado no sítio mais soalheiro do jardim, onde, esticado languidamente ao sol, passara longas horas a fingir que dormitava — na realidade, estava sempre atento a observar as idas e vindas do barracão das ferramentas. Deolinda chorou dolorosamente a sua perda, mas o trabalho de cavar a sepultura e fazer a mortalha calhou à filha mais velha, com a justificação da incapacidade que a sua perna doente lhe causava. Luísa enterrou o gato num misto de desgosto, ciúmes e frustração, pois, mais uma vez, tinha de ser ela a fazer o que outros não queriam.

Estava ainda nesta apatia emocional quando ouviu abrir a porta da rua. Sentiu os passos de Francisco a entrar em casa. A custo, levantou a cabeça e encarou o marido com uma expressão de pânico, deixando-o apreensivo.

— Credo, mulher! Que é que aconteceu? Estás pálida!

Ela foi incapaz de responder. Permaneceu a fitá-lo, como que a pedir ajuda, mas emudecida pelas emoções.

— Então? O que foi? Desembucha, mulher!

— Recebi... há pouco... um telefonema da Emília — gaguejou.

— E aconteceu-lhe alguma coisa? Fala, Luísa! Estás a deixar-me nervoso.

— Não! Não aconteceu nada de grave! Acho eu... — atirou. — Mas diz ter uma cadela bebé, filha dos cães dela, que está guardada para nós.

— Uma cadela? Mas a que propósito? Tu disseste-lhe que a querias? Está maluca? Sabes o trabalho que dá ter um animal? Tu nem para as tuas coisas tens energia. Sobra todo o trabalho para mim. E agora tomas esta decisão, assim do nada? Sem me consultares?

— Eu não tomei decisão nenhuma! Ela deve ter percebido mal nalguma das

nossas conversas — sussurrou, num fio de voz quase inaudível.

— Então telefona-lhe e diz-lhe que não queremos a cadela. Até podes dizer que sou eu que não a quero. Assim não insiste contigo.

— Mas ela é muito persistente. Não vai desistir facilmente.

— Tu meteste-nos nesta embrulhada, vais ser tu a resolvê-la.

Francisco virou costas e saiu da sala, decidido a não ceder e a deixar a mulher resolver a situação. Foi até à janela da cozinha e olhou para a rua. Reparou que, no passeio em frente, um vizinho passeava um cão velhote, sem trela. Parecia ter problemas de ossos, pois coxeava e andava devagar, respirando com dificuldade, certamente pelo excesso de peso. Ou por causa do calor. Ou ambos.

Já se tinha cruzado várias vezes com eles. Porém, nunca tinha olhado com olhos de ver. Evidenciavam uma cumplicidade só possível pelos anos de convivência. Bastava um olhar para que o animal e o tutor se entendessem. Não eram precisas palavras. Faziam-no telepaticamente.

Observou, pensativo, o percurso de ambos, entre o jardim e a porta do prédio onde moravam. Testemunhou o carinho com que o homem ajudou o cão a subir os degraus da entrada e o afeto com que o olhava.

Uma ideia começou a tomar forma na sua cabeça. E se conseguisse uma relação assim com a cadela? E se esta viesse preencher o vazio das suas vidas? E se, de alguma forma milagrosa, conseguisse restabelecer a ligação entre eles? Se fosse a ponte perdida entre os dois? E se, mesmo que isso não acontecesse, ela viesse trazer algum sentido à sua vida? Se viesse salvá-lo do tédio do seu dia a dia? Sabia que era demasiada responsabilidade para um só animal. Que começava a depositar nela demasiadas esperanças. No entanto, se não tentasse, nunca saberia!

Voltou à sala e deparou com Luísa exatamente na mesma posição em que a tinha deixado. Apática, a olhar o vazio. Sentou-se na poltrona e fitou-a.

— Estive a pensar. E se fôssemos buscar o cão? Se calhar, até seria bom para os dois. Havia um motivo para nos levantarmos todos os dias e um ser vivo ao qual poderemos dedicar os nossos afetos. Estou disposto a experimentar, Luísa.

— Experimentar? Não é um objeto que podemos devolver após a compra, caso não gostemos — sentenciou Luísa.

— Claro, eu sei disso. Mas estou disposto a correr o risco. E não te esqueças de que não fui eu quem nos meteu nesta embrulhada. Por isso, não te vires contra mim.

— Não sei se estou preparada. Aliás, não estou preparada, de todo!

— Bolas! Toda a gente tem cães. Não deve ser assim tão complicado. Liga à tua amiga, para combinarem quando o podemos ir buscar — terminou Francisco, apanhando o telefone do chão e entregando-o a Luísa.

Provavelmente por ainda estar em choque, Luísa acedeu como um autómato, esperando, secretamente, que Emília não atendesse.

— Estou? Luísa? Estou?

— Sim, sou eu!

— Ainda bem que ligas. Fiquei a pensar que tinha acontecido alguma coisa, terminaste a chamada de forma tão repentina... Se não me ligasses, ia ligar-te daqui a pouco.

— Tinha de falar com o meu marido — justificou.

— E então? Quando o querem vir buscar?

— Diz-me tu — delegou Luísa, na tentativa de adiar a decisão.

— Por mim, pode ser já amanhã. Eles já têm dois meses, estão prontos para deixar a mãe.

Olhou para Francisco, que se mantinha atento à conversa, abanando afirmativamente a cabeça, concordando.

— Então será amanhã, depois do almoço, pode ser?

— Combinado! Até amanhã!

III

No dia seguinte, depois do almoço, Luísa e Francisco entraram no carro a caminho de Cascais, onde Emília vivia. Luísa sentia uma angústia crescente, um aperto no peito, um enorme medo do que seria a sua vida a partir desse dia. A sua incapacidade para gerir novidades estava a ser testada ao extremo. Duvidava de que fosse possível vir a gostar do animal, até porque este iria forçá-la a sair da cama para o levar à rua, alimentar, limpar, treinar, cuidar. Havia tudo para correr mal.

Tinha 65 anos. Sentia-se velha, cansada, engolida há décadas por uma depressão que lhe roubara toda a vontade de sorrir. O que raio iria ela, agora, fazer com um animal?

Francisco também estava perdido nos seus pensamentos, mas estes flutuavam em direção oposta. Sem saber bem de onde surgira aquele sentimento inesperado, guardava agora a secreta esperança de que o cão renovasse o relacionamento entre ambos. Apesar da sua infinita paciência para as atitudes de Luísa, causadas ou não pela doença psiquiátrica, ainda sonhava com o momento em que a sua vida assumisse contornos de normalidade, companheirismo, felicidade, até! A triste realidade era que, muito provavelmente, sobraria para si a tarefa acrescida de cuidar do animal.

Ainda assim... talvez ele pudesse trazer-lhe alguma realização.

Na sua carreira na Polícia, durante algum tempo trabalhara na Unidade Cinotécnica. Relacionara-se, naturalmente, com os cães que treinava, mas sempre com intuito profissional, sem desenvolver grande emotividade. Utilizava as técnicas de treino que aprendia, aperfeiçoava algumas, inovava outras e gostava dos resultados, mas encarava os cães como instrumentos de trabalho, que respeitava, zelando pelo seu bem-estar, mas para os quais não olhava de forma emotiva. Agora, já reformado, as agruras da vida, em vez de lhe endurecerem os sentimentos, tornaram-no mais carente de atenção e carinho. Mesmo que não o reconhecesse.

Quando estacionaram o carro, permaneceram em silêncio, entreolhando-se, tensos, tentando avaliar discretamente a disposição um do outro. Tinham parado mesmo em frente à casa de Emília, uma moradia grande, pintada de cor de tijolo.

Um as enormes portadas verdes protegiam o interior do calor do dia. Quatro degraus conduziam à porta principal, de madeira maciça. Tocaram à campainha, algo hesitantes, numa derradeira tentativa de adiar o inevitável. Foi a filha da dona da casa que lhes veio abrir a porta. Sorriu, complacente, enquanto lhes apertava a mão, de forma cordial. Aparentava ter uns trinta anos, cabelo castanho-claro, enrolado num coque informal. Calções curtos e um *top* colorido cobriam uma pequena parte do seu corpo, mantendo visíveis umas elegantes pernas compridas e um abdómen bem torneado. Com toda a certeza, uma atleta. Guiou-os através da habitação, em direção ao jardim interior. Quando abriu a porta, Luísa e Francisco depararam com um relvado bem cuidado, de dimensão considerável, onde brincavam quatro cachorros, sob a supervisão da sua zelosa mãe.

Corriam de um lado para o outro, perseguindo-se e sendo perseguidos, à vez, provocando, tropeçando, atropelando, caindo e levantando-se, enquanto rosnavam, guinchavam e desafiavam. Era digno de se ver... pareciam saídos de um calendário ternurento, como se as fotos que o constituíam tivessem ganhado vida e saltado diretamente do papel para o relvado. Tudo isto sob o olhar aparentemente descontraído, mas atento, da progenitora.

O pai dormitava, esticado à sombra de umas hortênsias, indiferente aos atropelos da sua prole, lançando, ocasionalmente, uma rosnadela de aviso. Mas falhava redondamente qualquer tentativa de impor ordem no local.

A boa disposição dos quatro era contagiante, provocando sorrisos dissimulados em todos os presentes. Francisco quase jurava que, espreitando discretamente, tinha surpreendido uma expressão de diversão no rosto carregado da mulher. Estavam como que hipnotizados, observando em silêncio, absorvendo a boa energia que provinha daqueles seres inocentes, que de tão pouco precisavam para viverem felizes.

Emília surgiu do anexo do jardim atarefada, limpando a testa suada com as costas da mão. Atravessou o relvado em passadas largas, evitando pisar cada um dos cachorros, tarefa que se revelou complexa, pois estes, mal deram pela sua presença, abandonaram de imediato os jogos de lutas para a perseguirem, saltando à sua volta e tentando subtrair-lhe todas as peças de vestuário — e que se resumiam a uma saia comprida florida e um *top* de alças.

Depois de uma travessia que mais parecia uma corrida de obstáculos, Emília acercou-se de Luísa e deu-lhe um caloroso abraço, que a deixou acanhada e sem capacidade de resposta. Depois, foi a vez de Francisco ser presenteado com um generoso aperto de mão. A simplicidade daquele momento era algo que os deixava constrangidos, desabitua dos que estavam dos relacionamentos sociais.

Emília deu-lhes o braço e encaminhou-os para uma mesa de ferro, instalada à sombra de um velho carvalho. Sentaram-se em cadeiras igualmente de ferro, revestidas por almofadas coloridas, e serviram-se de um copo de chá frio, de gengibre e hortelã. A anfitriã sorria-lhes de forma descontraída para os deixar à

vontade. Sem pressas, descreveu as necessidades básicas do animal, a alimentação aconselhada, como o deveriam treinar para satisfazer as suas necessidades fisiológicas no local escolhido, até como o podiam estimular cognitivamente, brincando de forma adequada. Referiu trela, coleira e peitoral, que deveriam adquirir, e o melhor sítio para o fazerem. Em suma, monitorizou um rápido *workshop* para que se tornassem tutores responsáveis e atentos às necessidades do animal.

Francisco e Luísa quase não a ouviram, atordoados que estavam com tanta informação, preocupados com a forma como iriam gerir as suas vidas desse dia em diante. Fitavam Emília sem conseguirem desviar o olhar da sua boca, fascinados com a forma como os seus lábios formavam palavras sem qualquer sentido para eles, levadas pela ondulação do ar quente exalado a cada conjugação verbal. Estavam num transe emocional, incapazes de reagir por vontade própria, deixando fluir a sua atitude ao sabor dos acontecimentos. Quando a anfitriã deu por terminada a dissertação, levantou-se prontamente, recolhendo os copos vazios, levando-os para o interior, provavelmente de forma intencional, para que o casal pudesse assimilar a informação toda, mas sobretudo para que tivessem a oportunidade de observar os cachorros sem qualquer distração.

Quando conseguiram recuperar da dormência mental, olharam um para o outro e depois para os animais, tentando, desajeitadamente, atrair a atenção de qualquer um, emitindo sons semelhantes a estalidos, proferidos com os lábios comicamente unidos e projetados para a frente. Os quatro estacaram de imediato, levantando as orelhas, atentos àqueles sons estranhos. Rodaram as cabeças em simultâneo, inclinando-as ora para um lado ora para o outro, curiosos, tentando identificar a sua proveniência. Assim que os localizaram, partiram a trote, atravessando o jardim na sua direção, à máxima velocidade que as suas curtas patas permitiam. Quando os alcançaram, começaram a saltitar nos membros posteriores, tentando chegar às suas mãos, distribuindo lambidelas solícitas em todas as direções. Luísa estendeu o braço e apanhou o primeiro cachorro que conseguiu, sentando-o no seu colo, enquanto lhe aflagava as orelhas macias. Apesar da agitação do animal, sentiu de imediato uma estranha e relaxante sensação, como se toda a tensão se dissipasse através daquele simples toque. A Francisco, a imagem da mulher com aquele cão ao colo enterneceu-o de algum modo, sentindo, ele próprio, uma inesperada ternura por ambas.

Quando Emília voltou, já este (que, na verdade, era uma esta) tinha relaxado no colo de Luísa, enroscando-se sobre si próprio, aninhado entre as suas pernas, adormecendo instantaneamente, exausto, como se alguém lhe tivesse carregado no botão de desligar.

Com um sorriso de orelha a orelha, deveras surpreendida com o que via, Emília reconheceu:

— Bem! Acho que terá de ser essa que vai convosco. Na verdade, não era a que tinha escolhido para vocês, até porque é a mais irrequieta, mas o destino assim o

ditou. Essa será!

Já mais calma, com o coração a voltar ao ritmo normal, Luísa pensou para com os seus botões que, se calhar, não era mal pensado levarem a cadelita para casa. Até que era muito engraçada, com o seu pelo castanho arruivado, mais escuro nas orelhas, que caíam ao lado da cabeça como se fossem totós. Os olhos eram redondos, escuros, brilhantes e muito atentos, ocupando grande parte da cabeça, dando-lhe um ar de caricatura ou, até mesmo, de ser extraterrestre. Tinha o focinho achatado, como se tivesse embatido com violência contra algo, aproximando o nariz dos olhos. As patas eram curtas e um pouco arqueadas, com franjas igualmente ruivas. E assim, aninhada no seu colo, refletindo o sol de fim de tarde, parecia ter à sua volta um halo espectral, alternando entre o dourado e o acobreado.

— Já pensaram que nome lhe vão dar?

Na verdade, não tinham pensado em nada. Até àquele momento, a ideia de adotarem um cão não passava de uma mera, vaga e irreal hipótese. Só agora, com ela no colo, é que Luísa começava a ter noção da realidade. Olhou de relance para Francisco, à procura de apoio, e foi este que respondeu, de improviso:

— Ainda não decidimos nada! Temos de a conhecer um pouco, para vermos o nome que lhe assenta melhor. Como lhe chamavam por aqui?

— Bem, como não iam ficar connosco, distinguimo-los pelas suas características individuais. Esta sempre foi a *Ruiva*. Os outros três, o *Preto*, a *Dourada* e a *Malhada*, por razões óbvias, claro! — justificou Emília, divertida.

— Vamos pensar no assunto com calma e depois dizemos como ficou — atalhou Luísa, em defesa do marido, provavelmente concordando com ele, pela primeira vez em muitos anos.

Luísa falava, mas mantinha-se muito direita, esforçando-se por não acordar a cachorra, profundamente adormecida. Entretanto, Francisco já se começava a levantar, cuidadosamente, para não pisar algum dos irmãos, que tinham igualmente adormecido aos seus pés.

— Nós vamos andando... Está a ficar tarde e ainda temos de a instalar lá em casa. Muito obrigado por tudo isto. Vamos fazer os possíveis para que viva uma vida longa e feliz. Quando a quiser visitar, sinta-se à vontade... acha que ela vai sentir falta da mãe e dos irmãos?

— Acredito que sim. Mas os cachorrinhos adaptam-se rapidamente — sossegou-o Emília. — Nestas primeiras noites, deixem-na a dormir com um despertador antigo, embrulhado numa toalha turca ou num cobertor macio. Vai sentir-se acompanhada pelo tique-taque do relógio, que é parecido com o bater do coração da mãe.

Luísa levantou-se para seguir o marido, envolvendo a cadela adormecida nos braços. Despediram-se de Emília e voltaram para o carro, enquanto a pequena se espreguiçava ociosamente, esticando-se para trás, para relaxar logo de seguida, voltando a conciliar o sono, embalada pelo ronronar do motor. E a dormir se

manteve durante todo o trajeto até casa.

*

Pararam o carro na praça em frente à entrada do prédio onde moravam. Por momentos, ficaram a observá-la. Enquanto dormia, estremecia ligeiramente, como que percorrida por discretas ondulações. Os olhos rodavam nas órbitas, ao mesmo tempo que emitia gemidos abafados, imersa no mundo dos sonhos. *Com que sonharia ela?*, interrogou-se Luísa. *O que sonham os cachorros? Estaria, naquele momento, a brincar com os irmãos, no relvado da casa onde nasceram? Ou aninhada na mãe, a mamar? Ou a correr por campos verdejantes? Ou a escavar o canteiro das flores? Ou a perseguir insetos estivais?*

Ficaram durante algum tempo calados, dentro do carro, a velar o sono da cachorra. Esta, sentindo falta do embalo do movimento da viatura, acordou ao fim de pouco tempo, parecendo surpreendida por se encontrar naquele lugar onde todos os odores lhe eram estranhos. Olhou em volta por alguns momentos, apreensiva, avaliando o ambiente, para logo em seguida iniciar uma afável distribuição de lambidelas, partilhadas pelos dois humanos presentes. Estes tentavam evitar as suas investidas, recuando a cabeça para se protegerem da invasiva sondagem da sua língua húmida. Ela, achando piada à brincadeira, saltitava, ora para um, ora para outro, num crescendo de excitação, balouçando freneticamente a sua cauda franjeada. Pela primeira vez em muito tempo, Luísa e Francisco riam às gargalhadas, em uníssono, divertidos com a inocente boa disposição da cadela.

Acalmados os ânimos, entreolharam-se um tanto envergonhados por terem perdido o controlo das suas emoções, sentindo-se, no entanto, satisfeitos pela sensação de bem-estar que prevaleceu. Recompuseram o ar sério e saíram do carro, tendo Francisco dado a volta ao carro para ajudar Luísa a transportar os seus pertences e a cadela. Esta gostou da atenção que lhe foi dispensada, mas não conseguiu agradecer, porque tinha bloqueado esse cuidado há muito na relação de ambos.

Chegados a casa, apressaram-se a improvisar o básico para alimentarem e aconchegarem a cadela, até irem às compras no dia seguinte. Depois de pensar um pouco sobre o assunto, Luísa encavalitou-se, em equilíbrio precário, na cadeira da cozinha, para chegar à prateleira mais alta do clássico armário de vidrinhos. De lá do fundo surgiu um colorido prato de sobremesa para a comida da cadela e uma tigela para a água, ambos retirados de um serviço *Vista Alegre*, incompleto por anos de uso. A tarefa foi muito dificultada pela sua baixa estatura, mas um estiramento forçado de braços e pernas, assim como a utilização de mais uns centímetros de reserva, colocando-se em bicos de pés, permitiu que fosse concluída com sucesso.

Ao tentar descer, com as mãos ocupadas pelos objetos da baixela, foi mais uma

vez traída pela sua altura. A cadeira oscilou e Luísa foi projetada em direção à bancada do lava-loiça, deixando escapar o prato, que se estilhaçou em mil valiosos pedaços, pois, mesmo partidos, os fragmentos continuavam a ser da melhor porcelana nacional. Francisco correu para ajudar, preocupado, agarrando-a pelo braço, evitando que se desmoronasse por completo e acabando por salvar a tigela. Talvez por se sentir humilhada, Luísa quis recusar a ajuda, mas, como ainda não tinha recuperado o equilíbrio, acabou entre os braços do marido, que fazia um esforço hercúleo para a segurar, até porque as suas costas já não tinham a saúde de antigamente. Quando se conseguiu finalmente manter de pé, em vez de agradecer a ajuda, tentou minimizar o acontecido, com atitudes descabidas, como retirar o cabelo da testa, alisar a saia e colocar no chão a taça, que, entretanto, encheu com água.

Ficou completamente desconcertada quando o marido começou a rir às gargalhadas. Ria tanto que se contorcia agarrado à barriga, acabando por se engasgar e desatar a tossir, alternando entre o riso e a tosse, até às lágrimas. A sua reação era talvez exagerada, se relacionada com o momento. Porém, correspondia ao culminar das emoções do dia, um escape para a tensão acumulada, um desabafo de todas as dúvidas que persistiam. Sabia que a mulher iria ficar ainda mais humilhada, mas não conseguia parar. Estava fora do seu controlo.

E eis quando, surpreendentemente, Luísa também começou a rir. Primeiro, só um discreto sorriso, depois, generosas gargalhadas. Controladas, sim, mas que não deixavam de ser gargalhadas. E ali ficaram os dois a rir, até lhes doerem as bochechas e os músculos abdominais sofrerem os resultados de um trabalho forçado, de curta duração mas de grande intensidade.

Entusiasmada com a confusão instalada, a cadela corria de um lado para o outro, fazendo fintas às pernas de ambos. Acabou por tropeçar na taça, espalhando água por todo o lado e reduzindo a cacos mais essa peça da baixela. Francisco prontificou-se de imediato a limpar os estragos, movido pela repentina subida dos níveis de energia, resultante da libertação de endorfinas pelos efeitos positivos da risota anterior. Mas, assim que pisou o chão molhado, foi como se os seus pés se tivessem transformado em patins, indo cada um para seu lado. Foi salvo da espargata pela mesa da cozinha, amparando-se nesta com o tronco, os dois braços e uma boa dose de força física, que foi buscar sabe-se lá onde — nos momentos em que dela mais precisa, o ser humano parece ter um reservatório escondido em parte incerta, mas pronto a ser mobilizado assim que necessário. Foi esta reserva que lhe permitiu controlar a direção dos pés, de modo a conseguir alinhá-los numa postura mais fisiológica e sentar-se numa das cadeiras mais próximas, enquanto recuperava do esforço.

No meio de todo aquele caos, Luísa continuava encostada ao balcão, ainda entorpecida pela sucessão de infortúnios, receosa de se mexer e tropeçar na cadela, que continuava a correr de um lado para o outro, derrapando no chão molhado. Só depois desta se acalmar é que ganhou coragem para ir buscar a vassoura e a pá,

para varrer os cacos, enquanto um Francisco sorridente e divertido tomava posse da esfregona, para absorver a água entornada.

Enquanto o chão da cozinha secava, varrido pela brisa quente que soprava pela janela, dedicaram-se à organização do local para a cadelinha passar a noite. Resolveram que o melhor seria a sala, uma vez que tinha o chão revestido de mosaicos, facilmente laváveis. De certeza que faria chichi várias vezes durante a noite e não queriam lá ir antes da manhã seguinte, para que se habituasse a dormir sozinha.

— Mesmo que ela chore durante a noite, é melhor não a virmos aqui ver. Senão habitua-se a chorar sempre que não quiser estar sozinha — explicou Francisco, recordando algo que tinha aprendido no seu trabalho.

Luísa encolheu os ombros, indiferente, pensando para si própria que os comprimidos para dormir resolveriam o problema do eventual ruído noturno. Lembrou-se de que ainda guardava algumas coisas da infância de Nuno. Com certeza haveria alguma manta macia, que poderia ter um fim mais útil do que no fundo de um baú. Dirigiu-se ao seu quarto e abriu a caixa onde permaneciam algumas roupas e objetos que mantinha como recordações de um tempo que passara demasiado depressa. Foi então transportada para o passado, para os momentos em que aqueles objetos tinham sido utilizados. O dia em que Nuno nasceu, a sua primeira roupinha, a festa do seu primeiro aniversário, o coelhinho de peluche que levava consigo para todo o lado, a sua última chupeta... e a mantinha que costumava colocar por cima das suas pernas sempre que saíam para passear. Colocou-a junto da cara e confirmou que ainda era macia. Inalou com força, para lhe sentir o odor. Parecia-lhe que ainda cheirava a bebé.

Sentiu-se nostálgica. As coisas não tinham corrido como planeado. Falhara como mãe, tal como em tantas outras coisas. Mas, não era altura para lamentar o passado. Uma nova vida utilizaria aquela mantinha para se aconchegar. A manta merecia uma nova oportunidade, assim como ela própria.

Antes de sair do quarto, ainda se lembrou do velho despertador que mantinha na mesinha de cabeceira. Levou-o consigo, depois de lhe dar corda.

Voltou à sala e deparou com o marido sentado no chão a tentar convencer a cachorra a deitar-se na almofada. Mais uma tarefa complexa, pois a cadela insistia em retirá-la do local para a andar a arrastar pelo chão da casa, presa entre os dentes. Decidiu deixá-los resolver aquela querela e voltar à cozinha para solucionar o problema da água e da comida. Acabou por substituir a loiça partida por taças de plástico e regressou à sala com uma porção de arroz branco cozido, sobras do jantar do dia anterior. Contento com o repasto, a cadela comeu tudo o que lhe foi oferecido. Completou a refeição com alguns goles de água e, de repente, pareceu ter desligado do mundo. Enroscou-se na almofada e adormeceu profundamente. Assim... em segundos, cansada, porque na verdade era ainda um bebé. Luísa aconchegou-a com a mantinha e deixou o despertador escondido por baixo da almofada. Saíram ambos em bicos de pés para não a acordarem.

Respirando de alívio, terminaram os afazeres domésticos e foram eles, também, preparar-se para dormir. Como há muitos anos que não dormiam no mesmo quarto, despediram-se no corredor com um sorriso:

— Até amanhã, Luísa.

— Até amanhã, Francisco. Dorme bem!

Foi cada um para o seu quarto, deitaram-se e apagaram a luz.

Só quando Luísa acordou, de madrugada, com a cachorra a ganir, é que se lembrou que não tinha tomado os comprimidos para dormir. E, mesmo assim, dormira como um bebé.

IV

Luísa levantou-se atordoadas. Que horas seriam? Ainda era noite. A pouca luz que entrava pelas frestas da persiana vinha do irritante candeeiro do outro lado da rua. Já tinha pensado, vezes sem conta, em atirar uma pedra à lâmpada, para assim usufruir de uns dias de tréguas luminosas até que a mesma fosse substituída. Detestava aquela luz coada, que se esgueirava pelos mais pequenos orifícios da janela para se insinuar no seu sono — ou na falta dele, pois grande parte das suas noites eram passadas com insónias; ou, na melhor das hipóteses, oscilando entre a consciência e a inconsciência, sem chegar a conciliar um sono reparador. Os comprimidos para dormir ajudavam, mas não deixava de se sentir sempre cansada, irascível, desmotivada.

Nessa noite, inexplicavelmente, apesar de ainda ser de madrugada, sentia-se repousada, como há muito não acontecia. O gemido da cadela infiltrava-se na sua consciência, mas demorou um bom bocado a lembrar-se dos acontecimentos do dia anterior. Parecia-lhe o barulho de uma porta a ranger. Apurou o ouvido para identificar qual delas seria. Talvez a da cozinha, que tinha as dobradiças enferrujadas e a janela estava aberta para deixar circular o ar e arrefecer a casa do calor abrasador dos dias de agosto.

Estava imersa neste pensamento quando ouviu abrir a porta do outro quarto, uns passos a arrastarem os chinelos e uma tosse seca que identificou como sendo de Francisco. Depois, percebeu que ele falava num tom calmo, entrecortado e meloso, como se embalasse alguém. Foi quando, então, se lembrou da cadela e que o gemido lhe pertencia.

Ficou sentada na cama, meditativa, ouvindo o marido sussurrar ternamente para a cachorrinha. Talvez por ainda se sentir entorpecida pelas horas de sono profundo das quais acabara de emergir, sentia-se agradavelmente nostálgica, fazendo-se transportar para a altura em que foi mãe.

Relembrava-se com estranha clareza, naquele instante, dos raros momentos em que Francisco embalara carinhosamente nos braços o filho adormecido de ambos. Pouco habituada às demonstrações de afeto por parte do marido, apesar de reconhecer que quota-parte da responsabilidade lhe cabia a ela e à barreira emocional que erguera entre ambos, encarava estes acessos de ternura com um

misto de ciúmes e cumplicidade. Cumplicidade, porque ambos amavam o mesmo ser e essa sensação de partilha era algo que os aproximava; ciúmes, por não conseguir, ela própria, exprimir o que sentia pelo filho, retraindo-se nas demonstrações de afeto para com o miúdo.

Quando soube que estava grávida, Luísa ficou apreensiva. Era algo que desejava muito: gerar um ser ao qual ficasse para sempre incondicionalmente unida. Alguém que a amasse, sem contrapartidas, alguém a quem pudesse amar sem limites. Agarrava-se à possibilidade de ser mãe como se fosse a sua tábua de salvação emocional, a derradeira hipótese de amar e ser amada. Mas quando o período não apareceu no primeiro mês, depois no segundo, e a gravidez começou a tomar contornos reais, a apreensão tornou-se avassaladora. Será que seria capaz de criar um filho? A sensação que tinha, até essa altura, era a de que nunca tinha conseguido ser bem-sucedida em nenhum dos seus projetos de vida. Será que, finalmente, conseguiria sentir-se realizada? Seria, finalmente, amada? Seria bem-sucedida na formação física e moral do filho? Viveu toda a gravidez assoberbada com dúvidas, de tal forma que, quando Nuno nasceu, estas deram lugar à certeza de que tudo poderia correr mal.

O primeiro sentimento foi de desilusão, pois desejava muito uma menina e tinha colecionado um enxoval em tons de rosa. Todavia, quando o viu pela primeira vez, tão pequenino, tão vulnerável, sentiu de imediato uma imensurável ternura, uma necessidade premente de o proteger de todo e qualquer mal. Só que a preocupação de não conseguir ser boa mãe condicionava toda e qualquer possibilidade de ser espontânea nas manifestações de carinho. E, desta forma, foi desempenhando eficazmente o seu papel de cuidadora, mas, quando se sentia a transbordar de amor maternal, trocava as voltas a si mesma, criticando em vez de elogiar, ralhando em vez de mimar, proibindo em vez de permitir.

Quando Francisco, nos raros momentos em que participava na educação do pequeno, demonstrava o carinho que por ele nutria, Luísa ficava, por um lado, satisfeita e agradecida por este conseguir dar ao filho aquilo que ela bloqueava a si própria, por outro, ciumenta pela relação que se ia desenvolvendo entre ambos.

Durante a infância de Nuno, quando este começou a ser naturalmente irrequieto e desafiador, Francisco, talvez pela sua formação militar, quis transformar a sua educação numa espécie de recruta. Luísa opunha-se de forma veemente, o que resultou em mais um motivo de divergência entre ambos. Como tal, e porque Francisco acabava sempre por ceder, para não ter de enfrentar constantemente os impropérios da mulher, desvinculou-se da responsabilidade de contribuir para a educação do filho. Com isto, Luísa assumiu para si própria a exclusividade desta responsabilidade.

Assim se cavou mais um fosso entre os dois.

O distanciamento traduziu-se em retaliação: Francisco mudou-se para o outro quarto e daí para a frente não mais dormiram na mesma cama. Luísa sentiu-se ultrajada, mas nunca permitiu que o marido soubesse disso. Demonstrou total

indiferença perante esta decisão e nunca fez qualquer menção de a contestar. Talvez até fosse melhor assim. Com a dificuldade que tinha em conciliar uma boa noite de sono, não tê-lo ao seu lado, a dar voltas na cama e a ressonar a plenos pulmões, seria, com toda a certeza, benéfico. Além disso, a intimidade entre ambos era já praticamente inexistente, portanto nem isso se perdia.

Foi resgatada a estas recordações pelas movimentações de Francisco na casa. Deveria ter deixado a cadela sozinha, pois ela voltou a vocalizar, emitindo, desta vez, lamentos agudos de tal intensidade que parecia que um lobo solitário vivia na sala.

Foi a sua vez de ir ver o que se passava. A cachorra saiu do almofadão para a receber. Parecia estar muito feliz por estarem de novo juntas, abanando a cauda com tal vigor, que o resto do corpo se agitava ao mesmo ritmo. Luísa pegou-lhe ao colo e levou-a de volta para a caminha improvisada. Sentou-se ao seu lado, tentando acalmá-la, pois ainda era muito cedo e os vizinhos podiam não gostar de acordar ao som dos seus lamentos lupinos. Francisco apareceu, em seguida, com um pratinho de leite, para ver se ela voltava a adormecer de barriguinha cheia. Pelo menos resultava quando Nuno era bebé. Tinha quase a certeza de que tinha ouvido algures que não se devia dar leite aos cães, mas naquele momento o mais importante era que voltasse a adormecer, até de manhã, para que, então, já sob a luz do dia, iniciassem os três a sua nova vida.

Acabou por se sentar ao lado da mulher e ali ficaram a observar a cadela a beber sofregamente. Deu por si a pensar que já não tinha memória de quando teriam estado assim na presença um do outro, sem discutirem, partilhando em silêncio o momento. Sem dúvida, aquele pequenino ser estava a revelar-se uma verdadeira caixinha de surpresas.

Depois de tudo bebido, chichi feito ali por perto, dando trabalho à esfregona, enroscou-se sobre si própria, suspirando e adormecendo num abrir e fechar de olhos. Francisco e Luísa saíram em bicos de pés, cada um para o seu quarto, de onde só voltaram a ausentar-se já a manhã ia a meio, quando a cadela voltou a anunciar a sua presença.

Encontraram-se na cozinha, depois de Francisco já ter saído com a cadela para a rua, para a iniciar no treino do passeio higiénico.

— Não devias ter saído com a cadela! Acho que a Emília nos disse que ela só deveria sair depois das vacinas. Era o que faltava que apanhasse uma doença...

— Ela precisa de sair, para aprender a fazer chichi lá fora... Não queres passar a vida de esfregona na mão, pois não? Quanto mais depressa começar o treino, melhor.

— Tu lá sabes! Mas depois não te queixes...

O marido ignorou-a, como habitualmente, não deixando de notar um lampejo de ciúme na sua atitude. Dirigiu-se à cafeteira para preparar a sua dose matinal de café, pensando que estaria, provavelmente, a passar por esta situação pela segunda vez. Quando Nuno era bebé e depois criança, a mulher penalizava-o por receber

afeto do pequeno. Os ciúmes eram sentimentos que não conseguia controlar. Desta vez, porém, não se deixaria intimidar pelas críticas da mulher. Estava mais velho, mais tolerante, e, acima de tudo, pronto para dar e receber amor.

*

Teriam gostado de ser avós, mas não lhes parecia que Nuno fosse satisfazer esse desejo. Tornara-se introvertido, tímido, isolado, sem relacionamentos conhecidos. Já quarentão, vivia discretamente numa pequena moradia, na margem sul do Tejo. Nem a mãe nem o pai alguma vez o visitaram, pois era sempre muito vago em relação ao local onde morava e nunca os convidou para o conhecerem. Aliás, era muito discreto em relação a tudo o que lhe dizia respeito — os pais pouco ou nada sabiam da forma como vivia, como ganhava a vida ou com quem se relacionava.

Luísa fora obrigada a aceitar que o filho tinha a sua própria vida e não a queria incluir. Ela, que queria controlar tudo e todos, tinha muita dificuldade em digerir este facto, engendrando constantemente estratégias e subterfúgios para entrar na vida de Nuno e assumir novamente o controlo, ainda que temporário, dos contornos do seu dia a dia.

Ainda no mês anterior, logo no início de julho, Luísa fora visitada por um vendedor porta a porta, tendo acabado por se sentir impulsionada a comprar alguns artigos dos quais realmente não precisava, mas que lhe agradaram: dois conjuntos de toalhas turcas bordadas, alguns panos de cozinha com motivos campestres, um conjunto de copos de pé alto e um suporte para facas, com as respetivas. Depois da saída do vendedor, ficou a olhar para o que tinha comprado, recusando-se a admitir que nada daquilo lhe fazia falta. Pensou de imediato em ligar ao filho.

Marcou o número no telefone fixo, pois ainda não confiava muito no seu novo telemóvel. Ficou surpreendida quando ele atendeu ao terceiro toque. Normalmente só conseguia que ele atendesse depois de várias tentativas.

— Estou, Nuno! Está tudo bem contigo?

— Sim, mãe! Tudo bem! Precisa de alguma coisa?

Luísa sentiu vontade de lhe dizer que sim: que precisava de o ver, porque tinha saudades dele. Só que as palavras colaram-se-lhe à garganta e não chegaram aos lábios para serem proferidas. Em sua vez mostrou-se desinteressada, porque sempre era mais fácil ocultar o que sentia do que mostrar fragilidade sentimental unilateral.

— Tenho cá algumas coisas que comprei para ti. Quando podes cá passar?

— Não sei, mãe. Tenho de trabalhar, não sei quando vou conseguir ir aí.

— É que algumas destas coisas podem estragar-se!

Nesse momento, resolveu adicionar alguns bens perecíveis ao conjunto adquirido, para justificar a urgência. Luísa comprava a atenção do filho, ou pelo

menos tentava. Este acabava por ir buscar o que a mãe tinha para lhe oferecer, porque qualquer ajuda lhe dava jeito, mas acabavam sempre por discutir e cada um deles sair daquele encontro forçado mais fragilizado do que antes.

Daquela vez, Nuno acabou por aparecer uma semana depois, quando os legumes frescos já haviam dado lugar a uma dúzia de ovos e estes a um queijo curado. Luísa ia substituindo os produtos estragados por outros mais frescos todas as manhãs, quando renovava a expectativa da visita.

— Olá, mãe. Não tenho muito tempo. Que me querias?

— Olá, filho. Tudo bem contigo? — Luísa não conseguiu evitar algum sarcasmo.

— Sim, tudo bem.

— Demoraste tanto tempo a vir que algumas coisas já se estragaram...

— Não te pedi nada, pois não? E estou aqui, não estou?

— Nunca sei nada de ti. E se não for eu a ligar-te...

— Bem, se vai começar a discutir, vou-me já embora.

— Pois. Foges sempre, assim que podes. Não queres saber dos teus pais! Não te interessa se estamos bem ou mal!

— Fujo, sim! Fujo destas conversas sem sentido, não tenho paciência para elas.

E Nuno saiu, batendo com a porta, as toalhas, os panos, os copos e as facas esquecidos em cima da mesa da cozinha.

Luísa limpou as lágrimas com as costas da mão, frustrada por, mais uma vez, não ter conseguido relacionar-se com o filho. Queria abraçá-lo, afagar-lhe o cabelo, já grisalho, dizer-lhe que o amava, que tinha sempre muitas saudades dele. Mas era como se uma qualquer força desconhecida a impedisse. O instinto de proteção não lhe permitia demonstrar afetos, com medo da rejeição.

Como podia, se já tinha sido abandonada tantas vezes?

*

Enquanto Francisco bebia a sua chávena de café e mordiscava a torrada, a cachorra corria pela cozinha, perseguindo uma bola de ténis que tinham desencantado da arrecadação. A sua agitação trouxe Luísa de volta ao momento presente.

— Vamos ter de lhe dar um nome, certo? Não pode ficar anónima para sempre! — lembrou Francisco.

— Pois. Vou pensar num nome adequado — cortou Luísa, secamente.

Começava a ficar irritada com o desassossego na cozinha e limpava freneticamente a bancada enquanto proferia ralhetes, dirigidos ao comportamento frenético da cadela.

— Vais pensar num nome adequado? Vamos pensar num nome adequado, queres tu dizer! Eu também tenho uma palavra a dizer, já que não fui ouvido nem achado na decisão de a trazer cá para casa. Mas aceitei sem contrapor! Portanto, teremos de chegar a acordo. Caso contrário, nada feito. Teremos de chegar a

acordo. Não há outra hipótese.

Luísa ficou calada por um longo momento, sobretudo pela surpreendente determinação das declarações do marido. Há muito que não a desafiava. Preferia não argumentar, para ganhar em paz de espírito o que perdia em poder de decisão.

Como que anestesiada pela inesperada rebelião de Francisco, puxou uma cadeira e sentou-se do outro lado da mesa.

— Muito bem! Quais são as tuas ideias?

— *Lili, Lua, Lolita, Lady, Fofinha, Castanha, Princesa*. E as tuas sugestões? — perguntou Francisco, num misto entre a curiosidade e a desconfiança.

— Ainda não me surgiu nada. Mas não quero um nome demasiado comum, nem de pessoa. Talvez *Bolota*. Ou *Canela*. Ou *Pimentinha*. Ou *Chocolate*. São todos nomes que fazem alusão à cor. Sempre lhe assentam bem! — justificou-se.

— Tudo comida! Não devíamos ter tido esta conversa antes do teu pequeno-almoço! — gracejou Francisco.

Surpreendida pela ironia brincalhona do marido, Luísa riu-se e sentiu-se imediatamente mais calma. Também mais permissiva, tornando-se disposta a ceder um pouco, se necessário, e chegar a acordo.

— Bem, se não é comida, também não será nenhuma das tuas sugestões. Temos de pensar noutras hipóteses.

Ficaram os dois calados, a observar a correria desenfreada pela cozinha, já sem bola, uma vez que esta havia ficado amarfanhada na rodilha em que se transformara o tapete, vítima das sucessivas derrapagens no chão escorregadio. Sentindo-se observada, a cadela sentou-se muito direita, a fitá-los com atenção, avaliando a disposição dos dois. Será que podia aninhar-se num dos colos? Estava a ficar cansada. Era ainda muito pequena e as explosões de energia nunca duravam muito tempo.

— Gosto de *Lua*, até porque ela parece aluada! — gracejou Francisco, determinado a lutar pelas suas preferências.

Luísa pensou para com os seus botões que, de todos os nomes que o marido havia sugerido, até era o que mais lhe agradava. Mas nunca lho iria dizer. Isso seria deixá-lo vencer, coisa que ela nunca permitiria. Ficou calada por uns minutos, estendendo a mão para elevar a cadela ao colo, e, enquanto o fazia, talvez suggestionada pela hipótese alvitrada por Francisco, pensou em *Luana*. Amadureceu a ideia, enquanto a pequena se enroscava no seu regaço, e esta começou a tomar forma. Em segundos, magicou uma forma de convencer o marido de que aquela era uma boa hipótese. Pelo menos não era comida. E apesar de ser o nome da adolescente do 3.º C, do edifício do outro lado da praça, não era muito comum em pessoas.

— *Luana*. Terias a tua *Lua*, com algo acrescentado por mim. Seria a conjugação das duas opiniões — disse Luísa, matreiramente, levando o marido a pensar que a sua sugestão tinha sido considerada.

Francisco manteve-se calado por algum tempo, repetindo mentalmente:

Luana, Luana, Luana. Emprestou-lhe alguma musicalidade, para ver se lhe soava bem. Tinha algumas dúvidas, mas provavelmente esta seria a única hipótese de chegarem a acordo e de evitar que Luísa viesse a impor uma decisão unilateral.

— Pois seja *Luana*!

E desta forma, sentados à mesa da cozinha, com ou sem truques psicológicos, a cachorra ganhou nome, que, apesar de ser uma simples conjugação de cinco letras, representava um esboço de negociação saudável, há muito inexistente entre eles.

LUANA

Não sei onde está a minha mãe nem os meus irmãos. Sinto-me tão sozinha! Tudo aqui é estranho para mim. Não reconheço o cheiro de nada e isso é assustador. Também não reconheço a minha cama, os meus pratos, os meus brinquedos. É tudo novo e isso é muito confuso.

Há aqui dois humanos que não conheço e não sei o que querem de mim. Eu observo-os, com muita atenção, para os compreender, mas parece que o meu cérebro não funciona como dantes, quando era tudo tão simples. Apesar de não os conhecer, gostava de fazer o que eles gostavam que eu fizesse.

Só que não consigo, porque não os compreendo! Olho para eles com atenção, tentando memorizar as conclusões a que chego. Mas parece que o meu cérebro me prega partidas e esqueço rapidamente aquilo que aprendo. Estou ansiosa! Muito ansiosa! Talvez por isso pareça que tenho o cérebro avariado. Nem me tem apetecido brincar. Nem comer.

O meu coração está sempre acelerado, *pum pum, pum pum, pum pum*, e isso é cansativo.

Tenho uma almofada grande e confortável para dormir e nem tenho de competir com os meus irmãos pelo local mais confortável. Estou tão cansada que as minhas pálpebras ficam pesadas e não as consigo manter abertas. Quando adormeço, sou transportada de volta para casa e regresso às brincadeiras com os meus irmãos. Parece que mato saudades desta forma.

Os dois humanos chamam-se Francisco e Luísa, isso eu já memorizei. O Francisco é calmo e carinhoso. Estou a começar a confiar nele. Passa-me as mãos pelo corpo enquanto me fala baixinho. É tão agradável! A Luísa... não sei bem o que pensar dela. Ainda não falou muito comigo, mas, quando o faz, eleva demasiado a voz. Até me assusta um pouco, porque parece estar descontente com tudo o que faço. Será que não compreende que eu ouço muito bem? Não precisa de falar alto! Desta forma, só me deixa mais nervosa. E ainda não a vi elevar os lábios, expondo os caninos, como os humanos costumam fazer quando estão contentes. Acho que lhe chamam «sorriso». Para a minha espécie, mostrar os caninos é um aviso para que não nos aproximemos. Contudo, a minha mãe derretia-se toda quando a nossa gigante humana lhe mostrava os dentes. Desta forma, aprendi que, quando os humanos o fazem, é porque estão contentes. Ficava logo com vontade de saltitar à volta das suas pernas, pois sabia que me iriam afagar, ou brincar comigo, ou dar-me algo saboroso para comer. Se um humano sorri para mim, mostrando os dentes, é sinal de que fiz algo bem feito, de que me posso aproximar e de que algo de bom irá acontecer. Se um cão me mostra os dentes, é melhor manter-me fora do seu alcance...

Apesar de a Luísa me falar num tom brusco, desnecessariamente alto, sem nunca mostrar um «sorriso», acho que gosta de mim. Se calhar, não aprendeu com

a mãe a sorrir, como eu aprendi tantas coisas com a minha. Observo-a com atenção. Apesar da sua aparente tristeza e irritação, os seus odores revelam o contrário, pois eu consigo ver além da superfície, através do meu maravilhoso olfato. Não é para me gabar, mas parece que os humanos são muito limitados na capacidade de avaliarem as verdadeiras intenções dos outros humanos. O nariz não lhes serve para muito mais do que enfeitar a cara. Coitados! Não sabem a informação que perdem por não conseguirem cheirar com a mesma eficácia que eu.

Sinto saudades de casa. Será que algum dia irei regressar? Ou vou ficar para sempre nesta nova casa, com esta nova família? Não me resta alternativa senão esperar. E, enquanto espero, vou dormir mais um pouco, porque já me pesam outra vez as pálpebras.

V

Depois do pequeno-almoço, Luísa arrumou a loiça, varreu o chão, fez as camas e planeou o almoço. Já estava perto do meio-dia, o calor apertava, mas corria uma brisa ligeira que fazia ondular os ramos das árvores. Aproximavam-se umas nuvens suspeitas, que faziam crer na possibilidade de uma tempestade de verão.

Há muito tempo que não se sentia tão energética e articulada com Francisco nas tarefas domésticas. Nos últimos tempos tinha sido o marido a assumir a responsabilidade da manutenção da casa, porque Luísa sobrevivía sob o efeito dos antidepressivos e a inércia era uma das suas consequências. Sentia também uma vontade inédita de sair para fazer compras. Estava ansiosa por comprar o enxoval para a cadela: coleira, trela, comedouros, bebedouros, champô, escova, pente. Sentou-se à mesa da cozinha, munida de papel e caneta, e elaborou uma lista de tudo o que se lembrou. Quando Francisco se lhe juntou, terminada a sua quota-parte nas tarefas, verificou a lista e acrescentou um ou outro item.

Planearam sair antes do almoço — tinham tomado o pequeno-almoço já tarde e demoraria algumas horas até terem novamente fome. Não sabiam como se iria portar a cadela quando acordasse e não os encontrasse, mas tinham de experimentar. E era importante que se comesse a habituar a passar alguns períodos sozinha. No regresso haveriam de ter muitos chichis para limpar. Quando estava acordada, fazia um sem número de chichis, com muito pouco intervalo de tempo entre eles. Parecia impossível que um corpo tão pequenino produzisse tanta urina!

Saíram em bicos de pés, mas animados com o programa. Ao puxar a porta da rua, que era pesada, Francisco deixou escapar a mão e esta fechou-se com estrondo. Ficaram os dois como que paralisados, apurando o ouvido, tentando descortinar se a cachorra teria acordado. Como tudo se manteve silencioso, suspiraram de alívio e saíram para a rua, apressados.

A brisa ligeira da manhã tinha-se transformado num vento refrescante, que mudava constantemente de direção, desalinhando o penteado de Luísa e elevando no ar a meia dúzia de cabelos de Francisco, que passava insistentemente a mão pela cabeça, tentando dar-lhes alguma disciplina. Assim que entraram no carro, as portas fecharam-se sozinhas, açoitadas pelo ímpeto decidido daquela ventania, que

pronunciava temporal.

— Bolas! De onde é que veio este vento? — Surpreendeu-se Luísa.

— Vamos mas é embora, porque daqui a nada está a chover — rematou Francisco, não dando tempo a Luísa para se arrepender do passeio.

Durante o percurso de carro, o céu, escurecido por pesadas nuvens negras, reunidas em tempo recorde pela ventania, iluminava-se, ocasionalmente, por raios de luz incandescente, que pareciam dividir em dois o horizonte. Ao longe, ouvia-se o ribombar dos trovões.

Pararam em frente ao centro comercial, estacionaram e arrastaram-se contra o vento em direção à entrada. Tinham acabado de passar a porta quando começaram a cair as primeiras grossas gotas de chuva. Luísa agarrou o braço do marido, fazendo-o parar e olhar para si. Parecia genuinamente preocupada:

— Achas que ela vai ter medo? Dos trovões, digo eu! É tão pequenina. E está sozinha! Achas que devíamos voltar?

Naquele momento, Francisco viu a mulher com outros olhos. Como há muito tempo não a via, como talvez só a tivesse visto quando a conheceu: como alguém pequeno e delicado, capaz de sentir compaixão e empatia, a precisar de proteção física, mas sobretudo emocional.

Ainda nutria afeto por ela, apesar de tudo por que tinham passado, apesar dos anos em que este sentimento estivera de tal forma escondido que se convencera, ele próprio, de que já não existia. Foi invadido por uma ternura avassaladora. Sabia que, no momento seguinte, Luísa poderia voltar ao seu modo quezilento e rezingão, mas os efeitos deste fugaz momento persistiriam no tempo e dar-lhe-iam combustível para fazer perdurar este sentimento, com todos os reveses de uma relação instável, praticamente inexistente.

Seguindo o impulso do momento, deu-lhe a mão para apaziguar os seus receios.

— Deixa lá! Será mais uma aprendizagem. Quando chegarmos a casa, ficará contente por nos ver!

Surpreendentemente, Luísa não rejeitou o gesto de carinho. Mantiveram-se de mãos dadas, como adolescentes, enquanto percorriam as galerias do centro comercial. E era assim que se sentiam: como adolescentes! Foi com algum alívio que as separaram, à entrada do supermercado, mas sentiam-se tremendamente satisfeitos.

Passaram rapidamente pelos corredores das mercearias, aproveitaram para escolher dois ou três produtos que não tinham em casa, mas dirigiram-se sem demora à zona reservada à alimentação para animais. Mais um facto inédito, pois Luísa, sempre que ia às compras, comprava compulsivamente várias unidades do mesmo produto em quantidades que não conseguiam consumir. Acabava por oferecer o excedente a algum conhecido, com intenção de comprar atenção, tal como fazia com Nuno. Os amigos, os verdadeiros, os que de facto alguma vez tinham gostado dela ou de Francisco, há muito que tinham desaparecido da sua

vida, cansados de suportar o seu feitio peculiar. Nos anos seguintes, surgiram os amigos por conveniência, pessoas que permaneciam na sua vida em busca de algo em troca. Desta forma, Luísa ganhava um relacionamento temporário, que de alguma forma lhe acalmava a necessidade premente de ter relações sociais, mas rapidamente também eles desapareciam da sua vida. A paciência para aturar a constante cobrança esgotava-se depressa e não havia ingredientes culinários, ou outros bens, que justificassem o desgaste emocional de um relacionamento forçado.

Estudaram atentamente todas as prateleiras da secção de produtos para cães. Começaram pela alimentação, mas depararam com o problema da escolha, pois havia disponíveis várias marcas, vários preços, muitas variedades. Começaram a ler os rótulos das embalagens, tentando decifrar a informação nelas contida. Ao fim de largos minutos, estavam mais confusos do que no início e ainda mais longe de tomar uma decisão. Por Francisco, levavam uma marca qualquer, na versão júnior, e logo viam se ela gostava. Para Luísa, que tinha sempre dificuldade em optar, levavam uma embalagem de cada uma das marcas disponíveis, para que a destinatária pudesse, ela própria, escolher.

Logicamente, foi Luísa quem tomou a decisão final, mas como, pela primeira vez na vida, não queria excluir o marido por completo daquele processo, isto é, de *Luana*, cedeu um bocadinho e escolheu ao acaso apenas três embalagens diferentes, todas na versão para cachorros e no tamanho mais pequeno.

Decisão tomada, prato principal escolhido, passaram aos prémios e recompensas. Nesta área, Francisco sentiu-se em vantagem, pois ele próprio tinha usado recompensas no treino que fazia aos cães-polícia. Pôs um ar entendido e começou a manusear as embalagens, cheias de pequenos biscoitos, de variadas formas e feitios, descartando umas, por este ou aquele motivo, e reservando outras. Entretanto, ia olhando para a mulher pelo canto do olho, avaliando o impacto da peritagem na sua expressão facial. Ao ver que ela o observava boquiaberta, claramente impressionada com os seus conhecimentos, exagerou nos comentários, elevou uma sobrancelha, franziu a testa e colocou naquela pequena escolha toda a responsabilidade de uma decisão governamental. E mais do que a sensação de ser admirado, voltou a sentir-se um jovem, a recorrer a manobras de sedução e a sentir-se naturalmente seduzido.

Escolheu um pacote de pequenos ossinhos coloridos, uns palitos de couro para roer e uns pedaços de carne desidratada. Colocou tudo no carrinho e piscou o olho a Luísa, que lhe sorriu de volta. Aproveitando a vantagem pericial do momento, continuou a reinar na secção de coleiras, peitorais e trela:

— É melhor utilizar peitoral para sair à rua. Ela é tão pequena que, se utilizarmos coleira, ainda a levantamos no ar pelo pescoço. E não queremos isso, podemos lesar a traqueia, como disse a Emília! — sentenciou, continuando a observar Luísa pelo canto do olho.

Esta, por seu turno, estava estranhamente calada mas atenta, dando alento a

Francisco, pois era raro ter a oportunidade de se expressar sem interrupção e ser apreciado por isso. Acabaram por escolher o peitoral que lhe pareceu, a ele, mais confortável, mas na cor que ela mais gostava: rosa-choque. Uma trela extensível a condizer e outra não extensível acompanharam a primeira escolha.

— Agora escolhes tu os brinquedos — delegou Francisco, por um lado, para não abusar do protagonismo e, por outro, como agradecimento pela forma como a mulher aceitara as suas escolhas.

— Ah! Está bem! Deixa ver... sabes de que tipo de brinquedos é que eles gostam?

Francisco não sabia, mas não quis deixar de aproveitar a oportunidade para a voltar a impressionar. Resolveu improvisar, observando ao pormenor as várias hipóteses, testando texturas, escutando sons, lendo etiquetas.

— Levamos este, que é macio e parece resistente — sugeriu, colocando no carrinho de compras uma bolacha de peluche em vários tons de azul.

Luísa concordou, satisfeita, porque aquele modelo lhe tinha chamado a atenção.

— E mais estes dois! O osso de couro para roer e a bola, que faz barulho. Os cachorros precisam de roer. Se não lhe dermos brinquedos, irá roer aquilo que apanhar.

O osso e a bola foram adicionados às restantes compras.

— Amanhã escolhemos um veterinário e marcamos consulta — decidiu Francisco, embalado pela recente ascensão ao estatuto de tomador de decisões.

Surpreendentemente, Luísa concordou, mais uma vez, não contrapondo ou colocando em causa a decisão do marido, que continuava a somar pontos neste novo assunto familiar. Sentia-se sobretudo anestesiada, porque o dia já ia longo e ela estava habituada a ficar em casa, a dormir, na maior parte do tempo. A intensa atividade desse dia deixava-a letárgica e pouco reativa. No entanto, estava a gostar da experiência: sentia-se motivada e, de certa forma, como se voltasse a fazer parte do mundo.

Dirigiram-se à caixa para pagamento. A funcionária foi passando os produtos, um a um, pelo leitor de códigos de barras, e Francisco foi arrumando tudo nos sacos enquanto Luísa ia colocando as compras no tapete rolante.

— É um cão ou uma cadela que têm? Ainda é bebé? — perguntou, enquanto observava os sacos de comida que colocaram no tapete.

— É uma cadelinha. Tem dois meses — justificou Francisco, contente por haver motivo de conversa com aquela estranha. Já a tinha encontrado várias vezes naquele supermercado e nunca tinham passado da comunicação estritamente necessária, habitual durante os pagamentos. Estava a parecer-lhe que a cadela se tornaria uma facilitadora social. Mal podia esperar pelas conversas ocasionais que travaria quando saísse para a passear. Quem sabe, até, se conseguiria alguma relação de amizade duradoura com algum vizinho com cão.

— E como é que ela é? Tem raça? — continuou a interlocutora. — Adoro

cães! Tenho dois rafeiritos.

— É muito engraçada! Toda castanha, quase ruiva. As orelhas parecem totós! E é muito pequenina. Pelo tamanho dos pais, não vai crescer muito — declarou Luísa, participando entusiasticamente na conversa.

Francisco não conseguiu evitar ficar surpreso. Luísa raramente mantinha uma conversa cordial e amistosa. Quando resolvia recorrer à gramática, era para se queixar de algo, reclamar ou vociferar acusações infundadas. Esta interação era completamente inesperada.

Foi arrancado a esta reflexão pela pergunta da funcionária, quando terminou o registo de todas as compras.

— Quer fatura?

— Sim, por favor!

Pagou, enquanto Luísa colocava os sacos de compras no carrinho, arrumou a carteira e despediu-se, desejando um resto de bom dia.

— Boa sorte para a vossa cadelinha! Fizeram muito bem. Os animais fazem muita companhia e trazem muitos benefícios — rematou em tom de despedida.

— Obrigada. Até breve — despediu-se Luísa, não querendo ficar atrás do marido em termos de boa educação, posicionando-se ao seu lado, dando-lhe o braço enquanto este conduzia o carrinho para fora da linha de caixas. Detetou nele alguma rigidez quando o fez, mas deixou-se ficar, apreciando a simplicidade do momento.

Lá fora, ouviam-se os trovões e o barulho da chuva, deixando adivinhar que o temporal havia piorado enquanto faziam as compras.

— Está a chover muito! Vamos ficar molhados se formos agora para o carro. E se almoçássemos por cá? — convidou Francisco, entusiasmado com todos estes recomeços.

— Sim, pode ser. Mas não achas que é tempo de mais para ela ficar sozinha?

— Tem comida, água e conforto. Não será um grande problema. É só por mais um bocado.

— Vamos lá, então — acedeu Luísa, pensando para si mesma que já nem sabia quando tinha sido a última vez que tinham almoçado fora.

Arrumaram o carrinho no local indicado e transportaram os sacos na mão, uma vez que não estavam demasiado pesados. Em seguida, dirigiram-se à zona da restauração e decidiram-se por um restaurante tradicional, *à la carte*, em detrimento dos de *fast food*, mais rápidos mas menos relaxantes.

Optaram por uma mesa num local calmo e inspecionaram o *menu*. Pediram uma garrafa de vinho tinto português, que Luísa se comprometeu a bebericar apenas um pouco, pois tinha de ter cuidado, não fosse haver interação entre o álcool e os antidepressivos que tomava. Deliciaram-se com a entrada de pão e azeitonas, enquanto esperavam pela dourada escalada, para ele, e as pataniscas, para ela, e enquanto pensavam, para si próprios, que a vida, afinal, era simples e que a felicidade estava a curta distância.

No final, já satisfeitos com a quantidade de comida ingerida, ainda arranjaram espaço para partilharem uma sobremesa. Pediram duas colheres e foram degustando o leite-creme a meias, já que não podiam abusar dos doces; ele por causa do colesterol e ela por ser diabética. Mas um dia não são dias e aquele estava a correr tão bem que acharam que mereciam uma pequena recompensa, sem culpabilização de nenhum dos dois.

Armado em cavalheiro, Francisco quis ser ele a pagar (como se o dinheiro não viesse todo da mesma conta) e ainda deixou uma generosa gorjeta à empregada de mesa, que tinha sido muito atenciosa e deixara escapar, por várias vezes, sorrisos cúmplices, apreciando o aparente entendimento entre o casal. Era interessante ver como Luísa, que normalmente suscitava antipatia pela sua postura corporal, expressão facial e brusquidão com que se dirigia aos outros, estava, nesse dia, a ter uma atitude completamente contrária e a ser objeto da simpatia dos que com ela se cruzavam.

Saíram do restaurante esperançosos com o regresso do bom tempo. Afinal, era agosto! O temporal não havia de durar muito. E, de facto, já não se ouvia o ribombar dos trovões nem a chuva a cair no telhado metálico do centro comercial.

Saíram para o exterior, duvidosos em relação à localização do carro. Para escaparem ao temporal, não tinham prestado atenção a onde o haviam estacionado. O número de carros no local tinha duplicado — a tarde já ia a meio e havia pessoas a fazerem compras antes do regresso a casa, depois do trabalho. Encadeados pelo sol que surgira repentinamente por trás das nuvens, protegeram os olhos com a mão em concha, varrendo o estacionamento com o olhar.

— Estacionaste ali, no lado direito. Não te lembras de que passámos por aquela passadeira? — arriscou Luísa, apesar de não estar certa da sua afirmação.

— Não. Foi para o outro lado. Passámos pelo parque infantil, tenho a certeza — contrapôs Francisco.

— Então, se tens a certeza, porque é que estamos aqui parados, feitos parvos? Não tens é a certeza de nada. Agora andamos aqui às voltas carregados com os sacos. Enfim! Santa paciência — vociferou Luísa, voltando à sua habitual disposição.

Francisco resolveu não responder, para não alimentar a indisposição da mulher, mas, sobretudo, para não estragar um dia inédito, único, que gostaria de repetir brevemente.

Em silêncio, resolveu apostar no seu próprio palpite e dirigiu-se para o lado esquerdo do estacionamento, rezando a todos os santos para que estivesse certo e adicionar, desta forma, mais uns pontos ao duelo de egos que travava constantemente com Luísa. Esta seguia no seu encalço, respirando com dificuldade, porque Francisco parecia ter ficado, de repente, cheio de pressa e o esforço físico não se compatibilizava com o esforço verbal. Luísa quase corria para não o perder de vista, mas não deixava de reclamar, entre dentes, maldizendo a distração, que era de ambos, mas que Luísa direccionava unilateralmente para ele.

Por sorte, naquela corrida pela razão, passaram pelo carro estacionado a meio caminho entre a saída do centro comercial e o local assinalado por Francisco. Este deu graças à sorte e meteu travões a fundo quando avistou o carro pelo canto do olho, tentando dar a impressão de que sempre conhecera a sua exata localização. Foi abalroado pela mulher quando esta, esbaforida, foi surpreendida pela sua súbita travagem, precisando de se amparar agarrando-lhe o casaco. Ele, ainda instável pela rápida mudança de rumo, vacilou e, receando cair, abriu os braços para recuperar o equilíbrio. Acabou com Luísa agarrada ao seu peito, e amparou-a num abraço forçado.

Demoraram alguns segundos a sentir-se novamente estáveis e só depois de se reconciliarem com a gravidade é que tiveram consciência de que estavam fortemente abraçados, em local público, suscitando olhares curiosos nos transeuntes. Luísa, incapaz de se dar por vencida, reivindicou descaradamente para si o sucesso na localização do veículo:

— Eu bem te disse que estava para aqui!

— Não, não disseste! Foi eu quem nos trouxe para este lado. Tu disseste que estava para o lado oposto. Admite, mulher! Só te fica bem!

Luísa não o admitiu, mas absteve-se de fazer mais comentários, preferindo não esmiuçar o assunto, uma vez que, a bem da verdade, sabia que não tinha contribuído nada para o sucesso da procura. Francisco aproveitou o silêncio para se manter ele próprio calado, de modo a não espicaçar o mau perder da mulher.

Voltaram para casa, silenciosos, ambos conscientes de que as tréguas se deviam à boa energia que tinham conseguido assimilar naquele dia tempestuoso.

Assim que entraram no patamar do prédio, ouviram a cadelita a ganir e a raspar a porta. Congratularam-se por todos os vizinhos ainda estarem em idade ativa e trabalharem durante todo o dia. Abriram a porta com cuidado para não a magoarem. Feliz por voltar a ter companhia, ela começou a saltitar nos membros posteriores, parecendo uma bailarina clássica, genuinamente contente de os ver. Ambos pensaram, mas não o disseram, que era muito bom voltarem a uma casa onde existia um ser ansioso pelo reencontro.

Pousaram as compras, com a cadela eufórica a correr pela casa, fazendo razias às pernas de ambos. A sua aparente felicidade era contagiante e, apesar da dificuldade em se conseguirem movimentar na cozinha, pois cada passo era feito em câmara lenta, evitando pousar os pés em cima do frágil corpo peludo, não deixavam de se sentir animados.

— Enquanto arrumas as compras, vou com ela à rua, para ver se se acalma um pouco — disse Francisco.

— Então experimenta já o peitoral e a trela nova. Para se ir habituando — acrescentou Luísa, entregando-lhe os objetos que havia já retirado de um dos sacos.

Francisco acedeu, não porque achasse necessário, para já, sair com a cadela controlada pela trela, mas porque reconheceu algum entusiasmo na mulher, por

certo ansiosa para ver como lhe assentariam as peças do novo enxoval. Depois de várias tentativas frustradas de colocar o peitoral na posição certa — tarefa dificultada pela falta de colaboração da modelo, que não conseguia estar sossegada, sentando-se, deitando-se, rebolando, mordiscando aqui e ali —, finalmente conseguiu concluir a tarefa com sucesso. Era do tamanho certo e ficava-lhe muito bem, dando-lhe um ar encantador.

Só que algo aconteceu: assim que sentiu a peça ajustada à volta do tórax, a cachorra ficou transformada em estátua, completamente imóvel, só os olhos escuros dotados de algum movimento, o corpo rígido tombado para o lado, pernas hirtas, esticadas para a frente. Tanto Francisco como Luísa se apressaram a verificar o seu estado de saúde, preocupados que algo terrível pudesse ter acontecido. Pegaram-lhe ao colo, mas ela continuou hirta como um bloco de pedra, enquanto a passavam de colo para colo. Num rasgo de bom senso, Francisco desapertou o encaixe do fecho do peitoral. Assim que se sentiu liberta da prensa que lhe prendia os movimentos, *Luana* voltou milagrosamente à vida, em toda a sua pujança, erguendo-se de um salto, escorregando das mãos e precipitando-se em direção ao chão.

Desencantando rápidos reflexos sabe-se lá onde, pois a agilidade já não era a de outros tempos, Luísa amparou a sua queda a escassos centímetros do solo, o que lhe custou uma valente câibra na zona lombar e dificultou grandemente o seu regresso à posição ereta.

Desorientado, o casal entreolhou-se, à procura de explicação para o sucedido. Francisco, mais familiarizado com o comportamento dos cães, dirigiu o olhar para o peitoral rosa-choque, inerte no chão. Luísa instintivamente seguiu a direção do seu olhar. Seria possível que tão aparatosa reação se devesse a algo tão simples?

— Volta lá a vestir-lhe o peitoral. Assim, veremos se estava mesmo com algum tipo de achaque, ou se é simplesmente uma dramática — gracejou Luísa, a tentar recuperar do susto.

Concordando, o marido assim o fez. A tarefa tornou-se ainda mais complicada, pois a cadela já sabia o que a esperava e rebelava-se com todas as suas forças. Assim que ouviu o clique do encaixe do fecho, petrificou, tombou novamente de lado, imóvel, com o movimento frenético dos olhos esbugalhados como único sinal de vida.

Estava comprovado o motivo de tão aparatosa reação. Mais uma vez, assim que o peitoral foi removido, *Luana* voltou ao seu estado ativo. Francisco pegou-lhe ao colo e saiu, sem acessórios ou adornos, para o passeio no exterior. Ainda estava pouco à vontade na rua, não se afastando muito de Francisco, receosa com tantos e novos estímulos visuais e auditivos. Brevemente, porém, ganharia confiança e, nessa altura, seria impensável andar na rua sem trela. Entretanto, eles teriam de resolver aquele problema.

Voltou para casa depois de cerca de quinze minutos de passeio, com a cadela novamente ao colo, já de bexiga vazia. Pensou para consigo que no dia seguinte

voltaria a tentar colocar-lhe o peitoral rosa, não se deixando ludibriar por atitudes dramáticas, dignas de novela de segunda categoria.

Encontrou Luísa atarefada a lavar o chão, esconjurando, entre dentes, todos os demónios que a assolavam e que a levavam a sentir-se tão contrariada ao executar aborrecidas tarefas, inexistentes antes da chegada de *Luana*. Pelo menos reconhecia que a recente adoção tinha, em tão pouco tempo, revelado grandes vantagens, mas as inevitáveis desvantagens ainda a afetavam. Via uma forte possibilidade do prato da balança rapidamente pender para a parte positiva da mudança, mas, talvez pelo cansaço de um dia cheio de novidades, ou pelo hábito de passar o dia entregue ao conforto dos lençóis, sentia-se novamente ansiosa e a desejar ardentemente recolher à sua bolha existencial.

Compenetrada nos seus pensamentos, ou talvez por já estar a perder alguma capacidade auditiva, não deu pela entrada do marido, sendo arrancada, de súbito, àquela dormência meditativa pelo comportamento esfusiante da pequena. Seria possível que ela estivesse sempre tão feliz? O que levava a que qualquer mínima coisa a deixasse naquele estado de alegria? Talvez os cães precisassem de muito pouco para estarem bem. Luísa sabia que nem sequer era particularmente carinhosa com ela...

— Já arrumei tudo. Vou-me deitar um bocado. Comi muito no nosso almoço tardio, acho que não vou comer mais nada hoje — disse, esperando que Francisco se disponibilizasse para ficar com ela, uma vez que tinha ficado sozinha a maior parte do dia.

— Tudo bem. Vai! Eu vou ficar por aqui a ver televisão e ela faz-me companhia. Depois, se me apetecer, como umas torradas e bebo um chá — disse Francisco, não deixando de notar que, normalmente, não partilhava com Luísa as suas intenções, nem esta se justificava em relação às suas frequentes idas para a cama.

Quando Luísa saiu da sala, a caminho do quarto, ainda viu, pelo canto do olho, que o marido se sentou na poltrona, deitando *Luana* no seu colo. Ela aninhou-se de imediato e Francisco ficou a acariciá-la com a mão esquerda, enquanto fazia *zapping* com a direita. Não conseguiu evitar uma pontinha de ciúme, mas ansiava pelo isolamento terapêutico de que a sua mente conturbada precisava naquele momento.

Quando pousou a cabeça na almofada, as imagens dos acontecimentos do dia sucediam-se em catadupa na sua mente. Não sabe quanto tempo demorou a adormecer, mas deverá ter sido muito rápido porque não chegou a ficar irritada com a luz do candeeiro de rua, que habitualmente lhe dificultava a entrada no mundo dos sonhos.

VI

Luísa acordou estremunhada. Ainda era noite. Acendeu a luz do candeeiro da mesa de cabeceira e viu as horas. Cinco da manhã! Dormira sete horas seguidas.

Voltara a sonhar com Guilherme. Era coisa que já não acontecia havia muito tempo. No início, após a separação, aqueles sonhos eram frequentes e deixavam-na num tal desespero emocional, que pensou várias vezes pôr termo à vida. Era como se fosse a única forma de aliviar o insuportável sofrimento. Depois, com o passar do tempo, e por influência da medicação que começou a tomar para dormir em doses cada vez mais elevadas, os sonhos tornaram-se mais toleráveis. Até que acabaram por se extinguir. Talvez tivesse sido capaz, finalmente, de esquecer. Esquecer, não! Mas deixar de sentir. Deixar de sentir a paixão avassaladora, imensurável e incontrolável dos tempos do relacionamento. E deixar de sentir também o ódio, a frustração, a culpabilização e a humilhação do seu final.

Nunca nada, nem ninguém, lhe despertara sentimentos tão intensos e extremos como Guilherme. Durante aqueles tempos, viajou entre a felicidade máxima, que parecia rebentar-lhe a pele, por não caber dentro dela, até ao mais profundo dos tormentos, que a oprimia tanto que a encolhia até ao ponto da invisibilidade. A intensidade da relação foi de tal ordem, que só por um triz lhe sobreviveu. Mas as marcas ficaram para sempre, como feridas abertas, dolorosas, que só um estado de inconsciência permanente permitia suportar.

Ficou deitada na cama, a olhar para o teto, enquanto era revisitada por imagens soltas, provenientes do encadeamento dos sonhos dessa noite, mas já sem sequência cronológica. Estranhamente, as imagens de Guilherme e de Francisco alternavam em frente aos seus olhos, como se a figura de ambos se tivesse fundido numa só, embora lutassem para assumir o protagonismo. E, estranhamente, também ela (talvez pela sensação deixada pela experiência vivida enquanto dormia) começou a confundir as imagens, como se os dois fossem um só e toda a emoção vivida no passado, direcionada a Guilherme, estivesse a sofrer uma espécie de movimento etéreo e fosse absorvida pela imagem de Francisco.

Confusa, Luísa fez um esforço acrescido para colocar tudo no seu devido lugar. Sentou-se na cama, ajeitou as almofadas e recostou-se, esperando que aquela pequena mudança lhe trouxesse maior lucidez. Puxou o lençol até ao pescoço, não

porque estivesse frio, mas porque precisava de algo que a prendesse à realidade; cruzou os braços sobre o peito e forçou as lembranças a jorrarem em catadupa, do local onde estavam acorrentadas, até à absoluta consciência. Aos poucos, cada uma destas memórias desfilou perante ela, com lógica e cadência real, como se estivesse a assistir a um filme no cinema Império, onde algumas vezes foi feliz, rindo e chorando com o destino das personagens, chupando caramelos espanhóis e repousando a cabeça no ombro de Guilherme.

*

5 de fevereiro de 1975

Estava sentada à secretária, no gigante escritório, embalada pela musicalidade monótona de máquinas de escrever a teclarem em simultâneo. Estava distraída, nostálgica, até, depois de ter visitado Nuno na casa dos cunhados. Sentia-se sempre culpada quando se vinha embora sem ele, mas o filho estava na quarta classe, terminaria no ano seguinte o ensino primário e, nessa altura, então, estaria de regresso.

A decisão de o deixar tão longe fora controversa e resultado de muitas noites em claro, a matutar no assunto. Contudo, era óbvio que nem ela nem Francisco tinham horários compatíveis com os cuidados a prestar a uma criança que cada vez mais carecia de atenção. Ele trabalhava por turnos, alternando semanalmente entre o diurno e o noturno; ela refugiava-se no trabalho, sendo a primeira a chegar ao escritório e, na maior parte das vezes, a última a sair. Em casa o ambiente era tenso: ou se ignoravam, ou discutiam por tudo e nada. Luísa tinha consciência de que não tinham um ambiente favorável para que o filho crescesse saudável e feliz.

Foi por isso que decidiu que ele iria para casa dos cunhados, casal equilibrado e sem filhos, que lhe dariam tudo aquilo que os pais não lhe podiam dar: estabilidade, disponibilidade, carinho, atenção. Francisco não queria, mas acabou por aceitar. Aceitava sempre todas as decisões de Luísa como se soubesse que, na verdade, não tinha voto na matéria. Ou, se calhar, também ele fosse capaz de perceber o porquê daquela decisão.

Nuno ficou destruído quando percebeu o que iria acontecer. Já em casa dos tios, quando se apercebeu de que não voltaria para Lisboa nos meses seguintes, chorou agarrado à saia da mãe. Como as lágrimas não surtiram efeito e os pais entraram no carro à mesma sem ele, ficou a acenar, estoicamente, de mão dada com a tia. Pelo espelho retrovisor, Luísa viu que ele se virou e entrou em casa ainda antes de o carro desaparecer na estrada. Nesse momento foi ela quem chorou, dolorosamente, em silêncio. As lágrimas só cessaram em Lisboa.

Francisco manteve-se calado, talvez até um pouco aliviado por constatar que a mulher, apesar de tudo, nutria sentimentos pelo filho. Contudo, o que

predominava era a enorme satisfação de a ver sofrer: ainda não lhe conseguira perdoar a decisão que tomara, e que agora significava a perda do filho durante os quatro anos seguintes.

Ninguém aceitou a decisão de Luísa, não verdadeiramente, mas o tempo acaba sempre por trazer alguma serenidade. Nem que seja a serenidade de quem desiste. Nuno acabou por aceitar a sua sorte, de tal forma que, quando vinha a casa nas férias, parecia sempre ansioso por voltar. Era agora uma criança desenraizada de Lisboa, com um ténue vínculo afetivo com os pais, pouca ligação emocional às outras crianças do bairro e uma total anulação defensiva em relação às constantes discussões. Receber a visita dos pais na casa onde vivia também não lhe trazia felicidade alguma. Pelo contrário, à medida que crescia, mais ansioso parecia em querer que os pais se mantivessem longe dele.

O matraquear de dezenas de dedos nas teclas das máquinas foi interrompido de repente pela voz de Helena, uma das colegas de Luísa, que a acordou daquele estado de transe com um toque no ombro.

— O Guilherme pediu-me para te perguntar se queres ir connosco beber uma cerveja quando sairmos — anunciou.

Luísa ficou calada, processando a informação. Não nutria grande amizade por nenhum dos colegas de trabalho, resumindo os relacionamentos ao estritamente necessário. Era bem-educada, cumprimentava toda a gente quando chegava e despedia-se cordialmente quando saía. Mas era só isso.

— Tenho trabalho atrasado. Queria ficar até mais tarde — respondeu Luísa, à laia de desculpa, para se esquivar ao constrangimento.

— Pois, a questão é mesmo essa! O chefe pediu-me para te convidar porque tem reparado que ficas sempre até tarde. Ele acha que seria bom para ti e para a equipa se te relacionasses mais — retorquiu. — A vida não pode ser só trabalho! Não sei se já reparaste, mas, quando o tempo está quente, a maior parte de nós junta-se na esplanada para comer uns amendoins e beber algo fresquinho antes de ir para casa. Desta forma, convivemos e evitamos a hora de ponta.

Luísa levantou o olhar para a divisória envidraçada, onde o chefe lhe sorria, exibindo uma dentadura imaculadamente branca. Levantou a mão direita à altura da cabeça, com o polegar espetado em direção ao teto, concordando com a proposta de Helena.

Acabou por anuir, sobretudo para não parecer mal-agradecida, mas sem grande vontade. Conformou-se com a sua decisão, pensando para si própria que um pouco de convívio social não a prejudicaria e que poderia desfrutar de uma bebida fresca, acompanhada de conversas de circunstância, boas para espairecer a cabeça, sempre ocupada com pensamentos desgastantes.

Quando o relógio bateu as cinco da tarde, um burburinho de cadeiras a arrastar, gavetas a fechar e conversas animadas substituiu o matraquear das máquinas de escrever. Cada um dos colegas foi saindo à vez, com a promessa de se encontrarem, de seguida, no local combinado. Luísa manteve-se por mais um

pouco no escritório, fingindo terminar algo urgente.

Foi a última a sair. Quando se aproximou da esplanada, Helena acenou-lhe, apontando depois para uma cadeira vazia, aparentemente guardada para si. Luísa sentou-se, sorrindo timidamente, sem saber o que dizer ou como se comportar. Guilherme ocupava o lugar à sua frente. Achou interessante que o chefe se relacionasse de forma tão próxima com os funcionários: sempre fora simpático consigo, bastante disponível para a ajudar, mas nunca tinha reparado que mantinha uma relação de igual para igual com todos os empregados do escritório.

Pediu uma cerveja e ficou a bebericá-la, mantendo-se no papel de observadora. Todos estavam bem-dispostos. Riam-se e diziam piadas, contavam novidades, falavam da vida pessoal, dos filhos, dos maridos, dos animais de estimação com uma leveza que Luísa desconhecia ser possível. Ficou a conhecer mais a vida de cada um dos colegas naquela tarde do que durante todos os anos em que ali trabalhara.

Helena tinha duas filhas gémeas, adolescentes, que lhe estavam a esgotar a paciência. Alberto vivia com a mãe idosa, com Alzheimer. Clara já era avó de um belo rapaz de três anos. Carlos era viúvo e criara, sozinho, o filho autista. Emília tinha uma filha bebé e uns cachorros que adorava. Cecília não tinha filhos e era absolutamente dedicada ao marido.

— E tu, Luísa? Tens algum animal de estimação? — perguntou Emília, curiosa.

— Não. Passo pouco tempo em casa. Não seria justo para o animal passar tanto tempo sozinho — cortou Luísa, um pouco brusca por ter sido arrancada à sua confortável postura de observadora.

— Vive sozinha, Luísa? — perguntou subitamente Guilherme, enquanto a fitava intensamente.

Luísa ficou muda, surpreendida por o chefe lhe dirigir diretamente a palavra, mas, sobretudo, por olhar com tal intensidade para ela. Sentia-se traspassada pela assertividade daquele olhar. Apesar da demora a responder, Guilherme não deixou de a fitar, sem pestanejar, enquanto, em volta, todos se calavam, curiosos. Luísa, desafiadora, não desviou o olhar, mas a voz fugiu-lhe ao controle, saindo mais esganiçada do que o habitual.

— Não, não vivo sozinha! Porquê?

— Ah! Desculpe! Por nada em especial. É que, como justificou a opção de não ter um animal pelo facto de este vir a ficar muito tempo sozinho, achei que podia não ter quem a ajudasse — desculpou-se Guilherme, sem esconder alguma ironia.

Instintivamente, Luísa começou a fazer rodar a aliança de casada no dedo. Qual era o objetivo de Guilherme? Não era do conhecimento de todos que era casada e com um filho pequeno? Não que falasse muito dos dois, mas o seu currículo, aquele que, com certeza, o chefe mantinha nos arquivos, assim o dizia.

Ficou no ar um silêncio confrangedor. Todos se entreolharam, tentando decifrar a discreta tensão que se havia formado entre Luísa e Guilherme, não

compreendendo se era positiva ou negativa. Luísa tinha as faces coradas e torcia nervosamente as mãos, Guilherme observava-a diretamente, com um sorriso sedutor.

Aos poucos, as conversas foram retomadas, as bebidas degustadas e a tarde aproximou-se do final, com o sol a desaparecer por trás dos edifícios, espalhando sombra pelas ruas de Lisboa. Na esplanada, a brisa fresca causou arrepios aos convivas e Luísa foi a primeira a levantar-se, sob o pretexto de estar quase na hora do comboio. Puxou da carteira para pagar o que consumiu, mas Guilherme antecipou-se:

— O convívio de hoje fica por minha conta.

Luísa agradeceu educadamente, despediu-se de todos até ao dia seguinte e seguiu caminho, sentindo as costas a arder, certa de que todos os olhares estavam cravejados em si enquanto se afastava. Sentia o coração a bater descompassado. Mas que raio se passara? Fora impressão sua, ou o chefe tinha estado a seduzi-la? E que estranha sensação era a que sentia na barriga? O estômago parecia dar voltas sobre si próprio. As pernas estavam trémulas, incapazes de desempenhar a sua função, de a transportar em segurança para a estação de comboios. Gotas de suor escorriam-lhe pelo corpo, acabando por secar durante o percurso, devido ao contacto com a pele sobreaquecida. Sentia a boca seca e uma necessidade constante de engolir. Talvez esta secura se devesse ao álcool da cerveja, uma vez que não estava habituada a beber. Ou ao sal dos tremoços e dos amendoins, apesar de praticamente não lhes ter tocado!

Fez o caminho até casa, distraída, desconcentrada, sem saber muito bem o que estava a sentir. Felizmente, Francisco estava no turno da noite, pelo menos assim poderia tomar um banho e ir diretamente para a cama. Quando ele chegasse, já dormiria a sono solto.

Preparou um banho de imersão, aproveitando para usar uns saís de banho aromáticos que tinha recebido numa troca de presentes com os colegas no último Natal. Efetivamente, nunca tinha pensado vir a usá-los, mas naquele dia sentia-se estranhamente especial. Não que tivesse a expectativa de que os acontecimentos fossem além do sucedido nesse dia. Era casada, mesmo que só no papel, e a ideia de ter uma relação extraconjugal estava completamente fora da sua lista de possibilidades. Porém, o simples facto de o chefe ter reparado nela, de lhe deitar olhares gulosos, dissimulados sob a forma de uma casual troca de palavras, era uma experiência completamente nova para si, habituada como estava a passar despercebida em todos os contextos sociais.

Pensou para consigo que não havia nada de mal em melhorar a sua autoestima e que talvez não fosse tão desinteressante como lhe fizeram crer durante toda a sua vida. Não deixava de se sentir culpada pelos seus pensamentos, talvez um pouco desapropriados para o seu estado civil, mas eram só pensamentos. Nunca se iriam materializar em acontecimentos ou atos menos próprios. E por tudo o que estava a sentir nessa noite, naquele banho relaxante, já tinha valido a pena. Não esperava

mais, nem queria mais. Só prolongar um pouco a sensação de que era uma mulher interessante, capaz de despertar o interesse de homens igualmente interessantes.

VII

6 de agosto de 2005

Luísa acordou estremunhada. Um gemido contínuo, semelhante a uma sirene, emergia do outro extremo da casa.

Tinha voltado a adormecer. Sentou-se na cama, confusa, tentando compreender a origem daquele lamento. Demorou uns segundos a recordar-se da existência da cachorra. Apurou o ouvido para se certificar de que a pequena estava bem, que só se lamentava pela sua solidão.

Olhou para o relógio luminoso digital. Eram seis da manhã. O dia começava a clarear. Esfregou os olhos, saiu da cama, calçou os chinelos e arrastou os pés, sonolenta, em direção à sala, onde a cadela estava a dormir.

— Não vás lá — pediu Francisco, do quarto, num sussurro. — Caso contrário, vai fazer o mesmo todas as noites.

Luísa não deixou de reparar que ele tinha dormido de porta aberta. Desde que passara a dormir sozinho, deixava-a sempre fechada.

— Ai, Francisco. Não vês que os vizinhos vão acabar por se queixar? E a pobrezinha deve ter saudades de casa. Como é que a posso deixar ali sozinha?

— Se continuas a ceder, vais ter de ceder sempre, porque ela aprende que aparecemos sempre que chora. É contigo! Ou resistes agora, ou cedes para sempre.

— Ela só quer companhia. Não gosta de estar sozinha! Não deixarias o teu filho a chorar sem o ires confortar, pois não? O mesmo vale para a cadela. Não quero que se sinta desamparada.

— Tens alguma razão — anuiu, intimamente satisfeito pela compaixão da mulher.

Enquanto sussurravam um para o outro, a cadelita calou-se, expectante, em relação ao momento em que abririam a porta. Como esse momento foi adiado pela conversa, começou a arranhar freneticamente a porta.

Luísa abriu-a, baixou-se e deixou que a cadela lhe saltasse para o colo. Quando esta lhe começou a lamber a cara, não conseguiu evitar ficar sensibilizada com a alegria que demonstrava simplesmente pela sua presença. Limpou a cara com as

costas da mão, um pouco enojada com a viscosa limpeza facial levada a cabo pela sua língua macia.

Com a cadela no colo, dirigiu-se ao quarto num impulso, passando pela porta aberta do quarto de Francisco. Ele estava sentado na cama, a sua silhueta recortada pela luz difusa proveniente do corredor. Apesar da visão pouco clara, Luísa conseguia imaginar o seu queixo caído, surpreendido pela atitude condescendente da mulher. Esta empinou o nariz, aconchegou o animal contra o peito e entrou no quarto.

Com a mão livre, abriu a porta do armário e retirou uma manta macia, que esticou aos pés da cama. Deitou-a com cuidado, passando-lhe a mão pelo pequeno corpo peludo, para a sossegar. Estava calor, mas talvez a manta a deixasse mais aconchegada e o efeito envolvente do conforto a transportasse rapidamente para o mundo dos sonhos.

Sem saber o que esperavam dela, a cachorra levantou-se para explorar a cama. E Luísa voltou a colocá-la no espaço delimitado pela manta e deitou-a. A cadela levantou-se, a cauda a abanar, as franjas a ondular ao mesmo ritmo, correndo pela superfície do colchão. Luísa levou-a de volta para a manta. E ela levantou-se. E Luísa deitou-a. E ela levantou-se...

Claro que Luísa desistiu primeiro. Deitou-se ela própria, e a cachorra, parecendo agir por imitação, deitou-se na manta, enroscou-se numa bola de pelo e adormeceu.

— Vais mesmo deixá-la dormir na tua cama? Contigo? — perguntou Francisco do outro quarto, não conseguindo disfarçar a sua incredulidade.

— Sim! Porquê?

— Estou surpreendido. Só isso! Não tenho nada contra. Mas quero que tenhas consciência de que, se depois mudares de ideias, vai ser muito mais difícil que durma noutro local sozinha.

Por essa altura, já Luísa estava arrependida, mas não iria deixar que o marido saísse vencedor daquela contenda.

— Dorme, homem, que ela acabou de sossegar. Não a acordes.

Apagou a luz e ajeitou-se na almofada, mas ainda ouviu Francisco a rir baixinho. Não deixou ela própria de sorrir quando a cadela se esgueirou sorrateiramente para a almofada ao seu lado, presenteou-a com uma lambidelas preguiçosa e repousou a cabeça, emitindo um suspiro consolado.

Dormiram as duas como anjos — a primeira secretamente contente por estar acompanhada e a segunda descaradamente feliz por não estar sozinha.

De manhã, já com o sol alto no horizonte, Luísa acordou e verificou que ela não estava na almofada. Apurou a visão para se adaptar à pouca luz e deu com ela deitada ao fundo da cama, de barriga para cima, pernas abertas, beíças caídas por ação da gravidade, deixando ver os caninos de leite. Estava tão bizarra quanto adorável. Provavelmente tinha-se mudado para ali por causa do calor. Dormia profundamente. E assim continuou, mesmo depois de Luísa sair do quarto.

Encontrou o marido na cozinha, sentado à mesa, a fazer as palavras cruzadas no jornal diário, acompanhado por uma chávena de chá frio. Os restos carbonizados de uma torrada estavam abandonados num prato colorido. Pairava no ar o cheiro estranhamente caseiro de pão queimado, que Francisco tinha tentado eliminar ventilando o espaço com a janela aberta de par em par. O dia parecia mais fresco e a brisa suave desalinha-lhe os raros cabelos brancos, que teimavam em lhe toldar a visão, esvoaçando diante dos olhos. Concentrado no passatempo, passava distraidamente a mão esquerda pela testa, tentando domar as madeixas rebeldes. Com a mão direita segurava o lápis, que por vezes levava à boca para lhe mordiscar a ponta, buscando inspiração para resolver o enigma.

— Bom dia — disse cordialmente, tentando manter a concentração no jornal.

— Bom dia. Queres outra torrada? Parece que essa não está comestível.

Francisco demorou a responder, entusiasmado com a descoberta de uma solução que já buscava havia largos minutos.

— Não é preciso, mas obrigado! Já comi o suficiente. Tens chá ali no bule. Fiz a mais... a contar contigo.

Apesar de não lhe apetecer, Luísa resolveu beber uma chávena de chá para não parecer mal-agradecida. Sentou-se ao lado do marido, em silêncio, grata pela inesperada frescura que circulava pela cozinha.

— A cadela ainda está a dormir?

— Sim! Estava ferrada!

— Vou levá-la à rua assim que acordar. Para ver se faz chichi lá fora.

— Assim que perceber que está sozinha, vai fazer-se ouvir, com certeza.

— Com certeza, mesmo.

Ficaram calados, a desfrutar da companhia um do outro — ele embrenhando no quebra-cabeças, ela nos seus próprios pensamentos.

Não tardou muito que *Luana* se fizesse ouvir, misturando latidos com uivos, de forma alternada, provavelmente a testar qual das versões surtiria efeito. A cama era alta, de talha antiga, com cabeceira em madeira trabalhada e longos pés, igualmente em madeira. O colchão era de molas e a sua altura, somada à da cama, resultava numa distância considerável ao chão. Saltar aquela altura poderia ser perigoso para as suas curtas patas, pelo que *Luana* recusava aventurar-se.

Francisco dobrou o jornal e pegou no peitoral e na trela. Quando chegou à porta do quarto, a cadelita corria de um lado para o outro na cama. Assim que o viu, deitou-se de barriga para cima, expectante, não conseguindo evitar umas gotas de urina, em parte devido às horas que estivera sem urinar, ou devido à incontinência inerente à sua pouca idade, que a tornava incapaz de controlar o esfíncter quando demasiado excitada.

Pegou-lhe ao colo, pensando para consigo que Luísa não deixava de ser uma mulher com sorte, pois, em toda a extensão da cama, a cadela acabara por urinar na manta. Em vez de ter de mudar todo o jogo de lençóis, bastava lavar esta última.

Não deixava de se sentir surpreendido. Como é que a mulher tinha deixado o animal dormir na cama? Ela, sempre tão reativa, irascível, tão centrada em si... nem Nuno, algum dia, tivera o mesmo privilégio. Estaria a ficar com o coração mole? Seria a cadela capaz de mudar aquilo que nada, nem ninguém, conseguira mudar até então? Era melhor não se entusiasmar muito. Quando a novidade passasse a rotina, tudo voltaria ao mesmo. E o mesmo, olhando para trás, era muito doloroso. Como poderia não o ser, se sabia que a única vez que a mulher da sua vida havia sido feliz fora com outro homem?

*

6 de fevereiro de 1975

Quando Luísa acordou na manhã seguinte, os acontecimentos do dia anterior pareciam-lhe longínquos, de tal forma que agora duvidava de que tivessem ocorrido da forma que recordava. Pelo sim, pelo não, deu um pouco mais de atenção à escolha da indumentária e penteou o cabelo vigorosamente, para o apanhar num rabo de cavalo. Espalhou um óleo aromático nas mãos e passou-as pelo cabelo, para lhe dar brilho. Depois, colocou um pouco de base na cara, rematando com um batom discreto e um pouco da água-de-colónia, que guardava para ocasiões especiais.

Apanhou o comboio e depois o metro, um pouco ansiosa, porque não sabia como iria reagir quando chegasse ao escritório e encontrasse o chefe. Combinou consigo própria que iria fazer tudo como habitualmente, mesmo que, por dentro, estivesse a ferver de emoções.

Quando chegou à porta do edifício, respirou fundo, concentrou-se e entrou diretamente para o seu lugar, sem olhar para o lado, cumprimentando os poucos que já lá estavam, sem os olhar de frente. Não se atreveu a olhar para o gabinete de Guilherme para verificar se lá estava. Ele costumava chegar mais tarde, portanto, era provável que o gabinete estivesse vazio.

Começou o seu trabalho fazendo um grande esforço para se concentrar. Leu documentos, separou cartas para o correio, datilografou relatórios. Quando fez uma pequena pausa para beber um café a meio da manhã, foi abordada por Helena:

— Bom dia! Como estás, desde ontem? — perguntou, sorrindo.

— Tudo bem! Cheguei cedo e já despachei algum trabalho — disse Luísa, na tentativa de disfarçar o embaraço.

— Gostaste de te encontrar connosco na esplanada? Tens de ir mais vezes. Desta forma ficamos a conhecer-nos melhor!

— Sim. Gostei. Temos de repetir — rematou Luísa, mais para a calar do que por ter de facto intenção de repetir a experiência.

— Reparaste que o chefe esteve sempre a olhar para ti? — perguntou Helena, em tom conspiratório, baixando a voz e falando-lhe ao ouvido.

— Ai, que disparate. Foi impressão tua. Então ele não sabe que eu sou casada? E ele próprio também é casado — sentenciou Luísa, tentando parecer indignada.

— Pois... casados ou não, ele esteve sempre focado em ti. Acho que todos repararam. Foi notório.

— Foi impressão tua. Era por eu ser novidade, ali no grupo. Quis ser simpático para me fazer sentir bem-vinda — finalizou Luísa, pousando a chávena no lava-loiça e voltando para a sua secretária.

Neste percurso, não aguentou mais a curiosidade e dirigiu o olhar para a divisória de vidro onde ficava o gabinete do chefe. Estava vazio. A luz apagada e a secretária arrumada denunciavam a ausência desse dia. Não conseguiu evitar uma amarga sensação de desilusão, mas tentou ignorar esse sentimento, porque não queria, nem devia, criar expectativa.

O resto do dia decorreu com normalidade, cada um fazendo o seu trabalho. Um rádio sintonizado num posto popular debitava músicas da moda, que animavam um trabalho monótono. Quando, ao final do dia, os colegas começaram a despedir-se, já Luísa tinha eliminado todas as emoções do seu subconsciente. Como todos os outros dias, ficou até mais tarde, porque efetivamente nunca lhe apetecia regressar a casa, onde a saudade de Nuno se intensificava e o remorso lhe doía.

Por volta das sete horas, já estava sozinha. Arrumou as suas coisas e preparou-se para sair, não sem antes fazer uma visita à casa de banho para esvaziar a bexiga. Quando lavava as mãos, ouviu abrir a porta da entrada do escritório. Não deu importância: calculou que fossem as empregadas da limpeza. Contudo, quando saiu da casa de banho e contornou o *hall*, avistou Guilherme.

— Ah! Olá, Luísa! Desculpe se a assustei! Pensei que já não estava cá ninguém! — justificou, depois de a ver dar um pulo.

Luísa ficou com a sensação de que o chefe não estava a ser sincero, uma vez que não parecia verdadeiramente surpreendido.

— Já estava de saída. Até amanhã — despediu-se, dirigindo-se à secretária para apanhar a carteira e o casaco. Antes de fechar a porta da entrada, Guilherme interpelou-a:

— Luísa! Quer que lhe dê boleia? Só vim buscar uns papéis, também já estou de saída. Espere só um pouco, por favor.

— Ah! Não se incomode!

— A sério! Já é tarde. Não me custa nada oferecer-lhe boleia. E até podia aproveitar para lhe dar algumas indicações para o trabalho de amanhã, pois voltarei a não estar cá, por razões familiares... Assim podia transmitir essas indicações aos seus colegas.

Luísa ficou pensativa. Parecia que o chefe estava com problemas em casa e que a boleia tinha como principal objetivo transmitir-lhe instruções de trabalho.

Assim sendo, seria justificável aceitar a oferta. Caso contrário, estaria a ser má colega. E ela queria aproveitar a oportunidade para se afirmar como alguém importante, imprescindível até, dentro do escritório.

— Se coloca as coisas dessa forma... tenho todo o interesse em ser útil!

Saíram juntos. Quando chegaram ao exterior, Guilherme colocou a mão direita no fundo das costas de Luísa, como que para a conduzir, sem palavras, ao local onde tinha o carro estacionado. Ela foi percorrida de imediato por uma corrente elétrica que lhe fez eriçar os pelos da nuca, não conseguindo evitar que todo o seu corpo fosse sacudido por discretos espasmos — mesmo discretos, não deixaram de ser detetados pela palma da mão do chefe. Ele aproveitou a deixa para lhe agarrar o cotovelo, de modo que a orientação através da confusão de carros estacionados se tornasse mais eficiente.

Luísa parecia um autómato, direita como um fuso, apenas as pernas a moverem-se para colocar um pé à frente do outro. Apesar do seu esforço para disfarçar o que sentia, Guilherme parecia ter completa noção do terramoto emocional que ocorria do seu pequeno corpo. E tirava vantagem disso, aproveitando todo e qualquer pretexto para se aproximar ou mesmo para lhe tocar, de forma quase impercetível. Quando chegaram ao carro, fez questão de lhe abrir a porta inclinando-se sobre o seu ouvido, sussurrando-lhe que tivesse cuidado com a cabeça. Luísa arrepiou-se com a passagem do ar expirado na sua orelha e sentiu o hálito a mentol a entrar-lhe pelas narinas. Pensou, nesse momento, que não aguentava mais, que queria fugir dali a todo o custo, porque não estava a conseguir lidar com aquelas sensações. Mas o corpo não respondia aos seus desejos e, paralisada, ali ficou, indefesa, refém das suas emoções.

— Relaxe um bocadinho, Luísa. Não lhe vou fazer mal! Nunca seria capaz de lhe fazer mal — sossegou-a Guilherme, enquanto colocava a chave na ignição, ligava o carro e habilmente o retirava do estacionamento, ganhando velocidade em direção à avenida marginal. — Levo-a a casa porque sei que mora em Algés e tenho de ir para Cascais. Fica em caminho.

Luísa continuou incapaz de reagir, colada ao assento, com a estranha sensação de que nada daquilo era verdade e de que Guilherme estava a inventar uma desculpa esfarrapada para a levar a casa. Mas, a ser verdade, qual era o seu propósito? Porque é que assim tão de repente passara a ser objeto de tanta atenção por parte do chefe?

Aonde é que aquilo iria levar? Na verdade, só naquele momento ela própria reparara melhor em Guilherme. Só quando se sentira foco da sua atenção, é que o vira com outros olhos. Só então o observava como alguém do sexo oposto, extremamente atraente, elegante e bem-parecido.

Continuaram junto ao Tejo, passaram o mosteiro dos Jerónimos e a torre de Belém, sem pressa, janela aberta do lado do condutor, a brisa fresca do lusco-fusco a entrar no carro e a envolver os corpos de ambos como uma carícia. A tensão existente era notória, ambos conscientes da partilha emocional que ocorria naquele

momento. Mantinham-se em silêncio, porque as palavras haviam deixado de ser necessárias. A atração magnética que sentiam substituíra qualquer desajeitada declaração que pudessem proferir.

— A Luísa tem pressa? — perguntou Guilherme, com um sorriso sedutor, mão direita no volante, braço esquerdo apoiado na janela, desviando o olhar da estrada para a observar de soslaio, tentando decifrar a sua expressão.

Luísa hesitou, mantendo o olhar no horizonte. Mas sentia, com arrepios na nuca, que Guilherme a observava de forma insistente. Quando os olhos de ambos se encontraram, Luísa sentiu-se como que atingida por um raio de tal potência, que soube de imediato que a sua vida, daí em diante, não mais seria a mesma.

Guilherme foi obrigado a quebrar a magia do momento para se voltar a concentrar na condução. Já Luísa continuou enfeitiçada a olhá-lo como se efetivamente o visse pela primeira vez. O cabelo castanho, já acinzentado nas têmporas, esvoaçava agitado pela brisa vinda do exterior. A barba, provavelmente feita de manhã, começava a despontar, acentuando-lhe o rosto anguloso, deliciosamente masculino. Os olhos, azul-claros, davam-lhe um ar infantil, inocente, até. No entanto, a pele bronzeada acentuava-lhe as rugas de expressão, que revelavam uma maturidade que, longe de ser prejudicial, o tornavam ainda mais atraente.

— Então, Luísa... Não me respondeu. Tem pressa?

— Acho que não... isto é... não propriamente... bem... porque é que pergunta?

— Estava a pensar que podíamos jantar juntos. Talvez num daqueles restaurantes à beira-rio. Conheço um, em Paço de Arcos, muito simpático. Ou na praia de Carcavelos. O que acha?

Luísa não achava nada. Sentia-se refém do que estava a sentir. Subitamente deixara de conseguir controlar as emoções e, estranhamente, deixara de se importar com as consequências de tudo o que estava a acontecer. Era casada; ele era casado; eram colegas de trabalho; ele era seu chefe! Tudo circunstâncias que a fariam recusar o convite. Numa situação normal. Mas aquela não era uma situação normal. Algo, no seu interior, sofrera uma mutação catastrófica, levando-a a deixar-se arrastar para o abismo, sem poder fazer nada para evitar cair.

— Sim — balbuciou, de uma forma quase inaudível.

— Foi sim que disse, Luísa? Desculpe, mas não percebi...

— Sim — repetiu, desta vez de forma convicta.

Sim. Uma palavra, três letras, e a sua vida virada do avesso para sempre.

*

Guilherme ligou o leitor de cassetes, introduziu a que escolheu, do conjunto que armazenava no porta-luvas, e começou a cantarolar baixinho *Let it Be*, dos *Beatles*, acompanhando a melodia com um matraquear de dedos no volante, reproduzindo

o solo do piano. O coração de Luísa parecia querer acompanhar batendo ao ritmo da música. Colocou a mão no peito, sentindo-se dominada pela perfeição do momento. Os olhos humedeceram com a emoção e deu por si a pensar em como seria a sua vida se fossem marido e mulher. Seria que, afinal, a felicidade existia? Se sim, ela ainda não a tinha experimentado. Não naquela dimensão.

Guilherme estacionou no parque reservado a clientes, depois saiu do carro e contornou-o para abrir a porta a Luísa, que lhe agradeceu, timidamente, sem saber muito bem a melhor forma de reagir. Mais uma vez, colocou a mão ao fundo das costas para a conduzir em direção à porta do restaurante, tentando parecer casual, mas sem conseguir disfarçar uma intimidade constrangedora mas agradável.

Escolheram uma mesa para dois, num local resguardado da comprida varanda, ela não conseguindo disfarçar um arrepio que sabia não ser de frio, apesar de o sol já ter desaparecido, dando lugar à noite estrelada e a aragem vinda do Atlântico ser fresca e húmida.

— Tem frio, Luísa? Tem aqui o meu casaco! — ofereceu Guilherme, colocando a voz num tom baixo e intimista.

— Obrigada, mas não preciso, tenho aqui o meu agasalho — recusou ela, orgulhosa, tentando parecer indiferente ao tom sedutor do chefe.

Guilherme tinha perfeita noção do constrangimento de Luísa, apesar das suas tentativas frustradas para o disfarçar. Esta certeza transmitia-lhe segurança para continuar o seu jogo de sedução. Numa atitude claramente dominadora, fez sinal ao empregado de mesa para que se aproximasse, pediu o *menu* e a carta de vinhos.

— Gosta de vinho branco ou tinto? — perguntou.

— Gosto de ambos, mas como ainda não escolhemos o prato, não sei o que combina melhor — cortou Luísa, reabilitando, por momentos, a postura segura e decidida.

— Sugiro um tinto do Douro, para começar, acompanhado de um queijo de Serpa, como entrada, e depois logo decidimos se mantemos, ou se experimentamos outro, dependendo do que escolhermos para prato principal.

Optaram por dourada grelhada, concordando ambos em acompanhar com um branco de Setúbal. Enquanto saboreavam o queijo e bebericavam o vinho tinto, a língua foi-se soltando, os músculos relaxando e a conversa evoluindo para temas mais íntimos, sobre a vida familiar de cada um.

Quando o jantar acabou, Luísa já sabia que Guilherme tinha um filho de sete anos, que estava numa fase difícil do relacionamento com a mulher, tendo sugerido o divórcio. Esta, com uma saúde débil, usava a sua fraqueza como argumento para forçar a continuidade do casamento, por pena e não amor, ou respeito mútuo. Esta revelação levou Luísa a um dilema pessoal ainda maior, apesar de atenuado pela descontração do álcool. Não só eram ambos casados e com filhos, como a mulher de Guilherme tinha uma saúde frágil.

Acabou por revelar também aquilo que tinha a certeza de que ele já tinha conhecimento: que também era casada e tinha um filho da mesma idade. Ainda

hesitou, até porque detestava mostrar uma imagem de fragilidade emocional, mas, num momento de coragem, acabou por confessar a sua total insatisfação no casamento e que a sua relação com Francisco só existia no papel.

Sensibilizado com a angústia com que Luísa expusera os seus sentimentos, Guilherme sentiu legitimidade para a confortar, esticando o braço sobre a mesa e colocando a sua mão sobre a dela, fazendo-lhe uma suave carícia que pretendia passar a mensagem de que a compreendia como ninguém. Porém, causou uma tempestade neurológica, os nervos do seu corpo feminino a serem percorridos por uma descarga elétrica que da mão irradiou em todas as direções. Petrificada com tal intensidade de sensações, ficou incapaz de reagir, permanecendo, ambos, naquele impasse, ele a segurar-lhe a mão, ela a deixar-se tocar, até serem interrompidos pelo empregado, que recolheu os pratos vazios e quebrou momentaneamente o feitiço.

Voltaram ao carro, em silêncio, e fizeram a viagem até à casa de Luísa em introspeção. Quando Guilherme parou o carro à porta do prédio, voltou-se para ela:

— Chegámos! Muito obrigado pela sua companhia esta noite.

— Acabámos por não organizar o trabalho para amanhã — balbuciou Luísa, claramente desconfortável.

Em resposta, Guilherme inclinou-se para ela, aproximou a cara da sua, observou a sua expressão absolutamente estarecida e deu um breve beijo nos seus lábios.

Quando conseguiu recuperar a mobilidade, Luísa saiu do carro à pressa, as pernas a tremerem, sem se despedir, correndo em direção à porta do edifício onde morava. Subiu a escada a dois e dois degraus, abriu a porta de casa com as mãos a tremer, entrou, bateu a porta e deixou-se escorregar, lentamente, pela madeira polida, até se sentar no chão, emocionalmente exausta, assustada com a direção dos acontecimentos.

Foi mais uma noite sem dormir, o coração a bater descompassado, os níveis de adrenalina nos píncaros, voltas e voltas na cama, num misto de deslumbamento, incredulidade, dúvida e culpa.

VIII

8 de agosto de 2005

No fundo de si mesmo, Francisco ainda mantinha alguma esperança numa velhice verdadeiramente a dois. Sempre fora um romântico, apesar de esta faceta ser constantemente camuflada pela educação que teve e pela relação disfuncional que construiu com a mulher. Amava Luísa. Mesmo que tantas vezes duvidasse disso, volta e meia era preenchido por essa certeza, a de a amar como ninguém.

Luana agitava a cauda de forma efusiva, dando pulinhos em frente à porta. Francisco sorriu-lhe e baixou-se para lhe dar uma festa.

Acabou por abandonar o peitoral e a trela no móvel da entrada quando se lembrou do dramático episódio do dia anterior. Tinha de a habituar lentamente a estes apetrechos, mas naquele momento era urgente levá-la à rua. A quantidade de urina que deixou involuntariamente na manta devia ser só uma pequena amostra do que ainda estava na sua bexiga. Era inacreditável a quantidade de chichi que produzia...

— Até já! — disse a Luísa, que continuava sentada à mesa da cozinha, com a chávena de chá na mão, perdida nos seus pensamentos.

Ela permaneceu calada, ou porque nem o ouviu, ou como sinal de contestação, porque, apesar dos seus avisos, o marido continuava a sair com a cadela à rua.

O dia estava bonito, sem sinal da tempestade da véspera. A manhã já ia a meio e o calor já se fazia sentir com intensidade. No entanto, uma leve brisa agitava as folhas das árvores, espalhando no ar o cheiro a terra quente e húmida, resultado da evaporação da chuvada. Francisco colocou *Luana* no chão, que deu dois ou três passos e imediatamente se agachou para se aliviar. Já liberta da aflição de urinar, começou a viver o passeio, um pouco receosa, mas com vontade de vencer o medo. Ainda não reconhecia aqueles locais nem aqueles odores, mas a presença de Francisco reconfortava-a. O seu cheiro já começava a ser-lhe familiar.

Entreteve-se a patrulhar o canteiro, minuciosamente, cheirando com entusiasmo cada arbusto, cada tronco de árvore, cada flor. Francisco dava-lhe o seu tempo, esperando à sombra de uma bétula, reparando em pormenores que antes

lhe passavam despercebidos.

A praceta era grande, com prédios de três andares a rodeá-la, em forma de «U». As varandas abriam-se para aquele local. A maior parte dos apartamentos mantinham os estores fechados, para proteger o interior do calor de agosto. Aqui e ali, uma janela aberta deixava entrever um pouco da vida dos vizinhos.

Não tinha cultivado amizades ali. Conhecia algumas pessoas dos apartamentos mais próximos, mas as conversas não iam além dos cumprimentos cordiais, ou de breves observações sobre o estado do tempo. Mesmo nas regulares reuniões de condôminos, optava por não intervir, pois, na maior parte das vezes, falavam muito, mas decidiam pouco. Eram horas intermináveis de debates que não chegavam a conclusões ou a decisões efetivas. Como tal, ou faltava ou chegava tarde. Não valia a pena pedir a Luísa que fosse em seu lugar. Nem queria, o mais certo era a mulher fazer algum comentário mordaz, desagradável ou ofensivo. Era melhor que os vizinhos desconhecessem a sua difícil personalidade.

Uma rajada de vento mais forte desalinhou-lhe as escassas madeixas de cabelo. Observou a dança das árvores, ao sabor do movimento do ar. Duas fileiras de bétulas bordejavam a praceta, de um e de outro lado, completando a simetria do local. As suas folhas de um verde intenso começavam já a adquirir uma tonalidade acastanhada em pequenos pontos específicos. O outono já não andava longe.

Quando se haviam mudado para aquela casa, anos antes, as árvores eram muito pequenas. Um tronco enfezado, com menos de um metro de altura e duas ou três folhas. Agora chegavam à altura de um terceiro andar. As suas copas frondosas davam sombra a toda a praceta, refrescando-a em dias quentes. Era um claro sinal da passagem do tempo de que não havia tomado consciência. Normalmente, ignoramos aquilo que está permanentemente à nossa frente!

A cadelita continuava a fazer o reconhecimento do local. Por vezes, desaparecia dentro de um arbusto mais frondoso. Reaparecia em seguida, cravejada de folhas agarradas ao seu sedoso pelo castanho. Francisco resolveu ignorar. No final do passeio, retirava tudo, de uma só vez, com a ajuda da escova que haviam comprado. Agora era deixá-la usufruir do passeio.

Por entre os recortes da folhagem das árvores, conseguia observar algumas janelas. No segundo andar, em frente a si, um gato amarelo, sentado no parapeito, observava o exterior através das vidraças fechadas. Olhou-o nos olhos, pestanejou e dedicou-se de seguida à sua higiene pessoal, passando as patas, repetidamente, nas orelhas, após as ter humedecido com a língua. Os raios de sol faziam reluzir as suas riscas alaranjadas.

No primeiro andar de uma varanda, um rapaz ainda novo fumava um cigarro em tronco nu. Cumprimentou-o com um aceno. Francisco acenou de volta.

No outro lado da praceta, uma mãe despedia-se do filho adolescente à porta do edifício. Ficou a acenar-lhe enquanto ele descia o passeio, até virar a esquina e desaparecer.

No terceiro andar, uma mulher jovem, à janela, observava o exterior. Cruzou o

olhar com o seu, distraidamente. Alguém chegou por trás e abraçou-a. Ela virou a cabeça e beijaram-se. Francisco calculou que seriam um jovem casal, recentemente casados, ou simplesmente a viverem juntos, como era tão habitual. Não conseguiu deixar de sentir uma pontinha de ciúme, acompanhada de regozijo solidário por ambos. Como gostava ele de ter tido outro tipo de vida de casado.

Não valia a pena lamentar o passado. Restava-lhe o futuro. E o futuro incluía aquele pequeno ser, que inesperadamente surgira na sua vida.

Como se tivesse compreendido os seus pensamentos, *Luana* aproximou-se e começou a saltitar à sua volta. Provavelmente, o reconhecimento da zona estava feito. Francisco baixou-se, fez-lhe uma festa na cabeça e começou a caminhar em direção à esquina, com a cadela no seu encalço, a sua comprida cobertura peluda ondulando ao sabor da brisa de verão.

Francisco sorria, encantado com a graça da cadela. Olhava para as janelas, pelo canto do olho, para ver se algum vizinho os observava, cobiçando a sua companhia. Não conseguia evitar que uma onda inesperada de orgulho o invadisse. *Não é que a cadela é mesmo gira?*, pensou para consigo.

Ao virar da esquina encontrou Saúl, que vivia num apartamento da rua principal. Trazia à trela um caniche já velhote, que arrastava uma das patas traseiras. Os olhos baços, esbranquiçados pelas cataratas, denunciavam a dificuldade em ver, compensada pela minúcia com que utilizava o olfato para recolher a informação possível daquele passeio.

— Boa tarde, Francisco!

— Olá, Saúl. Como vai?

— Vamos andando. Eu e o *Bolinhas*! Estamos os dois a ficar velhos... Mas vejo que tem novidades! É seu, o cãozito?

Por essa altura, já o *Bolinhas* e a *Luana* se inspecionavam avidamente, ele tentando simplesmente cheirá-la, ela querendo brincar, dando corridinhas à sua volta e desafiando-o com latidos alegres.

— Sim, é minha. Só a temos há dois dias. Ainda se está a adaptar. Assim como nós!

— Os animais são uma companhia. Enchem uma casa! Mesmo o meu, que já está velhote. Se não fosse por ele, ficava o dia inteiro no sofá e não saía para nada.

— Pois, é verdade! Passamos a vida inteira a sonhar com a reforma e quando finalmente lá chegamos, não a aproveitamos.

— Sem dúvida! Tenha cuidado, porque ela sem trela ainda foge para a estrada. Não passam aqui muitos carros, mas nunca se sabe!

— É que ela ainda não sabe andar de trela. Nem imagina a cena que foi quando lhe vestimos o peitoral pela primeira vez. Parecia que estava a ter um ataque ou qualquer coisa do género. Uma melodramática!

Riram-se, cúmplices na condição de quem sabia o que era ter cão.

Depois, por momentos, ficaram em silêncio, observando a interação entre os cães, a juventude e a velhice, de igual para igual.

— Tenho de a habituar, primeiro em casa, colocando-lhe o peitoral e a trela por pouco tempo — explicou Francisco.

— É isso. Vai acabar por se habituar. Olhe que ela é mesmo gira! Parabéns.

— Obrigado! Ainda é cachorra. Tudo o que é pequeno tem graça! — gracejou Francisco, não conseguindo esconder uma pontinha de vaidade.

Do outro lado da estrada, caminhava, na direção de ambos, uma jovem mulher com a sua *cocker spaniel* pela trela. A cadela, entusiasmada com os dois cães, estacou, de pernas abertas, corpo alinhado, claramente atenta ao que se passava do outro lado.

— Bom dia, Carolina.

— Bom dia, senhor Saúl. Está tudo bem consigo? Estou a ver que, hoje, o *Bolinhas* tem companhia!

— É a cadelinha aqui do Francisco.

Francisco levantou a mão em jeito de cumprimento. Não conhecia a rapariga, mas tinha ideia de já ter reparado na cadela.

— Prazer em conhecê-lo, senhor Francisco. Muito bonita a sua cadela. Como se chama?

— *Luana*. Chama-se *Luana* — esclareceu, num orgulho mal disfarçado.

A mulher cedeu à vontade da sua cadela e atravessou a estrada, deixando que ela se aproximasse dos outros dois. *Luana* direcionou de imediato a sua total atenção para o novo elemento. Começaram logo a brincar, numa dança frenética em que tão depressa era uma delas a perseguida, como logo de seguida passava a ser a perseguidora. O cão velhote observava, um pouco indignado, a euforia das duas. O seu pobre esqueleto já não lhe permitia aquelas acrobacias.

Pouco depois, as cadelas pararam, cansadas. Deitaram-se no chão, línguas pendentes, olhos brilhantes, boca aberta num quase sorriso.

— Quando chegarem a casa, de certeza que vão dormir uma bela sesta! — concluiu Francisco.

— Sem dúvida — concordou Carolina. — Podíamos encontrar-nos mais vezes, para eles brincarem. É bom para todos. Vão cansados para casa, não fazem tantas asneiras...

— Por mim, tudo bem. Não tenho nada para fazer. Já estou reformado.

— O *Bolinhas* já não tem energia para grandes brincadeiras. Mas pode ficar a observar e nós sempre conversamos um pouco.

— Combinado! Todos os dias, a esta hora, ali na praceta. Se algum de nós não estiver disponível, não há problema, não é nenhuma obrigação. Se pudermos, vamos ao ponto de encontro e os cães brincam um pouco.

— Talvez fosse melhor afastarmo-nos da estrada, para que possam correr sem trela — sugeriu Francisco. — Podíamos seguir por esta rua, virar ali no número doze e seguir para o descampado, lá atrás. Têm imenso espaço para correr e conseguimos controlar a área toda, porque só tem árvores altas. Ficávamos mais descansados enquanto eles brincavam.

Na verdade, quando resolvia combater a inércia e exercitar um pouco as pernas, dava uma volta ao quarteirão e aventurava-se pelo campo que se estendia das traseiras do bloco de apartamentos, em frente à praceta, até à colina mais acima. Apesar de nunca ter imaginado vir a ser cuidador de um cão, sempre havia pensado que aquele era um ótimo local para passear. Achava que os cães tinham o direito de correr em liberdade, sempre que possível, desde que não houvesse perigo. E aquele espaço parecia ter sido pensado para que os cães do bairro pudessem conviver e exercitar-se sem barreiras.

Bem... compreendia que nem todos os cães podiam ser deixados soltos, porque podiam ser um risco para si próprios e para os outros. Contudo, tencionava treinar *Luana* para que fosse uma cadela bem-comportada, e pudesse usufruir de alguma liberdade para correr e brincar.

— Bem pensado! Fica combinado! — concordou Carolina.

Saúl movimentou a cabeça em sinal de concordância.

— Então, amanhã no campo a esta hora — concluiu Francisco. — Até amanhã.

— Até amanhã.

— Até amanhã.

Cada um chamou o seu cão e seguiu caminho. Francisco teve de levar *Luana* ao colo, porque ela parecia decidida a seguir no encalço da *cocker*.

— Querias mais brincadeira? Amanhã há mais! — sussurrou, enquanto a afagava carinhosamente.

Com um sorriso de orelha a orelha, Francisco seguiu em direção a casa, feliz por perceber que, pela primeira vez em muito tempo, ansiava pelo dia de amanhã.

*

7 de fevereiro de 1975

Quando Luísa se levantou na manhã seguinte, depois de mais uma noite sem dormir, ponderou, por momentos, não ir trabalhar. E talvez tivesse tomado mesmo essa decisão, não fosse o facto de Francisco ter estado no turno da noite e, como tal, passar a manhã em casa.

Vestiu-se como um autómato, contrariamente à véspera, sem cuidar muito do penteado, esquecendo o batom e reduzindo os acessórios. Fez o percurso até ao escritório distraída, ficando surpreendida quando percebeu que já tinha chegado. Entrou, cumprimentou os colegas e dirigiu-se à sua secretária, tentando desesperadamente concentrar-se no trabalho. A produtividade desse dia foi muito baixa, quase nula, na verdade, o que alertou os colegas — ela era sempre tão focada e eficiente...

— Estás bem, Luísa? — perguntou Helena, preocupada por a ver tão alheada.

— Estás estranha, hoje. Estás doente?

Arrancada aos seus pensamentos, demorou a responder.

— Hã? Não, não! Está tudo bem! Dormi muito pouco. Insónias. Às vezes acontece.

— As insónias são tramadas. Se precisares de alguma coisa, diz. Temos de ser uns para os outros, certo?

— Obrigada! Mas está tudo bem. Não te preocupes.

O dia arrastou-se até às cinco da tarde, hora em que os colegas começaram a sair, um a um, mergulhando o escritório num silêncio reconfortante. Luísa sentia que a sua cabeça estava em risco iminente de explodir, tal era a dor que sentia. Nesse dia, exceccionalmente, não iria ficar muito mais tempo. Estava ansiosa por voltar para casa, tomar um banho e adormecer. O marido estaria a trabalhar, o que evitava conversas desconfortáveis.

Arrumou a secretária, pegou na carteira e dirigiu-se à porta, em direção ao elevador. Foi quando deu de caras com Guilherme. Sentiu o sangue fugir das faces, gelar-se-lhe a nuca, um formigueiro nas mãos. Antes de ter tempo de reagir, foi encostada à parede, suave mas firmemente, e beijada na boca, com habilidade e paixão.

Incapaz de resistir, deixou-se guiar, experimentando uma sensação até ali desconhecida, mas capaz de a elevar ao auge emocional.

— Luísa, Luísa, Luísa! O que é que me está a fazer? — disse, enquanto lhe passava os dedos pela face corada, numa carícia apaixonada. — Há dias que não durmo de jeito! Não como de jeito! Estou desconcentrado! Penso em si quando acordo, quando adormeço, quando conduzo, quando como, quando bebo...

Ela não respondeu, ainda incrédula, mas retribuiu a carícia inclinando a cabeça na direção da mão, querendo prolongar uma sensação maravilhosa. Percebendo a correspondência de Luísa, entrelaçou os dedos no seu cabelo, puxou-lhe a cabeça e voltou a beijá-la demoradamente.

— Diga alguma coisa, Luísa! Não me deixe nesta incerteza, por favor!

— Estou muito confusa! Somos ambos casados, não é certo!

— Ai, Luísa! Não merecemos ser felizes? Ambos estamos infelizes nos nossos casamentos! Porque é que havemos de continuar infelizes e a fazer infelizes os nossos companheiros? O casamento não deve ser uma penitência. Tentámos, demos o nosso melhor, não resultou! Ficamos condenados a manter as aparências? Não! Devemos continuar a busca da felicidade. Ponto final!

— Pois! Não sei! Como disse, estou confusa!

— Mas não sente o mesmo que eu? Diga-me, por favor! Sou-lhe indiferente?

— Não! Não me é indiferente! Nos últimos dias, tenho vivido um turbilhão de emoções que julgava não serem possíveis. Também não durmo, perdi o apetite, sinto-me perdida, assustada. É como se houvesse uma força que me empurra na sua direção...

Não acabou de falar, porque já Guilherme a puxava para si, envolvendo-a num

abraço carinhoso, aliviado por finalmente se saber correspondido.

— Podemos jantar novamente? — convidou Guilherme — Por favor!

— Sim, pode ser! — concordou. — Podemos falar melhor sobre isto tudo.

Foram até à zona ribeirinha, partilharam uma sangria numa esplanada à beira-rio e observaram o pôr do sol de mãos dadas. Quando começou a arrefecer, Guilherme abraçou Luísa, puxando-a para si num gesto protetor, e ela pousou a cabeça no seu ombro, esforçando-se por conter as lágrimas de felicidade que teimavam em cair.

Quando escureceu, pediram uma refeição leve, comeram sem pressa, entreolhando-se apaixonadamente a cada garfada. Luísa sentia a boca seca, não sabia se pelo efeito do álcool da sangria, se pela taquicardia constante dos últimos dias. Pediu uma garrafa de água para aliviar a secura e bebeu com sofreguidão. Tinha as emoções ao rubro. O que sentia era ampliado inúmeras vezes em relação ao que acontecia antes de conhecer Guilherme. Começava a pensar que não conseguiria resistir de todo. Que não queria que aquelas sensações terminassem. Que talvez estivesse disposta a enfrentar tudo e todos, em nome daquela paixão desenfreada, desaustinada, tresloucada.

Prolongaram a refeição até não ser possível ficarem mais tempo, conversando sobre o passado de cada um e o futuro dos dois. Guilherme jurou-lhe amor eterno, confessou que nunca tinha sentido nada igual, com tão grande intensidade, que não conseguia estar longe dela, que estava disposto a enfrentar todas as adversidades para poderem ficar juntos.

Saíram do restaurante abraçados, como um casal apaixonado, em direção ao carro. A vontade de voltar para casa era nula. Permaneceram no escuro, de mãos dadas, conversando sobre as trivialidades do dia a dia. Os vidros do carro, completamente embaciados, não permitiam a visão para o exterior, dando-lhes a sensação de estarem dentro de uma bolha emocional, onde tudo era simples, reduzido a duas pessoas que se completavam, que sentiam, reciprocamente, os mesmos sentimentos românticos.

Quando repararam nas horas, já passava das duas da manhã. Luísa afligiui-se ao lembrar-se de que a essa hora, muito provavelmente, Francisco já estaria em casa. Sentiu-se catapultada para a realidade, um frio na barriga, não tanto por rezear a reação do marido, mas por se sentir como que esbofeteadada pela dura realidade de que, dessa vez, ele tinha razão: ela estava, de facto, a traí-lo.

— Leve-me a casa, Guilherme, por favor! A esta hora o meu marido já chegou, de certeza.

— Fique mais um pouco, Luísa. Não quero deixá-la! Por favor!

— Eu também não o quero deixar, Guilherme! Mas ainda devo explicações ao Francisco, que deve estar preocupado comigo.

— Mas vemo-nos amanhã, certo? Jante comigo, por favor! E podíamos combinar passar o fim de semana juntos. Posso reservar um hotel simpático, num local bonito. O que acha?

— Por muito que adore a ideia, temos de avançar com calma. O meu marido e a sua mulher merecem o nosso respeito. Primeiro, temos de falar com eles e esclarecer a situação.

— Muito bem! Mas quero que saiba que, por mim, estou disposto a tudo. Não consigo ver o meu futuro sem o partilhar consigo, Luísa. Virou a minha vida ao contrário!

— Deixe-me perto de casa, por favor. Mas não à porta. Fico no início da rua e faço o resto do caminho a pé. Prefiro abordar o assunto com calma e ver como corre. Não quero que o Francisco o veja antes de ter esclarecido tudo com ele.

— Assim será! Mas não vou aceitar não estar consigo todos os dias. Da mesma forma que não vou aceitar que recuse o meu convite para passarmos o fim de semana juntos. Vá lá, Luísa, por favor! Eu fico maluco quando não estou consigo!

— E vai falar com a sua mulher?

— Claro! Assim que o seu estado de saúde melhore. Mas até lá tenho de estar consigo. Amo-a, Luísa!

Luísa sentiu-se desarmada. Queria ser forte, agir com a cabeça e não com o coração, fazer o que era socialmente correto, não continuar aquela loucura, manter-se fiel à decisão que tomara ao aceitar casar-se com Francisco. Só que... não era capaz. Tinha vontade de gritar a plenos pulmões que também o amava, que estava completa, perdida e irremediavelmente apaixonada. Que nunca, nunca sentira tamanha atração por ninguém, que estava disposta a deixar para trás toda a sua vida até àquele momento para iniciar uma nova etapa, na qual se sentia como um trapezista sem rede, mas para quem o risco que corria era indiferente.

Respeitando o pedido de Luísa, Guilherme parou ao fundo da rua, num local mal iluminado, saindo do carro para lhe abrir a porta.

— Boa noite, Guilherme... — despediu-se, tentando desesperadamente manter a voz firme, porque o seu corpo voltara a ser percorrido por descargas elétricas, vindas do fundo do seu abdómen e irradiando em todas as direções.

Guilherme agarrou-a pelo pulso, puxou-a para si e beijou-a na boca de uma forma arrebatadora, ávida, necessitada. Ela, incapaz de resistir, deixou-se guiar por aquele mundo de emoções contraditórias, inexploradas, íntimas. Sentia-se envolvida num calor tropical, enquanto suores frios se formavam nas suas mãos. A brisa húmida que soprava deixava-lhes os penteados desalinhados, fios de cabelo de um e de outro emaranhados numa trunfa única, como se a inevitável união dos dois tivesse começado naquela extremidade.

Estavam sem fôlego quando afastaram os lábios, o peito subindo e descendo ao ritmo da respiração acelerada, bocas entreabertas para facilitar a entrada do ar. Como reflexos da mesma imagem no espelho, passaram a mão pelo cabelo para lhe devolverem alguma ordem, entreolharam-se, já adaptados à pouca luminosidade, sacudiram a roupa, para parecerem mais compostos, arrastando a despedida até esta já não fazer qualquer sentido. Sem dizer mais nada, Luísa deu meia-volta e encaminhou-se para casa.

LUANA

Hoje foi um dia bom!

Brinquei muito com aquela *cocker* que é tão doida como eu! E como havia muito espaço para correr, pudemos perseguir-nos à vez. As minhas pernas são muito pequenas e, por isso, ela ganha-me facilmente nas corridas. Mas eu não me importo. Quero é brincar até cair para o lado. E foi isso que aconteceu, várias vezes. Tive de me atirar para o chão, exausta.

E o outro? Deve ter algum problema, porque se deixa estar quieto, a observar-nos. Nem brinca, nem nada. Está para ali... a ver, sem participar. Ainda tentei desafiá-lo algumas vezes. Não resultou. Deu-me uma rosnadela e eu afastei-me. Pelo sim, pelo não. Há que respeitar os mais velhos! Anda sempre muito devagar. Tem as pernas rígidas e os reflexos lentos. Desperta a minha curiosidade, mas prefiro a *cocker*. Com ele sinto-me cheia de energia.

O Francisco parece apreciar estes passeios tanto quanto eu. Fica a conversar com os outros dois humanos. Deve ser a forma de eles brincarem. Falam o tempo todo. Nada de correrias. Só conversa. Fica bem-humorado! Sinto a sua boa disposição. Fica feliz com tudo o que faço e elogia-me muito. Já compreendi que, apesar de a sensação ser estranha, aquele objeto que me põem à volta do peito não me faz mal. E parece que, quando o põem e faz aquele estalido irritante, saímos para a rua. Como gosto de sair! Sentir o sol no corpo, cheirar tantos odores interessantes, desfrutar da atenção que todos os humanos me dão, brincar e brincar, correr e saltar.

Já reconheço todos os cantos da casa. O local onde me dão comida, onde está a taça da água, onde dormimos, eu e a Luísa, onde descansamos enquanto os dois se sentam naquelas cadeiras grandes, onde comem e eu observo, desejando que me calhe uma porção daqueles cozinhados, que cheiram tão bem. Às vezes, a Luísa deixa cair qualquer coisa para debaixo da mesa. E eu aproveito e saboreio, lambendo os beiços. Estou desconfiada de que ela faz de propósito, para que eu possa provar sem que o Francisco saiba que o faz. Acho que gosta mais de mim do que quer que se saiba. Por mim, tudo bem. Ainda fico um pouco ansiosa quando me fala alto e parece aborrecida, mas começo a aceitar que ela é mesmo assim. E quando estamos as duas na cama, sinto-me segura e acompanhada. Será esta a minha vida, daqui para a frente? Estou pronta para que assim seja. Ainda para mais se o Francisco fizer parte dela. A Luísa também, é claro. Mas sobretudo o Francisco. Começo a sentir por ele algo imenso, que me enche o peito e me deixa capaz de tudo, só para o agradar. Observo-o, tentando adivinhar os seus pensamentos, e procuro satisfazer os seus desejos.

IX

Quando Francisco entrou em casa, Luísa estava sentada no sofá. Aos seus pés repousava um cesto de verga forrado com tecido almofadado, de padrão hexagonal, em vários tons de azul. Todo o interior estava preenchido com novelos de lã de várias cores. Agulhas de tricotar, de várias formas e espessuras, emergiam por entre estes. Ela olhava fixamente para o conjunto, parecendo perdida, como se se tivesse esquecido do objetivo para o qual fora desencantar o cesto à arrecadação.

A cadela correu para ela e empinou-se nas suas pernas. Luísa ignorou-a, continuando a olhar fixamente para os novelos.

*

No colégio, tinham-lhe ensinado a tricotar e a costurar. Era importante que as meninas aprendessem a ser excelentes donas de casa. Era essa a principal missão feminina da época. E ela havia começado a tomar gosto pelo tricô. Havia algo de hipnótico no movimento sincronizado das agulhas. Era, sem sombra de dúvida, terapêutico assistir ao nascimento de uma peça de lã a partir do emaranhado disforme dos fios coloridos. Sentia uma satisfação inexplicável, à medida que as peças iam tomando forma sob o movimento hábil e sincronizado das suas mãos.

Passava os dias ansiosa pelo momento em que se dedicaria ao tricô. Normalmente, só o fazia depois de jantar: enquanto ouviam rádio na sala comum, pegava nas agulhas e nas lãs e tricotava freneticamente, enquanto as outras conversavam e riam, com o programa de discos pedidos como barulho de fundo. Não se metia muito nas conversas, mas ouvia avidamente, ansiando por conhecer outras realidades, outras vivências.

Durante aqueles anos, tricotara sem parar. Gastava as suas parcas economias na compra de novelos de lã de todas as cores. Aproveitava as promoções das retrosarias da Baixa, mas, mais tarde, quando lhe reconheceram o talento, o pessoal do colégio, incluindo os familiares das colegas, traziam-lhe novelos e mais novelos, que ela transformava em peças de vestuário. Fez uma espécie de especialização em camisolas de lã, mas também tricotou cachecóis, luvas, gorros e

pantufas.

Por ser reservada, não fez muitas amizades no colégio. E as peças tricotadas serviam, de algum modo, para comprar a atenção, ainda que fugaz, das colegas. Talvez tenha sido este o início da transação de relacionamentos que realizou ao longo da sua vida.

Cecília era a sua colega preferida. Tinham nascido no mesmo mês, com uns meros cinco dias de diferença. Frequentavam a mesma turma, partilhavam a mesa na sala de aulas e dormiam no mesmo dormitório. Era uns bons centímetros mais alta, tinha um longo e sedoso cabelo castanho, olhos grandes, pestanudos e esverdeados. As suas formas femininas já chamavam a atenção dos rapazes, enquanto Luísa ainda se mantinha imberbe. A confiança com que Cecília deslizava pelo mundo encantava-a, sentia uma grande admiração pela leveza com que ela encarava a vida.

Foi a primeira a ser presenteada com uma bonita camisola, em tons de azul, punhos e cós canelados, meia-gola entrançada. Recebeu-a com verdadeiro agrado, deu um abraço apertado a Luísa e um beijo no seu cocuruto, uma vez que o seu queixo repousava sob o alto da cabeça da amiga, pela diferença de altura entre ambas.

Luísa sentiu-se inchada de orgulho. Uma manifestação de agrado e carinho tão espontânea, era do que o seu ego diminuído precisava.

Cecília era uma adolescente precocemente adulta. A fragilidade emocional e física de Luísa sensibilizaram-na. A solidão que parecia sentir, apesar de estar rodeada de pessoas, era algo que a incomodava. Assumiu como missão retirar a amiga da bolha emocional monocromática em que vivia e fazê-la sair para o mundo colorido dos amores e desamores, amizades e inimizades, parcerias e conflitos.

Durante meses, Cecília foi companheira e confidente de Luísa. Mas, à medida que o tempo passava, em vez de emergir da sua bolha, Cecília era arrastada para dentro dela. À noite, quando estavam em grupo, na sala comum, Luísa amuava sempre que a amiga entrava nas brincadeiras e jogos das outras. Não conseguia partilhar afetos. Era tudo ou nada. Ou tinha a exclusividade da atenção de Cecília, ou mergulhava no isolamento, criando uma couraça intransponível.

Cecília tentou, sem dúvida que tentou. Convidava a amiga para se juntar ao grupo quando jogavam, dava-lhe o braço e puxava-a para junto das outras quando cantavam, tentava integrá-la nas conversas, pedindo-lhe opinião, ou contava-lhe uma ou outra piada de alguma delas.

No início, verdade seja dita, Luísa também tentou. No entanto, aos poucos, foi sendo engolida pelo ciúme e o esforço de sua parte foi esmorecendo, assim como da de Cecília. Este foi mais um revés na sua ainda curta vida de quinze anos.

Antes disso, ainda conseguiu partilhar com a amiga momentos que ela jamais esqueceria.

— Vá lá, Luísa. Por favor! Por favor! Por favor! Todas adoram as tuas

camisolas. Podias ensinar-nos. Queremos aprender.

Apesar de Luísa estar desconfiada de que todo este interesse era um truque para a levar a conviver com as colegas, tinha dificuldade em dizer que não — não só porque efetivamente gostava de Cecília, mas também porque a atraía, de alguma forma, ser o centro das atenções.

— Não dá, Cecília. Não temos agulhas de tricô suficientes. Nem lãs. Somos muitas.

— Nós arranjamos uma solução. Pedimos à diretora, aos pais, às lojas sob a forma de patrocínio... havemos de arranjar maneira. Queremos aprender a fazer as tuas maravilhosas camisolas! Vá lá, Luísa! Era tão giro!

— Pronto! Está bem! Trata do resto, que eu, depois, ensino a técnica.

— Obrigada! Obrigada, mesmo! Vai ser tão giro!

E deu-lhe um abraço que lhe arrancou um sorriso e lhe roborizou as faces.

E Cecília conseguiu! Era notável como alguém conseguia ser tão persistente. As tertúlias do tricô ficaram agendadas para as segundas, quartas e sextas, depois do jantar. Nesses dias, Luísa sentava-se na poltrona e as interessadas instalavam-se à sua volta, em cadeiras ou no chão. Cada uma tinha o seu próprio saco de tecido, cuidadosamente decorado segundo o gosto pessoal e o material disponível, em que guardava as agulhas que lhe tinham sido atribuídas, o novelo e o esboço da futura camisola.

Luísa tricotava lentamente, com gestos exagerados, para que todas conseguissem seguir as suas orientações. Por vezes, parava para ajudar pessoalmente alguma menos hábil. Nas primeiras lições começaram por tricotar cachecóis, mais fáceis por se tratar de simples peças direitas. Só depois passaram para as tão ambicionadas camisolas.

Foram ficando cada vez mais hábeis e a necessidade de seguirem os gestos de Luísa foi diminuindo. Como tal, tricotavam em grupo, conversando sobre banalidades, gracejando e fazendo planos para o futuro.

O sucesso foi tal, que o número de alunas foi aumentando, e até as próprias funcionárias participaram.

Foi durante este período que Luísa se sentiu mais integrada no colégio, e que também viveu os melhores momentos da sua infância e adolescência. Apesar do amor que tinha pelo tricô, ele acabou posto de parte, como tudo o que Luísa alguma vez amara. Com os anos, poder-se-ia dizer, ela aprendera a roubar tanto de si como haviam roubado dela quando era apenas uma criança e não tinha uma palavra a dizer.

Nunca mais falou com Cecília quando saiu do colégio. Ela ainda lhe escreveu uma ou outra carta, mas Luísa não lhe chegou a responder. Estava obcecada com a irmã, com a dor de viver com o padrasto, de continuar a ser rejeitada pela mãe. Era-lhe mais fácil viver mergulhada naquela mágoa imensa do que tentar sair dela.

Foi trazida para o presente de forma violenta, por culpa da insistência de Francisco.

— Vais tricotar? Estamos em agosto! Vais preparar-te para o inverno?

— Hã? — Luísa estava claramente distraída.

— Então, mulher. Onde estavas? Não andavas por cá!

— Viajei no tempo! — explicou, sorrindo. Um sorriso amarelo, é verdade.

Mas um sorriso.

— Posso saber até onde?

— Voltei ao tempo de colégio e às minhas amigas daquele tempo!

— Tricotavas, nesse tempo?

— Vesti colegas, funcionários e professores para o inverno! — gracejou.

— E vais voltar a fazer peças de roupa?

— Não sei. Lembrei-me de fazer uma manta para a cadela. Tinha estas lãs na arrecadação.

— Não me importava de ter uma camisola quentinha, para usar neste inverno!

— Incentivou ele, contente com o dinamismo de Luísa.

Não queria entusiasmar-se de mais, para não se desiludir depois, mas Francisco ficava contente por ela ter alguma iniciativa. Não tinha manifestações de carinho evidentes para com a cadela, mas as suas ações demonstravam que começava a sentir afeto por ela. Ele desejava que algo, ou alguém, conseguisse quebrar o resistente invólucro que envolvia o coração da mulher.

— Combinei com o Saúl encontrarmo-nos todos os dias, naquele descampado ali atrás, para os cães brincarem juntos. Não quero que a *Luana* cresça receosa de outros cães.

— Mas ela ainda não levou as vacinas!

— Amanhã podia levá-la à clínica veterinária. Queres vir?

— Talvez fique por aqui a tricotar. Vai tu!

— Está bem, eu vou.

Francisco ficou um pouco aliviado por Luísa delegar nele aquela tarefa. Continuava a não confiar na cordialidade da mulher e não queria começar mal a relação com o veterinário. Ela tendia a gerar algum mal-estar, sobretudo em situações novas. E tinha consciência disso, apesar de não o admitir. Mas, para evitar desconfortos, preferia manter-se à parte.

Até tentava ser simpática. Mas parecia que, quando forçava os músculos faciais a esboçarem um sorriso, saía algo distorcido, forçado, sem o efeito pretendido. E quando via que a mensagem chegava adulterada, desistia e voltava para o interior de si mesma, desapontada mas resignada.

— Eu faço-te uma camisola!

Francisco, que já ia a caminho da cozinha, com a cadela no seu encalço, estacou.

— Obrigado. Fico contente!

Nessa noite, Luísa voltou ao seu habitual padrão de se deitar tarde. Tricotou sem parar, durante horas, enquanto Francisco dedilhava o telecomando, de canal em canal, de programa em programa, dormitando pelo meio, cabeça descaída no peito, passando do simples respirar ao rressonar intenso, para voltar a acordar e mudar de canal, sem ter chegado a ver nada do início ao fim.

Um padrão colorido ia surgindo das suas mãos, mais vagarosas do que no passado, pela falta de uso e pela artrite, que lhe prendia os movimentos. Por vezes, repreendia-se a si própria por se ter enganado no complicado entrecruzar de lãs e agulhas de tricô. Bufando de irritação, puxava o fio, assistindo ao desaparecimento rápido das laçadas que tanto tempo tinham demorado a concluir. Ela própria não saía ilesa da sua impaciência e exigência.

Luana começara por adormecer no colo de Francisco, mas o calor forçara-a a procurar a frescura do chão cerâmico. Dormia esticada, de barriga para o ar, o corpito frágil percorrido ocasionalmente por vibrações e estremeções involuntários, motivados pelos sonhos que fervilhavam no seu cérebro, possivelmente passando revista às emoções do dia.

Francisco acordou com o ralhete de Luísa, proferido para si própria. Olhou para ela. Daquela poltrona na qual estava sentado, via-a de perfil, a boca contraída em desagrado, as rugas envolvendo os olhos semicerrados, tentando focar a laçada. As décadas tinham passado, deixando as suas marcas, mas Luísa continuava a ter a pele de um bebé, lisa, ponteadas aqui e ali por uma ou outra sarda que surgira ao longo dos anos. O cabelo, que nunca fora muito farto, estava cada vez mais rarefeito, escorrido, acinzentado, preso num modesto coque, algumas falripas caídas, emoldurando a cara cansada do esforço.

No chão, a cadela gemia enquanto dormia. Que sonhos excitantes estaria a viver?

Naquele momento, foi invadido por uma estranha sensação de bem-estar. Não era aquilo o mais parecido que tivera, até àquele dia, com uma família? Os três no mesmo espaço, cada um na sua atividade, mas ao mesmo tempo presentes na vida uns dos outros? Por muito disfuncional que ainda fosse, não deixava de ser uma família. E havia algo muito reconfortante nisso. Começava a sentir-se velho, com algumas limitações físicas. A sua única ambição agora era viver a velhice de uma forma calma e recatada, sem atropelos, sentindo-se acompanhado e compreendido naquela jornada.

Já bem lhe bastava o passado.

— Acho que me vou deitar — disse Francisco, espreguiçando-se, os dois braços ao longo da cabeça, inclinando-se para um lado e para o outro, para alongar os músculos do pescoço, atrofiados pela má postura enquanto dormitava na poltrona.

— Ainda aqui vou ficar mais um pouco. Agora quero resolver a confusão que criei.

Francisco saiu da sala, tropeçando pelo caminho no cesto das lãs. Desequilibrado, amparou-se na porta, espalhando os novelos pelo chão. Praguejou, irritado, e baixou-se para os repor no cesto. A cadela acordou, surpresa, olhando para ele com curiosidade, orelhas desalinhadas, língua de fora, avaliando a situação. Entusiasmada com a confusão espalhada no chão, levantou-se de um salto e começou a perseguir os novelos, completamente desperta. Eles deslizavam à sua frente, movidos pela deslocação do ar, provocada pelo frenesim da sua correria. Quando conseguia apanhar um, sacudia-o, como a uma presa, rosnando. Sob o efeito da sacudidela, os fios começavam a escorregar do novelo, de forma desordenada, transformando-o num emaranhado de lã, como um quebra-cabeças impossível de resolver.

Francisco apressou-se a salvar o máximo de novelos, ordenando-os no cesto, retirando delicadamente do alcance da cadela aqueles que ela tinha destruído.

— Raio da cadela. Parece um anjo, mas na verdade é um verdadeiro diabo! Está quieta! — ralhou Luísa, enquanto ajudava Francisco a salvar os novelos.

Cada vez mais entusiasmada com a nova participação na caça ao novelo, *Luana* ladrava e corria pela sala, fintando qualquer tentativa para a apanharem. Quando finalmente se viu aprisionada nos braços de Francisco, lutou para se libertar, contorcendo-se, incapaz de controlar a excitação.

— Pronto, pronto! Já chega! — apaziguou Francisco, conseguindo baixar, até ao aceitável, a excitação dela.

Pousou-a no chão e ela ficou sentada, a olhar para ele, expectante. Como ele saiu da sala, em direção ao quarto, redirecionou a atenção para Luísa, que tentava acalmar os nervos, tricotando freneticamente.

Compreendendo que a brincadeira terminara, a cadelita aninhou-se, bocejou e voltou a adormecer.

Luísa ficou a observá-la, impressionada com a velocidade com que a cadela passava do sono à excitação total e vice-versa. Parecia que tinha um botão *on/off*. Devia estar escondido algures, num local que ainda não descobrira e que era acionado por força de um poder sobrenatural, protetor de cães, inacessível aos humanos.

X

Quando as pálpebras se começaram involuntariamente a fechar, Luísa arrumou o trabalho e começou a preparar-se para ir dormir. Passou pelo quarto de Francisco, que dormia profundamente, e foi à casa de banho lavar os dentes. Assim que entrou no quarto, deparou com *Luana* sentada no tapete a fixá-la, expectante.

— Estás aqui? Deixei-te na sala, a dormir profundamente, e já aqui estás? — surpreendeu-se Luísa, pensando que o marido tinha razão quando profetizara que como a tinha levado uma vez para a cama, não seria, de certeza, por uma única noite.

Ela respondeu abanando a cauda e continuando a fitá-la de forma perturbadora. Como se lhe estivesse a ler os pensamentos.

— Está bem! Ganhaste! — sussurrou, enquanto a erguia para a cama.

Ouviu o marido a rir, desafiador, do outro lado. Era a sua forma de dizer «eu bem te disse».

— Caramba, homem! Não estavas a dormir?

Francisco não respondeu, deixando Luísa na dúvida se, efetivamente, o tinha ouvido rir, ou era a sua imaginação a pregar-lhe partidas.

Dormiram as duas, cada uma na sua almofada. Quando Luísa acordou durante a noite, despertada por alguma pontada dolorosa na coluna já deformada, mudou de posição para aliviar o desconforto e ficou cara a cara com a cadela, refastelada na almofada que Francisco deixara vaga. A pouca luz, coada pelos orifícios da persiana, conferia um brilho puro ao pelo castanho e o seu sono profundo e inocente conseguiu comovê-la. Levantou a mão num impulso para lhe afagar a cabeça. Porém, movida por anos de contenção de afetos, voltou a guardá-la por baixo do lençol, punindo-se mentalmente por este reflexo.

— Que descarada. Não lhe chega a manta! Veio deitar-se na almofada! Não fosse estar tão ensonada, já lhe mostrava o seu lugar — resmungou entre dentes. Apesar de estar sozinha no quarto, sentia a presença trocista de Francisco. Não fosse dar-se o caso de ele estar acordado, poderia ouvir o seu desagrado. Mas por que raio sentia aquele acesso de ternura pelo animalzinho adormecido? Estaria a ficar amolecida pela idade? E o abandono com que ela se entregava ao sono, tão perto de si! Parecia que gostava de ali estar. Que se sentia segura dessa forma.

De repente, os olhos encheram-se de lágrimas, recordando o momento em que as emoções tomaram conta de si, no passado.

*

8 de fevereiro de 1975

Luísa caminhava como uma condenada, arrastando os pés, ombros descaídos, cabeça baixa, como se tivesse sido subitamente atirada para a realidade, terrivelmente assustadora, de ter de explicar o inexplicável ao marido enciumado, enfurecido, e, pela primeira vez, com toda a razão. Ao afastar-se lentamente de Guilherme, começava a ser ensombrada por um sentimento de culpa que se ia adensando à sua volta à medida que se arrastava em direção a casa.

Assim que avistou as janelas do seu apartamento, reparou que as luzes estavam acesas. Alimentara a remota esperança de que Francisco estivesse a dormir, adiando por algum tempo o confronto iminente. Infelizmente, não teve essa sorte: assim que meteu a chave na fechadura, a porta abriu-se.

— Por onde andaste até esta hora? — questionou de forma arrastada, o som das palavras sibilando por entre os lábios contraídos.

— Boa noite, também para ti — saudou Luísa ironicamente, enfrentando fixamente o olhar irado do marido. Só receava o conflito até este ter início. Assim que o gatilho do confronto era acionado, invadia-a uma descarga de fúria que lhe varria qualquer temor, mesmo que estivesse em clara desvantagem — ou pela sua frágil condição física, ou pelo motivo do confronto. Não permitia que lhe faltassem ao respeito ou que a tratassem de forma violenta. Fosse quem fosse.

— Pensei que te tinha acontecido alguma coisa! — rosnou Francisco.

— Muito obrigada pelo teu cuidado, mas sou suficientemente crescida para saber cuidar de mim.

— Sou teu marido. Deves-me respeito! Tenho o direito de perguntar e tu o dever de me responderes. Estou à espera...

— Peço desculpa se te preocupei. Estive a jantar com um colega e perdi a noção das horas...

Francisco ficou calado, a tremer de fúria, punhos cerrados, a fazer um enorme esforço para manter as mãos ao lado do corpo para que estas não se precipitassem numa valente bofetada na cara corada de Luísa. Não queria entrar por esse caminho, até porque conhecia suficientemente Luísa para calcular que esta ripostaria sem pensar em consequências.

— Como disseste? A jantar com um colega? Não tens vergonha? És uma mulher casada!

— Até poderia ter estado simplesmente a jantar com um colega sem que houvesse nada de mal nisso. Mas, na verdade, é alguém muito especial para mim,

que me tem feito sentir como nunca me senti antes. Desculpa, não procurei esta situação, não tinha qualquer intenção de a provocar, mas aconteceu... agora já não tem remédio... e não me parece justo que não saibas o que se passa. Seria um desrespeito para contigo.

Francisco sentiu-se apanhado desprevenido. Apesar de andar sempre desconfiado de que Luísa o traía, não esperava que esta respondesse tão prontamente que tinha estado com outro homem. Achou que iria desculpar-se com algo, atabalhoadamente, que evitaria o assunto até já não haver escapatória, que negaria enquanto lhe fosse possível.

O discurso extremamente calmo de Luísa, a assertividade das suas declarações e a lucidez do seu raciocínio deixaram Francisco desconcertado. Sem capacidade de resposta que não fosse o vomitar impropérios violentos que permitissem extravasar a sua tremenda frustração.

— Desrespeito para comigo? Mas o que acabaste de admitir não é uma tremenda falta de respeito? Tenho tolerado a tua indiferença e a tua animosidade ao longo destes anos. Nunca foste carinhosa! Sempre te estiveste nas tintas para o teu marido e até para o teu filho! E eu aceitei a tua maneira de ser! Vivi frustrado toda a minha vida de casado porque nunca te consegui realmente ter como mulher. Resignei-me e adaptei-me. E para quê? Para agora me dizeres, descaradamente, na cara, que te andas a encontrar com outro homem? Como se fosse a coisa mais natural do mundo!

Luísa ouviu calada, sabia que o marido não deixava de ter razão. Queria manter a calma, até porque era ela que estava em vantagem, era ele que se sentia traído. Contornou Francisco e dirigiu-se para o quarto.

— Desculpa, mais uma vez, Francisco. Mas não vês que, com tudo o que estás a dizer, só me estás a dar razão? Nunca fomos, verdadeiramente, um casal. Está na hora de cada um seguir o seu caminho e procurar a sua própria felicidade. Tu próprio já o fizeste várias vezes, ou achas que eu não sei? Soube sempre, de cada um dos relacionamentos extraconjugais que tiveste.

— Quem é ele?

— Quem é não interessa. É completamente irrelevante.

— Quem é ele? Tenho o direito de saber!

— Não se trata de direito, Francisco. Não importa! A seu tempo saberás! Até amanhã!

Luísa entrou no quarto, fechou a porta à chave para que o marido não conseguisse segui-la e deixou-se escorregar pela madeira polida, até ficar sentada no chão, com as pernas a tremer, a testa a formar gotículas de suor frio, a respiração acelerada, como se tivesse acabado de correr uma maratona. Os dados estavam lançados. Já não havia nada a fazer. A sua vida estava, naquele momento, a correr de forma desenfreada, em direção ao futuro, fosse este qual fosse.

Deitou-se na cama, ainda vestida, emocionalmente exausta, e adormeceu de imediato. Acordou de madrugada, estremunhada e só ao fim de alguns momentos

se lembrou dos acontecimentos do dia anterior. Deixou-se ficar deitada, à escuta, tentando perceber o que teria sido feito de Francisco. Como estava tudo em silêncio, calculou que ele estivesse a dormir. Levantou-se cautelosamente e foi, pé ante pé, até à casa de banho. Quando saiu, atreveu-se a olhar em volta e reparou que a porta do quarto de Francisco estava escancarada. Pensou que ele a tinha deixado aberta, para controlar as suas saídas, e que, entretanto, teria adormecido. Mas algo lhe dizia que ele não estava deitado. Franziu a testa por forma a conseguir focar melhor a vista, tentando identificar as sombras e contornos da mobília, para descortinar a presença do marido na cama. Não havia qualquer volume por baixo dos lençóis. Aliás, a cama estava arrumada, com a colcha esticada e os almofadões cuidadosamente empilhados, a decorar a clássica cabeceira em madeira talhada.

Inicialmente, pensou que ele poderia estar a dormir na sala, em frente à televisão desligada. Mas também não o encontrou aí. Acendeu a luz e procurou em todas as divisões. Francisco não estava em casa. Voltou ao quarto, abriu o roupeiro e reparou que alguma da sua roupa e pertences pessoais estavam em falta.

Ele tinha saído de casa. Francisco tinha saído de casa.

XI

10 de agosto de 2005

Francisco entrou no quarto de Luísa pé ante pé.

— Que queres? — rosnou-lhe ela.

— Bom dia também para ti! — respondeu Francisco, irónico. — Vim buscar a cadela, para a levar à rua. Ela já tinha começado a gemer baixinho. Não querias que ela urinasse na cama, certo?

— Ah! Está bem! Obrigada!

Com *Luana* nos braços, Francisco saiu do quarto. Não a queria pousar no chão antes de sair para a rua, porque de certeza que estava com vontade de urinar. Assim, faria o chichi na rua e ele teria oportunidade para a premiar por isso. Dessa forma, começaria a compreender o que pretendiam dela em relação às necessidades fisiológicas.

Quando se aproximava da porta da rua, ouviu a mulher falar-lhe do quarto.

— Bom dia, Francisco.

Saiu, sem conter um sorriso. Esta sua reação era inédita: acabara de admitir, de forma indireta, que tinha sido indelicada para com ele.

Na rua, *Luana* entreteve-se a inspecionar cuidadosamente os odores, que agora já lhe eram um bocadinho mais familiares. Era como se estivesse a ler, através do olfato, o jornal diário, buscando informações importantes para si.

Depois de um pequeno passeio, Francisco levou-a para casa. Tinham de sair daí a pouco para o veterinário. Mais tarde, dariam um passeio demorado, para se encontrarem com Saúl e a jovem da *cocker*. Como é que ela se chamava? Carolina? Era isso? Não conseguia ter a certeza.

De regresso a casa, Luísa continuava deitada. Ia deixá-la dormir à vontade. Na noite anterior, tinha ficado acordada até tarde, entretida com o seu novo passatempo.

Deu uma medida de ração à cadela, comeu ele próprio uma torrada e bebeu uma caneca de chá frio à janela, observando o quiosque em frente e o corupio de gente que ali ia comprar o jornal, uma revista, tabaco ou uma raspadinha.

Quando terminou, resolveu tentar, mais uma vez, a colocação do peitoral. Desta vez, *Luana* já não ficou estática. Em vez disso, começou a deslocar-se, arrastando a barriga encostada ao chão, pernas esticadas para trás. Francisco ignorou-a, voltando a olhar para a janela, parecendo desinteressado. Como ela já tinha percorrido a cozinha daquela forma estranha e não parecia querer desistir, chamou-a:

— *Luana!* Anda cá! Aqui! Anda cá!

Ela fitou-o, curiosa. Lá ganhou coragem, levantou a barriga do chão e deu alguns passos, em sua direção, claramente apreensiva. Colocava cuidadosamente uma pata à frente da outra, como se se tivesse esquecido de como se faz, mas, estoicamente, conseguiu aproximar-se.

— Mas que linda menina! — Elogiou em tom encorajador, afagando-lhe a cabeça, passando o dedo indicador pelo contorno dos expressivos olhos castanhos e alisando o pelo das orelhas. Ela parecia hipnotizada, deliciada com a atenção que lhe era dada, ao ponto de esquecer o desconforto causado pelo peitoral.

— Por hoje, já chega! Vamos tirar isso. Amanhã experimentamos mais um pouco — confortou Francisco, emocionado com a devoção da cadela.

Retirou o peitoral, pegou na bolinha de brincar que por ali andava abandonada e atirou-a. Bebeu o resto do chá enquanto ela corria pela cozinha num misto de entusiasmo e alívio, lavou a chávena no lava-loiça e colocou-a no corredor. Dirigiu-se à casa de banho, para pentear o ralo cabelo branco, ajeitou a camisa para dentro do cós das calças, aspergiu-se com um pouco de perfume masculino, que lhe tinha sido oferecido pelo filho no seu aniversário, e saiu de casa com a cadela ao colo.

Lembrou-se, entretanto, de que não havia lembrado a mulher de que iam ao veterinário e de que não sabia quanto tempo demorariam. Voltou atrás, abriu a porta com cuidado, para não fazer barulho, manteve a cadela no colo só com um braço, enquanto com o outro procurou caneta e papel, na gaveta do móvel da entrada. Deixou uma breve nota escrita, rematou-a com o desenho de um pássaro, que fazia aparecer com perícia a partir de um ponto e sem levantar a caneta do papel. Esta sua habilidade, aperfeiçoada ao longo dos anos em que Nuno fora criança, há muito estava adormecida. Mas sabia que Luísa iria reconhecer o desenho e esperava que esta forma de terminar a mensagem lhe conferisse alguma leveza e intimidade.

Ao fitar o bilhete, não conseguiu deixar de esboçar um sorriso. Nunca imaginara ser possível voltar a construir algo com Luísa. Não depois de tudo o que haviam passado.

*

9 de fevereiro de 1975

Luísa ficou surpreendida. Estava preparada para dias de conflito verbal, talvez até para algumas perseguições físicas, mas nunca tinha ponderado a possibilidade de Francisco sair de casa. Para onde teria ido? Será que tinha, ele próprio, alguém com quem ficar? Algum dos seus relacionamentos? De alguma forma, isso aliviava-lhe a culpa. Nunca sentira as traições dele como abandono, sabia que Francisco nunca se iria embora. E agora que partia, ela não sentia absolutamente nada por ele. A bem da verdade, havia até um certo alívio por saber que ele não estava ali.

Voltou para o quarto, fechou mais uma vez a porta à chave e deitou-se, não conseguindo aprofundar o sono, ensombrada por sonhos que envolviam Guilherme a estender-lhe a mão para agarrar a sua, mas sem consegui-lo, por escorregarem uma na outra, como se estivessem untadas com óleo lubrificante. Por mais que tentasse alcançá-lo, Guilherme estava cada vez mais afastado, deslizando por um plano inclinado, afastando-se mais e mais, até se tornar um ponto indistinto, no horizonte irreal.

Luísa queria gritar o seu nome, mas as palavras morriam-lhe na garganta sem tomarem forma. A sua boca abria e fechava como se fosse um peixe, e, no entanto, não era capaz de emitir um só som que fosse. Questionava-se, em sonhos, porque não deslizava ela em direção a Guilherme, porque não seguia no seu encalço. Em resposta, sentiu que algo a segurava pela cintura. Virou-se e encarou Francisco, estranhamente sério, a sua expressão facial substituída por uma máscara inexpressiva.

Acordou banhada em suor, aflita, sem ter a certeza se tinha sonhado ou se era tudo real. Demorou alguns segundos a constatar que estava deitada na sua cama, sozinha.

Os dias seguintes foram de deslumbramento. Sentia-se livre pelo simples facto de ter revelado os seus sentimentos ao marido. Continuava a não se sentir confortável com a situação, mas, pelo menos, não lhe pesava a consciência por estar a esconder a relação que vivia com Guilherme. Este, entretanto, tinha pedido transferência para outro escritório da mesma empresa. Desta forma, não teriam de lidar, diariamente, com a curiosidade indiscreta dos colegas, porque dificilmente conseguiriam agir como se nada se passasse.

Sem a obrigação de chegar a casa antes de Francisco, Luísa desfrutou de forma intensa e apaixonada de todos os encontros com Guilherme após o trabalho. Para não levantar mais suspeitas, e também para não correrem o risco de serem surpreendidos pelos colegas, continuou a sair depois de todos, descendo a rua calmamente e encontrando Guilherme, que a esperava numa rua paralela...

Foram ao cinema e comeram caramelos espanhóis; foram ao teatro, onde Luísa deitou lágrimas de emoção, a cabeça repousada no ombro dele; foram à praia e passearam no areal, descalços, de mãos dadas, até a luz do luar iluminar escassamente as suas silhuetas; fizeram um piquenique no relvado, em Belém, onde partilharam vinho tinto, queijo da Serra e tostas, observando os barcos que

entravam e saíam da barra do Tejo; jantaram na esplanada, onde viram o pôr do sol, entreolhando-se, apaixonados e felizes.

Partiram para o primeiro fim de semana juntos. Guilherme havia reservado um quarto num hotel de charme, na Praia das Maças. Luísa estava entusiasmada com o programa, pois ainda não tinham ficado tanto tempo juntos. Pensar que poderia adormecer e acordar ao lado dele provocava-lhe calafrios que lhe percorriam o corpo, numa antecipação frenética do que a aguardava.

Não via Francisco desde que ele tinha saído de casa. Numa ou noutra ocasião, tinha tido a sensação de que ele a observava de longe, mas, quando se virava repentinamente à espera de o ver, isso nunca acontecia.

De regresso, Guilherme deixou Luísa à porta de casa e ficou a vê-la desaparecer no átrio de entrada do edifício, atirando um último adeus através do vidro da porta. Deixou-se ficar, durante uns momentos, pensativo, a olhar para os contornos difusos da escada do prédio até a luz se apagar, reparando na ausência de movimento no interior. Viu a luz do apartamento acender-se e a silhueta de Luísa por trás das cortinas da janela, fechando a persiana. No último instante, antes de esta tapar completamente a visibilidade para o interior, teve a estranha sensação de vislumbra um segundo vulto, para lá da silhueta de Luísa.

Assim que meteu a chave na porta, Luísa apercebeu-se de que estava alguém em casa, pois deixara-a fechada, com todas as voltas na fechadura, e nesse momento encontrava-a só com o trinco.

As luzes estavam acesas, mas não havia sinal do marido. Dirigiu-se à janela da sala, que dava para a rua, na esperança de deitar um último olhar a Guilherme, para que a visão dele lhe desse a coragem de que precisava para o que aí vinha. Foi nesse momento que o sentiu, atrás de si, silencioso. Tentou agir de forma natural e fechou o estore, como se essa tivesse sido a sua única intenção ao dirigir-se à janela. Respirou fundo e virou-se, pronta para o embate. Francisco estava tenso, semblante carregado, com olheiras extensas, pele macilenta, magro como até nunca então. Manteve-se calado, observando-a, a boca contorcida num esgar, num tremendo esforço para se manter calado.

— Voltaste? Espero que esteja tudo bem contigo, Francisco. Fiquei preocupada, foste embora sem dizer nada, mas achei que não tinha o direito de te procurar. Não te quero mal, sabes? Nunca te quis mal! Nem procurei nada do que aconteceu... Peço-te desculpa, mais uma vez, por ter falhado com o nosso compromisso.

Luísa tentava parecer calma e segura de si, mas sentia-se como se o seu coração fosse saltar do peito a qualquer momento.

Ele retribuiu-lhe com silêncio.

— Se não queres falar, estás no teu direito! Vou deixar-te à vontade! Mas quando quiseses abordar o assunto, estou disponível para termos um diálogo civilizado — esclareceu Luísa, dando meia-volta e dirigindo-se para o quarto.

Francisco fez o mesmo.

Foi desta forma que iniciaram uma nova fase do casamento. Cada um seguia a sua vida, sem dar explicações ao outro. Luísa encontrava-se com Guilherme quase todos os dias e, por vezes, passavam juntos o fim de semana. Francisco desaparecia, com frequência, durante algum tempo, reaparecendo subitamente e sem avisar.

Apesar de se sentir nas nuvens e cada vez mais apaixonada, incomodava-a o facto de Guilherme se estar a acomodar àquela rotina, mantendo o seu casamento paralelamente ao relacionamento de ambos. Queixava-se sempre da falta de oportunidade para resolver a situação, por razões várias, mas todas relacionadas com a fragilidade física e emocional de Clara. Numa espécie de retaliação, Luísa também não procurava falar com Francisco sobre a oficialização do divórcio. Assim sentia-se em pé de igualdade.

Num abrir e fechar de olhos, passaram-se quase dois anos. O tempo corria sem que se apercebessem da sua cadência, absorvidos que estavam nas suas emoções. Viveram um amor sem limites, puro e desinteressado. Davam e recebiam na mesma medida. O carinho mútuo transbordava em cada gesto, em cada palavra, em cada ato. Viviam dentro de uma bolha emocional, onde nada do que vinha de fora os afetava.

Até ao dia em que tudo mudou.

XII

10 de agosto de 2005

— Bom dia! Trago a *Luana* para a vacina. Está marcada para as onze horas.

— Bom dia! É a primeira vez? — perguntou a jovem por trás do balcão, identificada num cartão pendurado ao peito como sendo Diana Mendonça, auxiliar de veterinária.

— Sim. É a primeira vez! Tem dois meses e só está comigo há três dias.

— Ohhh, mas que amor! És uma cadelinha muito gira, não és? — Elogiou ela, transferindo *Luana* do colo de Francisco para o seu próprio.

Vestia uma farda completa, azul-clara, composta por túnica e calças largas. O cabelo castanho estava apanhado num rabo de cavalo meio desfeito, com algumas madeixas rebeldes a escaparem ao aperto do elástico. Calçava umas socas coloridas, com desenhos de cães. As faces rosadas e os sorridentes lábios cor-de-rosa faziam com que fosse fácil simpatizar com ela. Não parecia ter mais do que vinte e cinco anos.

— Estamos um pouco atrasados nas marcações. Pedimos desculpa, mas estivemos a atender uma urgência que demorou mais do que o habitual. Vamos atender a *Luana* assim que possível.

— Ah! Sem problema. Eu espero, não se preocupe!

Olhou em volta, observando as outras pessoas com os seus animais, aguardando consulta. A sala de espera era ampla, com uma divisória em pladur pintado, bem enquadrada na decoração. Por trás dessa barreira ficava a zona dos gatos, que, por qualquer razão que desconhecia, tinham um lugar exclusivo para aguardarem ser chamados para a consulta. Um móvel de blocos estava encostado à parte de dentro da divisória, providenciando nichos individuais em que as caixas transportadoras eram colocadas enquanto aguardavam.

Sentada numa das cadeiras estava uma senhora de meia-idade, bem vestida, cabelo loiro pintado caído sobre os ombros. De vez em quando, falava com um gatinho ainda jovem, amarelo-tigrado, que se agitava dentro da sua clausura:

— Então, *Golias*. Tem paciência! A doutora já vai chamar — dizia, esticando a

mão para tocar na caixa, mas projetando a voz de maneira a ser ouvida pela rececionista. Fitou-o com olhar crítico quando Francisco se aproximou com a cadela ao colo. Este não compreendeu, de imediato, o motivo do desdém, mas, seguindo a direção do seu olhar, deparou com o aviso de que aquela área era reservada a gatos e aos seus acompanhantes.

Sorriu, envergonhado, e inverteu marcha em direção à zona oposta da sala, onde um casal jovem aguardava consulta com o seu pequeno labrador dourado. Ocupou a única cadeira livre e cumprimentou o casal, cordialmente:

— Bom dia!

— Bom dia! — retribuíram os dois em coro, sorrindo amigavelmente.

Luana, que tinha tido um comportamento irrepreensível até àquele momento, começou a agitar-se ao avistar o outro cachorro, tentando soltar-se dos braços de Francisco.

— Tão pequenino! — comentou a mulher. — Que idade tem?

— Dois meses — esclareceu Francisco, lutando para conseguir manter a cadela no colo.

— A sério! É da mesma idade do nosso *Barth*. Mas é do tamanho da cabeça dele! — gracejou a mulher. — É macho ou fêmea?

— É cadela. A sério que o vosso só tem dois meses?

— Na realidade, tem quase três. Faz daqui a uns dias.

— Aqui a *Luana* fez dois há pouco — esclareceu, envergonhado por ela estar num frenesim enquanto *Barth* dormitava, ajuizadamente, no colo do rapaz.

A jovem sorriu, enternecida com o contraste entre os dois, jovem e idoso, sintonizados no amor mútuo. A paciência de Francisco em relação à agitação da cadela só poderia ser justificável por uma longa história de vida, durante a qual a tolerância foi sendo aprendida e a importância dada aos pequenos inconvenientes relativizada.

Trocou um olhar meloso com o acompanhante, provavelmente namorado ou mesmo marido, tentando transmitir-lhe telepaticamente a mensagem de que estava completamente rendida à dupla Francisco e *Luana*. Como este continuava perdido nas redes sociais, dedilhando o telefone para cima e para baixo, procurou empatia na rececionista, que, subentendendo a mensagem implícita no seu olhar, sorriu em sinal de compreensão.

Cansada do esforço, *Luana* adormeceu. Francisco aproveitou a pausa para abrir o livro policial que andava a ler. Antevendo que poderia ser necessário esperar algum tempo pela consulta, precaveu-se e levou-o consigo. Se a cadela o permitisse, sempre estaria entretido.

Estava num capítulo interessante, em que eram dadas pistas importantes sobre a identidade do assassino. Ele já tinha a sua própria teoria. Gostava de reunir factos e provas e descobrir o meliante antes de o autor o revelar. Por vezes, acertava. Outras, não. Era fã deste género de livros, em que a sua capacidade de dedução era posta à prova, e já tinha alguma perícia em descortinar as intenções

do autor. Mas, por vezes, era ludibriado e o enredo tomava um rumo completamente diferente. As vezes em que isto acontecia e se sentia frustrado eram amplamente compensadas por aquelas em que descobria o desfecho, antes de este estar implícito na narrativa.

Embrenhado na leitura, não se apercebeu de que *Golias* já tinha seguido para casa, munido da cura para os seus males, e que *Barth*, já acordado, mastigava um *snack* que lhe tinham dado. Enquanto o jovem pagava a conta, a sua companheira, com o cachorro nos braços, aproximou-se de Francisco para se despedir:

— Adeus! Até outro dia. Tudo de bom para si e para a sua menina.

— Ah, desculpe. Estava distraído com a leitura. Já vão? Não se passava nada de grave com o seu cachorro?

— Não! Veio só para a vacina. Deram-lhe um petisco para comer e nem senti nada. Só pensa em comer! É um verdadeiro aspirador. Dizem que esta raça é assim. Não controla o apetite...

— A minha vem pela primeira vez! Penso que será vacinada. Mas ainda sou novo nisto. Não tenho a certeza. Vamos ver como se porta!

— Vai portar-se bem, com certeza! A veterinária é muito afetuosa. E a sua menina é um amor. Olhe para ela a dormir! Parece um anjo!

— Um diabo com asas de anjo! — gracejou Francisco, mal escondendo o orgulho que sentia por a sua cadelita ser tão elogiada.

Despediram-se de seguida, mas Francisco não teve tempo para se adiantar na página, pois a rececionista abordou-o de imediato.

— A *Luana* pode entrar, senhor Francisco. A doutora está à sua espera.

Fechou rapidamente o livro, entalou-o debaixo do braço e pegou cuidadosamente na cadela adormecida. Ela acordou estremunhada, espreguiçou-se e distribuiu-lhe lambidelas pela cara, em jeito de cumprimento.

Seguiu a rececionista até ao consultório e foi recebido efusivamente pela veterinária de serviço:

— Bom dia, senhor Francisco. Ora aqui está a *Luana*. Que coisa mais linda! — cumprimentou, enquanto lhe retirava a cadelita do colo. — Vou começar por pesá-la.

Francisco sentia-se admirado pela velocidade dos acontecimentos. A sua cabeça ainda navegava, confusa, pelo espanto por a médica veterinária já saber o seu nome e o da cadela, já esta lhe tinha sido retirada dos braços, para ser colocada na balança digital, em cima da bancada polida, junto ao lavatório.

— Bom dia! — respondeu atabalhoadamente, com a clara noção de que estava a parecer um pouco alienado.

— Olhe, senhor Francisco. A sua menina já pesa um quilo e meio! Está crescida!

— Ah! E isso é bom, certo?

— Sim! É ótimo! Mas este é o primeiro registo de peso que temos. A partir daqui, vamos acompanhar o seu crescimento e concluir se está a evoluir de

maneira correta. Mas ela parece estar muito saudável, não diz mal do trato! — gracejou a doutora Alexandra, assim identificada por um pequeno cartão pendurado no decote da sua túnica.

— Ela ainda está comigo há poucos dias. É a primeira vez que temos um cão em casa. O que conheço de cães é só aquilo que aprendi como treinador de cães-polícia. Mas só os treinava. Não os tinha a dormir no colo, ou a roer-me os chinelos. Nem eram amostras de cão, como esta. Eram, sobretudo, pastores-alemães.

— Ah, o senhor Francisco treinou cães-polícia! Que interessante! Um dia, tem de me contar mais pormenores — surpreendeu-se a médica veterinária, enquanto registava o peso de *Luana* no computador portátil.

A médica veterinária iniciou, de seguida, a avaliação de *Luana*. Tinha o cabelo preso num coque rebelde, em equilíbrio precário devido à velocidade com que se movimentava. Envergava uma túnica de manga curta, num tecido estampado com gatos em posições acrobáticas, que emparelhava com as calças verdes, presas à cintura por um cós elástico. A rodear o pescoço tinha um estetoscópio azul, do qual pendia um pequeno macaco de peluche sorridente. Do bolso da túnica espreitavam duas canetas, uma tesoura e um lápis. Tinha um rosto jovial, sem maquilhagem, exceto o discreto risco preto que lhe realçava os olhos castanhos. Aparentava rondar os trinta anos.

Nisto tudo reparou Francisco enquanto a médica forrava a bancada fria com uma mantinha macia e instalava *Luana* naquele pequeno oásis, onde não faltavam sequer biscoitos. De início, a cadelinha estava muito tímida, encostada a Francisco, procurando proteção nele para aquela situação desconhecida. Isso comoveu-o e deixou-o, ao mesmo tempo, orgulhoso: sentia alguma satisfação em ser o seu porto de abrigo. Rodeou-a com os braços apoiados na bancada, para que sentisse nesse pequeno espaço um nicho familiar. Sentia o seu corpito tremer, não de frio, mas de apreensão.

Ao fim de poucos minutos, começou a ganhar coragem e a aceitar os presentes comestíveis da veterinária.

— Bem, senhor Francisco. A sua menina tem uma saúde de ferro! Sabe se ela já foi desparasitada?

Como este não respondeu e pareceu ficar confuso, a médica veterinária acrescentou:

— Se já tomou algum comprimido para os parasitas do intestino.

— Desde que está comigo, não tomou nada. Mas não sei se a Emília, a amiga da minha mulher, que foi quem nos deu a *Luana*, lhe deu alguma coisa.

— E o senhor conhece os pais da *Luana*?

— Conheci, no dia em que a fui buscar.

— Pareciam bem cuidados?

— Ah! Sem dúvida!

— Bem, mesmo assim, como não há certezas, vamos considerar hoje a primeira

dose. E como não devemos iniciar o esquema vacinal sem ter feito, pelo menos, uma desparasitação, marcamos um dia, na semana que vem, para que ela leve, então, a primeira dose de vacina — sentenciou, enquanto lhe colocava o desparasitante na boca e esta o engolia contrafeita.

— E não a posso levar à rua até estar vacinada?

— Poder pode, mas com alguns cuidados. Não a deve colocar no chão em locais onde possam ter estado outros cães cujo estado sanitário é desconhecido. Mas deve sair com ela, para que sociabilize, mantendo-a ao colo. Com o tamanho que tem, não é difícil! — gracejou, sorrindo e pegando mais uma vez na cadelita ao colo. Esta, que foi relaxando ao longo da consulta, estava mais confiante, derretendo-se no seu colo, tentando lambe-lhe a cara enquanto agitava freneticamente a cauda. Os biscoitos, amavelmente oferecidos, tinham sido consumidos só em parte — a desconfiança que ainda tinha levavam-na a ser cautelosa.

Falaram um pouco mais sobre as restantes necessidades de *Luana*, desde a alimentação à sociabilização. Esclarecidas as dúvidas, despediram-se e Francisco saiu do consultório com um aceno de cabeça como derradeira despedida.

Passou pela receção, onde a jovem rececionista o aguardava para receber o pagamento da consulta. Utilizou o cartão multibanco, digitou o código com alguma dificuldade, para que *Luana* não lhe caísse do colo, marcou a visita da semana seguinte e despediu-se dos presentes na sala de espera:

— Então, boa tarde a todos e as melhores dos que estão doentes!

Passou as portas automáticas, ouvindo o coro de despedidas atrás de si.

Há muito, muito tempo que não se sentia tão feliz.

*

22 de abril de 1975

Guilherme desapareceu durante uma penosa e longa semana. Tinham estado juntos nesse domingo, haviam passeado por Sintra, andado de charrete e comido traveseiros numa famosa casa de chá. Depois, almoçaram numa esplanada em Colares, com vista para o palácio da Pena. Passaram a tarde a passear à beira-mar, e, quando começara a choviscar, procuraram abrigo no carro de Guilherme. Ficaram em silêncio a ver as gotas da chuva a fustigar o para-brisas, conforme iam engrossando, sob um céu da cor do chumbo. Os chuviscos transformaram-se em tempestade e os relâmpagos iluminaram o entardecer, num festival de luz desgarrada que cruzava o céu, parecendo abrir caminho para o infinito. Com a cabeça pousada no ombro de Guilherme e os dedos de ambos entrelaçados, numa união de carinho, Luísa apercebeu-se novamente de que era feliz. Sem precisarem de falar para saberem o que cada um sentia nesse momento, Guilherme tocava-lhe

no queixo, levantava-lhe a cabeça e beijava-a, e Luísa sentia medo. Medo de que aquela sensação de felicidade infinita não durasse para sempre. Porque nunca tinha sido tão feliz! Nunca se tinha sentido tão amada! Nunca se amara tanto a si própria! Nunca amara ninguém de forma tão arrebatadora! Nunca se atrevera a imaginar que fosse possível sentir... sentir... sentir...

Quando se despediram à porta de casa, já perto da meia-noite, combinaram encontrar-se no dia seguinte, depois do trabalho, no sítio habitual. Luísa entrou no átrio do prédio e acenou, despedindo-se com um sorriso, para logo em seguida a porta se fechar atrás de si.

Segunda-feira, às seis da tarde, Luísa arrumou a secretária e saiu do escritório para o encontro habitual. Pela primeira vez, Guilherme não estava à sua espera. Luísa esperou, esperou por mais de duas horas, mas ele não apareceu. Ficou extremamente preocupada, convencida de que alguma coisa teria acontecido. Resolveu voltar para casa e esperar que ele a contactasse, pois não tinha o seu número de telefone. Nunca lhe havia ocorrido que viesse a ser preciso.

Chegou a casa desolada, com um frio no estômago que não conseguia explicar, mas que era um presságio de que algo tinha mudado, irremediavelmente. Só não sabia o quê. Misericordiosamente, Francisco não estava em casa. O alívio que sentiu não foi suficiente para atenuar o medo irracional que lhe gelava as entranhas. Deixou-se ficar sentada na cama, pois não queria deparar com o marido, caso este chegasse entretanto. Não conseguiu comer, nem teve energia para tomar banho e trocar de roupa. Mantinha-se à escuta, para o caso de o telefone tocar, esperançada de que Guilherme a tentasse contactar.

Quando, finalmente, o trinado do aparelho ecoou por toda a casa, Luísa não conseguiu evitar dar um salto, o coração a bater recordes de batimentos por minuto. Olhou para o relógio e constatou que eram quase onze da noite. Voou até à sala, onde o aparelho vibrava em cima da mesinha de apoio. Levantou o auscultador, e, não conseguindo evitar que as mãos lhe tremessem tanto, tornava-se difícil equilibrá-lo no ouvido.

— Estou? — perguntou num esgar, a voz a traí-la, denunciando o seu nervosismo.

— Luísa? — A voz do outro lado era inconfundível, mas a forma como saía sussurrada denunciava o nervosismo do seu emissor.

— Guilherme! Está tudo bem? Estava tão preocupada!

— Desculpa! Peço tanta desculpa, Luísa! Espero que não tenhas ficado muito tempo à minha espera! Estou com sérios problemas em casa. Na próxima semana, não vou conseguir estar contigo. Desculpa, também me está a custar horrores!

— O que aconteceu? Problemas com a Clara? Vá lá, Guilherme! Não me deixes nesta incerteza, por favor!

— Não só com a Clara, mas também com os pais dela. Alguém lhes foi dizer o que está a acontecer connosco. E agora estão a tomar as dores da filha. Vieram, sobretudo, chantagear-me. Tenho de acalmar os ânimos nos próximos dias, para

assentar ideias e ver como posso resolver a situação.

— Assentar ideias? Que queres dizer, Guilherme? Tens de ser mais claro!

— Neste momento, não sei nada, Luísa! Desculpa, mais uma vez... — disse Guilherme, num fio de voz, que ia sumindo até ser quase impossível ouvi-lo.

Luísa estava muito apreensiva. Algo lhe dizia que Guilherme iria, a qualquer momento, terminar a relação. E ficava com falta de ar só de pensar nessa possibilidade. Mas era demasiado orgulhosa para revelar os seus sentimentos. Desde que conhecera Guilherme, aos poucos, tinha começado a manifestar carinho e amor; porém, agora que a sua intuição a deixava em alerta total, sentia-se novamente a retrair-se, a virar-se para si mesma.

— Bem, Luísa... tenho de ir... nos próximos dias não darei notícias! Em breve ligo, para nos encontrarmos e falarmos pessoalmente. Só te peço que tenhas um bocadinho de paciência comigo.

Luísa não respondeu, mas estava colada ao telefone, incapaz de reagir.

— Amo-te, Luísa!

E desligou, semeando uma réstia de esperança no seu coração destrozado.

A semana passou sem que houvesse qualquer contacto entre eles.

Luísa funcionava em piloto automático: dormia pouco, acordava de madrugada, ia trabalhar e voltava, sem se lembrar, propriamente, do que tinha acontecido durante o dia. Não comia como deve ser e começava a notar-se a sua extrema magreza, as olheiras escuras e a pele macilenta.

Francisco estava em casa quando ela chegou, nessa sexta-feira. Olhou-a surpreendido, não só por ainda ser cedo, como também pelo seu aspeto adoentado. Baixou os olhos assim que ela retribuiu o olhar, mas ficou convencido de que algo se passava. Nos últimos tempos tinha andado tão altiva, tão segura se si, sempre elegantemente vestida e penteada. Tudo parecia diferente nesse dia.

Ela foi para o quarto sem dizer nada e fechou a porta assim que entrou. No dia seguinte, sábado, deixou-se ficar na cama até tarde, simplesmente porque não tinha energia para se levantar. Além de que não queria encontrar Francisco. Quando já lhe doía o corpo por tantas horas imóvel, levantou-se decidida a sair um pouco de casa — que mais não fosse, para não ter de encarar o marido, que, com certeza, se regozijaria com o possível fracasso da relação. Porém, ele não estava em casa, assim como não esteve durante o resto do fim de semana.

No domingo à noite, o telefone tocou. Luísa sentiu-se gelar, num misto entre esperança e apreensão. Atendeu, nervosa, num esforço gigante para manter firme o tom de voz.

— Estou! Quem fala?

— Sou eu, Luísa! O Guilherme. Tenho pouco tempo. Podemos encontrar-nos amanhã, às seis, no local habitual?

— Sim. Pode ser — concordou, tentando parecer indiferente, apesar da euforia que sentia ao pensar que no dia seguinte voltariam a estar juntos.

Não queria criar demasiadas expectativas, mas, se se iam novamente encontrar,

era porque nem tudo estava perdido. Talvez tentassem encontrar juntos uma saída para a situação em que Guilherme se encontrava.

Luísa percebeu que assim não seria quando o viu sair do carro.

Guilherme deu-lhe um beijo rápido na face e encaminhou-a para o lugar do pendura, abrindo-lhe cavalheirescamente a porta.

— Estás bem, Luísa?

Ela não respondeu. Sentia que o seu mundo começava a desmoronar-se naquele momento, agora, talvez, de forma absolutamente irreversível.

— Bem, Luísa... A minha vida deu uma grande volta na última semana. Não há como o dizer de uma forma mais leve, que te poupe sofrimento. Antes de começar, porém, quero que saibas que nunca te enganei quando te disse que te amava. Vivi contigo os melhores momentos da minha vida. Adorei cada minuto que passei contigo e fazia tudo de novo! E se a minha vida fosse diferente, não tenho dúvida de que era contigo que queria passar o resto dos meus dias.

Guilherme falava num sussurro, ombros descaídos, uma longínqua sombra da pessoa confiante, afável e bem-disposta que deixara Luísa à porta de casa uma semana antes.

— Lamentavelmente, a minha vida não é o que eu queria que fosse. Talvez me considere covarde e tenha toda a razão. Eu próprio me condeno por isso. E vivo torturado pelos meus próprios pensamentos. E pelas minhas decisões.

Por essa altura, Luísa passara a fixar o olhar no horizonte, mordendo os lábios, tentando conter as lágrimas, concentrando-se no espetáculo de cor à sua frente. O sol já tinha desaparecido no horizonte e as cores projetadas seguiam-no, como se se escoassem por um ralo de esgoto. O céu ia ficando mais escuro, como mais escura, também, ia ficando a sua mente.

— Estou de partida para a Venezuela, Luísa. Nos próximos dias. Toda a minha vida vai mudar para lá. Sem previsão de regresso.

Guilherme debitou esta informação rapidamente, sem parar para retomar o fôlego, libertando-se de um pesado fardo.

Luísa abriu a porta do carro e saiu. Ele pediu-lhe que esperasse, que aguardasse mais um pouco, que tentasse compreender. Ela não fez nenhuma dessas coisas.

Nunca mais se voltariam a ver.

XIII

10 de agosto de 2005

Quando Francisco chegou a casa, Luísa estava na cozinha. Um tacho fumegava no fogão e o cheirinho a especiarias invadia o ar. Francisco aspirou profundamente aquele odor, com o estômago a reclamar. Os aromas dos cozinhados de Luísa abriam-lhe o apetite.

Luana, que saltitava ao seu lado, correu para a cozinha, empinando-se nas pernas de Luísa e equilibrando-se nos membros posteriores. Ela inclinou-se para a acariciar.

— Então? Deram-te uma pica? Doeu muito?

Parecendo compreender a preocupação, a cadela sentou-se, fitando-a intensamente. Luísa surpreendeu-se com a sua capacidade para corresponder ao contexto da conversa. Era como se lhe entrasse na mente e conseguisse vislumbrar os seus pensamentos mais escondidos. Quando ela a olhava daquela forma, sentia-se despida, exposta, sem privacidade. Aquele olhar trespassava-a até ao mais profundo do seu âmago.

— Então, mulher! Estás a dormir?

Francisco estava à entrada da cozinha, apoiado na ombreira da porta.

Luísa foi arrancada às suas divagações. Ainda não sabia qualificar muito bem os seus sentimentos por *Luana*. Ela era esperta, amorosa, brincalhona. Uma lufada de ar fresco naquela casa estagnada pelos dissabores da vida, pelo passar do tempo. Mas a sua presença significava uma alteração radical nas rotinas, e Luísa ainda não sabia se estava disposta a tanta mudança, mesmo que positiva. Até ali, tinha-se sentido um autómato, seguindo a torrente dos acontecimentos, sem lutar contra ela. Será que estaria disponível para o continuar a fazer? Ou começaria a sentir-se sobrecarregada pela mudança, incapaz de corresponder às novas necessidades de uma família de três?

— Ah, estava distraída! Queres almoçar já? Estive a fazer ervilhas com ovos.

— Bem me parecia que era a isso que me cheirava. Já tinha saudades dos teus cozinhados.

— Vamos ver como ficou. Acho que já perdi a mão para a cozinha.

— Não acredito nisso. Cozinhar é como andar de bicicleta — gracejou Francisco —, nunca se esquece!

— Como correu a vacina?

— Ainda não começou. Foi desparasitada, porque, pelos vistos, não deve iniciar as vacinas sem ter feito uma dose de desparasitação.

— Explica lá isso melhor.

— Tomou um comprimido para as lombrigas.

— Ah! Percebi!

Luísa tinha começado a pôr a mesa. Esticou a toalha branca com motivos florais e alisou-a com as mãos. Como era um pouco grande, as pontas ficavam penduradas quase até ao chão. *Luana* começou a rosnar em tom de brincadeira e puxou-a com os dentes. Esta deslizou pelo tampo da mesa e aterrou em cima da cadela, que começou a correr pela cozinha, cega, como um fantasma florido.

Luísa correu em seu socorro, tentando apanhar a ponta da toalha. As dores ósseas crónicas teimavam em aparecer nesses momentos, retirando-lhe agilidade. Depois de falhar três vezes, conseguiu segurá-la entre os dedos, permitindo que *Luana* voltasse a ver. Colocou novamente a toalha na mesa, depois de a sacudir de forma enérgica.

— Será possível que esta cadela não faça nada direito? Parece um furacão em forma de cão! Está quieta um bocadinho! — ralhou, de forma pouco convincente, pois não conseguiu esconder o sorriso que lhe aflorou aos lábios, apesar de pálido.

Francisco continuava encostado à porta, observando a cena, também ele disfarçando um sorriso. Acalmados os ânimos, juntou-se à mulher para a ajudar, retirando os pratos e os copos do armário e distribuindo-os pela mesa. Abriu a gaveta para tirar os guardanapos de pano, que faziam conjunto com a toalha. Ia simplesmente pousá-los ao lado dos pratos, quando se lembrou de outra coisa que tinha aprendido em jovem. Dobrou e voltou a dobrar as pontas, até que, de cada guardanapo, surgiu a figura de um pássaro, semelhante a *origami*. Encavalitou a sua obra-prima em cima dos copos da água, parecendo que a ave voava em direção a lado nenhum. Sentia-se inspirado!

Luísa mexia as ervilhas com a colher de pau, indiferente à criação artística que acontecia atrás de si. Quando se voltou para levar a panela para a mesa e viu o que o marido tinha feito, ficou embasbacada, imóvel, observando o voo imaginário dos dois pássaros, num misto de admiração e incredulidade.

— O que é que te deu, homem? Estás inspirado. Primeiro o desenho e agora isto. Até me dá pena limpar aí a boca!

— Lembrei-me disto, assim de repente. Também sei fazer barcos. Faço noutro dia.

Sentaram-se a comer, sem grandes conversas. A cadela havia-se enroscado no tapete e dormia como um anjo. Saborearam a refeição, deleitando-se com aquela invasão de sabores e aromas. Era verdade! Luísa sempre cozinhará como uma *chef*.

Apesar de, há muito, ter perdido a inspiração, naquele dia parecia ter recuperado mais aquele talento.

Terminaram a refeição com um café feito à moda antiga, mexendo energicamente a mistura do café com o açúcar e umas gotas de água quente, até se transformar uma pasta esbranquiçada, à qual adicionaram a restante água. Obtiveram uma bebida aromática e cremosa, que saborearam sem pressas. Arrumaram a cozinha e Francisco preparou-se para sair com a cadela, para que brincasse com os outros dois cães, conforme combinado na véspera.

Novamente sozinha, Luísa pensou em voltar ao tricô. Foi para a sala, ligou a ventoinha, dirigiu o fluxo de ar na sua direção e sentou-se na poltrona, rodeada por lãs e agulhas. Mesmo com a quantidade que tinha desfeito, já tinha uma boa parte do trabalho adiantado. Afastou de si o intricado entrelaçado de fios e ficou a observá-los de longe, apreciando a sua obra. Estava satisfeita e sentia-se estranhamente realizada. *Luana* iria ficar confortável, durante o inverno, quando a aconchegasse na manta quentinha de sua autoria.

Nesse momento, foi assolada por uma grande vontade de falar com o filho. Ainda não lhe tinha dado a novidade da existência da cadelita. Talvez passasse a visitá-los mais vezes, ele gostava de animais! Até já lhe tinha constado que ele tinha duas gatas e que alimentava alguns cães vadios. Não que ele lho tivesse dito diretamente. Mas subentendera-o durante algumas discussões. Ela nunca dera importância, porque nunca ponderara incluir um animal no seu núcleo familiar. Não que lhes tivesse aversão, mas era-lhe simplesmente indiferente.

Quando jovem, depois do regresso a Lisboa, Nuno chegou a sugerir que adotassem um cão ou um gato. Na altura, Luísa não dera importância ao pedido; nem sequer parara para pensar no assunto. Mas agora que a sua mente teimava em passar em revista o passado, recordou que os tios de Vila Real tinham cães e gatos que vagueavam pelas redondezas, mas que eram acolhidos em casa quando queriam descansar. Nas vezes que lá foi visitar o filho, era frequente, reparava agora, encontrar cães enroscados no tapete, ou gatos a dormirem confortavelmente nas cadeiras almofadadas. A cozinha era antiga e tinha uma grande lareira, acesa durante todo o outono e inverno. Não só aquecia a casa, como permitia cozinhar em panelas enegrecidas pelo fumo, dependuradas sobre o fogo em suportes de ferro. Tanto cães como gatos se refastelavam ociosamente, usufruindo do conforto térmico proporcionado por aquele lugar.

Lembrava-se também de uma grande mesa de refeições, bordeada por cadeiras de palhinha, na qual os livros escolares de Nuno estavam abertos e espalhados pela superfície, trabalhos suspensos no tempo, lápis coloridos animando a monotonia dos currículos escolares da época. Pensava, agora, que tinha desenvolvido uma cegueira conveniente. Era uma forma de se proteger do ciúme doentio que sentia quando tomava consciência da forma como o filho passara a pertencer àquele local.

Decidida a ligar a Nuno, Luísa pousou o tricô e as agulhas para alcançar o telemóvel que estava na mesinha de apoio. Marcou o número de forma insegura,

ou porque estava nervosa, ou devido às articulações artríticas, talvez as duas. Deixou tocar até a chamada ir para o *voice mail*. O costume. O filho raramente atendia. Sentiu um misto de desapontamento e alívio, pois o mais certo era que Nuno mostrasse indiferença pela novidade. E ela não deixaria de se sentir desiludida com isso. Mas nunca o iria dizer. Teria até dificuldade em o reconhecer para si própria.

Voltou ao tricô, as mãos a movimentarem-se, atarefadas, em torno das agulhas, as costas curvadas sobre o crescendo da manta, os óculos a escorregarem pela cana do nariz. De quando em vez, ajeitava-os com as costas da mão para voltar a focar adequadamente a sua obra, mas a maior parte dos movimentos eram automáticos, dispensando acuidade visual.

Estava tão embrenhada nos seus pensamentos que, quando o telefone tocou, não conseguiu evitar dar um salto da poltrona. Pegou-lhe atabalhoadamente, mas este escorregou-lhe das mãos e aterrou em cima do tricô. Apressou-se a voltar a pegar-lhe e atendeu, expectante:

— Estou?

— Sim, mãe. Sou eu. Tinha uma chamada sua!

— Ah! Olá, filho. Sim. Liguei.

— Então? Precisa de alguma coisa?

— Queria dar-te uma novidade. Eu e o teu pai agora temos uma cadela.

— Uma cadela? Uma cadela a sério?

— Sim. Ainda bebé. Tens de vir cá conhecê-la!

— Como assim? A mãe nunca quis ter animais. O que vos deu agora?

— Nunca calhou! Mas uma amiga minha tem um casal de cães que tiveram filhotes. E ela quis que eu ficasse com um.

— E pensaram bem no assunto? É que um animal é um compromisso sério. Não se pode deitar fora quando nos fartamos dele.

Um silêncio prolongado e incómodo permaneceu na linha telefónica. Era aquela a impressão que Nuno tinha da mãe! Alguém que descartava da sua vida aquilo que já não lhe servia qualquer propósito.

— Pois bem, não pensámos muito no assunto, mas agora está feito. E contra factos, não há argumentos. A cadela vai cá ficar enquanto viver. Lamento que essa seja a tua opinião em relação aos teus pais — ripostou Luísa, o tom de voz alterado, não conseguindo disfarçar a irritação.

— Desejo muita sorte a esse animal.

E desligou, deixando a mãe estática, com o telefone mudo no ouvido.

XIV

18 de dezembro de 2005

Luísa acordou com uma sensação húmida e viscosa na cara. Abriu os olhos, estremunhada, e deparou com a língua cor-de-rosa de *Luana*, pendente da sua boca aberta, em jeito de sorriso canino. As comissuras labiais reviradas para cima, os pequenos dentes tortos expostos e os olhos brilhantes e atentos conferiam-lhe um ar adoravelmente demoníaco, de *Joker* travesso.

— Está quieta! Ouviste? Quieta! — debatia-se Luísa, tentando, freneticamente, limpar a cara com as costas da mão. — Cada vez tens menos juízo!

Como resposta, a cadela começou a correr à volta da cama, fintando as mãos desajeitadas de Luísa, que se afadigavam na tentativa de a apanhar e pôr termo àquele acesso de loucura. Tal foi o desatino, que se abeirou imprudentemente da beira da cama, escorregou e acabou por cair de costas no chão do quarto, soltando um uivo esgançado — em parte por se sentir assustada e em parte, também, por efetivamente se ter magoado.

Indo desencantar força sabe-se lá onde, Luísa saltou da cama, indiferente às dores crónicas que sentia ao acordar e que lhe exigiam um ritual diário de estiramentos e alongamentos antes de abandonar o leito. Abeirou-se do animal, receosa do que iria encontrar, a sua mente assolada por imagens pessimistas de lesões graves, ou mesmo de morte.

— Ai, ai, ai! Mas que desastrada! Francisco! Francisco! — gritou, aflita, enquanto hesitava tocar na cadela, com medo de agravar uma possível lesão.

Mas já esta se levantava, surpreendida com o acontecido e mais ainda pela aflição de Luísa, gritando pelo marido a plenos pulmões.

Francisco surgiu, de súbito, também ele assustado, tentando descortinar o motivo da gritaria, antecipando a visão da mulher caída no quarto. A sua entrada foi acompanhada por um cumprimento esfuziante de *Luana*, que começou a saltitar alegremente à sua volta. Baixou-se para lhe pegar ao colo, afagando-lhe as orelhas, enquanto observava atentamente a mulher, em pé à sua frente, lívida, olhos esbugalhados, incapaz de dizer uma palavra.

— Ai, Luísa! Que susto me pregaste! Que aconteceu?

Luísa demorou a responder, parecendo confusa, observando ora a cadela ora o marido.

— Ela, ela, ela... caiu da cama. Estava louca... a fazer corridas de um lado para o outro. Caiu de costas e ganiu. Pensei que tinha partido a coluna ou, mesmo, morrido...

A aflição de Luísa era evidente. O medo que sentira era notório. Francisco não conseguiu evitar ter pena de Luísa. Pena e orgulho, ao mesmo tempo. *Luana* fazia parte da família havia quatro meses. Estavam em dezembro, quase Natal. O frio e a chuva tinham substituído o calor de agosto. O período de adaptação, após a sua adoção, tinha passado e esta passara a ser a rainha da casa. Roera chinelos, sapatos, pernas de mesa e cadeiras. A mobília passara a ter um entalhe refinado, esculpido pelos dentinhos de leite, numa primeira linha, e depois pelos dentes definitivos, numa linha superior, conforme a troca de dentes foi acontecendo, acompanhada do crescimento físico. O seu aspeto foi sofrendo a transformação natural, as formas mais alongadas, o perímetro abdominal mais proporcional, a pelagem perdendo a textura lanosa de cachorra e ficando mais sedosa e brilhante.

O tempo passou e *Luana* aprendeu todos os ensinamentos, assim como todas as manhas. Compreendeu os limites impostos, assim como o melhor que poderia retirar de cada um deles. Era persistente até conseguir atingir os seus objetivos. Nenhum dos dois resistia ao seu charme, à sua expressão desolada quando lhe ralhavam, à forma como implorava misericórdia com o olhar, observando-os sob as ruivas pestanas compridas. Irradiava uma alegria contagiante com as coisas mais simples, da forma que só os cães conseguem sentir. Ficava alegre porque acordava, porque ia dormir, porque lhe davam comida, porque a levavam à rua, porque voltava para casa, porque fazia sol, porque chovia, porque estava vento, porque iam de carro, porque iam a pé, porque brincavam com ela, porque brincava com os outros, porque recebia um brinquedo novo, porque inventava com o que brincar, porque recebiam visitas, porque estas se iam embora, porque, porque, porque sim.

Francisco dava por si a pensar que era preciso tão pouco para a fazer feliz. E isso era inspirador. Ele próprio tinha passado a ver a vida de outra forma. Observava o passar das estações, as folhas que caíam, as flores que nasciam, os frutos que cresciam, os pássaros nos ninhos, a azáfama dos pais para os alimentarem. Inspirava profundamente os aromas adocicados das flores, os odores dos cozinhados que emergiam das janelas dos vizinhos e que o faziam salivar, o cheiro do café acabado de fazer. Emocionava-se com as manifestações de afeto dos namorados, dos pais e dos filhos, dos tutores e dos seus animais. Dera por si a chorar quando o cão velhote do vizinho falecera durante o sono. Não se conseguira conter quando este lhe dera a notícia, entre lágrimas. Questionava-se se estaria a ficar lamechas. Tinha-lhe sido incutida a convicção de que os homens não choram. Mas ele chorara, solidário, e não se envergonhara disso.

Gostava dos contornos da sua nova vida. As emoções faziam-no sentir-se vivo e a relação com Luísa também evoluíra. Não que estivessem propriamente enamorados, mas conviviam como nunca: em paz, conjugando esforços, juntos, com objetivos comuns. Apesar de a mulher continuar a ser rezingona, implicativa, incapaz de tecer um elogio ou dificilmente concordar com a sua opinião, cuidava dele, zelava pelas suas necessidades, pela sua saúde, pelo seu bem-estar, de uma forma como nunca tinha feito. Discretamente, sem dúvida, mas ele quase arriscava dizer que com afeto. E parecia, aos poucos, estar ela própria a amolecer. A frequência com que os seus acessos de mau feitio aconteciam era cada vez menor. Passava muito mais tempo calada, introspetiva, mas presente, cooperante, ativa.

— Então, homem. Estás a dormir? Vê lá o que achas. Ela parece-te bem? — interpelou Luísa, arrebatando o marido às divagações em que ele tinha mergulhado.

— Hã? Sim. Parece-me bem. Então não vês que anda aqui a saltitar toda contente?

— Não é melhor levá-la ao veterinário? E se tem alguma lesão interna? Já viste se ela ficasse paralítica? Tão novinha! Sem poder correr e saltar, como ela tanto gosta!

— Descansa, mulher! Ela está ótima. Ainda não é desta que ganha juízo!

— Bem, se achas que ela está bem, fico mais descansada. Mas apanhei cá um susto! É completamente destrambelhada. Algum dia magoa-se a sério!

Luísa sentou-se na cama, pernas penduradas, pois a sua pouca altura não lhe permitia chegar com os pés ao chão. Ficou, por momentos, a baloiçá-las, distraidamente, suspirando de alívio. Francisco aproximou-se com a cadela nos braços:

— Segura-a por um bocadinho. Vou tirar o avental para a levar à rua.

— Estás a cozinhar? Cheira bem — disse Luísa, aceitando a cadela e tentando mantê-la sossegada no colo. Só nesse momento constatou que o marido tinha vestido um avental seu, em tons de vermelho, com grandes corações entrelaçados e folhos a debruvar o contorno, no qual limpava as mãos enfarinhadas.

— Mais ou menos. Estive a cozinhar uns biscoitos para cão. Foi aquela miúda... a que te descrevi... que tem aquele *cocker*... que costuma brincar com a nossa... que me deu a receita. É que ela faz hoje seis meses.

— Que dia é hoje?

— Nem sabes a quantas andas? Dezassete de dezembro. Segundo a Emília, ela nasceu a dezassete de junho. Lembras-te? Foi o que ela nos disse, quando cá veio a casa, para a ver.

— É verdade! Seis meses. O tempo passa a voar. Mas o que cheira tão bem, são os biscoitos para cão?

— Deve ser, porque não fiz mais nada. Mas estão a sair do forno. São feitos com farinha, iogurte e maçã. Sem açúcar, claro!

Luísa sorriu. A figura do marido, de avental com corações, a cozinhar biscoitos

para cão era, no mínimo, ridiculamente ternurenta. Entregou-lhe a cadela em troca do avental e ficou a observá-los enquanto saíam do quarto para o primeiro passeio do dia.

Antes de sair, Francisco vestiu o casaco e apertou-o bem no pescoço. Estava um dia límpido mas frio. Teve a luta diária habitual, desde que o verão dera lugar ao outono, para vestir um agasalho à cadela. Optou por uma capa acolchoada, vermelha, com motivos natalícios. Luísa tinha cedido à tentação de comprar numa loja de animais na última vez que tinham ido ao centro comercial. Francisco compusera um ar crítico pela compra desnecessária, mas acabara por achar que ela ficava muito airosa, assim tão natalícia.

O passeio foi rápido, uma vez que Francisco queria voltar para casa para tirar os biscoitos do forno. Já o tinha deixado desligado, mas com os biscoitos lá dentro, para que arrefecessem lentamente e não encolhessem muito. Ainda os queria decorar, cobrindo-os com iogurte e pedaços de maçã. Era um exagero e, com certeza, a cadela não daria importância à beleza das bolachas. Só lhe interessaria o sabor e, talvez, o aroma. A parte artística era, no entanto, importante para si. Sentia-se inspirado e motivado em fazer um bom e bonito trabalho.

Ao entrar em casa, ouviu Luísa a falar ao telefone. No início não ligou, mas depois percebeu que ela estava alterada, a falar bastante mais alto do que era habitual. Apurou o ouvido e percebeu que a discussão era com Nuno. Não compreendeu o exato teor da conversa, mas conseguiu perceber que discutiam por causa do Natal.

Todos os anos era a mesma coisa. Luísa alimentava a expectativa de reunir a sua parca família de três pessoas para a consoada. Mas nunca a conseguia concretizar. Nuno esquivava-se quase sempre de jantar com os pais no dia 24, ou almoçar no dia 25 de dezembro. Normalmente, a mesa da sala era decorada no dia 1 de dezembro, com caras toalhas bordadas com motivos natalícios e durante todo o mês era recheada com iguarias tradicionais. Filhoses, coscorões, rabanadas, pastéis, broas, nozes e figos secos aguardavam, expectantes, a visita de vizinhos, amigos ou familiares. Como isso raramente acontecia, os itens perecíveis eram distribuídos pelos conhecidos e o *stock* em exposição, renovado.

Luísa sempre dera muita importância ao Natal. Só descurara a tradicional mesa natalícia, com um mês de duração, nos piores anos da sua depressão. Francisco nunca compreendeu muito bem o motivo desta atitude, até porque acabavam por gastar desnecessariamente em produtos que ninguém consumia. Durante anos, presumiu que era a sua faceta católica que condicionava esta peculiar tradição familiar. Depois, convenceu-se de que era a sua faceta alimentadora que imperava. Mais tarde, atribuiu-a a uma soma das duas. Após aqueles anos em que assistira ao definhamento da mulher, acabando por se tornar um invólucro vazio de sentimentos, sem vontade própria, despersonalizada, Francisco desejou, secretamente, as mesas recheadas dos natais anteriores. Quando Luísa, ainda muito

fragilizada, voltou a decorar a mesa durante o mês de dezembro, Francisco interpretou-o como um sinal da sua recuperação. Mas essa recuperação nunca chegou na totalidade. Era como se a sua mente conturbada oferecesse tréguas, para que a casa recuperasse alguma normalidade, durante o último mês do ano.

Com um derradeiro grito de irritação, terminou a chamada.

Francisco esperou que Luísa aparecesse na cozinha durante quase uma hora. Retirou os biscoitos do forno, espalhou-os em cima da mesa e preparou-se para a decoração. *Luana* observava-o, interessada, aproximando-se, por vezes, para se empinar nas suas pernas, raspando-lhe as calças com a pata.

— Vais ter de esperar. Ainda não estão prontos — avisou, enquanto espalhava o iogurte na superfície dos biscoitos com uma espátula. Em seguida, cortou a maçã em pequenos pedaços, regou-a com umas gotas de sumo de limão, para que não oxidassem, e distribuiu-a, irmãmente, por cima do iogurte. Como achou que o resultado estava um pouco apagado, por falta de cor, lembrou-se de colocar uma framboesa em cada biscoito. Tinha algumas no congelador. O contraste do vermelho vivo com a alvura do iogurte deixou-o satisfeito. Afastou-se um pouco, como um artista que observava a sua obra.

Como *Luana* lhe raspava, insistentemente, as calças, ofereceu-lhe um dos biscoitos, para que o aprovasse. Ela não se fez rogada e comeu-o em três dentadas, lambendo os beijos besuntados de iogurte. O corante natural da framboesa pintou-lhe os lábios de vermelho-vivo. Francisco não conseguiu evitar rir-se: a cadela parecia ter sido vítima de uma tentativa frustrada de se embelezar, com um berrante batom de má qualidade.

Quando Luísa fez finalmente a sua aparição na cozinha, Francisco constatou que ela tinha os olhos vermelhos e inchados. Era óbvio que tinha estado a chorar. E o motivo também era óbvio. Mais uma discussão com o filho, muito provavelmente por causa do Natal. Entre eles, tudo era motivo para discussão.

— Viste o que estive a fazer? — perguntou, mais para a distrair da sua tristeza do que para exhibir os seus dotes culinários aptos a cães.

Luísa não respondeu, permanecendo calada durante mais uns minutos, atarefando-se na limpeza da cozinha. Descarregava a sua frustração na loiça suja, atirando-a para o lava-loiça e começando a esfregá-la com uma violência desnecessária.

— Cuidado, ainda partes alguma coisa!

— Deixa-me cá. Não vou partir nada — respondeu, limpando discretamente as lágrimas com o pano da louça.

Francisco, que já conhecia as reações descabidas da mulher, arrumou os biscoitos com iogurte numa caixa no frigorífico e colocou num prato, forrado com um pano com renda de bilros, os restantes, sem cobertura. Assim, poderiam ter na mesa de Natal algo que a cadela pudesse comer.

Deixou-a na cozinha, entregue à sua autopiedade, e sentou-se na poltrona, com *Luana* nos joelhos, a ler o jornal local que tinha sido deixado na caixa do correio.

Deu por si a olhar para as letras sem as interpretar, uma vez que estas se desfocavam, como se fossem meros borrões de tinta, dissolvendo-se em gotas de água. A sua mente viajou no tempo, buscando no passado a explicação para o relacionamento conturbado que tinham com o filho. Sem dúvida, as relações têm de ser construídas. E a débil ligação emocional entre eles era resultado de uma construção com graves erros arquitetónicos, que ruíra logo nas fundações. E não era possível recuperar aquilo que não tinha ficado suficientemente sólido e, como tal, se desmoronara, tijolo por tijolo, ao longo dos anos.

*

Nuno voltara a Lisboa meses depois do final da relação da mãe com o amante. A mãe, contudo, ainda permanecia de tal forma depressiva que o término poderia muito bem ter-se dado na véspera. Havia terminado o ensino primário no final de junho, mas permanecera com os tios até final de agosto, sob o pretexto de com eles passar as férias grandes, já que não regressaria à escola naquele lugar. Já estava mais crescido e autónomo. Perto da casa dos pais, tão perto que poderia deslocar-se a pé, existia uma escola preparatória. Na aldeia, em Vila Real, não havia escola perto e teria de se deslocar de autocarro. E esse tinha sido o plano desde o início. Fazia a escola primária com os tios, enquanto era mais pequeno e dependente, e depois voltava a Lisboa para o preparatório.

Francisco fora sozinho a Vila Real, pois Luísa não estava em condições de sair de casa. Desde aquele dia fatídico em que se encontrava a vegetar na cama, às escuras, só se levantando para atender as suas necessidades fisiológicas. Era Francisco que lhe levava a comida e que ela consumia de forma automática, forçando a ingestão por consideração pelo marido, que se revelou um cuidador exímio.

Tinham consultado um psiquiatra, mas Luísa nunca falou e foi Francisco que explicou que a mulher tinha sofrido um profundo desgosto, sem adiantar a natureza do mesmo. Não foi preciso, porque o médico, subentendendo aquilo que não foi referido, passou um atestado de baixa médica a ambos, solidário com a capacidade de perdão de Francisco e com o atroz sofrimento psicológico de Luísa.

Deste modo, Francisco esteve alguns meses sem trabalhar, dedicando-se ao cuidado da casa, e da mulher dependente. Agora regressava o filho. Estavam no fim de agosto e não podiam adiar mais o seu regresso: a desculpa de que ficava mais um tempo com os tios, por interesse dos próprios, começava a parecer descabida. Só que Francisco não queria que o filho voltasse para encontrar a mãe naquele estado, destruída, oca, amorfa. O ressentimento do rapaz em relação aos quatro anos que passara na província era já demasiado evidente. O vínculo afetivo com os pais era muito débil, para não dizer inexistente. O retorno, naquelas condições, não iria ajudar em nada.

A viagem de carro em direção a Vila Real foi libertadora. Todas aquelas horas

de solidão, por estradas secundárias, muitas vezes apertadas e em mau estado, através de vilas, cidades, campos e bosques, revelara-se um prazer que permitiu a autoavaliação, a introspeção, a meditação, a reflexão. Deixou a janela aberta para permitir que o vento lhe acariciasse a cara, lhe afagasse o cabelo, lhe limpasse o corpo e a alma, o renovasse, o revigorasse.

Que peculiar estava a ser a sua vida, tão diferente de tudo quanto imaginara. Casara para toda a vida, acreditando que seria o que Luísa também queria. Fora educado para ser o homem da casa, no sentido literal do termo, conforme as crenças da época. Como tal, a mulher devia obedecer-lhe, cuidar dele, assim como da casa e dos filhos, sem que a sua autoridade fosse questionada ou contestada. Mas o que acontecera? Luísa revelara-se inconformada, contestatária, rebelde, feminista, independente. E o mais estranho é que até achara piada a esta faceta da mulher. Nunca o admitira, mas aquelas mulheres submissas, sempre dispostas a servir a família, sempre o enervaram. Gostava mais daquelas que sabiam lutar pelos seus interesses, que desafiavam, que tinham vontade própria. Era verdade que Luísa conseguia ser desesperante. Sempre arisca, mordaz, implicativa, tirava a paciência a um santo. E ele não era nenhum santo. Mas havia algo nela que lhe prendia o interesse, e ele nutria por ela um afeto inexplicável. Já tinha deixado de se questionar sobre o assunto. Era o que era! Não havia hipótese de a mudar. E ele preferia tê-la como ela era do que não a ter de todo. Mesmo que para isso tivesse de ignorar a traição de que fora vítima. Mas ela voltara para ele, não voltara? Se é que poderia chamar Luísa àquele invólucro vazio em que se transformara. Só que poder cuidar dela, ser o seu porto seguro, tê-la na casa de ambos, dar-lhe tempo para se curar, tinha sido algo que o reconfortava (estranhamente, sabia-o), o fazia sentir-se útil e necessário. Talvez sofresse de alguma patologia do foro psiquiátrico. Isso não sabia. Porém, estava disposto a cuidar da mulher, independentemente dos sentimentos que ela nutria por ele.

Tinha tido algumas amantes, que teriam querido dedicar-lhe o seu afeto. Mas nenhuma delas era Luísa! Quando estas começavam a pedir mais do que o que Francisco lhes queria dar, iniciava o afastamento, começando a espaçar os encontros, a não corresponder às expectativas e acabando por, gradualmente, sair do relacionamento.

Sabia que sempre assim seria com ele. Contudo, receara, sempre, que a mulher o trocasse por outra pessoa. E esse receio levava-o a viver desconfiado, procurando, com afincos, indícios desse facto. Queria saber! Mas sempre com a vaga esperança de que esta suspeita nunca se viesse a confirmar.

Quando Luísa iniciara o relacionamento extraconjugal com Guilherme, Francisco sentira-se traído, ultrajado, vexado. A raiva que crescera dentro de si fizera-o desejar recorrer à violência física. Tolhido pelo ciúme, congeminara, para si próprio, formas de se vingar de ambos, apaziguando-se com a visualização de cenários em que Luísa lhe pedia perdão, lhe garantia ter sido um terrível erro e lhe implorava que a aceitasse de novo. Imaginava-se a rejeitá-la de forma ativa e ela a

apelar à sua compaixão, a admitir que o amava. Ele deixá-la-ia a marinar, fingindo ponderação e deixando subentendido que a sua decisão seria, muito provavelmente, da não reconciliação, porque o que ela fizera seria muito difícil de perdoar.

A felicidade que ela irradiara durante esse tempo e a indiferença para com o seu sofrimento desarmara-o por completo. A tristeza tomou conta do seu coração. A resignação foi o resultado e, durante esse período, apesar de sentir legitimidade para tal, não se relacionou afetivamente com ninguém, optando por se dedicar ao trabalho e aos treinos dos cães-polícia. O sentimento de solidão retirava-lhe toda a iniciativa, deixando-se arrastar de casa para o trabalho e do trabalho para casa, apático, desempenhando mecanicamente as tarefas que lhe cabiam. Quando acontecia cruzar-se com Luísa em casa, fazia um grande esforço para parecer despreocupado e dinâmico, para que ela não se apercebesse da tristeza que o consumia. Sentia-se humilhado ao ver que a felicidade de Luísa era inversamente proporcional à sua e esta realidade levava-o a sentir-se, também, inferiorizado. Por algumas vezes tentara até que ela pensasse que estava, também ele, a viver uma relação amorosa, não aparecendo em casa durante dias seguidos, ou regressando tarde do trabalho. Nunca surtiu qualquer efeito.

Quando ela aparecera em casa devastada, ele compreendera de imediato o que tinha acontecido. Em vez de se sentir aliviado, ou mesmo vingativamente satisfeito, fora assolado por uma compaixão inexplicável e a empatia motivou o cuidado com que tratou de providenciar toda a assistência de que ela precisou.

A inércia que sentira antes transformou-se em dinamismo e a sua energia foi canalizada para o cuidado da casa e das necessidades da mulher.

Aos poucos, Luísa fora voltando para si. Não a Luísa que tinha sido para Guilherme, feliz e amorosa, mas a de sempre, rezingona, rebelde, implicativa. Contudo, Francisco reconhecia uma centelha de agradecimento na forma como o olhava.

XV

20 de dezembro de 2005

Luísa entrou de rompante na sala e dirigiu-se à mesa natalícia. Reorganizou toda a decoração, substituiu alguns dos víveres por outros mais frescos, limpou as migalhas e dobrou os guardanapos. Estava claramente perturbada.

— Queres contar-me o que se passou? — inquiriu, disponibilizando-se para a ouvir.

— Não há muito para contar. É o mesmo de sempre. O nosso filho não quer passar o Natal connosco. Nem a consoada, nem o almoço de Natal, nada. Diz que prefere ficar em casa dele. E que se não vem cá jantar no resto do ano, também não faz sentido vir só por ser a consoada. Não gosta do Natal. Para ele não tem qualquer significado.

— Disseste-lhe para vir buscar a prenda?

— Não! Disse-lhe que, se não vem cá, não haverá a habitual prenda em dinheiro.

— Ai, Luísa! Isso cheira a chantagem. Não é assim que vais conseguir seja o que for.

— Pois, mas também não acho bem que só venha buscar o dinheiro. Para isso já pode cá vir.

— E o que é que ele disse?

— Estás surdo? Disse que não quer passar o Natal connosco! Já tinha dito.

— Não! Quero saber como reagiu quando lhe disseste que não iria receber a quantia habitual.

— Disse que não queria nada nosso. Que eu é que lhe estava sempre a telefonar para vir buscar coisas que ele não tinha pedido. E que utilizava este estratagema para o obrigar a visitar-nos. Que estava farto de subterfúgios, tentativas de controlo e que me metesse na vida dele.

— E depois?

— Depois, desligou-me o telefone na cara. Aos gritos!

— Se desligou o telefone, como é que ainda o ouviste aos gritos? — gracejou

Francisco, numa tentativa frustrada de minimizar os efeitos da discussão.

Luísa ficou calada, com dificuldade em entender o gracejo. Noutros tempos, teria descarregado toda a frustração no marido. No entanto, já não era a Luísa de outrora, ou, pelo menos, podia dizer-se que era uma versão mais controlada da mesma. Bem, algumas vezes, a mulher inconformada que sempre fora ainda emergia por entre o polimento recente da sua personalidade. Porém, passara a ser menor a frequência dos seus acessos de mau feitio.

Francisco meditava muitas vezes sobre o assunto. O que teria feito com que a mulher se tornasse tão comedida nas suas atitudes? Desconfiava de que a vinda de *Luana* poderia estar por detrás desta mudança. Poderia aquele pequeno ser, tão simples nas suas atitudes, tão fácil de satisfazer, tão desprovido de maldade, de segundas intenções, de cinismo, ter conseguido o que anos de relacionamento com outros seres humanos, a nível pessoal, profissional e social, não tinha conseguido de todo? Provavelmente, seriam várias as razões, e não uma única. Mas que a cadela teria sido o gatilho motivador de tal transformação, não tinha disso grandes dúvidas.

Apesar de Luísa não admitir por palavras o afeto que sentia por *Luana*, este manifestava-se em todas as suas atitudes, em particular no cuidado e preocupação com que zelava pelas suas necessidades. Tentava ocultar a sua dedicação, maldizendo, constantemente, as suas traquinices, admoestando-a verbalmente pelas suas inconveniências, mas as suas palavras diziam o contrário da sua postura corporal, que claramente mostrava a discrepância entre o que dizia e o que sentia.

— Acho que deves deixar que seja ele a procurar-nos. Dá-lhe espaço. Está cheio de ressentimentos e não sabe lidar com eles. Vive uma dualidade de sentimentos — disse Francisco, quebrando o silêncio.

— Se eu não lhe telefonar de vez em quando, ele nunca dá sinais de vida. Não sei nada dele, se está bem, se precisa de alguma coisa! Sou mãe dele, bolas, tenho o direito de me preocupar.

— Mas ele é adulto e tem direito às suas escolhas. Devemos estar cá para ele, se precisar de nós, mas sem contrapartidas. A vida é assim. Cuidamos dos filhos enquanto eles precisam, mas não somos seus donos. Temos de os deixar voar. Não podemos apagar o passado e os ressentimentos que causou. Uma vez erramos, outras acertamos. Talvez tenhamos errado mais do que seria razoável. Mas está feito. Temos de lidar com as consequências.

Luísa estava sentada no cadeirão, cabeça descaída sobre o peito, os olhos húmidos, tentando conter as lágrimas.

— Tenho saudades dele...

— Então diz-lho!

— Como, se não conseguimos ter uma conversa normal?

— Talvez seja preciso que tenhas paciência, que não te exaltes e lho digas simplesmente. Sem ser necessária mais conversa. Se ele começar a perder o controlo, tu não respondes na mesma moeda.

Luísa ouviu sem responder, mantendo-se cabisbaixa. Francisco pegou no comando da televisão e acendeu-a, procurando um canal e um programa do seu agrado. Pelo canto do olho, observou *Luana*, que acordara estremunhada e se dirigira a Luísa, ficando a observá-la fixamente. Esta inclinara-se, ajudando-a a subir para o seu colo. A cadela lambeu-lhe a cara, provavelmente atraída pelo sal das suas lágrimas, e enroscou-se-lhe nas pernas, suspirando. Luísa limpou a cara com as costas da mão e afagou-lhe as orelhas macias. O aconchego que sentiu, por ser a escolha de alguém ou de algo, naquele momento de vulnerabilidade, foi de extrema importância, melhorando de imediato a sua disposição.

Com os olhos perdidos na televisão, Francisco refletiu novamente sobre a conversa entre a mulher e o filho. Alguma vez conseguiriam retomar uma relação? Cada vez tinha mais dúvidas disso. Olhando para trás, percebeu que era possível que tivesse perdido o filho para sempre no dia em que o foi buscar a Vila Real.

*

30 de agosto de 1975

Nuno esperava-o à porta de casa. O rapaz estava crescido e Francisco voltou a sentir aquele aperto no estômago pelo tempo perdido. A infantil carinha bochechuda tinha sido substituída por uma face mais alongada, na qual despontavam as primeiras borbulhas e nascia o escasso protótipo de barba e bigode. Os dentes de leite foram substituídos por uma dentadura imaculadamente branca, um pouco exagerada em tamanho, mas a aguardar a harmonização, depois do total crescimento da cara. Crescera uns bons cinquenta centímetros, e o seu cocuruto já chegava ao peito do pai. Estava magro mas atlético, a proeminente barriguinha substituída por um ventre liso e musculado, os braços franzinos a darem lugar a antebraços fortalecidos pelo trabalho na quinta. Os caracóis escuros tinham sido substituídos por um corte de cabelo curto, mais masculino, adequado à sua já próxima entrada na adolescência. Claramente, a infância ficara para trás, perdida algures naquele remoto local. E ele e Luísa não tinham assistido a essa transformação.

Francisco abraçou o filho, que ficou tenso enquanto os braços do pai o envolviam. Provavelmente estava naquela idade em que o carinho o deixava envergonhado, pensou. Afastou-se um pouco, para o observar de longe, sorrindo com um ar apreciador.

— Como estás crescido! E um belo rapaz! Os teus tios fizeram um belo trabalho. Nunca terei palavras para lhes agradecer o que fizeram por ti.

— Vens sozinho? — Atalhou o filho, de semblante fechado, não deixando margem para grandes conversas.

— Sim. A tua mãe queria muito vir, mas está doente.

— Ah! Que é que ela tem?

— Uns problemas de saúde, que a deixaram debilitada. Mas já está melhor e aguarda, ansiosa, o teu regresso — sossegou-o Francisco, desejando, intimamente, que a mulher fizesse um esforço gigantesco para receber o filho da forma mais natural possível. — Mas deixa-me cá cumprimentar os teus tios.

Agraciou a cunhada com um beijo em cada face e o irmão com um abraço apertado. Era evidente que ela tinha estado a chorar e que ele estava acabrunhado, tentando disfarçar a emoção. Tinha sido um desejo grande de ambos terem filhos, mas nunca tinham sido abençoados com uma gravidez. Não sabiam o motivo, porque nunca tinham procurado saber. Crentes como eram, assumiram que era esta a vontade de Deus. E eles respeitavam esse desígnio — com mágoa, mas sem questionar.

Durante aqueles anos, Nuno tinha sido o filho que não tinham tido e a felicidade que sentiram durante aquele tempo não se voltaria a repetir. Sabiam as condições quando o receberam, mas agora que iam ficar sem ele, o aperto que sentiam no coração era opressivo; por mais que quisessem disfarçar a tristeza, estava a ser difícil. Francisco não mencionou o assunto, mas sentia-se solidário com ambos. Será que o filho também se sentia triste com a partida? Observou-o pelo canto do olho, mas não vislumbrou qualquer emoção.

— Entra, Francisco. Vem comer alguma coisa. Deves estar cansado da viagem — convidou a cunhada, tentando atribuir alguma naturalidade àquele momento constrangedor. — E a Luísa? Não veio?

— Não pôde vir, com muita pena dela. Está adoentada.

— Ah, coitada! Tem uma saúde frágil. Espero que não seja nada grave.

— Não, não é. São aqueles assuntos da cabeça dela. Assim que tiver o filho de volta, recupera num instante! — cortou Francisco, tentando soar otimista, mas não conseguindo disfarçar alguma apreensão.

A cunhada e o irmão sabiam que Luísa tinha uma saúde mental periclitante, mas, naquele tempo, o problema era como que ignorado, por falta de compreensão em relação a algo que não era visível e muito menos falado.

Sentaram-se, os dois homens e o rapaz, enquanto a mulher se afadigava a recheiar a mesa com produtos locais. Do armário retirou um assador de linguças, que encheu com álcool, distribuiu pratos, copos e talheres, serviu um sumo de pacote ao sobrinho e abriu umas cervejas, que disponibilizou aos adultos. Entregou duas linguças ao marido, que incendiou o álcool e as colocou no assador. O cheiro a enchidos assados espalhou-se pela cozinha, fazendo salivar Francisco, que só nesse momento se apercebeu de que estava com fome. A merenda que tinha trazido de casa tinha sido consumida, na totalidade, à hora de almoço, quando parara numa bomba de gasolina para esticar as pernas e descansar um pouco.

Enquanto saboreavam a linguça, acompanhada de uma grande fatia de pão rústico, mantinham um diálogo trivial, no qual Francisco se mostrava muito

interessado nos mais recentes casamentos, nascimentos, divórcios e funerais. Com interjeições de espanto, ocasionalmente sublinhava o seu empenho em se inteirar das novidades sobre os locais.

Depois de consumidas as linguças, que eram do fumeiro da casa, ainda sobrou estômago para degustar uns deliciosos queijos de cabra, também de fabrico próprio. O sabor daquelas iguarias era absolutamente divinal para as papilas gustativas de Francisco, habituadas aos produtos demasiado processados que chegavam às prateleiras dos supermercados da capital.

Satisfeitos com o manjar, levantaram-se da mesa para se irem refastelar no exterior, onde uma brisa de final de dia refrescava os corpos suados — um, pelo trabalho da quinta, o outro, pelas horas passadas a conduzir. Pelo canto do olho, Francisco observava o filho, que não abria a boca durante o lanche e que agora se afadigava a ajudar a tia a levantar a mesa e a lavar os pratos. Avizinhava-se um longo período de adaptação do garoto. Apesar de o querer em casa e de ter sentido muito a falta dele durante os últimos anos, Francisco não conseguia deixar de sentir pena do miúdo. Sempre que o visitara, ele parecia estar completamente integrado e, até, feliz. A sua família passara a ser aquela. Agora seria, novamente, retirado da sua normalidade, precisando de se readaptar a tudo: casa, rotinas, família, amigos. Cada vez se convencia mais de que a decisão que haviam tomado, anos antes, iria condicionar para sempre a personalidade do miúdo e a sua relação com os pais.

Nessa noite, dormiu na cama do filho, enquanto este se aninhou no sofá. Sentiu-se mal por lhe ter roubado a possibilidade de passar a última noite naquele quarto que tinha sido seu durante quatro anos. Mas não lhe foi dada escolha, pois o sofá era pequeno de mais para si e o irmão insistira para que assim fosse.

— Claro que dormes na cama dele. O rapaz adora dormir no sofá, porque pode ficar a ver televisão até tarde. Aos fins de semana pedia sempre para o deixar dormir ali. E se não tinha de se levantar cedo, deixávamos — justificara, não conseguindo esconder algum saudosismo antecipado.

Francisco acabara por concordar, pensando para com os seus botões que, chegados a Lisboa, iria comprar uma televisão maior e melhor, para o presentear com algo que, certamente, lhe agradaria. Seria uma espécie de presente de boas-vindas e (sim, tinha de reconhecer que sim!) uma forma material de o fazer sentir contente por voltar a casa dos pais.

No dia seguinte, de manhã, Francisco acordou cedo, antes mesmo do nascer do sol, ainda a escassa luz da aurora não conseguia iluminar as sombras fantasmagóricas da noite. Tinha dormido sobressaltado, ansioso, expectante em relação ao dia que se iniciava. E também em relação aos que se seguiriam.

Vestiu-se, saiu do quarto, passou pelo filho adormecido no sofá, a televisão ligada mas sem emissão, o ecrã pontilhado de chuviscos de estática. Desligou-a e saiu para a rua, inspirando profundamente o ar fresco. Passeou pelos campos em redor da casa, assistiu ao aparecimento do sol no horizonte e regressou quando os

seus raios já se espalhavam no céu. Encontrou o sofá vazio, a mesa posta e a cunhada atarefada à volta do fogão.

— Bom dia, Francisco. Pensei que ainda estavas deitado. Senta-te, por favor. Estou a preparar o pequeno-almoço.

— Bom dia! — retribuiu o cumprimento, enquanto se sentava à mesa. — Onde está o rapaz?

— Foi despedir-se dos animais. Vai ser um bocadinho difícil para ele. E para nós!

— Calculo que sim. Mas tem de ser. As crianças da idade dele adaptam-se rapidamente às situações. Não viste como foi quando veio para cá? Na primeira visita que lhe fizemos já não se importou com a nossa partida.

O fio de voz com que apaziguou os receios da cunhada denunciava as dúvidas que tinha quanto ao futuro.

— Em relação a vocês, ele poderá voltar nas férias... ou podem, vocês, ir visitar-nos... — confortou Francisco, já sem argumentos para refutar a inevitável tristeza que a cunhada sentia.

Ficaram ambos calados, por largos momentos, ele bebericando um café, ela, um chá, absortos nos seus pensamentos.

Nuno voltou, entretanto, acompanhado do tio, que mantinha, paternalmente, um braço sobre os seus ombros. O rapaz continuava taciturno, mantendo os olhos fixos no chão.

— Bom dia, filho!

— Bom dia, pai! — respondeu, percorrendo, com o olhar, os contornos axadrezados do pavimento cerâmico.

Comeram em silêncio. O apetite escasseava e os pratos mantinham-se cobertos com as torradas abandonadas com uma ou duas dentadas.

— Bem... está na hora de ir... — atalhou Francisco, levantando-se e assumindo o controlo da situação.

Nuno arrastou a cadeira, como que em protesto silencioso e resignado. Levou o prato e o copo para o lava-loiça, deu um abraço ao tio, um beijo à tia, que tentava a todo o custo conter as lágrimas, pegou nos sacos de viagem em que tinha arrumado os seus pertences e saiu para a rua.

Francisco seguiu-o depois de se despedir dos anfitriões, sentindo-se arrasado pelo evidente sofrimento psicológico dos três. Mas os dados tinham sido lançados quatro anos antes. Os resultados não tinham sido previstos. Agora, todos os envolvidos tinham de lidar com as consequências daquela decisão. Na verdade, o miúdo não tinha tido voto na matéria, e, no entanto, era a principal vítima.

Depois de ter instalado o filho no banco traseiro, Francisco contornou o carro, sentou-se ao volante, ajustou o espelho retrovisor por forma a conseguir ver a expressão do garoto e iniciou a marcha. Esticou o braço para fora da janela, acenando aos donos da casa, que tinham vindo à porta para a derradeira despedida.

Assim que saíram do caminho de saibro e entraram na estrada de alcatrão,

Francisco tentou quebrar o gelo, encetando conversa:

— Então, filho! Temos uma longa viagem pela frente. Vê as cassetes que tenho nessa caixa, por baixo do teu banco. Escolhe as músicas que queres ouvir. Se preferires ouvir telefonia, também pode ser.

Obediente, o rapaz, retirou a caixa, abriu-a e começou a verificar as melodias disponíveis, mirando demoradamente a lista existente na contracapa. Escolheu o *Yellow Submarine*, dos *Beatles*. Costumava ouvir música com os tios nos longos serões de inverno, à lareira, enquanto bebia leite quente adoçado com mel. Ouviam na rádio um programa de discos pedidos, e chegaram a telefonar para a produção do mesmo para encomendarem uma das preferências do tio, um fado lamecha do qual já não se recordava.

Esticou o braço para fazer chegar a cassette ao pai. Este avaliou a escolha do filho, surpreendido. Decididamente, deixara de ser uma criança para se tornar um jovem com gostos musicais mais maduros. Possivelmente assim seria, também, noutras áreas.

— Boa escolha! — elogiou, tentando ganhar pontos nas boas graças do filho.

Introduziu a cassette no leitor e, depois de uns curtos ruídos metálicos, atribuídos ao movimento da fita magnética nas pequenas roldanas de plástico, a melodia irrompeu do aparelho e preencheu o habitáculo. Francisco tentou acompanhar o vocalista da banda, mas os seus fracos recursos linguísticos de inglês impediam-no de ser muito entusiasta. Optou por trautear as músicas, sem recorrer à letra da canção. Ia mantendo um olho na estrada e outro no espelho retrovisor, observando as expressões do rapaz.

Este mantinha-se ausente, olhos postos na paisagem, aparentemente indiferente à melodia que brotava do leitor de cassetes. Ainda o relatório não tinha acabado e já o rapaz cabeceava, ensonado, embalado pelos solavancos do carro. Quando finalmente adormeceu, Francisco mudou para o rádio e substituiu os *Beatles* por um programa da Renascença, mais ao seu gosto, no qual o apresentador intercalava a conversa dos convidados com músicas ligeiras portuguesas. Linguisticamente mais confortável, manteve-se desperto, trauteando baixinho, enquanto Trás-os-Montes ia ficando para trás e Lisboa cada vez mais próxima.

Depois de três horas ao volante, já sem paciência para cantorias e o filho ainda adormecido, resolveu parar numa bomba de gasolina, onde encheu o depósito e comprou umas bolachas recheadas para petiscarem depois do almoço.

Quando voltou para o carro, o miúdo esperava-o acordado, o cabelo colado à testa pela transpiração, pois o sol já ia alto e o dia estava quente.

— Pai, estava aqui a pensar se me poderia comprar um gelado. Tenho calor!

Surpreendido pela interrupção da mudez e contente por poder agradecer, Francisco disponibilizou-se de imediato para satisfazer o desejo do filho.

— Vamos daqui a pouco parar para almoçar. Mas não será um grande problema se comeres o gelado. Se depois comeres menos... um dia, não são dias,

certo? — agradeceu. — Mas é melhor vires escolher...

Nuno saiu do carro, tendo Francisco tomado coragem para colocar um braço por cima dos seus ombros. Este não pareceu incomodado e, assim, satisfeitos — um pelo pequeno gesto intimista, o outro pela perspectiva de se regalar com um gelado —, dirigiram-se ao interior da loja de conveniência. O rapaz escolheu a versão chocolate e baunilha e o pai resolveu acompanhá-lo, comprando, também, um para si.

Sentaram-se numa mesa no exterior da loja, à sombra de um chapéu de sol, saboreando os respetivos gelados. De vez em quando, Nuno limpava a boca lambuzada com um guardanapo de papel, retirado de um dispensador publicitário deixado em cima da mesa. Mais uma vez, o pai viajou no tempo, para o momento em que, em situação semelhante, a versão desdentada e infantil do rapaz lambia gulosamente os restos derretidos do gelado que escorriam pelas comissuras labiais. Por vezes, ajudava com as costas da mão, acabando a degustação com gelado espalhado por toda a cara, mãos e roupa.

Depois de terem terminado, voltaram para o carro, reiniciando a viagem. Nuno parecia mais animado, provavelmente revigorado pelo sono da manhã e estimulado pelo *shot* de açúcar do gelado.

— Então, filho. Fala comigo! Diz o que sentes. Não tenhas receio. Sei que deves estar confuso. E triste. Mas não guardes tudo para ti. Conta comigo para te ajudar.

A expressão de Nuno fechou-se de imediato. Ele, que quase parecera um rapaz descontraído desde que haviam entrado na loja e até àquele momento, voltou a descair os ombros, baixar a cabeça e adotar o silêncio.

— Não vou insistir, mas quero que saibas que estou aqui para ti, quando me quiseres.

O rapaz continuou sem responder e Francisco decidiu não insistir. Voltou a colocar a cassette dos *Beatles*, uma vez que, de manhã, não haviam passado da segunda música. Seguiram caminho, durante mais algum tempo do que anteriormente haviam pensado, porque o gelado adiará o apetite para o almoço.

O pai restringiu o diálogo a simples observações pontuais sobre particularidades da paisagem. O filho também participava, educadamente, comentando a verdura dos bosques, a transparência e brilho das águas dos rios, a beleza das aves de rapina que sobrevoavam os campos. Aqui e ali, uma manada de vacas atraía a atenção dos dois. Noutros locais, eram os cavalos os protagonistas.

Por volta das duas da tarde, já com o estômago a roncar, pararam num parque de merendas. Esticaram uma toalha de quadrados sobre uma mesa de piquenique, desembrulharam as sanduíches de carne assada feitas pela tia e comeram devagar, saboreando o delicioso molho que humedecia o pão, deixando-o macio e suculento. Abriram um pacote de sumo de laranja, dividiram-no em dois copos de plástico e beberam-no avidamente, pois o assado estava ligeiramente salgado. Remataram a refeição com maçãs assadas.

Já estavam, por essa altura, a meio caminho. O estômago cheio e o calor do início da tarde contribuíram para que Francisco se sentisse sonolento. Achou que seria melhor descansar um pouco, ou correria o risco de adormecer ao volante. Procurou na mala do carro uma manta velha que lá costumava guardar para qualquer eventualidade e encontrou, no porta-luvas, uns livros de banda desenhada que levou consigo. Esticou a manta na relva, à sombra de um carvalho, entregou os livros ao filho e deitou-se, preguiçosamente, sentindo as pálpebras pesadas e os olhos a fecharem-se.

Acordou sobressaltado e desorientado, demorando alguns segundos a situar-se. O sol seguira o seu percurso no horizonte e a sombra deslocara-se no seu encalço. Sentou-se, alarmado, porque não via o filho em lado nenhum, os livros abandonados ao seu lado, a mesa do piquenique limpa de qualquer vestígio da refeição. Sentiu um frio no estômago, uma preocupação crescente, um profundo arrependimento por se ter deixado vencer pela preguiça. Onde estava o miúdo? Teria cometido a loucura de tentar voltar para a aldeia? Teria sido levado por alguém? Levantou-se de um salto, varrendo todo o parque de merendas com o olhar. Estava sozinho. Não havia ninguém nas imediações. As cigarras cantavam alto e os zumbidos dos insetos eram abafados pelos rancos dos motores dos automóveis que passavam na estrada.

A sentir o pânico tomar conta dos seus movimentos, acelerou o passo, gritando o nome do filho, enquanto o procurava em todos os locais onde fosse possível estar escondido. Queriam lá ver que o miúdo estava a brincar com ele! Uma brincadeira de mau gosto, sem dúvida. Mas era só uma criança. Ele é que era o adulto e deixara o rapaz sem supervisão. Que estúpido fora. Estavam ali, no meio do campo, sozinhos, e que fizera ele? Adormecera! E nem sabia quanto tempo tinha dormido. Tanto poderiam ter sido uns minutos, como uma ou mesmo duas horas. Tinha deixado o relógio no carro.

— Nuno! Nuno! Onde estás, filho? Responde, por favor! — gritou, enquanto corria de um lado para o outro, esbaforido, atormentado pelo medo. — Já chega de brincadeiras! Onde estás?

Espreitou em todos os arbustos, por baixo das mesas, atrás das árvores, dentro do carro... nada. Gotículas de suor escorriam-lhe pela testa, cara e pescoço, desaguando na gola da camisa. A pele estava pegajosa e o tecido da roupa que vestia, colado ao corpo. Sentia-se à beira de um ataque cardíaco. Arfava ruidosamente, faltava-lhe o fôlego, as pernas tremiam como varas verdes e a boca seca sabia-lhe a papel de jornal.

Apoiou-se numa das mesas de piquenique, grato pela frescura da pedra lhe arrefecer um pouco as palmas das mãos ardentes. Inspirou fundo, várias vezes, para recuperar o fôlego e tentar acalmar-se, para raciocinar melhor.

Ouviu um restolhar, que atribuiu a um animal silvestre que por ali devia andar. Talvez um coelho. Ou mesmo uma cobra. Mas depois aquele restolhar começou a assemelhar-se a passos humanos. Francisco virou-se tão rapidamente

que bateu com a canela no banco de pedra. Soltando um grito de dor, encontrou o filho, que emergia de um frondoso maciço de arbustos, delineando um pequeno curso de água.

— Caramba, rapaz! Que susto me pregaste! — lamentou-se Francisco, correndo para o rapaz e estreitando-o nos braços. — Já temia o pior.

— Só fui fazer chichi. Estava aflito e o pai a dormir. Não podia fazer aqui, à vista de todos os que passam de carro, pois não?

— Claro que não! Eu é que apanhei cá um susto, que ainda não me consegui recompor. Desculpa ter adormecido, achei que era melhor dormir um pouco do que ter sono a conduzir.

— Não tem qualquer problema o pai ter adormecido. Eu já não sou um bebé. Posso fazer coisas sozinho...

— Tens razão. Eu é que ainda olho para ti como o meu pequenino de há quatro anos.

— Pois, mas eu já não sou esse pequeno. Cresci. Tenho dez anos — refutou Nuno, ironicamente, em tom acusatório.

— Eu é que me preocupei desnecessariamente. Desculpa. Vamos seguir viagem, porque ainda temos muita estrada pela frente — atalhou Francisco, não querendo entrar em guerra com o filho. Ainda tinha na boca o sabor do medo que sentira, momentos antes. O que interessava é que ele estava bem.

Sacudiram a manta, cada um pegando numa das pontas. Dobraram-na até ficar reduzida a um pequeno quadrado e arrumaram-na no porta-bagagem, no qual estavam os utensílios do piquenique. Nuno aproveitara a sesta do pai para proceder à arrumação e limpeza do local. Francisco não deixou de reparar que o filho era prestável e educado, apesar de se manter de semblante fechado, pouco dado a sorrisos.

Entraram no carro e seguiram viagem. O relógio marcava as quatro da tarde. Estivera a dormir mais de uma hora. Já iriam chegar tarde. Pelas suas contas, não chegariam a casa antes de ser noite cerrada. Ainda teriam de jantar pelo caminho. Não tinha sobrado muito do almoço, mas poderiam voltar a parar numa bomba de gasolina para comprar alguma coisa, ou mesmo num café, à beira da estrada.

Os quilómetros sumiam-se por baixo dos pneus, Nuno mantinha-se em silêncio no banco de trás e Francisco tamborilava os dedos no volante, tentando acompanhar o ritmo da música na rádio.

— Fala comigo, filho. Tens algum pedido, ou algum assunto de que queiras falar? — interveio, frustrado com a persistência do rapaz em se manter calado.

— Que quer que diga, pai?

— O que achares importante, ou o que estás a sentir, independentemente de me poderes magoar... É importante, para mim, saber como te sentes, pois é evidente que não estás feliz.

— Não tenho nada para dizer.

— Como é que não tens nada para dizer? Então eu não vejo que estás triste?

Vens toda a viagem calado! Diz-me se precisas de tempo para te adaptares e eu dou-te esse tempo.

— Não quero falar e pronto! Quando me levaram para a casa dos tios, há quatro anos, eu pedi, implorei, para voltar convosco para casa. Não serviu de nada. Portanto, não me parece que agora valha a pena falar. Será sempre como o pai e a mãe decidirem. Falar para quê? Mais vale ficar calado e não ter expectativas.

Francisco ficou mudo, incapaz de refutar. O filho, tão calado, fizera a sua maior declaração. E revelara tanto ressentimento, tanta mágoa, tanta resignação, num tão curto discurso. Seria preciso muito tempo e muita paciência para sarar as feridas. O mais provável seria que muitas deixassem cicatrizes impossíveis de apagar. Sentiu, naquele momento, que caíam por terra as expectativas que tinha de recuperar a sua família. Dificilmente a mulher lhe voltaria a dedicar afeto e o filho parecia ter mergulhado num bloqueio emocional, defensivo, que não lhe permitiria criar vínculos afetivos no futuro.

Sem argumentos, frustrado nas suas expectativas, Francisco permaneceu calado por longos momentos. A paisagem corria na direção contrária à da marcha do carro, o filho, no banco traseiro, olhava o vazio, esgotado com tão grande discurso, a música fluía da telefonia, ocasionalmente interrompida por anúncios publicitários. Seria aquele o início do fim da família que ambicionara ter? Seria impossível a reabilitação dos laços perdidos entre ele e o filho? Entre ele e a mulher? Entre os três? Não soubera fazer uma gestão familiar adequada e agora estaria a colher os frutos daquilo que semeara? Não seria possível melhorar a sementeira e colher melhores frutos, no futuro? Naquele momento, sentia-se derrotado e sem esperança. Haviam, ele e a mulher, deitado por terra qualquer possibilidade de construírem uma família, na verdadeira aceção da palavra? O melhor que conseguiriam seria continuarem a ser uma família disfuncional.

Mas a responsabilidade de gerir aquela situação era sua. Ele era o adulto. Não podia desistir do filho. Teria de ter paciência e de lhe dar todo o tempo de que ele precisasse para se curar. Resolveu ser sincero com o rapaz: talvez fosse a única forma de o fazer compreender o motivo por detrás da decisão. Ganhou coragem, engoliu o orgulho e apelou à sua compreensão:

— Escuta, filho. A tua mãe e eu fizemos aquilo que achámos que seria o melhor para ti. Na nossa casa não havia condições adequadas para te manter durante a escola primária. Tu eras uma criança pequena, precisavas de cuidados e que te dedicassem tempo. Eu e a mãe trabalhávamos em horários incompatíveis com o teu horário da escola. Os teus tios tinham boas condições económicas, a tua tia não trabalhava fora de casa, viviam numa casa grande, que ficava perto de uma boa escola, e, não tendo filhos, desejavam muito ter-te lá com eles. Somando todos os prós e contras, tomámos a decisão que achámos ser a certa, levando em consideração unicamente os teus interesses. Para nós, foi uma verdadeira tortura. Não estar contigo todos os dias. Não assistir ao teu crescimento. Não assistir às tuas conquistas. Não te ajudar nas tuas dificuldades. Não aprender contigo. Não

te transmitir o nosso conhecimento. Não te confortar quando estiveste doente. Não te ensinar a apertar os atacadores, a andar de bicicleta, a fazer o nó do laço do pescoço, a pentear o cabelo com brilhantina, a forrar os livros da escola. A tua mãe chorou todo o caminho de regresso depois de te termos deixado em casa dos tios. Não foi fácil para ti, mas também não foi fácil para nós. Compreendes?

Nuno permaneceu calado, olhar no horizonte, relutante em responder.

— Compreendes, filho? — reforçou Francisco.

Silêncio, durante mais uns momentos. Quando o pai já não contava com uma resposta, Nuno, finalmente, falou:

— E eu? Todos os meus amigos viviam com os pais, que lhes davam carinho, que os mimavam. Nunca tive nada disso. Carinho, quero eu dizer! Depois, despejaram-me numa casa estranha, num local que mal conhecia, com pessoas que poucas vezes tinha visto. Nos primeiros meses senti-me perdido. Passava o tempo a chorar, a maquinar a possibilidade de fugir, para regressar a casa. Mas aprendi a gostar daqueles dois. Finalmente, tinha carinho a valer. Fiz novos amigos, levava-os a casa, a tia fazia-nos lanches saborosos, ficávamos horas a brincar na rua. Por vezes, levava bolachas para a professora, que as distribuía pelos alunos. Era a tia que as fazia. Eram deliciosas. Todos os meus amigos adoravam ir lá a casa. Tornei-me popular por causa disso. E quando me deixavam à porta da escola, davam-me um beijo na cara, alisavam-me o cabelo e diziam-me adeus, como os pais dos meus amigos. Comecei a sentir-me igual a eles. Apesar de os meus tios não serem meus pais, parecia que ninguém se lembrava disso. Quando vinha a casa, nas férias grandes, sentia-me realmente de férias, porque depois voltaria para lá. Por isso, não me importava de vir. Porque sabia que voltava e tudo seria como antes. Mas agora vai começar tudo de novo. O pai e a mãe são uns estranhos para mim. Já não tenho amigos em Lisboa. Queria continuar em Vila Real. A minha vida está toda lá!

Francisco foi incapaz de conter as lágrimas. Olhou para a janela, para que o rapaz não o visse chorar, inspirou fundo, envergonhado pela sua fraqueza e limpou as lágrimas disfarçadamente, com um lenço de pano, fingindo que se estava a assoar.

— Compreendo tudo o que me estás a dizer e não sabes o quanto lamento que não nos compreendas a nós. E que te sintas tão triste. Mas és jovem! Num instante te adaptas. Terás novos amigos e, daqui a alguns anos, namorada. Tens muito mais oportunidades perto da capital do que na província. Eu e a tua mãe somos a tua família. Somos teus pais, bolas!

Não houve qualquer resposta da parte de Nuno, que, desta forma, deixou claro que duvidava deste presságio. A partir dali, o silêncio tomou conta do carro, e pai e filho não voltaram a trocar uma só palavra.

XVI

21 de dezembro de 2005

No dia seguinte, quando Francisco voltou com a cadela do passeio higiênico, retirou o correio da caixa, sem reparar na presença de uma chave na base da mesma. Já em casa, pousou as cartas no móvel da entrada, para despir o casaco e retirar a capa natalícia da cadela, que, já habituada à rotina do inverno, esperava, impaciente, livrar-se do agasalho que lhe prendia os movimentos. Estava um daqueles dias em que a humidade fria se insinuava pelas fibras dos tecidos, atingindo a pele, apesar das várias camadas de roupa. Os folículos pilosos eriçavam-se em resposta e os corpos encolhiam-se, numa tentativa de conservarem o calor.

A prioridade foi a de acender a lareira da sala para que a casa pudesse aquecer. O conforto térmico iria, com toda a certeza, trazer boa disposição. Luísa ainda devia estar na cama. Deixara-a a dormir quando fora ao seu quarto retirar *Luana*, que, ao ouvi-lo levantar-se, tinha começado a gemer baixinho.

Fez uma cama com folhas de jornal, pinhas secas e gravetos, deitou-lhes fogo e ficou a observar as chamas a crescerem, enquanto estendia as mãos na sua direção, para as desentorpecer do frio que lhe congelava as pontas dos dedos. *Luana* seguia-o para todo o lado e aproveitou a oportunidade para surripiar uma pinha e ficar a roê-la, muito satisfeita consigo mesma.

Depois de se certificar de que as chamas ganhavam ânimo e não esmoreceriam na sua ausência, foi para a cozinha preparar o pequeno-almoço, pois o estômago já roncava. As cartas ficaram esquecidas na entrada, trocadas pelos afazeres matinais, absolutamente prioritários.

Só depois de almoço, quando Luísa varria a entrada, é que reparou na pilha de cartas em cima do móvel de madeira. Pousou a vassoura e verificou-as uma a uma. Separou a publicidade das contas da água e da luz e reservou as que lhe pareciam portadoras de notícias de familiares. No total eram três as que levou consigo para o cadeirão da sala, no qual se sentou para as ler com paciência. Abriu o primeiro envelope, que continha um bonito postal de Natal, representando o menino Jesus,

na sua cama de palha, rodeado por animais de quinta, que o observavam com devoção. O pequeno sorria enquanto agitava as suas pernas e braços por entre as pobres vestes que mal o cobriam. O remetente era uma prima afastada, que, possivelmente motivada pelo espírito natalício, a presenteava com bonitas ilustrações alusivas à época e com votos de boas festas escritos em caligrafia cuidada. Deixou o postal em cima da mesa de apoio, para que Francisco o visse e para que ela retribuísse os votos mais tarde.

O segundo envelope estava pesado e, por isso, deixou-o para o fim em detrimento do terceiro, que adivinhava corresponder a mais um postal de boas festas. Suspeita confirmada depois de aberto o envelope: do seu interior surgiu um Pai Natal cruzando o céu estrelado, com as renas a puxarem um trenó carregado de presentes. Foi fazer companhia ao anterior, em cima da mesa, para serem, mais tarde, pendurados no pinheiro enfeitado, depois de apreciados por Francisco.

Chegada a vez do segundo envelope, Luísa estranhou que não tivesse remetente. Só o seu nome ocupava o lugar do destinatário, sem morada ou selo. Quem quer que lhe tivesse endereçado aquela missiva, tinha vindo colocá-la diretamente na caixa do correio. Curiosa, abriu o envelope, retirando para fora várias páginas escritas. Reconheceu de imediato a caligrafia do filho. Foi já de coração apertado, antevendo o que aí vinha, que iniciou a leitura.

*

30 de agosto de 1975

Já era de noite quando pai e filho chegaram finalmente a casa. Francisco estacionou à porta do prédio para descarregarem as malas, sendo que foram precisas duas viagens para conseguirem carregar tudo para o apartamento. Tinham acabado a tarefa quando Luísa surgiu do quarto. Forçava um sorriso, o que acentuava as suas olheiras profundas. A pele pálida, quase translúcida, a forma silenciosa como se movia, parecendo levitar, os pés escondidos na comprida camisa de dormir, os braços magros estendidos na sua direção e a escassa iluminação do espaço fizeram Nuno dar um passo atrás, assustado com a possibilidade de se tratar de uma aparição.

Por sua vez, Luísa, que passara os últimos dois dias ansiosa com o regresso do filho e que ensaiara mentalmente, vezes sem conta, o abraço com que o iria apertar contra si e o beijo que lhe iria depositar na bochecha rosada, deixou cair os braços ao longo do corpo e morreu-lhe, nos lábios, o beijo que tinha preparado ao ver a forma como o miúdo a evitara.

— Então, Nuno. Não vais dar um beijo à tua mãe? Ela esperava, ansiosa, a tua chegada — interveio Francisco, vendo claramente os motivos de um e do outro. O primeiro, porque não esperava que a mãe estivesse reduzida a uma fina folha de

papel, etérea e transparente. A segunda, emocionalmente fragilizada, não conseguia ultrapassar a sua insegurança ao ver a hesitação do filho.

— Boa noite, mãe — cumprimentou, a medo, aproximando-se com cautela, como que para se certificar de que a mãe era real.

— Bem-vindo, filho. Desculpa estar com este aspeto. Tenho estado adoentada, como o teu pai já te deve ter dito. Por isso é que não fui com ele buscar-te.

As palavras saíam-lhe aos tropeções, as sílabas mal soletradas por efeito da medicação ansiolítica, somada à emoção do momento.

Aceitou o beijo que o filho lhe depositou na cara, mas foi incapaz de retribuir, baixando os olhos para o chão, consciente da repulsa que lhe estava a causar.

— Não te preocupes que a tua mãe irá melhorar e, um dia destes, vamos dar um grande passeio. Talvez até à praia. Que te parece?

Nuno encolheu os ombros, acabrunhado, numa atitude de declarado ceticismo. Custava-lhe acreditar que a sua vida fosse melhorar. Não queria alimentar essa esperança e sentir-se novamente defraudado nas suas expectativas.

— Vai arrumar as tuas coisas no armário do teu antigo quarto. Deixei livre uma parte, uma vez que o resto está ocupado com a minha roupa. Tal como quando cá vinhas nas férias, vamos partilhar o quarto e a cama. A tua mãe precisa de estar sozinha para descansar melhor — disse Francisco.

Nuno não conseguiu esconder o seu desagrado, mas não disse nada. Obediente e resignado, levou os sacos para o quarto e arrumou as coisas o melhor que pôde. Não compreendia, nem conseguia evitar sentir que era sempre a mãe a privilegiada. Que as suas necessidades e desejos eram sempre levados em conta, em detrimento dos do pai, ou mesmo dos seus. Voltava da província já pré-adolescente — o seu desenvolvimento, físico e intelectual, faziam-no afastar do menino que deixou a capital aos seis anos. Não se sentia confortável em partilhar a cama com o pai. Sentia uma tremenda humilhação quando a falta de privacidade não lhe permitia a ocultação das transformações naturais, mas constrangedoras, que o seu corpo ia sofrendo na jornada inevitável para a idade adulta. A constante preocupação em esconder a sua anatomia foi, provavelmente, uma das causas devido às quais se tornou um adulto tímido e inseguro.

Os anos seguintes foram de resignação mais do que de adaptação. Luísa foi emergindo muito lentamente da depressão. Mas como as recaídas eram frequentes, dependia muitas vezes do auxílio do filho, uma vez que Francisco voltara ao trabalho. Acabou por rescindir o contrato com a empresa da família de Guilherme. A indemnização que recebeu, como forma de persuasão para quebrar definitivamente os laços com a entidade empregadora, serviu para lhe dar algum conforto económico, mas atirou-a definitivamente para dentro de casa.

O tempo passava, alternando entre momentos bons e períodos de recaída. Quando estava melhor, Luísa parecia quase normal. Nesse tempo, cozinhava o que o filho e o marido gostavam de comer. Utilizava os guisados, estufados, sopas e sobremesas para conquistar o coração dos dois através da barriga. E quase o

conseguiu. Sempre que Nuno abria a porta e a casa cheirava a refogado ou bolos quentes, sentia-se invadido por uma sensação de bem-estar que raiava a felicidade, salivando na mesma proporção. A imagem da mãe corada de avental, atarefada em volta dos tachos, enchia-lhe o coração de esperança e abria-lhe o apetite. E não havia dúvida de que ela cozinhava bem, era tudo delicioso. O inevitável aumento de peso, consequência do excesso de açúcares e hidratos de carbono, fazia brotar um pneuzinho do cós das suas calças.

Eram tempos felizes mas efémeros, pois, de repente, sem que nada o previsse, Luísa voltava à apatia. E os dias eram passados na cama, os tachos não saíam dos armários, o fogão permanecia apagado, a loiça suja acumulava-se na bancada da cozinha, os estores não mais eram puxados para cima. O cinto das calças de Nuno voltava a apertar-se um pouco, porque a gordurinha abdominal voltava ao início, a tristeza regressava e a esperança, defraudada, era substituída por desânimo.

Durante esse período, Francisco voltava a assumir o papel de pai e mãe, mas, estando a maior parte do dia fora a trabalhar, tinha de delegar no filho a tarefa de cuidar da casa e de Luísa. Quando se sentia mais deprimida, ela tendia a exagerar nas doses de ansiolíticos. Como consequência, pairava num limbo entre a consciência e o torpor, incapaz de seguir um raciocínio lógico, ou de coordenar adequadamente os movimentos. Precisava de ajuda para quase tudo. Para se vestir, para se alimentar e até para a sua higiene pessoal. Nuno via-se muitas vezes obrigado a ajudar em todas estas tarefas, numa idade em que queria passar o tempo com os amigos, ler os seus livros de banda desenhada, ver televisão, ouvir música, ou simplesmente ter tempo para fazer o que lhe apetecesse.

Nesses dias sombrios, tinha de regressar da escola assim que terminavam as atividades letivas. Evitava explicar aos colegas porque não podia corresponder aos convites para irem jogar matraquilhos, comer um gelado, jogar futebol, ou mesmo ficarem sentados na avenida a ver passar meninas giras. Inventava uma desculpa qualquer a que os outros acediam, sem grande insistência, pois toda esta situação fazia com que não criasse laços profundos com nenhum dos colegas.

Quando chegava a casa, preparava um lanche para a mãe, normalmente chá e torradas. Colocava tudo num tabuleiro e levava-o para o quarto sombrio, começando por abrir as cortinas e o estore.

— Boa tarde, mãe. Como se sente?

Luísa acordava estremunhada, confusa, a boca seca e a língua entaramelada, as palavras a demorarem a formar-se na sua laringe.

— Olá, meu filho. Como correu a escola? Não te preocupes comigo, estou bem. A ver se amanhã já me consigo levantar e preparo-te umas panquecas para o lanche. Queres?

O discurso era sempre o mesmo. O sentimento de culpa, crónico, de Luísa, a tentar, sem sucesso, transmitir uma mensagem de esperança em dias melhores.

— Sim, mãe! Quero. Gosto muito de panquecas. Mas agora, coma, que já vi que não comeu o almoço que o pai lhe deixou preparado. Assim é que não vai

melhorar. Se não se esforçar um pouco, não vai vencer essa inércia.

Enquanto falava, Nuno esticava os lençóis, depositava o tabuleiro nas pernas da mãe, ajeitava a almofada e servia-lhe um pouco de chá que trazia no bule para se manter quente.

Os papéis estavam definitivamente invertidos. Ele assumia o papel protetor da mãe e esta resignava-se aos cuidados do filho.

Luísa pensava muitas vezes em quando é que o filho passara a ser tão adulto e a utilizar termos como «inércia». Ela andava muito distraída, sem dúvida, porque tinha a sensação de que, cada vez que chegava da escola, o rapaz tinha crescido mais uns centímetros e falava como um político ou um advogado. Ele era inteligente. Disso nunca tivera dúvidas. Só que a sua insegurança não lhe permitia ambicionar a muito. Parecia contentar-se com não ter objetivos. Deixar-se levar para onde corresse a maré.

No dia seguinte, Luísa não prepararia as panquecas, assim como não se levantaria da cama e seria Nuno a cuidar dela. Mas quando menos se esperava, as coisas melhoravam e a mãe voltava aos tachos e à sua culinária terapêutica.

Assim que terminou o liceu, Nuno recusou seguir para a universidade. As suas notas eram razoáveis, no geral, e muito boas em algumas disciplinas, como Português, História e Geografia. Contudo, ele tinha pressa em começar a trabalhar, em ganhar a sua independência e sair de casa. Queria distância daquele lugar, onde nunca sentira ter o seu espaço, onde continuava a partilhar a cama com o pai, onde a mãe nunca fora mãe, onde o sol raramente entrava. Assim que fez dezoito anos, arranjou um emprego mal pago numa fábrica de fósforos, onde passava os dias em movimentos repetitivos que lhe provocaram uma dolorosa tendinite no ombro direito. Mas sentia uma independência que valia todo o esforço. Em menos de um ano, arrendara um estúdio em Massamá e tirara a carta de condução. Abandonou a casa de família sem aviso, levou os seus pertences num dia em que a mãe e o pai tinham saído e nunca mais voltou.

Poucos anos depois, mudou de emprego, desta feita para um escritório de uma gasoleira, onde ganhava mais e a carreira tinha futuro. Comprou um apartamento, mais tarde um carro, e por volta dos 25 anos teve a primeira namorada. Planeavam casar e ter filhos, mas, antes disso, a relação começou a correr mal, em parte pelos problemas de autoestima de Nuno, agravados pelo ciúme doentio que sentia por ela.

Num dos dias em que visitou os pais, motivado pela felicidade inédita que sentia, contou-lhes do relacionamento e dos projetos que tinham para o futuro. O pai ficou radiante, mas a mãe não conseguiu esconder, também ela, ciúme, por testemunhar o afeto do filho por uma desconhecida.

No dia em que Maria José, assim se chamava, lhe transmitiu a intenção de terminar a relação, Nuno, atordoado, não conseguiu evitar a sensação de que a mãe estava por trás desta decisão. A forma súbita e inexplicável com que ela deixou de ser a doce e apaixonada criatura que planeava o casamento, filhos, uma vida em

comum, e lhe declarou estar descrente na relação, querendo pôr-lhe um ponto final, só poderia ser devida a intervenção alheia. Nuno não reconheceu o olhar mortiço, os lábios apertados numa linha fina, a palidez das bochechas, os ombros descaídos, como que resignados, as palavras a serem proferidas sem convicção a darem por terminado o namoro. Quando a questionou sobre a verdadeira razão para tal mudança de planos, Maria José não conseguiu ser convincente, acabando por se calar, baixar os olhos e sair sem mais palavras.

O duro golpe que sentiu na sua já precária autoestima foi atenuado, canalizando a sua revolta interior para a culpabilização da mãe, conseguindo, desta forma, uma legitimação do ressentimento que por ela tinha desde os seis anos.

Quis esquecer, mudar de vida, começar de novo. Primeiro trocou de emprego. Foi trabalhar num café, a servir às mesas, local onde conheceu vários jornalistas, de um jornal próximo, que ali vinham regularmente para uma refeição rápida, ou para beberem um café. Acabou por conseguir um trabalho simples na redação desse jornal, mantendo, durante algum tempo, os dois empregos a tempo parcial. O seu talento inato para o desenho foi revelado pelo hábito que adquiriu de deixar recados ilustrados aos colegas da redação. A assertividade e qualidade dos mesmos acabou por chamar a atenção dos chefes e, ao fim de pouco tempo, foi convidado a ilustrar algumas crónicas do diário, assim como o destacável infantojuvenil que o acompanhava ao fim de semana. Acabou por conseguir um contrato de trabalho estável, que lhe permitiu deixar o restaurante e dedicar-se em exclusividade à sua atividade como ilustrador.

Como a multinacional que produzia o jornal também era proprietária de algumas revistas em voga, na altura, acabou por ter muito trabalho e conseguiu finalmente um empréstimo bancário para comprar um pequeno apartamento num dos dormitórios de Lisboa. Alguns anos depois, trocou este apartamento por uma pequena moradia, com um quintal generoso, numa zona rural na margem sul do Tejo. Apesar de demorar mais tempo a chegar ao emprego e de ter de enfrentar o trânsito caótico da ponte 25 de Abril, ganhava em qualidade de vida, uma vez que ocupava os tempos livres a cultivar uma pequena horta biológica e a jardinar. Como parte do seu trabalho podia ser feito em casa, onde montara um pequeno *atelier* de desenho, não ia todos os dias a Lisboa.

Com a sua vida encaminhada, sentia-se realizado. Com mais espaço e mais tempo em casa, adotou as gatas e, anos depois, o cão. Dava diariamente longos passeios pelo campo, passava as férias na costa alentejana e algumas vezes viajou, sozinho, para fora de Portugal.

Assinava as suas obras sob o pseudónimo de Alexandre Graça (o primeiro por ter ouvido a mãe dizer que tinha sido uma das hipóteses para o seu nome, e o segundo, por ser o apelido da sua primeira e única namorada). Nunca os seus pais souberam que aquelas ilustrações que viam nos jornais e revistas lhe pertenciam; assim como nunca souberam onde morava. Precisava de se distanciar. A simples possibilidade de Luísa, controladora como era, voltar a entrar no seu espaço

privado causava-lhe um medo irracional. A sua casa e o seu trabalho eram o seu refúgio de cura dos traumas do passado.

Provavelmente, se fosse mais ambicioso, poderia ter tido uma carreira mediática. Mas preferiu manter-se no anonimato, desempenhando exemplarmente as suas funções, recusando alguns convites mais arriscados, mas que poderiam ter sido economicamente mais vantajosos. Manteve-se fiel ao contrato com a empresa, mesmo durante as remodelações que a mesma sofreu, ao longo dos anos.

Perseguido por um paralisante sentimento de insegurança, não se aventurou em qualquer relacionamento duradouro. Não que não se tivesse sentido interessado, mais do que uma vez, por uma colega de trabalho, ou alguém que via regularmente nos locais que frequentava. Porém, o medo da rejeição, a falta de autoestima e de confiança em si próprio faziam com que se retirasse e ignorasse, voluntariamente, qualquer possibilidade de encontrar uma companheira de vida.

Com o passar dos anos, habituara-se a estar por conta própria, dono e senhor da sua vida. Mesmo que esta fosse uma vida solitária, pelo menos não incluía a mãe.

Minha mãe,

Escrevo porque de outra forma não conseguiria dizer-lhe tudo aquilo de que preciso. Nunca disse tudo o que queria. Passei toda a vida a conter o meu grito de revolta, só o deixando sair, pontualmente, em pequenas frações da dimensão da minha vontade.

Nunca foi Mãe no verdadeiro sentido da palavra. É verdade que nunca me faltou nada. Nunca passei fome ou frio. Comprou-me a roupa de marca e as sapatilhas da moda. Fui aos passeios da escola, sempre com a carteira recheada, para tudo o que quisesse trazer como recordação. Provei os melhores gelados, nas melhores gelatarias, e os melhores bolos, nas melhores pastelarias. Comi os pratos que mais me agradavam, vi programas nas melhores televisões disponíveis no mercado e ouvi música nos melhores gira-discos. Fui ao cinema e ao teatro, a concertos e a recitais.

Mas faltou-me o carinho, o abraço, a validação, as palavras doces, as declarações de amor, o emalo, o colo. Faltou-me tudo aquilo que, agora, eu próprio não sei dar. Porque não aprendi a fazê-lo.

A mãe nunca me apertou nos braços, nunca disse que me amava, que me compreendia, nunca me confortou quando me magoei, nunca me explicou ser legítimo errar, nunca validou as minhas incertezas, receios e inseguranças. Materializava tudo em detrimento das manifestações de carinho.

Como eu teria preferido que as minhas festas de aniversário fossem verdadeiras festas para crianças, em que os meus amigos pudessem correr e brincar, comer todo o género de porcarias, em vez de verdadeiras iguarias gastronómicas, distribuídas em grandes mesas, ricamente decoradas, mas nas quais não podíamos tocar com as mãos lambuzadas de gordura. Éramos crianças. Queríamos correr e brincar à vontade.

Não queríamos arroz de pato, carne assada, salada russa ou bacalhau espiritual. Queríamos gomas, rebuçados, batatas fritas, pãezinhos com manteiga. Queríamos coisas simples mas divertidas. Como a vizinha Amélia fazia, nos aniversários da Margarida. Como adorava eu aqueles chás de bonecas! Simplesmente nós e as bonecas. E aqueles serviços de loiça, pequeninos. Os bolinhos em miniatura, as fatias de bolo de chocolate, que nos deixavam a cara toda besuntada. E depois de cantarmos os parabéns, a forma como a D. Amélia lhe pegava ao colo, lhe depositava repenicados beijos na bochecha e lhe dizia que ela era a aniversariante mais bonita de Lisboa e arredores. E depois vinha o pai dela e fazia o mesmo. E eu ficava a olhar e a pensar no que eu gostaria de ser assim pegado ao colo, beijado e elogiado.

Tudo na nossa casa era protocolar, assético, insípido, desprovido de cor, vazio de sentimentos. Os meus amigos não queriam lá ir. Tinham medo de si! Da sua expressão sempre zangada com o mundo, da marcação cerrada que nos fazia para que não colocássemos em risco a decoração com as nossas brincadeiras, para que nada fosse deixado fora de sítio, para que tudo permanecesse imaculadamente limpo e arrumado.

E depois havia as constantes discussões entre a mãe e o pai. Eu ficava tão envergonhado! Nunca presenciei manifestações de carinho entre os dois, ou mesmo um sorriso de camaradagem, um gesto de compreensão. Se se odiavam tanto, porque é que nunca se separaram? Porque insistiram em manter as aparências? Não compreenderam que a vergonha estava na forma como se relacionavam? Como eu desejei acabar com aquela tortura e que se divorciassem!

Passsei a minha vida a culpabilizar-me pelo vosso casamento. Para mim, a mãe e o pai só estavam juntos por minha causa. Se eu não existisse, provavelmente teriam seguido caminhos diferentes e a mãe não seria tão amarga, porque não viveria frustrada. Pelo menos, era assim que eu pensava. Eu era o culpado da minha própria infelicidade. Quantas vezes pensei em como seria se existisse um botão em que pudesse carregar e desaparecer do mundo, sem deixar rasto, sem deixar memórias, como se nunca tivesse chegado a existir. Provavelmente teria carregado nesse botão. Ou talvez não. Não sei. Se era por minha causa que se mantinham juntos, a minha inexistência traria alívio e novos horizontes para os dois.

E o pai!? Tentava, a todo o custo, minimizar os efeitos da sua incapacidade como mulher e como mãe. Só um amor verdadeiramente genuíno será capaz de conceder um constante perdão. Ou, então, um medo irracional da humilhação, resultante de admitir um casamento falhado. Ninguém, no seu perfeito juízo, se obrigaria a viver da forma como vocês viveram. Por isso, sou obrigado a admitir que só o amor incondicional poderá justificar tamanha benevolência. Sem sombra de dúvida, um amor a raia o fanatismo, pois o amor matrimonial revelou-se prioritário ao amor parental.

Prioritárias foram, também, todas as suas necessidades. Era sempre o que a mãe

queria, o que a mãe precisava, o que a mãe gostava. Só depois vinham as minhas necessidades, e por último as necessidades do pai. E nunca valorizou isso. Era para si um dado adquirido, ou não tivesse sido, toda a vida, egoísta e egocêntrica. Alguma vez pensou no que significava para mim, um adolescente a descobrir o seu corpo, as hormonas a fervilharem nas minhas veias, dormir com o pai, até ser adulto? Não! Nunca pensou nisso, com toda a certeza, porque vivia fechada para os outros. Porque só se via a si própria! A autopiedade era o único sentimento que reconhecia.

Os meus amigos tinham um quarto. Decorado com pósteres de bandas, medalhas desportivas, recordações de infância. Eu não tinha nada. As minhas memórias só tinham lugar dentro de mim mesmo. Não tinha o meu espaço, o meu lugar no mundo. E para quê? Para que a mãe dormisse sozinha, como uma rainha. O marido era seu, não meu! Foi a mãe que o escolheu! Eu não tive opção.

E a Maria José? Finalmente, tinha encontrado alguém que me preenchia, que me dava amor, um porto-seguro onde me refugiava das minhas inseguranças, uma alma gémea, atrevo-me a dizer! Mas eu sei! Sei que foi a mãe que a afastou de mim. Incapaz de sentir amor, teve ciúmes dos meus sentimentos e do afeto que ela me dedicava. Não descansou enquanto não me viu novamente sozinho, carente, frustrado. Nem conseguiu ter o altruísmo de me desejar mais do que aquilo que tinha tido. Ao seu próprio filho! Na verdade, acho que gostava de me ver vulnerável, para ter mais poder sobre mim. Para que viesse procurar o seu colo por a minha vida ser um vazio gigantesco. Colo, esse, que acabava por nunca me conseguir dar!

Sei que a foi ver quando ela saiu do trabalho. Ela nunca me disse o que conversaram, mas vi a tristeza nos seus olhos, que procuravam ajuda nos meus. O motivo pelo qual ela terminou a nossa relação remonta, sem sombra de dúvida, a esse encontro. Neste momento já não me interessa do que falaram. Mas não tenho qualquer dúvida de que houve manipulação sua. Não o percebi na altura, ocupado em encontrar a culpa em mim próprio, na minha falta de carisma, na minha personalidade completamente desinteressante. A minha falta de autoestima fez com que não ponderasse que ela poderia estar mesmo interessada em mim e não me incentivou a procurar a causa e a refutá-la. Não me permitiu lutar por ela! De todas as mágoas que tenho em relação a si, esta é a pior de todas. Aquela que nunca permitirá que dê um passo em frente em direção ao perdão.

E agora anda toda encantada com essa cadelita. Nutre mais afetos por ela do que alguma vez os demonstrou por mim. Não que isso me cause ciúmes, pois gosto muito de animais. No início, quando me deu a notícia da chegada da Luana, até receei pelo seu bem-estar, pois achei impossível que uma pessoa tão egoísta conseguisse cuidar decentemente de um ser tão vulnerável. A minha esperança era a de que, mais uma vez, fosse o pai a cuidar dela e a protegê-la da sua ira. Mas verifico, com

agrado, que ela conseguiu aquilo que eu considerava impossível. Ou seja, torná-la um ser humano. Seres especiais, os cães! É impressionante como a simplicidade da cadela conseguiu operar o milagre que as pessoas que passaram na sua vida não conseguiram.

A quantidade de vezes que eu pedi para termos um cão! Provavelmente teria sido um elo entre nós. Ou não, por poder desencadear acesso de ciúmes, caso se criasse uma ligação forte entre mim e ele. Talvez tivesse ajudado a preencher o vazio da minha existência. Poderia ter feito até diferença na formação da minha personalidade.

Mas para mim — para nós — é demasiado tarde. A mudança milagrosa já não veio a tempo para o nosso relacionamento. Não consigo relevar, não consigo esquecer, não consigo ultrapassar!

Perdoe-me este longo desabafo. Precisava, mesmo, de libertar toda a pressão contida ao longo destes anos. Precisava, também, que compreendessem porque quero fazer o corte total. Não quero voltar a falar convosco. O pai fez a sua escolha. A mãe fez a sua escolha. Eu estou, agora, finalmente, a fazer a minha.

Não me procurem, por favor. Sob pena de serem rejeitados, se o fizerem.

Até sempre e sejam, finalmente, felizes.

PS: Cuidem bem da Luana!

**A SEGUNDA VIDA
DE LUANA**

XVII

5 de junho de 2007

— *Luana!* *Luana!* Onde é que estás? — gritou Luísa à porta de casa, já desesperada.

Sem qualquer resposta, desceu os degraus do patamar da cozinha e começou a vasculhar nas ervas altas do jardim da casa. Ouviu um restolhar por perto e seguiu o som. Descobriu a cadela com a cabeça enfiada num buraco na terra, provavelmente uma toca de coelho. Com as patas da frente escavava de modo frenético, lançando terra seca e pó em todas as direções. O pelo ruivo estava acinzentado, tal era a camada de pó que o cobria.

— *Luana!* Para! *Luana!* Aqui!

Indiferente ao alarido, *Luana* continuava a sua demanda de desenterrar o que quer que fosse que ali estivesse enterrado. Cheirava-lhe a algo, não sabia bem a quê, que a deixava em êxtase, incapaz de controlar o impulso de escavar. Metade do seu corpo estava desaparecido dentro da toca, que continuava a ser alargada pelo raspar frenético das suas unhas.

— Francisco! A cadela está a escavar um buraco. Vai ficar cheia de terra. E não sei o que está lá dentro. E se for uma cobra? — gritou para o marido, que estava atarefado à volta do grelhador.

— Deixa! Está a divertir-se. Faz-lhe bem um pouco de exercício! É bom para o corpo e para a mente — gracejou enquanto virava as sardinhas, que gotejavam gordura para o carvão incandescente, provocando pequenas explosões de fogo.

— *Luana!* Sai daí! — insistiu, antevendo já o trabalho que iria ter para voltar a dar ordem àquele pelo comprido, emaranhado em toda a espécie de ervas ressequidas.

— Deixa-a estar! Já ninguém nos livra do trabalho de lhe dar um banho — resignou-se Francisco, adivinhando os pensamentos de Luísa. — Anda para a mesa. As sardinhas já estão quase pontas. Frias não sabem tão bem! Passa pela cozinha e traz a salada e o pão, por favor.

Luísa hesitou, olhando para a cadela mais uma vez. Continuava entretida a

escavar, alargando o túnel de terra, focada no seu objetivo. Resolveu aceder ao pedido do marido e deixá-la terminar a sua tarefa enquanto almoçavam. Da varanda conseguiriam vê-la e agir, se acontecesse algo.

Subiu os degraus para a cozinha, pegou no pão e na salada e saiu para a varanda, onde Francisco tinha posto a mesa com uma garrida toalha de plástico. O chapéu de sol estava aberto e a sua sombra era um oásis de frescura no calor do meio-dia. Colocou os pratos na mesa, retirou dois guardanapos do suporte e posicionou-os por cima dos pratos, e depois os copos virados ao contrário, para que, com o seu peso, mantivessem no sítio as leves folhas de papel. Completada a tarefa, sentou-se numa cadeira almofadada, de olho na cadela.

Francisco, em calções e camisola de manga curta, transpirava devido ao calor das brasas. De vez em quando, limpava a testa com um pano de cozinha, que mantinha estrategicamente pendurado no ombro. As sardinhas estavam douradas e prontas a serem degustadas. Retirou-as da grelha para uma travessa e levou-as para a mesa. Lavou as mãos diretamente na pia do exterior e desengordurou-as com detergente da loiça. Serviu um copo de chá frio a cada um, distribuiu a salada pelos dois pratos, depositou duas sardinhas em duas fatias de pão e sentou-se, pronto para almoçar.

Começaram a comer, retirando os lombos das sardinhas com as mãos e levando-os à boca. A gordura suculenta escorria para o miolo do pão, deixando-o com uma cor amarelada. Intercalavam com grandes garfadas de salada de tomate, alface, pepino e pimento vermelho, temperada com azeite e orégãos.

— As sardinhas não sabem da mesma maneira se não forem comidas com as mãos, não achas? O bem que sabe lamber os dedos gordurosos! — gracejou Francisco, limpando as mãos ao guardanapo, para pegar no copo e beber uma boa quantidade de chá.

— Pois é! Aqui sozinhos podemos ignorar a etiqueta — concordou Luísa.

— Estão mesmo saborosas. No apartamento de Algés não dá para fazer estes grelhados. Por mim, passava aqui a maior parte do ano. Só o inverno é que é mais difícil, por causa do frio.

Nesse momento, *Luana* materializou-se na varanda. Vinha feliz e satisfeita consigo própria. Provavelmente atraída pelo cheiro a grelhados, empinou-se nas pernas de Francisco, raspando-as com as patas sujas de terra. Ele, não conseguindo resistir ao seu poder persuasivo, limpou um lombinho de peixe e deu-lho a provar. *Luana* aceitou sem cerimónia e foi-se refastelar na tijoleira da varanda, à sombra do chapéu de sol.

Completaram o almoço com uma generosa talhada de melancia e, de barriga cheia, esticaram-se na cadeira, inclinando o encosto para dormitarem um pouco antes de levantarem a mesa.

Era junho. Os Santos Populares estavam à porta e era a época alta das sardinhas. Tinham chegado, nessa manhã, de Lisboa, a bagageira carregada com produtos de mercearia, prontos para ficarem por ali durante pelo menos um mês.

As sardinhas viajaram numa caixa térmica, com gelo triturado, para se manterem frescas. Missão cumprida, como comprovado pela bela refeição que tinham saboreado.

*

No ano anterior, Luísa e Francisco tinham arrendado uma casa de campo rústica nas imediações de Tomar. Desde então, passavam longas temporadas entre os olivais e os pomares que a rodeavam. Era uma casa pequena, com dois quartos, sala e cozinha, mas a grande varanda, sobranceira aos campos envolventes, tinha sido decisiva na conclusão do negócio.

A possibilidade de adquirirem um local no campo tinha surgido subitamente, sem premeditação, quando, nos classificados do jornal, Francisco viu um anúncio, pequeno, discreto, que só lhe chamara a atenção por causa da fotografia que o acompanhava. Tinha sido tirada da varanda, abarcando a vista desafogada para os campos em redor, onde havia árvores de várias espécies, mas nenhuma casa no horizonte. Em letras gordas lia-se «ARRENDAR-SE», seguida de uma breve descrição da casa.

A fotografia ficou gravada na sua mente. Deu por si a sonhar com aquele lugar e a pensar nele com frequência enquanto acordado. Lentamente, começara a formar, na sua cabeça, a imagem de longos momentos a preguiçar na varanda, observando a passagem das estações, as folhas a começarem a despontar nas macieiras, figueiras e amendoeiras, depois, os frutos, a passarada a fazer ninho na sua folhagem, assistir ao crescimento dos pequenos e vê-los ganharem autonomia, comer os frutos maduros, ainda quentes da exposição solar, passear pelos caminhos de terra batida, com Luísa, ou com *Luana*, ou com as duas.

Uma manhã, depois de ter passado horas acordado com aquela imagem a assomar-lhe constantemente ao pensamento, resolveu telefonar para o número disponível no anúncio. Tinha-o recortado e guardado na gaveta da mesa de cabeceira. Não sabia bem porquê, mas não tinha conseguido desfazer-se do pedaço de papel, com aquela fotografia impressa a preto e branco — o varandim de ferro retorcido, as árvores a perderem de vista, o sol a pôr-se no horizonte, em tons de cinza.

A chamada foi atendida ao segundo toque.

— Estou, sim? Bom dia. O meu nome é Francisco da Silva. Estou a ligar por causa do anúncio.

Do outro lado, a voz de uma mulher, que aparentava ser jovem, respondeu prontamente:

— Ah! Sim! Bom dia. Teresa Pires. Está interessado na casa?

— Não sei bem, mas é possível. Para fugir à confusão da cidade e passar umas temporadas no campo... talvez. Mas tem de haver acordo entre mim e a minha mulher. Eu ainda não falei com ela.

— Muito bem. Quer falar com a sua mulher e combinamos para irem ver a casa? Assim falamos presencialmente e vocês logo veem se gostam, ou não, do espaço.

— Vi no anúncio que fica em Tomar. Ainda são umas duas horas de viagem até aí.

— É verdade. Moram em Lisboa, certo?

— Perto de Lisboa. Em Alges.

— Então, poderiam organizar um passeio! Vinham até Tomar, que é uma cidade muito bonita, com monumentos, jardins e o rio a atravessá-la. Nunca a visitaram?

— Bem, sim, já, mas há muitos anos. Não me lembro de pormenores. Só tenho uma ideia muito geral do convento.

— Ora aí está um bom pretexto para um passeio em família! E juntam-lhe a visita à casa. Não fica na cidade, claro, mas são apenas uns vinte minutos de carro, em direção ao campo.

— Somos só dois... e uma cadela pequena. Estamos reformados e uma mudança de ares poderia ser bem-vinda.

— Vejam a casa primeiro e depois decidem. Era dos meus pais, que faleceram há dois anos. Eu e o meu irmão não a queremos vender por razões sentimentais. Mas a nossa vida profissional e familiar não nos permite usufruir dela, pelo menos para já. Assim, pensámos que o melhor seria arrendar, porque não é uma decisão tão definitiva, não fica fechada e a degradar-se, e ainda conseguimos algum retorno, para a manutenção, IMI, essas coisas.

— Muito bem! Vou falar com a minha mulher e entro em contacto consigo brevemente. Tenha um bom dia.

— Um bom dia também para si, senhor Francisco. Fico a aguardar o seu telefonema. Acho que vão gostar da casa tanto como eu. Também eu espero, um dia, quando me reformar, passar lá grandes temporadas.

A mulher desligou, mas Francisco ficou paralisado, por momentos, com o telefone colado ao ouvido, estranhando aquele sentimento de satisfação. Há quanto tempo não se entusiasmava com algo? Há quanto tempo não tinha projetos? Há quanto tempo não sentia aquele prazer de antecipação? Agora faltava convencer Luísa. Podia não ser tarefa fácil. E ainda não sabia o valor da renda. Tinha-se esquecido de perguntar! Bem, agora não se iria preocupar com isso. Não sem antes ver a casa. Tinha de ver a casa. Tinha de estar naquela varanda.

Vibrando de antecipação, como uma criança no dia de aniversário, pegou em *Luana* e levou-a a passear à rua. Era abril. *Luana* faria quatro anos daí a dois meses: tinha-se tornado uma cadelita adulta, mas o seu pequeno porte, as orelhas farfalhudas, os olhos grandes e redondos, o nariz achatado davam-lhe um aspeto de eterna cachorrinha. Irradiava felicidade e boa disposição, mesmo quando Luísa lhe ralhava. Aprendera que aquela era a sua forma de ser, que não significava nada.

Às vezes, as palavras de Nuno ainda tomavam de assalto a mente de Luísa.

Nunca mais falara com o filho, mas, apesar de a carta ter sido tão dura, trouxera alguma clareza: dos sentimentos de Nuno, da irreversibilidade dos atos praticados no passado, das expectativas no futuro. Não valia a pena continuar a utilizar subterfúgios ou artimanhas para fazer parte da vida do filho, tinha de o deixar fazer a suas escolhas e respeitá-las. Não o iria mais pressionar. Se, e quando, ele quisesse contactá-la, seria bem recebido.

Ocasionalmente, Nuno ainda ligava ao pai. Perguntava pela saúde de ambos, se estavam bem, se precisavam de alguma coisa. Francisco aproveitava para lhe falar das coisas banais que eram o seu dia a dia com Luísa, das gracinhas de *Luana*, dos acontecimentos sociais, políticos ou desportivos mais marcantes. Depois, desligavam sem cobranças difíceis e sem a interferência de Luísa, que, na maioria das vezes, estava ao seu lado a ouvir a conversa. Francisco fazia questão de se aproximar da mulher sempre que o telefone tocava e o nome do filho aparecia no visor. Era uma forma de ela não se sentir tão excluída. Nunca tinha dito a Nuno que o fazia, mas achava que ele o sentia, pela forma como conduzia a conversa.

A vida tinha-se tornado uma rotina tácita. A melhor que já tinham tido em todos aqueles anos de casamento, justiça fosse feita. Viviam para si próprios, mas, de alguma forma, também um para o outro. Partilhavam tarefas, cuidavam-se mutuamente e somavam-se nos cuidados com *Luana*. O amor comum pela cadela era algo que os aproximava. Na verdade, tinha sido a própria, com a sua inocência, ingenuidade e alegria de viver, que tinha conquistado o coração de Luísa. Havia algum tempo que tinha deixado a medicação e as consultas com o psiquiatra. A Luísa de sempre estava lá, vivia dentro do seu corpo envelhecido, mas amolecida pelo passar dos anos, pelos dissabores da vida e pela felicidade e amor altruísta e contagiante da cadela.

Francisco pensava em tudo isto enquanto esperava que *Luana* corresse pelo jardim. Os campos por onde passeavam no início, e faziam os encontros de cães, tinham sido vedados para dar início à construção de mais um condomínio. Cada vez se sentia mais encurralado por paredes de betão, com poucas zonas verdes, artificiais. Nunca tinha pensado muito nisto até ter visto aquela fotografia no jornal. Estava a transformar-se numa obsessão. O sentir algo assim, um sonho, um projeto, era uma novidade, mas estava a fazê-lo sentir-se mais vivo do que nunca. Começava a achar que tinha o direito de sonhar. A vida escapava-lhe por entre os dedos, já não tinha tempo para adiar projetos, tinha de viver no presente porque o futuro poderia não existir.

Passou pela padaria, comprou pão ainda quente e um bolo de canela de que Luísa gostava. A padeira deu a *Luana* um pedaço de fiambre, que esta agradeceu com exuberantes manifestações de felicidade. Regressou a casa, pôs a chaleira com água ao lume, preparou a mesa para o pequeno-almoço e chamou Luísa, que parecia estar na casa de banho.

— O pequeno-almoço está pronto. Temos pão quente. Não te demores porque arrefece!

— Estive a tomar banho. Estou quase. Vou já — gritou Luísa, da casa de banho.

Francisco sentou-se à mesa, retirou um pãozinho do saco, manteve os restantes cobertos com um pano, para evitar que arrefecessem, e serviu uma caneca com chá. Barrou manteiga no pão e ficou a saboreá-lo, lentamente, alternando com goles de chá. O seu pensamento continuava focado no seu novo objetivo, e ensaiava mentalmente a conversa que iria ter com a mulher.

— Estás distraído, homem? Por onde andas?

Francisco não conseguiu evitar dar um pulo na cadeira quando foi arrancado das suas divagações.

— Estava aqui — disse, enquanto arrastava o recorte da fotografia do jornal pelo tampo da mesa, até o posicionar em frente de Luísa.

Ela observou a imagem, convencida de que a deveria reconhecer. Observou-a de vários ângulos, focou-se nos pormenores, tentou avidamente encontrar algo que lhe fosse familiar. Não tendo sucesso, devolveu-a ao marido, utilizando a mesma via.

— Não reconheço o local. Deveria?

— Oh! Não! Eu próprio só o conheço da fotografia.

— Então, porque é que ma estás a mostrar?

— Porque desde que vi esse anúncio no jornal que a foto não me sai da cabeça. Sinto-me atraído por essa casa, como se representasse um destino do qual não posso fugir. Vá-se lá compreender a mente humana...

— Mas qual é a tua ideia?

— Não sei bem. Pensei que me apetecia um lugar no campo para onde pudéssemos ir passar algum tempo, fora da confusão, simplesmente mudar de ares sempre que nos apetecesse.

— Mas queres comprar essa casa? Mudarmo-nos para lá, de vez?

— Não! Até porque não está à venda. Pensei que a poderíamos arrendar durante algum tempo. Assim, não tínhamos nenhum compromisso a longo prazo. Poderíamos desistir quando quiséssemos.

— Mas que te deu? Agora queres mudar de ares? Sempre gostaste desta casa e de viver aqui.

— Pois, mas isto não significaria mudar de casa. Quando, e se nos apetecesse, passávamos um tempo lá e, quando estivéssemos fartos, voltávamos para cá.

— Mas arrendarmos uma casa só para lá irmos de vez em quando? Seria uma grande despesa.

— Mas nós não gastamos nada supérfluo. Só as despesas normais. Não viajamos, não vamos de férias, raramente comemos fora, não compramos roupa ou mobílias, só o necessário. Seria uma forma de aproveitarmos a reforma. Enquanto ainda o podemos fazer, Luísa.

— Vejo que já pensaste muito no assunto.

— Sim! Até já falei com um dos proprietários. Aconselhou-nos a ir ver a casa,

para depois decidirmos.

— A sério? Já falaste com o dono da casa? E quando é que pensavas falar comigo? Ias decidir sozinho?

— Não! Claro que não! Liguei para o proprietário por curiosidade. Porque desde que vi o anúncio que nos imagino naquela casa, naquela varanda, naquele pomar. Os dois! E desde esse dia que me sinto ansioso, expectante, vivo. E gosto da sensação de sonhar com alguma coisa, há muito tempo que isso não acontecia.

— E sabes qual o valor da renda?

— Não. Não sei, não perguntei. Gostava mesmo de ir ver a casa. Talvez não seja nada daquilo que parece, e tiro daí o sentido. Só vale a pena fazer contas se nos agradar a casa.

— E, ao menos, sabes onde fica?

— Perto de Tomar.

— Ainda é longe!

— São duas horas de caminho. Podíamos ir ver a casa e aproveitar para passear em Tomar. Ver o convento, os jardins... almoçar por lá. Servia de passeio. Há muito tempo que não saímos daqui. — As palavras saíam-lhe com cada vez mais entusiasmo, como se tudo se estivesse a materializar agora que contara a sua ideia a Luísa. — Sem compromisso. Só depois de a vermos é que decidimos, os dois, e negociamos o valor da renda. Vá lá! Dá o benefício da dúvida. A *Luana* também iria gostar de passar uma temporada no campo.

Olharam os dois para a cadela, que dormia a sono solto, enroscada no tapete da cozinha.

Luísa esticou o braço, arrastou o recorte em sua direção e ficou a observá-lo demoradamente. Depois, voltou a olhar para a cadela, esboçando um sorriso discreto, quase impercetível; retirou um pão do saco, espalhou a manteiga, serviu o chá, calmamente, consciente do estado de nervos em que deixava Francisco.

— Está bem! Vamos ver a casa. Combina com o proprietário. Depois, logo decidimos.

— Combinado! Daqui a pouco já ligo, para marcar.

Francisco não conseguia esconder a sua satisfação. Por baixo da toalha de mesa, a sua perna direita tremia, batendo o pé no chão de forma nervosa. Fora mais fácil do que pensara. Decididamente, Luísa já não era a mulher de outrora, que parecia gostar de ser do contra e de dizer sempre que não.

XVIII

25 de março de 2006

No sábado seguinte, levantaram-se bastante cedo e arrumaram os quartos. Francisco levou *Luana* à rua e Luísa preparou o pequeno-almoço e umas sandes para a merenda. Comeram rapidamente e meteram-se a caminho, o primeiro ao volante, a segunda no lugar do pendura, com *Luana* confortavelmente instalada no colo. Durante a viagem observaram a paisagem, falaram do passado, tendo o cuidado de não evocarem memórias dolorosas, e anteciparam o futuro — Luísa sempre descrente no negócio, Francisco feliz por antecipação.

Pararam na área de serviço de Santarém, para esticarem as pernas e aliviarem as três bexigas. Depois de darem água à cadela e de descansarem numa mesa de piquenique, saborearam, sem pressa, uma das sandes de Luísa. Tinham saído muito cedo e, como tal, estavam adiantados. Podiam desfrutar com calma. Abriram o mapa, esticaram-no em cima da mesa e traçaram o caminho, com uma caneta que Luísa retirou da carteira.

Abandonaram a A1 em direção a Torres Novas, seguiram para Tomar e, antes de chegarem à cidade, viraram para um caminho secundário. Chegaram ao destino meia hora antes da hora marcada. Ficaram a observar a casa por fora, a fachada branca, as janelas abertas, as persianas subidas. Provavelmente, Teresa já tinha chegado, conforme havia previsto, e estava a fazer uma arrumação rápida.

Acharam que não era de bom-tom chegarem adiantados e, como tal, subiram lentamente o caminho rodeado de campos cultivados e casas campestres aqui e ali. Observaram a lateral da casa de longe, constatando a sua simplicidade. Mas a imensidão do olival, de um dos lados, e dos pomares, do outro, fundindo-se a meio caminho, era tudo aquilo com que tinham sonhado. A casa estava rodeada por um muro baixo, mas a propriedade era grande. Francisco atrevia-se a adivinhar que devia ter uns cinco mil metros quadrados de extensão, mas o extremo mais distante perdia-se por entre as árvores, que existiam, de igual modo, dentro e fora dela.

Sendo primavera, havia flores por todo o lado, desde as copas das árvores aos

campos entre elas. Papoilas salpicavam a paisagem de vermelho sangue, intercalado com o branco esvoaçante dos dentes-de-leão e a graciosidade do amarelo das margaridas e dos malmequeres. Os caules e folhas, de um verde intenso, completavam os ramalhetes naturais, transformando a paisagem numa gigantesca florista.

Francisco inspirou o ar morno, deslumbrado. Sentia-se de tal modo tocado pela beleza do lugar que se atreveu a dar a mão a Luísa, num gesto de inesperado romantismo. Esta foi permissiva, apesar de surpreendida, e continuaram o passeio como dois namorados, preenchidos pelas emoções do momento.

Quando se aproximavam as onze horas, deram meia-volta em direção à casa, abriram o pequeno portão de madeira pintado de branco e tocaram no badalo do sino em forma de galo, colocado lateralmente à porta principal. O som metálico ecoou pelas redondezas, seguido pelo vibrar de passos no interior da casa. Quando a porta se abriu, uma cara sorridente emergiu da penumbra interior. A luminosidade ofuscou, por momentos, a sua visão; a jovem levou a mão à testa, improvisando uma sombra para os olhos, de modo a dar-lhes tempo para que se adaptassem à luz do sol.

— Senhor Francisco, certo? — inquiriu, enrugando a testa para conseguir focar a visão. — Sou a Teresa. Falámos ao telefone.

— Sim, sim. Sou o Francisco. E esta é a minha mulher, a Luísa — apresentou, esticando a mão para cumprimentar a anfitriã.

— Bem-vindos. Correu bem a viagem?

— Correu bem. Chegámos cedo e aproveitámos para subir a rua e ver um pouco o local.

— E gostaram do que viram? — perguntou, sorridente, enquanto cumprimentava Luísa com um aperto de mão.

— É muito campestre. Mesmo aquilo de que precisamos, para descontrair — declarou Francisco, não conseguindo disfarçar o entusiasmo.

— E a Luísa, o que achou? — perguntou Teresa, enquanto se baixava para acariciar a cabeça de *Luana*, que esticava a trela até ao limite para se aproximar da desconhecida.

— Ainda não sei. Fui apanhada de surpresa com este assunto. Estou a habituar-me à ideia. Nunca tinha pensado na possibilidade de dividir o nosso tempo por duas casas.

— Então venham, entrem e vejam o espaço. Vão ter tempo para decidir!

Teresa encaminhou-os para o interior. A entrada desembocava numa sala de estar rústica, com o chão revestido por tacos de madeira envernizados, paredes brancas, teto alto, atravessado por grossas traves de madeira. Um sofá de quatro lugares, protegido por uma manta grossa colorida e quatro almofadas, ocupava a parede central. Na parede oposta, um móvel de madeira e uma televisão antiga completavam o escasso mobiliário. Na parede, um quadro com uma fotografia aérea da propriedade testemunhava a sua extensão delimitada por uma simples

vedação de rede enferrujada. Tinha a forma de «L», a casa aninhada numa das extremidades, envolta pelo pomar, que incluía, explicou Teresa, macieiras, pereiras, figueiras, abrunheiros e ameixeiras. O restante «L» era preenchido pelo olival e a lateral esquerda da casa era prolongada por uma armação de ferro, revestida por videiras que deixavam adivinhar vistosos cachos de uvas suculentas que estariam maduras no final do verão.

A anfitriã deu-lhes tempo para admirarem a fotografia, encaminhando-os, em seguida, para um corredor interior, onde quatro portas davam acesso a quatro divisões. Em frente, a porta desembocava numa cozinha de grandes dimensões, móveis escuros, datados, que contrastavam com a alvura das paredes caiadas. Num dos cantos, uma ampla lareira de pedra enegrecida passava o testemunho dos longos serões de inverno aquecidos pelo calor do fogo controlado. Uma mesa de madeira e seis cadeiras, gastas pelo uso, ocupavam a zona central. Na parede oposta, uma dúzia de pratos antigos completavam a decoração. No lado direito, uma larga porta de correr, em vidro, dava acesso à varanda, a verdadeira responsável por todo aquele entusiasmo.

Saíram para o exterior e ficaram a admirar a paisagem. Devido ao declive do terreno, a varanda correspondia à altura de um primeiro andar, apesar de terem entrado na casa pelo rés do chão. O sol da manhã, já alto, avivava o verde das folhas e refletia-se no colorido da fruta madura. Daquele local, a primeira linha de visão abrangia a copa das árvores, que se espalhavam pelo declive, ficando cada vez mais baixas, até onde a vista alcançava. Francisco, emudecido, olhava o panorama à sua frente. Luísa observava-o.

— Continuamos? — perguntou Teresa, de braço esticado, indicando o interior da casa.

O casal concordou com relutância porque, na verdade, aquela varanda e aquela vista eram os únicos motivos por que tinham ido até ali.

As outras três portas correspondiam a uma casa de banho antiquada, mas funcional, e dois quartos com cama de casal, roupeiro, mesas de cabeceira e tapetes, semelhantes entre si, aborrecidos, mas capazes de desempenhar a sua função. Nada daquilo importava, porque, para Francisco, as divisões podiam estar todas vazias — já tinha visto aquilo que precisava de ver.

Só precisava de garantir que Luísa sentia o mesmo.

*

5 de junho de 2007

Acordaram a meio da tarde, estremunhados, as articulações rígidas, as bochechas coradas, as moscas a sobrevoarem os pratos das sobras, zumbindo em coro. Levantaram-se com dificuldade, esfregaram os olhos, numa tentativa de despertar

mais rapidamente, e começaram em silêncio a arrumar os restos do almoço.

Completada a tarefa, saíram para passear pelo terreno. As peras tinham adquirido um tom amarelo-dourado, e estavam prontas a comer. Francisco apanhou algumas, lavou-as na torneira do exterior e retirou do bolso das calças um pequeno canivete suíço, que utilizou para as cortar em pedaços, que foi distribuindo pelos três, cadela incluída. As maçãs avermelhadas convidavam ao mesmo, mas os figos ainda estavam verdes, assim como as ameixas. As azeitonas emergiam em cachos discretos, a cor verde a confundir-se com a folhagem. Só no final do verão estariam prontas para serem apanhadas e levadas para o lagar. A vegetação rasteira amarelecia e definhava, restando as espigas, prontas para serem cortadas e embaladas em fardos, para virem a servir de alimento aos animais estabulados.

Um dos vizinhos mais próximos estava encarregado, pelos proprietários, de limpar o terreno, apanhar a fruta e podar as árvores, mas Francisco e Luísa tinham autorização para retirar toda a fruta que quisessem. Quando voltavam para Lisboa, levavam a bagageira cheia — para consumirem eles próprios, mas também para distribuírem pelos conhecidos.

Desde que tinham completado o negócio de arrendamento da casa, passavam ali a maior parte do tempo. O inverno era duro e a habitação, gelada. De manhã, a geada cobria os terrenos com um manto branco, brilhante e gélido. Pingentes de gelo pendiam dos ramos das árvores e dos telhados da casa. As árvores despidas, os terrenos lamacentos e o frio de enregelar os ossos dissuadiam as visitas; porém, assim que o tempo aquecia, as árvores se cobriam de folhas e as flores brotavam por todo o lado, Luísa e Francisco faziam as malas e partiam, só voltando a Algés se fosse necessário resolver algum assunto pendente.

Quando, no início da primavera, as noites ainda eram frias, acendiam a lareira na cozinha e passavam o serão recostados nas cadeiras almofadadas: ele a ler o jornal ou um livro, ela a tricotar mantas com as quais revestia o sofá da sala, as camas e as cadeiras. *Luana* dormia ferrada na caminha almofadada em frente ao fogo.

À ceia, torravam pão rústico nas brasas, que barravam com manteiga vegetal, menos prejudicial, agora que Francisco sofria com o colesterol alto, e acompanhavam com chá de camomila, para garantirem uma noite tranquila. Parte das côdeas ressequidas eram oferecidas à cadela, que se deliciava a consumia-las ruidosamente. Quando as brasas começavam a morrer, já tarde, ia cada um para o seu quarto, dormiam como bebês e acordavam de manhã ao som do cacarejar dos galos, que se desafiavam à desgarrada nas capoeiras vizinhas.

Francisco aproveitava o despertar natural para se levantar, ir buscar a cadela à cama de Luísa e sair com ela para o passeio higiênico, aproveitando para se abastecer de pão fresco na pequena mercearia da aldeia. Luísa ficava na ronha até mais tarde. Quando se levantava, já Francisco tinha feito a bebida de cevada, que tinham começado a beber ao pequeno-almoço, e colocado o pão no cesto de verga

forrado com um colorido guardanapo de papel.

Depois do pequeno-almoço, terminadas as tarefas domésticas, saíam para passearem pelo pomar, verificarem a fruta e colherem algumas peças para o dia.

Luana gostava tanto daquele lugar como Francisco e Luísa. A princesinha ruiva da capital transformava-se numa verdadeira vira-lata quando chegava ao campo! Corria, desenfreada, por todo o lado, escavava buracos até quase desaparecer dentro deles, perseguia coelhos, ratinhos do campo e pássaros, como se a sua sobrevivência dependesse da caça. Quando a flora campestre começava a secar, no final da primavera, o seu pelo lustroso parecia um íman para as plantas ressequidas. Retirá-las revelava-se tarefa árdua e demorada, pois as tentativas de soltar o pelo aprisionado eram acompanhadas de guinchos exageradamente dramáticos e contorcionismo circense para escapar ao pente e à escova.

No início, Luísa, irritada, sentenciou-lhe prisão domiciliária nos meses mais secos. Contudo, quando chovia, a demanda não era de menor dificuldade. A lama incrustada nas franjas compridas não só era difícil de limpar, como deixava carimbos lamacentos em forma de patinhas por todo o chão da casa.

Francisco, de coração mole, não conseguia cumprir a regra de a manter forçosamente dentro de casa. Na verdade, adorava observar a alegria contagiosa da cadela quando usufruía da liberdade possível naquele lugar. Parecia um passarinho a que tinham aberto a porta da gaiola. Revia-se naquela alegria, pois partilhavam, ambos, o entusiasmo naquele projeto de férias prolongadas.

Depois de discussões infrutíferas, em que Luísa defendia a clausura e ele a liberdade, acabaram por enterrar o machado de guerra e contratar os serviços de uma cabeleireira para cães, que tratou de aparar as franjas compridas, transformando-a numa ruiva de pelo curto, menos propensa a atrair espécimes florais indesejados. A própria *Luana* se sentiu mais leve, estranhando a sensação no início, mas desfrutando, depois, da liberdade adquirida pela redução capilar.

Nos primeiros dias, ambos olhavam para a cadela com estranheza, tendo em conta que esta já não parecia o amoroso peluche a que se tinham habituado, mas uma sua versão menos sofisticada. No entanto, tinham de reconhecer que se adaptava muito melhor à vida no campo.

Com o seu penteado militar, *Luana* era uma cadela saloia mas feliz, usufruindo como ninguém da vida do campo. À medida que o verão se arrastava pelos meses de agosto e setembro, o pelo ia crescendo, recuperando todo o seu esplendor principesco durante o inverno, meses em que voltava a ser uma refinada cadelinha cidadina.

Os quatro anos em que mantiveram o arrendamento daquele local foram, provavelmente, os mais felizes que viveram como casal. O isolamento, a simplicidade da vida no campo, a ligação à terra e às estações do ano, a observação da natureza e de todas as suas manifestações, mantiveram-nos numa espécie de paz transcendente, que se revelou curativa. Durante aquele período, atingiram o patamar possível de evolução espiritual, enquanto indivíduos e enquanto casal.

Encontravam no silêncio, nos olhares fugazes, nas atitudes discretas e no usufruto da tranquilidade o máximo de compreensão recíproca, a um nível que nunca julgaram possível. Quando regressavam a Algés, as coisas regrediam um pouco, mas a energia positiva carregada durante aqueles meses energizava os soturnos meses invernosos. Foi nesta altura que Luísa abandonou totalmente a medicação ansiolítica. Primeiro, reduzindo a dose, gradualmente, até deixar totalmente de a tomar, mesmo, quando de regresso a Algés, sentia alguma dificuldade em adormecer.

Não é fácil quantificar o papel de *Luana* nesta transformação. Provavelmente, seria necessária uma exaustiva avaliação psicológica e, mesmo assim, as conclusões poderiam ser dúbias. Na verdade, poderá ter sido um conjunto de circunstâncias, que isoladas não teriam efeito, mas em conjunto teriam operado o milagre. Que a chegada do animal representou um ponto de viragem, nunca restaram dúvidas, para nenhum deles. Olhando para trás e relembrando a relutância e receio com que a tinham recebido, não deixavam de pensar em como teriam sido aqueles anos sem ela. Já não conseguiam conceber o dia a dia sem os ensinamentos que trouxera consigo, sem os efeitos contagiante da forma simples e descomplicada com que vivia a sua existência, sem dramas, sem ambições, sem culpa. Simplesmente desfrutar da vida na sua plenitude, retirar o máximo de prazer das coisas simples e banais.

No início de novembro de 2009, sexta-feira, o dia nasceu cinzento, o céu plúmbeo ameaçando chuva forte, a temperatura noturna a rondar os zero graus centígrados. A lareira acesa na véspera morrera sob a combustão total da madeira que lá haviam deixado. O frio húmido infiltrava-se pelos espaços, enregelando as articulações. No exterior, poças de água acumulavam-se por todo o lado, revestidas por uma fina película de gelo que se quebrava sob o peso das patinhas de *Luana*, que, por aquela altura, já tinha o seu revestimento piloso na quase totalidade do crescimento. Voltava a ser a princesa cidadina e o grau de crescimento do seu pelo acabava por ser um indicador fiável de que estava na altura de interromperem o retiro campestre e voltarem à civilização. Por muito que gostassem de ali estar, o frio e a chuva obrigavam-nos a estar confinados ao interior. E o que eles adoravam naquele lugar era o exterior, a imensidão da vista, a varanda, os passeios pelo pomar e olival. A casa em si era só um suporte para tudo o resto. Por tudo isso, chegado o frio, chegada a chuva, estavam melhor na sua casa, em Algés.

Quando Luísa acordou, a meio da manhã, saiu da cama a custo, batendo os dentes. O choque térmico motivou o descontrole nervoso, fazendo com que os maxilares se projetassem, involuntariamente, o superior em direção ao inferior, causando um matraquear irritante. Sentiu-se irritada, o corpo percorrido por calafrios e piloereção generalizada. Decidiu que estava na altura de fechar a casa para o inverno.

Agasalhou-se, de forma talvez um pouco exagerada, e foi para a cozinha,

sentindo-se com vontade de implicar. Encontrou o marido a atizar as brasas da lareira, a água para o chá a ferver na chaleira, o pão do dia em cima da mesa, já posta para o pequeno-almoço. Olhou pela janela e sentiu a irritação a subir de nível, pois chovia intensamente. A espessa cortina de água toldava a possibilidade de ver o olival, reduzindo o campo visual à primeira fileira de árvores do pomar, silhuetas distorcidas pela refração da sua imagem através das gotas de água em movimento.

— Está na hora de sairmos daqui! — vociferou, não fazendo qualquer esforço para disfarçar o mau humor.

Francisco levantou a cabeça, surpreendido, pois estava tão entretido com a sua tarefa que nem se apercebeu da entrada de Luísa.

— Tem calma, Luísa. Vamos tomar o pequeno-almoço e já falamos. Com calma!

Terminou de avivar as chamas da lareira, colocou uma medida de comida no prato da cadela e sentou-se à mesa, servindo duas canecas com água fumegante, depositando, em cada uma delas, uma saqueta de chá de cidreira. O aroma espalhou-se em redor, acalmando a irritação de Luísa, que se sentou a bebericar a infusão, pensativa.

— Parece que a chuva veio para ficar. Vi as previsões no noticiário.

Francisco introduziu o assunto, evitando, desta forma, que fosse a mulher a abordá-lo. Irritada como estava, haveria discussão na certa. Incapaz de gerir a frustração, Luísa utilizava o arremesso verbal acusatório como forma de se apaziguar. Claro está que só conseguia gerar ainda mais frustração e fazer escalar o conflito. Francisco já tinha aprendido que o melhor seria travar a escalada da discussão antes de esta tomar forma.

— Então, vamos embora hoje, certo?

— Acho que é melhor. O que achas de arrumarmos tudo e partirmos a seguir ao almoço?

Desta forma, era como se desse à mulher o poder de decisão.

— Sim. Vamos a seguir ao almoço.

Motivada pela subida da temperatura da casa, devido ao reacender da lareira, o cenário já não lhe parecia tão agreste. Sentia-se mais calma, capaz de tomar o pequeno-almoço em paz e de prolongar a estada durante algumas horas. Acompanhou o chá com uma fatia de pão, ainda morno, e despediu-se mentalmente daquela iguaria, pois em Lisboa não havia pão tão saboroso.

— Telefona para a padaria e pede à Silvina para guardar quatro pães para levarmos para casa. Congelamos depois de fatiados e vamos retirando as fatias, para fazer torradas.

— Sim, senhora! — respondeu Francisco, ironizando o autoritarismo de Luísa.

Pegou no telefone para fazer a chamada, enquanto ela começou a levantar a mesa, sem reagir à provocação do marido.

Luana, que estava deitada à lareira, levantou-se de imediato, na expectativa de

ser presenteada com as sobras do pequeno-almoço. Seguiu Luísa para todo o lado, fazendo pressão psicológica, raspando-lhe as pernas com as patas dianteiras, implorando com o olhar meloso. Rendida, Luísa acabava por ceder, oferecendo-lhe uma pequena porção de pão com manteiga, praguejando pela insistência do animal, mas incapaz de resistir aos seus caprichos.

A dois, arrumaram tudo, embalaram os bens perecíveis que iriam levar para casa, limparam os móveis, varreram e lavaram o chão, fecharam janelas, desligaram o gás e o quadro elétrico, transportaram para a bagageira do carro tudo o que queriam levar consigo e iniciaram viagem, não se esquecendo de ir buscar a encomenda dos quatro pães à padaria da terra.

Francisco olhou pelo espelho retrovisor uma última vez antes da primeira curva da estrada. Sentia uma certa nostalgia por saber que, muito provavelmente, não voltaria ali nos próximos meses. Luísa observou-o pelo canto do olho. Seria assolada por esta visão vezes sem conta num futuro próximo, quando uma tragédia a tornaria a derradeira imagem que o marido teria do local de que tanto gostava.

XIX

Os meses de inverno arrastaram-se na rotina habitual. O outono foi chuvoso, mas as temperaturas relativamente amenas. Algumas zonas ribeirinhas e da Baixa de Lisboa ficaram inundadas, causando prejuízos comerciais e particulares avultados. Luísa e Francisco assistiam ao telejornal, impressionados com a fragilidade da vida humana. Num minuto, tudo podia estar perdido, todas as economias de uma vida, ou até a própria vida. Comentavam, entre si, ele de sobrolho franzido, ela de punhos cerrados, a forma como os governos descuravam a proteção de pessoas e bens. Indignavam-se com os relatos das vítimas, tanto como as próprias, solidários na sua desventura, empenhados em encontrar soluções milagrosas para prevenir o problema no futuro. Tudo parecia fácil de resolver, visto da perspetiva daquelas poltronas.

Chegou dezembro e a tradicional mesa posta a partir do dia 1. As toalhas com motivos natalícios emergiram do baú e foram lavadas e passadas para estarem apresentáveis. As bolachas para cão de Francisco tiveram o seu lugar de destaque, entre filhoses, azevias e rabanadas. O centro de mesa de azevinho e bagas vermelhas foi limpo e encerado, as velas queimadas no ano anterior substituídas por outras, novinhas em folha. Durante aqueles dias, vizinhos e conhecidos desfilarão em volta da mesa recheada, regalandose com os sabores tradicionais da época que Luísa confeccionava exemplarmente. Acabavam por sair com os doces que sobravam, para degustarem em casa, nos dias seguintes.

Nuno não os visitou, nem no dia 24, nem no 25, mas telefonou uns dias antes, para desejar boas festas e perguntar se estavam bem. Falou com o pai, mas acabou por pedir para passar a chamada à mãe, que respondeu, surpreendida, com o coração a bater-lhe forte no peito, mas sem se alongar, porque não queria parecer demasiado ansiosa, ou dizer a coisa errada. Já se tinha habituado à ausência do filho e tinha deixado de alimentar expectativas em relação a ele. E sentira uma estranha paz depois disso. Porque quando não há expectativas, não há desilusões. E fora o que ela acumulara ao longo dos anos: desilusões que mutavam para frustração.

A noite da consoada foi passada com a sua pequena família de três. Um jantar tradicional de bacalhau com couves e uma sobremesa de leite-creme completaram

o repasto. Para *Luana*, um bife de frango com arroz, sem sal, e uma das suas bolachas natalícias. Os presentes foram abertos na manhã de Natal, porque à meia-noite já ambos dormiam nas poltronas, em frente à televisão, que debitava programas festivos só percecionados pelos subconscientes adormecidos.

De manhã, foi *Luana* a principal beneficiária do espírito de Natal, pois eram, para ela, a grande maioria dos presentes. Um casaco quente, almofadado, uma coleira e trela a condizer, um comedouro decorado, um brinquedo barulhento e um pacote de pedaços de frango desidratado completavam o seu espólio. Para Luísa, umas pantufas quentinhas e uma manta polar com uma fotografia da cadela, que o marido mandara estampar na loja de fotografia do centro comercial. Para Francisco, um canivete suíço sofisticado e um boné com pelo, para lhe aquecer a cabeça, meio calva, durante os passeios com *Luana*.

No almoço de Natal, comeram lombo de porco recheado com ameixas e puré de maçã, e terminaram o leite-creme. *Luana* teve direito a uma porção de carne de porco, que retiraram das partes menos gordurosas. Limpou o prato, deliciada, e adormeceu em seguida, satisfeita, perto da lareira acesa.

Os dias seguintes foram passados em contenção alimentar, uma vez que os exageros do Natal deviam, com toda a certeza, ter feito subir o colesterol e disparar a glicémia. Só voltaram a pecar na noite da passagem de ano, na qual comeram marisco cozido e tostas com manteiga. Comeram doze passas e bebericaram uma taça de espumante, enquanto a televisão fazia a contagem decrescente para a meia-noite, e espreitaram o fogo de artifício através da janela da sala: os vizinhos, entusiastas da época, lançavam petardos e foguetes nos primeiros minutos de 2010.

O mês de janeiro foi frio e seco, ressacando das festividades do mês anterior. As decorações e iluminações abandonaram as janelas, as fachadas das casas e os postes de eletricidade, e voltaram às caixas de arrumação particulares, ou aos armazéns das juntas de freguesia e câmaras municipais. Os pinheiros artificiais, desmontados, fizeram-lhes companhia. Pairava no ar uma espécie de nostalgia saudosista de toda a luz, alegria e beleza do mês anterior.

Em casa de Luísa, a mesa foi arrumada, as toalhas lavadas, os enfeites guardados na arrecadação. As visitas foram escasseando, até desaparecerem de vez, a par do desaparecimento das especialidades natalícias. Os dias passavam devagar, o frio a desencorajar os passeios no exterior, a cama quentinha a convidar à permanência por mais tempo do que o aconselhável.

Francisco saía com *Luana* duas vezes por dia, mas acabava por abreviar o passeio, desmotivado pelo frio, que se lhe entranhava nos ossos, obrigando-o a caminhar curvado, com a gola do casaco puxada até às orelhas e o gorro até aos olhos. A cadela levava a sua capa acolchoada, mas o frio nunca a desanimava e era com alguma desilusão que se via puxada em direção a casa mal terminava de satisfazer as suas necessidades fisiológicas. Francisco tinha pena dela, mas não se dava bem com o frio e tinha de pensar no seu bem-estar, pois quanto mais lhe

doíam as articulações, mais difícil era conciliar o sono. Confortava-o pensar que, em breve, o tempo melhoraria, a primavera chegaria e o animal poderia correr livremente na casa de Tomar. Era fazendo alusão a esse futuro próximo que a levava para casa, consolando-a na sua desilusão.

Na verdade, a cadelinha andava tristonha. Os passeios mais curtos não lhe estimulavam o corpo e a mente. O tempo frio não proporcionava encontros lúdicos com vizinhos com cães, recolhidos no calor dos lares, prevenindo resfriados. Saúl não voltara a ter cão, desde que o *Bobby* partira, estando ele próprio fisicamente debilitado, e Carolina mudara de casa, levando a sua cadela consigo. O tempo ameno, passado em Tomar, não proporcionava novas amizades com outros tutores de cães.

Luísa regredira um pouco na sua saúde mental, passando mais tempo deitada, mais implicativa quando acordada. Apesar do amor que nutria pela cadela, acabava por descarregar nela alguma da sua irritação, mesmo que infundada. Tinha menos paciência, ralhava-lhe frequentemente, mas de forma inconstante, acabando por lhe criar ansiedade. Francisco brincava menos com ela porque as crises articulares dolorosas, que tinham piorado nesse inverno, não lhe permitiam movimentar-se com agilidade. Todos esperavam que a chegada do tempo ameno lhes restituísse a boa disposição.

Fevereiro chegou chuvoso, mas mais morno. Francisco dedicava, todos os dias, algum tempo a estudar o boletim meteorológico, avaliando as previsões para os dias seguintes. Por muito que lhe apetecesse voltar a Tomar, sabia que não era sensato fazê-lo de forma precipitada, porque estar lá, com mau tempo, ainda era pior do que não estar. Ali a casa era maior, com mais condições e, se tinham de estar confinados, naquela zona, mais urbana, tinham mais alternativas para ocuparem o tempo.

Quando parava de chover e o sol espreitava por entre as nuvens, *Luana* era presenteada com um passeio mais prolongado. Estar no exterior a absorver toda a informação odorífera depositada por outros cães, correr pela relva, desaparecer no meio dos arbustos e caçar insetos era algo que lhe lembrava a liberdade de que disfrutava em Tomar.

Luísa começava a dar sinais de se sentir melhor, mais paciente, menos implicativa, provavelmente antecipando o regresso à casa onde eram verdadeiramente felizes. Comprava produtos enlatados e de maior duração, que reservava numa das prateleiras da dispensa com a intenção de os levar para a casa de campo. Ter um objetivo dava-lhe motivos para se levantar da cama. Voltara a tricotar, nos longos serões passados à lareira, o ruído da televisão sincronizado com o matraquear das agulhas de tricô, *Luana* a dormir no colo de Francisco, enquanto este se indignava com as notícias sensacionalistas do telejornal.

— Sempre as mesmas notícias. Não sei aonde vamos parar com tantos aumentos de preços! As reformas é que não aumentam!

Luísa ignorava o comentário, continuando a agitar as agulhas numa dança

coordenada, a lã entrelaçada fazendo crescer a peça tricotada, a desordem a dar lugar à ordem, os fios inúteis a transformarem-se em algo com utilidade. Quando lhe começavam a doer as mãos, as pálpebras a pesar, o olhar desfocado a confundir as laçadas, dava por encerrada a missão desse dia e recolhia-se ao quarto. *Luana*, que parecia estar ferrada a dormir, saltava de imediato do colo de Francisco e seguia-a. Mesmo nos dias em que Luísa estava mais irritadiça, a cadela não deixava de dormir com ela. Era um momento de partilha que parecia ter um efeito calmante, uma vez que, por mais que se sentisse irritada, a presença do animal naquele momento íntimo deixava-a mais relaxada e dormia melhor.

Fevereiro prosseguiu, parecendo querer pôr um ponto final no inverno. Os dias ficavam mais compridos, o sol fazia visitas cada vez mais demoradas, o menor número de dias a apressar a mudança para o mês da primavera. Um mês desenxabido, monótono, sem interesse de maior que não fosse a contagem decrescente para o seu final. Pelo menos assim o pensavam Luísa e Francisco. Não eram foliões e não tinham qualquer interesse pelo Carnaval, assim como há muito não se consideravam namorados para comemorarem o dia 14. Portanto, mantinham-se, simplesmente, à espera de que março chegasse, com toda a sua beleza, as flores a desabrocharem, as árvores a cobrirem-se de folhas, as andorinhas a fazerem os ninhos nos beirais.

Dia 20, sábado, 2010. Francisco acordara com o som de metal a bater contra metal, seguido de vidros estilhaçados. Gritos humanos e passos apressados denunciavam algo grave. Saltou da cama, ignorando as dores nas articulações, e correu para a janela da sala, pois o frenesim parecia localizado na estrada em frente. Um embate entre dois veículos ligeiros tinha reduzido a frente de um e a traseira de outro a um amontoado de metal retorcido. Os condutores pareciam estar bem fisicamente, mas em choque, amparados por alguns transeuntes que tinham acorrido ao local do acidente. Os mirones eram já muitos e continuavam a chegar de todo o lado, movidos pela curiosidade mórbida. A polícia chegou pouco depois e tomou conta da ocorrência, fazendo dispersar toda a gente.

Francisco observava a cena de um local privilegiado, o interior da sua própria casa. *Luana*, que, entretanto, o tinha vindo cumprimentar à sala, saltitava à sua volta, tentando atrair-lhe a atenção. Queria sair. Precisava de sair. Era a bexiga que o exigia.

Quando os ânimos pareciam mais calmos e a situação controlada, Francisco perdeu o interesse no desfecho dos acontecimentos e foi para o quarto vestir umas calças e o sobretudo para sair com *Luana*. Luísa ainda lhe perguntou do quarto:

— Então, o que aconteceu? Um acidente?

— Sim. Dois carros. Mas parece-me que ninguém ficou muito ferido. Foi só chapa. E vidros.

— Andam por aí a abrir e depois as coisas acontecem.

— O piso estava molhado. Às vezes, uma pequena distração pode ser fatal...

— E já está tudo resolvido?

— Está ali a polícia a resolver a questão. Vou sair com a cadela.

— Está bem. Vou aqui ficar mais um pouco.

— Até já!

Depois de convenientemente aconchegados, saíram. A cadela aliviou-se assim que chegou ao canteiro. Seguiram o passeio, calmamente, ela passando vistoria olfativa a todo o perímetro, ele observando a praceta, os edifícios, as janelas. Sentia-se estranhamente nostálgico. Como se um torno lhe estivesse a apertar o peito, deixando-o ansioso. Que se passava consigo? Não era que lhe doesse alguma coisa. Não mais do que habitualmente, pelo menos. No entanto, sentia aquela prensa opressiva a dificultar-lhe a respiração. Nada de objetivo. Parecia-lhe algo psicológico, do foro da ansiedade, premonitório, talvez. Como se alguma coisa importante estivesse para acontecer e o sentisse na pressão atmosférica, na eletricidade estática, nas ondas eletromagnéticas.

Tentou ignorar a sensação, passando a mão na testa. Talvez estivesse relacionada com o acidente que presenciara. Talvez o tivesse feito sentir-se inseguro, por comprovar a mutação que os acontecimentos podem sofrer, de forma inesperada. Como os planos, objetivos e prioridades podem mudar num segundo. Não que o acidente o tivesse afetado muito. Era só mais um, sem vítimas graves. Uns dias na oficina e os carros voltariam à estrada, como novos. E as vidas retomariam o seu percurso, as memórias do sucedido a esbaterem-se com o passar do tempo, arquivadas num lugar remoto da consciência.

Chamou *Luana*, que continuava a exploração sensorial do canteiro. Ao ouvir o seu nome, levantou a cabeça, inquisitiva, os longos pelos das orelhas em desalinho, a capa acolchoada a escorregar pelo dorso, os olhos brilhantes, atentos e expectantes, focando a atenção em Francisco, tentando retirar o máximo de informação possível daquela interpelação.

— Chega aqui! Vamos à padaria — chamou, enquanto batia com a mão na perna, para reforçar o objetivo.

A cadela abandonou a sua missão e aproximou-se, diligente, permitindo que lhe voltasse a colocar a trela. Lambeu-lhe as mãos e seguiu-o em direção à padaria, onde a esperava uma fatia de fiambre, fresquinha e aromática, além dos afagos da padeira.

Voltaram para casa com um pão de Mafra, comprido e crocante, mesmo a abrir o apetite para o pequeno-almoço.

Nesse dia, comeram sozinhos, dado que Luísa permanecia no quarto e a casa estava silenciosa. Francisco arrastou a cadeira para a janela e ficou a saborear o chá, que tinha aromatizado com umas casquinhas de limão, enquanto assistia à finalização da limpeza da via. Os carros envolvidos no acidente já tinham sido levados e o trânsito fluía normalmente, exceto no pequeno desvio que faziam no local de limpeza.

Luísa só saiu do quarto perto da hora de almoço. Comeram um resto de arroz de grelos, a acompanhar salmão grelhado, lavaram a loiça e arrumaram a casa.

Passaram a tarde em frente à televisão, a assistir a programas de entretenimento. Quando a noite se infiltrou nas ruas e praças de Algés, Francisco voltou a sair com *Luana* para o passeio de final de dia. Luísa ficou na cozinha, às voltas com os tachos, confeccionando uma sopa de legumes e feijão que serviria ao jantar como prato principal, pois à noite não gostavam de refeições pesadas.

Com os legumes a cozer e arrumada a área de confeção, pegou numa revista de passatempos e começou à procura das palavras perdidas, num emaranhado de letras, sentada à mesa da cozinha, atenta ao borbulhar do caldo na panela. Olhou para o relógio, intrigada, uma vez que o tempo de ausência já ultrapassava largamente o habitual.

Ainda foi espreitar à porta principal do edifício, mas não os viu em lado nenhum. Voltou para dentro, porque a sopa necessitava do seu cuidado. Não haviam de demorar! Provavelmente, tinham encontrado algum vizinho e Francisco estava com ele à conversa.

Mexeu os legumes com a colher de pau e voltou à revista. Passava os olhos repetidas vezes pela página, tentando encontrar nexos naquela absoluta confusão do alfabeto. Levantou os olhos quando ouviu, ao longe, uma sirene. Aguçou o ouvido e ficou a acompanhar o percurso do som, que parecia estar a aproximar-se. A urgência do mesmo levou-a a concluir que se tratava de uma ambulância. Ficou paralisada, presa naquele ruído, a sua intuição completamente alerta, incapaz de reagir.

Quando tocaram à campainha, Luísa já sabia que a sua vida, como a conhecera até esse momento, deixara de existir.

LUANA

Hoje achei que o Francisco estava estranho. Não sei explicar em que sentido, mas o odor que vinha do seu corpo deixou-me alerta. Foi durante o passeio, logo de manhã, que me pareceu que algo poderia acontecer. Mas depois o resto do dia decorreu normalmente. Eu é que não consegui relaxar. Estive sempre a observá-lo pelo canto do olho. Nem me apeteceu brincar. Ainda fui buscar a minha bola, para lhe entregar e ver como reagia, estudar o seu desempenho. E ele até a atirou como habitualmente. Só que algo nele era mecânico, sem emoção. Como se estivesse distraído, desconcentrado. E por vezes saíam-lhe gotículas de suor da testa. E esfregava as mãos, porque estavam húmidas. Devia estar a sentir algo que não reconhecia, que não sabia identificar.

Também não me apeteceu comer. Quanto mais o dia avançava, mais me convencia de que alguma coisa estava errada. O problema é que não sabia o quê. E depois veio a Luísa e mais o seu alarmismo:

— A cadela hoje não comeu! Deve estar doente. Ouviste, Francisco? A cadela deve estar doente. Não quis comer.

Bolas! Eu não estou doente! Estou preocupada! Chamem-lhe sexto sentido, ou aquilo que quiserem. Mas algo está estranhamente errado.

O Francisco ainda respondeu:

— Deixa ver como passa o resto do dia. Se continuar sem comer, amanhã levo-a ao veterinário.

A resposta saiu da sua boca enquanto passava a mão pela testa húmida. Mas a entoação... a entoação não existia. As palavras saíam mecanizadas, isentas de emoção, proferidas de forma automática.

Anoiteceu e ele nem pareceu ter-se apercebido. Ali estava, em frente à televisão, a mudar constantemente de canal, sem dar atenção a nada. Como eu queria conseguir comunicar de uma forma que ele percebesse. Mas ia dizer o quê? Nem eu sabia ao certo o que sentia!

Saímos para a rua, fizemos o percurso normal, mas ele nem se lembrou de me tirar a trela, como era hábito seu, para eu poder correr um bocado. Manteve-me sempre presa, mas eu não me importei. Não queria sair de perto dele. O meu instinto mandava-me permanecer vigilante.

Atravessámos a praca, passámos a estrada para o outro lado, entrámos no quarteirão em frente e descemos a escada que acompanhava o declive do terreno, desembocando na calçada que servia o comércio alojado naquele local: um cabeleireiro, um tatuador, uma lavandaria e uma loja de telemóveis. Não se via ninguém, mas as montras das lojas iluminavam o local.

Estávamos quase no último degrau quando senti um puxão e vi, aterrorizada, que o Francisco caíra, desamparado, de cara voltada para o chão. O braço e a mão que seguravam a minha trela ficaram por baixo do corpo, mantendo-me ligada a

ele, sem hipótese de ir pedir ajuda.

Aproximei-me, cheirei-o uma vez e outra, toquei-lhe com o nariz, lambi-lhe as orelhas, esgravatei-lhe o casaco com as patas. Ele não reagiu. Algo estava errado. Muito errado. Comecei a sentir muito medo. O que estava a acontecer? Porque é que ele tinha resolvido deitar-se, assim, de repente, nas escadas duras e frias? Porque é que não se levantava, para continuarmos o passeio e depois voltarmos para casa, para o calor da lareira? Porquê? Vá lá, Francisco! Levanta-te! Por favor! Por favor! Por favor! Vamos para casa! Já não quero passear mais! Só quero voltar para casa. Contigo! A Luísa está à nossa espera. Vá lá! Leva-me para casa! Levanta-te! Não vês que não posso sair daqui? Não posso ir chamar ninguém. O teu corpo é muito pesado para mim.

Sinto-me tão sozinha. Se não te levantas, vou ficar aqui contigo. Encosto-me a ti e aqueço-te e tu aqueces-me. Se tu ficas, eu fico. Não vou a lado nenhum. Era só para ver se chamava alguma pessoa que te pudesse ajudar. Estou tão só, tão triste, tão assustada, que só me apetece uivar. Espera lá! Se eu ladrar alto, muito alto, com todas as minhas forças, talvez alguém ouça e venha ver o que se passa!

Au, au, auuuuuu!

Porque é que não aparece ninguém? Já estou cansada de tanto ladrar. Espera lá, estou a ouvir passos. Parece que vem aí alguém. Sim! Duas pessoas saíram do interior do prédio. Estão a correr para aqui. Uma delas está inclinada para o corpo de Francisco. A outra está a tentar libertar-me e pegou-me ao colo. Não quero colo! Quero estar com o Francisco. Larga-me, por favor! Quero ir para o chão. Ele precisa de mim. Do meu calor. Não veem que a noite está fria?

Agora estão os dois muito agitados. A mulher luta para me manter no seu colo. Tenta acalmar-me afagando-me as orelhas. E eu luto para me libertar. O homem está a falar alto. Está nervoso. Tem um daqueles aparelhos encostado ao ouvido e fala para ele, não para a mulher, que continua ocupada a lutar comigo. Mas eu não desisto. Dou um salto e consigo libertar-me do seu abraço. Caio redonda no chão e fico um pouco atordoada. Mas levanto-me e corro para o Francisco, para me enroscar no seu corpo inanimado. Não me tirem dali. Eu quero estar com ele. A mulher está chorosa. O homem continua ao telefone. Começam a surgir outras pessoas. Vêm de todos os lados. Num instante, está um mar de gente à nossa volta. E eu fico ainda mais assustada. Vá lá, Francisco! Levanta-te! Vamos para casa. Olha que a Luísa deve estar preocupada.

Vou esgravatando o seu casaco com as minhas unhas. De vez em quando, lambo-lhe a mão livre, para ver se o trago de volta à consciência. A mulher chora. O homem fala e fala e fala, nervoso, andando de um lado para o outro. As outras pessoas observam e conversam entre elas. Já desistiram de me tirar dali. Eu não saio. Não o deixo sozinho. É o meu Francisco, bolas!

Ao fim de algum tempo ouvi sirenes. Foram ficando cada vez mais próximas. Até que o local foi inundado por luzes ofuscantes, vermelhas e azuis. Quase me cegaram. Fechei os olhos e encolhi-me em bola, encostada ao Francisco. O corpo

dele já não irradiava calor. Estava frio.

Alguém me pegou novamente ao colo. Viraram o corpo do Francisco e começaram a carregar-lhe no peito. Ele estremecia ao ritmo das pancadas, mas o olhar continuava estático, o corpo inerte, a boca arroxeadada, contorcida num esgar. Se calhar, eu devia tentar protegê-lo daquele mar de gente. Ou então, não! Talvez estivessem, eles próprios, a tentar ajudar. Mas para quê reagir, se aquele já não era o meu Francisco?

À volta, todos sussurravam, mas tudo me soava como se eu estivesse dentro de uma bolha. As palavras eram distorcidas, as vozes abafadas e eu não reconhecia qualquer comando que me fosse familiar.

O Francisco foi levado para dentro do carro cintilante e a pessoa que me mantinha ao colo encaminhou-se para a praceta. Estiquei-me para espreitar por cima do seu ombro e ainda vi o carro a dar meia-volta e afastar-se do local. Não sei se me importei. Estávamos a dirigir-nos para casa e eu esperava encontrar tudo igual. Porque aquele invólucro que seguira viagem já não era o meu Francisco.

Enquanto me encorajava, com palavras doces e sussurradas, a mulher tocou à campainha da nossa casa. Estava acompanhada por dois homens vestidos de igual. Quando a Luísa abriu a porta, a minha esperança renovou-se. Lutei para que me colocassem no chão e corri por toda a casa, espreitei em todas as divisões, procurei em todos os recantos, na expectativa de o ver, de voltar a sentir o calor das suas mãos, de ver o seu sorriso meio desdentado, dizendo-me que estava tudo bem. Mas não sentia a sua presença em lado nenhum. Derrotada, sentindo que me tinha sido arrancada uma parte de mim, fui para a sala e enrosquei-me na minha cama, perto da lareira, para que o calor das brasas me voltasse a aquecer os ossos. Mas o frio teimava em não me abandonar, congelando a minha essência.

XX

Luísa abriu a porta com as mãos a tremer, a sentir um arrepio na espinha. Quando viu *Luana* ao colo daquela vizinha, que conhecia de vista e, segundo se lembrava, morava do outro lado da avenida, acompanhada por dois polícias, teve a confirmação dos seus receios. Ficou parada, à porta, embasbacada, sem conseguir articular uma só palavra. A cadela debatia-se para se soltar do abraço que a mantinha presa. Gania baixinho, agitada, contorcendo-se até a mulher a colocar atabalhoadamente no chão. Sentiu-a passar a correr por entre as suas pernas, mas continuou paralisada, sem reagir, a fixar, sem ver, as caras à sua frente.

— Minha senhora, boa noite! Precisamos de falar consigo. Podemos entrar? Gostávamos que se sentasse, primeiro — um dos agentes, na casa dos quarenta, grisalho nas têmporas e com alguns quilos a mais, foi o primeiro a falar, tomando conta da situação.

Como Luísa permanecia estática e muda, avançou uns passos e colocou-lhe a mão no ombro, para a encaminhar para dentro de casa. Ela estava claramente em choque e o sargento que a abordava tinha consciência disso. O outro agente preparou-se para o seguir, mas antes dispensou a mulher, que permanecia ao seu lado:

— Conhece esta senhora?

— Não propriamente. Só de vista. Nunca falámos. Conversei algumas vezes com o marido, porque andava sempre a passear a cadela e os meus filhos gostavam de brincar com ela. Por isso é que sabia onde ele morava.

— Então, agradecemos a sua colaboração, mas a partir de agora teremos de ser nós a tratar do assunto...

— Sim, claro. Se precisarem de mim, moro naquele quarteirão, no número quatro, segundo direito.

— Sim. Claro. Obrigado, mais uma vez. O meu colega já identificou os presentes há pouco. Portanto, será contactada, se necessário. Boa noite para si.

— Boa noite, senhor agente.

E posto isto, a mulher dirigiu-se ao exterior do edifício, enquanto o agente entrava, também ele, em casa de Luísa. Esta já estava sentada na poltrona da sala, tremendo que nem varas verdes, enquanto o sargento Perdigão, conforme

identificava a chapa que trazia pendurada no peito, tentava iniciar um diálogo — que, até àquele momento, era ainda um monólogo.

— Minha senhora. Sei que está muito abalada, mas precisamos de si. Aconteceu um acidente e pensamos que tenha sido com o seu marido. Pelo menos, as pessoas presentes assim o indicaram.

Luísa fixava o agente, mas parecia não o ver. Este tinha a impressão de que ela olhava através dele e não para ele. Estava visivelmente atropalhado, sem compreender como lidar com a situação.

— Tem filhos? Alguém que possamos contactar?

Luísa continuava com o olhar fixo, mas a sua boca começou a abrir e a fechar, como um peixe, sem emitir qualquer som.

— Filhos! A senhora tem filhos? Precisamos de os contactar! — insistiu o agente.

Por esse momento, Luísa conseguiu balbuciar algo incompreensível e levantou-se, cambaleante, dirigindo-se ao telemóvel pousado na mesa de apoio. Ligou-o e começou a procurar desajeitadamente, acabando por entregar ao polícia o aparelho já com sinal de chamada. Depois de alguns minutos, atendeu o *voice mail*.

— Não atende. Era para o seu filho que estava a ligar? — perguntou o agente, tendo reparado que o número de telefone estava identificado como «Nuno». — Tentamos novamente.

Nesse momento, já Luísa lhe entregava um outro aparelho, que o polícia compreendeu que seria o do marido. Procurou o mesmo nome na lista de contactos e fez a chamada. Nuno atendeu ao quinto toque:

— Estou! Pai?

— Estou, sim! Daqui fala o sargento Perdigão, da GNR. Houve um acidente com o seu pai. Será que pode vir a casa da sua mãe? Mora perto? A sua mãe está muito abalada e não conseguimos que nos ajude.

Silêncio do outro lado.

— Senhor Nuno, certo? Precisamos de si.

Do outro lado, uma voz sumida perguntou, cautelosamente:

— Que tipo de acidente?

— Não sabemos. Só sabemos que foi encontrado caído na rua.

— E... Ele está bem?

— Receio que não. Precisamos que venha connosco reconhecer o corpo à morgue do hospital de Cascais.

— Reconhecer o corpo? À morgue? Mas não está hospitalizado?

— Não. O médico legista foi chamado ao local e reconheceu que ele estava em paragem cardiorrespiratória. Os bombeiros ainda tentaram a reanimação, sem sucesso. Foi fulminante.

— Vou já para aí.

Quando o agente desligou a chamada, olhou para Luísa e tomou consciência de que ela, só nesse momento, teria compreendido realmente a situação. Continuava

sentada, muito direita, as mãos cravadas nos braços da poltrona.

— Então, ele está morto! Mas como? O que aconteceu?

— Não sabemos. Terá de haver autópsia. Ele andava doente?

— Que eu saiba, não! Tirando as maleitas normais da idade. Não se queixou de nada.

— Quer que lhe traga um copo de água?

— Não quero nada! — recusou de forma brusca.

O sargento relevou a atitude, reconhecendo o estado emocional periclitante da viúva. Aguardaram a chegada de Nuno, em silêncio, esperando que este se encontrasse mais lúcido para dar seguimento a toda a burocracia que aí vinha.

Chegou passada meia hora, um pouco desorientado, olhos inchados, roupa em desalinho, como se se tivesse vestido à pressa.

Ajudou a mãe a trocar as pantufas por uns sapatos, procurou um casaco quente e um cachecol e vestiu-a, apesar de esta se mostrar relutante em aceitar. Saíram no carro de Nuno e dirigiram-se ao hospital. Quando chegaram à morgue, foram conduzidos ao longo de um corredor pintado de branco, sem qualquer ornamento, e entraram numa sala gelada, com algumas mesas metálicas e uma parede preenchida por portas quadradas, cada qual correspondendo a uma câmara frigorífica. Na mesa mais distante estava aquilo que parecia um corpo humano coberto por um lençol branco. Aproximaram-se e, sem qualquer delicadeza, o homem levantou o lençol, descobrindo o cadáver. Luísa e Nuno não conseguiram evitar um sobressalto ao reconhecerem o rosto arroxeadado e sem vida de Francisco. O filho rompeu em lágrimas, mas a mãe manteve-se hirta, sem chorar.

Depois de assinarem a papelada que lhes foi apresentada, como autómatos, desconcentrados, deixando-se guiar pelas orientações do funcionário, regressaram a casa. Quando se aproximaram da porta do prédio, foram abordados por um homem alto e magro, de fato escuro e gravata, que se identificou como representante de uma funerária de renome.

— Boa noite. São os familiares do senhor Francisco?

Luísa e Nuno ficaram a olhar para o homem, embasbacados, tentando descortinar a identidade do desconhecido.

— Sim. Sou o filho e esta é a minha mãe. Porquê?

— Sou António Ramalho e venho da funerária. Antes de mais, as minhas mais sinceras condolências pela vossa perda. Estou aqui para oferecer os meus serviços, de que penso estarem a precisar.

— Como assim, os seus serviços? Como chegou até nós?

— Este é sempre um momento difícil. E as famílias enlutadas nem sempre estão preparadas para os dias seguintes. A complexidade burocrática e a desorientação natural causada pela dor da perda de alguém que se ama, ainda para mais, no vosso caso, que foi de uma forma completamente imprevisível, não permite a presença de espírito necessária. Nós estamos aqui para tratar de tudo, para vos dar todo o apoio de que precisam.

— Como soube da morte do meu pai praticamente ao mesmo tempo do que nós? De alguma forma ilícita, presumo.

— Ah! Não! Estamos em permanente contacto com a morgue do hospital. É algo perfeitamente legal. As pessoas enlutadas agradecem a ajuda, num momento tão vulnerável.

— Por estarem vulneráveis são facilmente enganadas, claro. Muito bem. Vamos então entrar, para falarmos. Teremos de contratar uma agência, de qualquer maneira.

Nuno não conseguiu evitar um tom belicoso. Luísa continuava calada. O agente funerário não se mostrou intimidado, habituado que estava a lidar com pessoas nos seus piores momentos, pelo que os seguiu de forma solene até ao apartamento. Sentaram-se à mesa da cozinha, na qual ainda permaneciam os dois pratos a aguardar a sopa de legumes que esfriava no fogão. Luísa retirou-os para arranjar espaço para os documentos que o homem trazia com ele.

Pouco depois, já ambos tinham sido arrastados para um sem número de escolhas por catálogo. Nuno sentia-se incrédulo ao constatar a existência de um negócio relacionado com a morte que envolvia pormenores completamente inúteis, mas que o faziam sentir-se como se, ao recusar, estivesse a retirar importância à existência terrena do pai.

Fizeram as escolhas que conseguiram, assoberbados como estavam com a velocidade chocante dos acontecimentos. Não que Luísa tivesse sido uma grande ajuda, pois permanecia muda, assentindo com a cabeça uma vez ou outra, de forma pouco convicta. Nuno tomou as decisões, sem compreender muito bem o que fazia.

O funeral aconteceu dois dias depois. Um número considerável de pessoas assistiu à cerimónia, sobretudo colegas de Francisco, fardados a rigor. O corpo foi cremado e as cinzas, acondicionadas dentro de um ornamentado pote de estanho, foram entregues a Luísa. Esta, que tinha permanecido em silêncio desde o dia fatídico, falou pela primeira vez para perguntar ao filho o destino daquele objeto. Nuno absteve-se de dar resposta, ciente de que a mãe andava a reprimir emoções desde a morte do pai e que se assemelhava, naquele momento, a uma panela de pressão, prestes a libertar todo o vapor retido.

Depois de terminada a cerimónia fúnebre, levou-a a casa. *Luana* veio recebê-los, na expectativa de ver Francisco, mas, quando percebeu que eram eles, deu meia-volta e foi para a cama. Nuno teve pena dela. O que lhe iria acontecer, agora que o pai não estava? Agora que o pai não voltaria? Aproximou-se e ajoelhou-se para lhe pegar ao colo. Era, sem dúvida, um amor. Mas estava triste, apagada. Será que os cães têm percepção da morte? Será que ela sabia que Francisco não ia voltar para casa? Ou viveria na constante espera pelo seu regresso? Seria um mistério que nunca conseguiriam resolver.

Voltou a deitá-la na caminha e saiu da sala, deitando-lhe um último olhar. Ela observava-o intensamente, como se lhe quisesse transmitir uma mensagem

telepática. Dirigiu-se à porta para sair, mas sentiu-se impulsionado a advertir a mãe em relação ao animal:

— Não se esqueça de que a cadela precisa de si. Dos seus cuidados. Tem de sair, passear, não pode viver fechada. Comida e água não chegam. É preciso muito mais. Assumiu uma responsabilidade quando a trouxe para casa, não pode negligenciá-la agora. É um ser vivo, não é um objeto que só tira do armário quando lhe convém. Ou que deita fora quando já não lhe interessa, ou se torna incômodo.

Luísa, que se tinha mantido até ali inexpressiva, calada, fechada para o exterior, emergiu de dentro de si própria com toda a raiva e frustração acumuladas. Não conseguiu conter por mais tempo os sentimentos contraditórios que lhe consumiam as entranhas. Sentia uma dor inexplicável e cruciante, uma revolta incontrollável para com o mundo em geral, por tudo o que lhe tinha sido roubado. Todo o sofrimento de uma vida se concentrou naquele momento, assim como toda a impotência para mudar o rumo dos acontecimentos. Explodiu como uma bomba, disparando fragmentos em todas as direções, partindo-se em mil pedaços, acabando por reduzir a estilhaços o pouco que lhe restava da relação, ainda que precária, com o seu único filho.

— Quem és tu, para me vires com falsos moralismos? Onde estiveste, durante estes anos? Quantas vezes estiveste com o teu pai? Quantas vezes estiveste com a cadela? Saíste da nossa vida, abandonaste-nos, apesar de estarmos a ficar velhos e podermos precisar de ti. Agora apareces, neste momento, para que todos te vejam como um filho dedicado e enlutado! E comesas a debitar conselhos sobre a forma como eu devo agir? O que é que tu sabes sobre mim, ou sobre a forma como lido com a cadela, ou o que faço normalmente, ou com quem me relaciono? Nada! Não sabes nada! Assim como não sabias nada do teu pai! Depois, chegas aqui e assumes o comando, tomas as decisões, sem me perguntares, sequer, se concordo, se tenho condições financeiras para todos os serviços que resolveste contratar. Para que a tua imagem de filho dedicado aparecesse sem mácula. O filho que queria tudo, do bom e do melhor, para o pai. Pena que fosse só depois da sua morte! Com certeza reapareces, neste momento, a contar com a tua parte da herança. Como um abutre à procura dos restos de carne!

Naquele momento, Nuno, que ouvira boquiaberto as acusações da mãe, não aguentou mais. Como seria possível tanto ressentimento? Como tinham chegado àquele ponto? Como poderia a mãe ser tão cruel? Sentia-se à beira das lágrimas, como uma criança desamparada. Incapaz de reagir, virou costas, em silêncio, e saiu, batendo com a porta.

E naquele momento, Luísa, consciente de que não mais veria o filho, sentou-se no chão da entrada, abraçou os joelhos e chorou compulsivamente a perda dos seus dois homens. O primeiro por mais um duro golpe do destino e o segundo por sua exclusiva culpa.

Quando esgotou as lágrimas, levantou a cabeça, atordoada e viu *Luana* a olhá-

la fixamente.

— Que queres? Também tu me julgas? Deixa-me!

Em resposta, a cadela aproximou-se, cautelosamente, abanando a cauda, orelhas coladas à cabeça, avaliando a atitude de Luísa. Ergueu-se nas patas traseiras, ficando à altura da sua cara, uma vez que ainda permanecia sentada no chão, e lambeu-lhe as lágrimas salgadas. Luísa, surpreendida, limpou a cara com as costas da mão, esticou as pernas e abriu os braços, recebendo-a no seu regaço. Estreitou-a num abraço apertado, como se buscasse nela o afeto de que precisava naquele momento, e ali ficaram durante algum tempo, conscientes de que seriam só as duas daí para a frente.

XXI

Os dias seguintes ao funeral de Francisco foram de adaptação. Se é que Luísa, algum dia, se iria conseguir adaptar. Era por *Luana* que se levantava, três vezes por dia, para lhe dar comida, e era nessa altura que ingeria alguma coisa, pré-feita, porque não conseguia arranjar coragem para cozinhar. Vagueava pela casa, arrastando os pés, desorientada, descurava a limpeza e a arrumação, reduzia a higiene pessoal ao mínimo indispensável.

Durante o primeiro mês, não saiu de casa. Sobreviveu com o que tinha, alimentando-se de enlatados, não abriu a porta a quem a tentou visitar, não atendeu as chamadas a quem lhe ligou. Vivía num limbo entre a consciência e a inconsciência, a lembrar a depressão em que mergulhou após a separação de Guilherme. A grande diferença era que não tinha Francisco como cuidador. Desta vez, era ela que tinha de arranjar forças para ser a cuidadora, uma vez que *Luana* estava absolutamente dependente de si. Passava o dia na cama, assim como a noite, exceto naqueles breves momentos em que se arrastava por casa para cumprir as obrigações inadiáveis. Enquanto deitada, dormitava por pequenos períodos, quando o cansaço vencía a tristeza. Mas a maior parte do tempo era passado em claro, a remoer a sua vida até àquele momento e receando a vida que ainda tinha para viver.

Não conseguia arranjar coragem para levar *Luana* a passear à rua, não só porque lhe faltavam as forças físicas, mas também porque não queria ser alvo da curiosidade e da compaixão alheias. Sabia que estava em falta com a cadela, mas desculpava-se a si própria, em voz alta, invocando a necessidade de se permitir viver o luto. No entanto, acreditava que em breve, sentindo-se mais recuperada, *Luana* poderia voltar a desfrutar dos seus passeios. Dirigia-lhe as justificações verbalizadas, pois, mesmo que ela não as compreendesse, serviam pelo menos para apaziguar um pouco o seu sentimento de culpa, por estar a falhar com as suas obrigações e por estar a corresponder à profecia do filho. Voltara a colocar folhas de jornal no chão da sala, esperançada de que ela recordasse os seus hábitos de bebé, mas nos primeiros dias o animal sofrera um verdadeiro inferno, pois ficava, inquieta, à porta da rua, aguardando que alguma alma caridosa a deixasse sair para aliviar a bexiga. Estivera quase quarenta e oito horas sem urinar, mas Luísa não

cedera à pressão psicológica de a ver andar de um lado para o outro em frente à porta. Quando já não aguentava mais, urinou ali mesmo, desorientada, seguindo depois, cabisbaixa, para a sua caminha, para finalmente dormir um pouco, vencida pelo cansaço dos acontecimentos dos últimos dias. Quando Luísa viu a poça de chichi, sentiu-se ainda mais culpada, mas quanto mais culpada se sentia, mais irritada ficava e isso não ajudava à sua recuperação.

Quando o primeiro mês de luto chegou ao fim, Luísa teve de desencantar forças onde não sabia que as tinha, dado que a comida começava a escassear em casa. Nunca mais tinha aberto as janelas e a pouca luz natural que iluminava o apartamento era a que escoava pelas frinchas dos estores. Vestiu-se quase às escuras, o candeeiro da mesa de cabeceira como único ponto de luz, apesar de serem duas da tarde, e ligou para a empresa de táxis para que um veículo a fosse buscar daí a pouco, rumo ao supermercado. Quando abriu a porta da rua, *Luana* aproximou-se, expectante de que os tempos de clausura tivessem chegado ao fim. Foram as duas atingidas pela luminosidade do exterior e tiveram de proteger os olhos adaptados a um mês de penumbra. Quando Luísa fechou a porta, o interior voltou a ficar sombrio e *Luana*, desanimada, ficou à sua espera, deitada no chão frio do *hall*.

Voltou passadas duas horas, carregada de sacos, que *Luana* se apressou a inspecionar, satisfeita com aquela quebra no marasmo do último mês. Acendeu a luz da cozinha e arrumou algumas compras nos armários e as restantes na despensa. Entregou a *Luana* um brinquedo felpudo, que ela se apressou a depositar aos seus pés, desafiando-a para a brincadeira. Tendo a sua intenção sido ignorada, abandonou o brinquedo e voltou a deitar-se desanimada.

No dia seguinte, Luísa levantou-se a meio da manhã e sentou-se, pela primeira vez, na poltrona da sala. Reuniu toda a sua força anímica e pegou no telefone e num caderno de contactos antigo, que folheou para trás e para a frente. Ligou para o restaurante mais próximo, onde costumava ir beber café com Francisco, falou com a dona, que conhecia vagamente, e combinou que lhe fossem entregar, diariamente, o prato do dia e algum pão, mediante o pagamento de um valor mensal. Assim resolvia o problema das refeições, sem ter de voltar a cozinhar. As restantes compras poderia fazer uma vez por mês e pedir que lhas viessem entregar em casa.

Estava, literalmente, a tratar da sua permanente hibernação. Se tivesse continuado nas consultas com o psiquiatra, provavelmente ele teria diagnosticado algum tipo de fobia social pós-traumática.

O problema era *Luana*. O aviso de Nuno matraqueava-lhe constantemente na cabeça. A cadela precisava de sair! Mas para quê? Se ela era humana e não sentia qualquer necessidade de o fazer! Tinham-se uma à outra. Ir à rua era não só desnecessário, como até perigoso. Poderiam ocorrer acidentes, contração de doenças ou conflitos com outros cães. Ali em casa estavam seguras, protegidas, confortáveis. Depois dos primeiros dias de desorientação, já se tinha habituado a

utilizar as folhas de jornal, disponibilizadas no chão da sala, para satisfazer as suas necessidades fisiológicas. Tinha sempre água limpa à disposição e comia a horas certas, três vezes por dia. Uma vez por semana, escovava-lhe o pelo, apesar de ter pouca paciência para a ausência de cooperação e acabar por ir deixando a tarefa mal concluída. Portanto, as suas necessidades básicas não eram descuradas. Não brincava com ela, era verdade, apesar de, no início, ser frequentemente desafiada, mas a sua vida não dependia disto. Aliás, não sendo já uma cachorrinha, brincar era algo desnecessário.

Era o que Luísa repetia para si própria, como forma de apaziguar o seu constante sentimento de culpa. Até porque a cadela passava o tempo deitada no *hall* a olhar fixamente para a porta. Estaria à espera de Francisco? Ou este seria um pedido silencioso para sair? Teria de se habituar à nova realidade, aos novos hábitos! Era preciso dar tempo ao tempo. Não estava ela própria, Luísa, também a adaptar-se? Não estava, também, constantemente a fixar a porta de entrada, à espera, sempre à espera, de nada, de coisa nenhuma? Não alimentava a expectativa, subconsciente, de ouvir a chave na porta, de ver Francisco entrar e constatar, aliviada, que tudo não passara de um pesadelo? Pois! Estavam ambas a passar por uma provação! Mas a vida era assim mesmo, não podiam mudar o que tinha acontecido. Cada uma tinha de lidar, à sua maneira, com a sua quota-parte de sofrimento.

Já o marido tinha partido há dois meses quando Luísa, finalmente, desencantou um pouco de coragem para ligar a Teresa e lhe pedir para anular o contrato de arrendamento da casa de Tomar. Não fazia sentido manter aquela despesa — não era um local para onde fosse sozinha. Além de não conduzir, aquele era o sonho de Francisco. Por respeito para com a memória do marido, tinha arrastado o telefonema até àquele dia, até porque continuava com dificuldade em aceitar a sua morte. Mas precisava de arrumar mais esse assunto, para o riscar da lista de assuntos pendentes.

Procurou o número no caderno de contactos e marcou-o no teclado, hesitante, mantendo a esperança de que Teresa não atendesse. Sentia-se numa dualidade incontornável entre a necessidade de resolver aquele assunto e não o querer fazer de todo, pelo significado definitivo daquela ação. Era como se estivesse a desistir do marido, a fechar para sempre o portal por onde este ainda poderia emergir.

— Estou? — Teresa atendeu ao sétimo toque, quando Luísa já se preparava para desligar, aliviada.

— Bom dia, Teresa. É a Luísa. Da casa de Tomar. Liguei-lhe para lhe dar conhecimento de uma tragédia que aconteceu na nossa vida. O meu Francisco faleceu. Há dois meses.

Silêncio do outro lado. O único ruído era o da respiração das duas mulheres. Parecia que o mundo tinha ficado em suspenso naquela propagação de ondas eletromagnéticas. Durante alguns minutos, Teresa não falou, mas Luísa conseguiu perceber que a mulher fungava, provavelmente enxugando as lágrimas.

— Como? Como? O que aconteceu? — balbuciou, claramente assoberbada com a emoção da notícia.

— Foi de repente! O relatório da autópsia diz que foi ataque cardíaco fulminante. Estava na rua, com a cadela...

— Mas... mas ele estava doente?

— Não, que se soubesse.

— Lamento muito, Luísa! Posso ajudar em alguma coisa?

— Na verdade, preciso de terminar o contrato de arrendamento da casa.

— Compreendo e podemos fazê-lo, sem problema. No entanto, não quer continuar a passar lá algumas temporadas? O Francisco gostava tanto. E penso que a Luísa também. Até a cadelita gostava.

— O tempo que aí passámos foi uma das melhores fases da minha vida. Não! Minto! Foi a melhor fase da minha vida! Mas tudo tem um fim e este chegou. Não faz sentido ir para aí sozinha. Já não tenho energia nem saúde para tal.

— Compreendo! Vou mandar pelo correio os documentos para a Luísa assinar, a anular o contrato. No entanto, não vou voltar a arrendar a casa. Pelo menos, desta forma. Talvez peça uma licença para a transformar em alojamento local. Mas se a Luísa quiser lá passar uma temporada, é só dizer. Não dê nada como definitivo. Está a viver um momento muito difícil, mas o tempo ajuda a curar. Não a esquecer, mas a aliviar a dor!

— Obrigada, Teresa. Agradeço muito o seu cuidado, mas não vou voltar aí. Não faz sentido. Era o lugar de sonho do Francisco. As memórias seriam dolorosas.

— Só quero que saiba que, se mudar de ideias, haverá solução.

— Obrigada, mais uma vez. Até sempre.

— Até sempre, Luísa.

Desligaram, e Luísa levantou-se da poltrona. Sentiu as pernas fraquejarem e voltou a sentar-se. Começou a respirar de forma acelerada, como se lhe faltasse o oxigénio. Olhou para o *hall* através da porta aberta e viu *Luana*, deitada no chão frio, a fixar a porta da entrada. Sentiu-se invadida por uma tristeza entorpecedora. E chorou. Chorou, chorou e chorou. Queria acabar com aquele sofrimento atroz. Queria! Queria! Queria desaparecer para sempre. Queria carregar num botão e ser teletransportada para outra dimensão, onde não sentisse qualquer dor ou tristeza. Estava no limite das suas forças. Deixou-se escorregar pela poltrona até ao chão a assim ficou durante muito tempo. Só quando conseguiu recuperar um pouco a compostura e a presença de espírito é que reparou que *Luana* não lhe tinha ido lamber as lágrimas. Continuava na sua vigília, deitada no *hall*.

O que é que tinha feito da sua vida? Sentia-se só. Muito só. Uma solidão escura e fria, que lhe tolhia os movimentos, que a deixava sem vontade, que lhe invalidava o poder de decisão, que a deixava sem fôlego, sem energia e sem iniciativa. Afugentara toda a gente! A sua energia negativa, a sua extrema predisposição para ver sempre o copo meio vazio, corroera as relações com amigos,

família e até com o próprio filho. Mesmo o seu grande amor, Guilherme, tinha acabado por a trocar pela mulher, pelo dinheiro, pelo estatuto. Ninguém queria sobrecarregar-se com o fardo dos outros. Sobretudo se esse outro nunca mostrava vontade de melhorar, se nunca mostrava gratidão, se nunca se alegrava. Por isso, estava sozinha. E isso assustava-a. Mas não conseguia ter vontade de estar acompanhada. Era como se quisesse muito uma coisa, mas o pânico de a ter não lhe permitisse procurá-la. Sentia-se dentro de um círculo, sem forma de sair. Estava mal como estava, mas não queria estar de outra forma.

A única pessoa que a tinha recebido nos braços, mesmo depois de o ter traído, que a aceitara como era, que lhe devotara amor, apesar de tudo, fora Francisco. Mas ele não estava ali agora para a amparar no desgosto da sua própria morte. Luísa estava, pela primeira vez, por sua conta.

Durante aqueles dois meses, pensara, várias vezes, em pôr termo à vida. Mas nem para tomar essa decisão sentia coragem. Era cobarde. Cobarde. Cobarde. Que raiva sentia de si própria! Que raiva sentia do mundo! Que raiva sentia dos outros! Ver como o mundo continuava a girar lá fora deixava-a furiosa. Como se atrevia o mundo a funcionar, sem a existência de Francisco? Como era possível que houvesse pessoas a rir, a amar, a desfrutar, a apreciar, quando ela tinha perdido o seu Francisco? Como é que o mundo não tinha acabado no dia em que Francisco falecera?

E havia a cadela. Ela gostava da cadela. Aliás, se não fosse *Luana*, se calhar, não mais se tinha levantado da cama. A sua presença aquecia-lhe o corpo e a alma, durante a noite, quando se deitava ao seu lado. Mantinha esse hábito. Mas não era a mesma. Passava o dia a olhar para a porta. E isso irritava-a. Porque lhe lembrava constantemente que aquela porta não mais seria aberta por outra pessoa que não ela própria. Francisco partira, mas Luísa continuava ali, certo? Porque é que ela não via isso? Porque é que não se focava nela e não naquela maldita porta? Até a cadela a preteria? Era verdade que algumas vezes a desafiara para sair, para brincar. E Luísa não dera troco. Mas, bolas. Já não era uma cachorra. Será que não compreendia que ela precisava de tempo? Onde estava aquele sexto sentido que todos dizem que os cães têm? Só podiam contar uma com a outra. Era melhor que se habituasse à ideia.

Que raiva sentia de si própria! Mais uma vez! Como podia atribuir, à cadela, a culpa pelo distanciamento de ambas? Pois se era ela que descurava as suas responsabilidades! E depois ainda era atormentada por pensamentos idiotas, que culpabilizavam o animal. Era a sua mente perversa a procurar validação para as suas falhas. Raiva! Raiva! Raiva! Os seus sentimentos resumiam-se a raiva. Estava cansada de o sentir, mas não conseguia mudar o *chip*.

Com as pernas a tremer, voltou a levantar-se, mantendo-se firmemente agarrada aos braços da poltrona. Amparou-se na parede e encaminhou-se para o quarto. Sentia-se fraca. Talvez estivesse há muito sem comer. Não se lembrava de quando tinha comido pela última vez. Mas não tinha apetite. E tinha dado comida

à cadela? Não se lembrava. Mas naquele momento não conseguia voltar à cozinha. Tinha de se deitar! Rapidamente! Caso contrário, o mais provável era desmaiar ali mesmo e ficar deitada no chão do corredor. Até podia partir algum osso na queda. E depois ainda seria pior! Sem se conseguir mexer. Como iriam viver, dessa forma? Tinha mesmo de se deitar, para evitar o pior.

Conseguiu chegar à cama, arrastou-se até à almofada, levantou os cobertores, para se deitar entre os lençóis. A casa estava fria e húmida. Apesar de já ser abril, o tempo estava chuvoso e, com as janelas fechadas, a casa mal arejada, sem luminosidade, a humidade espalhava-se pelos vidros, pelas paredes, pela mobília. A lareira não mais fora acesa. Dir-se-ia que tinha deixado de haver vida naquele local.

Abriu a gaveta da mesa de cabeceira, retirou dois comprimidos para dormir, daqueles que há muito não tomava, e engoliu-os a seco. Já deviam estar fora de prazo, mas não queria saber. Só queria desligar, ausentar-se da consciência, esquecer, mesmo que só por algumas horas. Foram necessárias várias tentativas de deglutição para que descessem pela garganta. A secura da boca não ajudava. Foram derretendo ao longo do percurso, deixando um gosto amargo, mas Luísa já não se incomodou. Adormeceu rapidamente, exausta, e só acordou muito tempo depois. Não sabia exatamente quanto tempo, pois os minutos, as horas, os dias, as semanas tinham-se tornado assustadoramente iguais. Sentiu o modesto peso da cadela, deitada ao seu lado e esticou a mão para lhe tocar. Ela deu-lhe uma lambidela tímida, mas manteve-se na mesma posição. Luísa, acometida por uma lucidez inesperada, motivada pelo único sono real, em dois meses, estranhou o facto. Passou-lhe a mão pela cabeça e continuou a carícia ao longo da coluna e da sua curvatura, uma vez que *Luana* estava enroscada sob si própria.

Sentiu-lhe todas as saliências ósseas, de uma forma demasiado evidente. Alarmada, acendeu a luz do candeeiro da mesa de cabeceira. Viu as horas. Eram três da tarde. Seria possível que tivesse estado a dormir mais do que vinte e quatro horas? E não tinha alimentado a cadela. Devia estar esfomeada. Não que ela estivesse a comer com apetite, desde a morte de Francisco que comia pouco. Mas já se fora deitar negligenciando as necessidades do animal. E estivera a dormir durante todo aquele tempo. Provavelmente, não comia há quarenta e oito horas. E água? Será que tinha? Pelos vistos, tinha subido sozinha para a cama. Devia estar desesperada com fome ou sede. E ela não tinha dado por nada?

Estava a tornar-se um perigo para ela própria e para a cadela. Enquanto a afagava, pedindo silenciosamente desculpa, *Luana* olhava-a de uma forma tão triste e resignada que Luísa não conseguiu evitar as lágrimas. Como era possível que uma cadelinha tão alegre, tão cheia de vida, se tivesse tornado naquele monte de ossos, triste e apagada? Era melhor ir com ela ao veterinário? Essa tarefa fora sempre de Francisco. Bem, não se queria precipitar. Era melhor levantar-se e dar-lhe comida.

Quando tirou o corpo da cama, foi acometida por uma tontura. Encostou-se à

parede, para se equilibrar e recuperar a orientação. Pegou na cadela suavemente e pousou-a no chão com cuidado. Com dificuldade, foi à casa de banho para aliviar a súbita urgência em urinar. Lavou a cara e as mãos com água fria e sentiu-se ligeiramente melhor. Quando chegou à cozinha, verificou que a taça da água estava vazia. Lavou-a e voltou enchê-la. *Luana* observava-a ansiosa. Quando colocou a taça no chão, constatou, horrorizada, a forma desesperada com que a cadela a sorveu até não sobrar nada. Voltou a enchê-la e foi buscar uma medida de ração seca, que colocou na respetiva taça. A cadela, depois de ter bebido até ficar satisfeita, comeu um pouco de ração. Não foi muito, mas devia ter o estômago tão cheio de água, que não havia espaço para mais nada.

Naquele momento, também Luísa sentiu fome. Lembrou-se do contrato com o restaurante e a padaria. Abriu a porta da rua e retirou os sacos que estavam pendurados no puxador. Cheiravam bem. Levou tudo para a cozinha. Abriu a embalagem da refeição e sentiu-se salivar quando as suas narinas foram invadidas pelo aroma a comida caseira. Era arroz de frango. Retirou uma pequena porção para si, porque calculou que não iria conseguir comer grande quantidade, e, quando se preparava para fechar a embalagem, reparou no olhar suplicante de *Luana*.

— Também queres? Mas pode fazer-te mal! Que se lixe. Agora as decisões são só minhas. Vamos comer as duas. Que achas?

A cadela pareceu animar-se um bocadinho, abanando a cauda franjada e lambendo os beiços. Luísa deu-lhe uma pequena porção, que serviu num pires e que ela comeu rapidamente. O mesmo aconteceu com a segunda porção e com a terceira. Luísa não lhe deu a quarta dose, receando que fosse de mais e que não lhe caísse bem. Mas ela parecia satisfeita, porque se esticou no chão, pernas abertas e esticadas para trás, observando a mulher, enquanto esta arrumava os pratos, no lava-loiça.

Depois de arrumada a cozinha, Luísa foi para a sala, limpou todos os dejetos de dois dias de *Luana* e sentou-se em frente à televisão, pela primeira vez em dois meses. Ligou-a e ficou a dedilhar o comando, de canal em canal, sem dar atenção aos programas em curso. A cadela seguiu-a, a observar a sua atividade com a vassoura e a esfregona, e, quando esta se sentou, voltou para o seu poiso dos últimos tempos, vigiando a porta da entrada. No entanto, só o fez depois de carregar consigo o tapete da cozinha, de o amarfanhar numa bola e se deitar em cima dele. Talvez aquele comportamento pudesse ser interpretado como um progresso, pensou Luísa, já revelava alguma preocupação com o seu conforto: o chão estava frio e húmido. As saliências ósseas tornavam desconfortável o decúbito, o tapete ajudava o isolamento térmico e protegia o esqueleto.

Os dias seguintes correram melhor. Luísa voltara a alguns dos hábitos anteriores. Deitava-se de madrugada, dormia mal, levantava-se tarde, comia o que lhe entregavam do restaurante, partilhava com *Luana*, que se lambia deliciada. Passava o serão em frente à televisão, apesar de não conseguir seguir o enredo das

novelas, dos filmes ou das séries. Olhava para as caras dos atores, que lhe pareciam desfocadas, sem expressão, monocórdicas, os enredos sem interesse, os dramas sem emoção, as comédias sem graça, a ação sem movimento, os romances sem amor.

Acabara por colocar a caminha de *Luana* na entrada, para que ela mantivesse a sua vigília, mas de forma confortável. Já ganhara peso, notavam-se menos as saliências ósseas, mas raramente comia a ração, uma vez que aguardava pacientemente a partilha do almoço de Luísa, a maior parte das vezes ingerido à hora do lanche. À noite subia para a cama, mas dormia sobressaltada — emitia constantemente gemidos, ao mesmo tempo que o seu corpo estremecia, a sua mente assolada por sonhos, ou pesadelos, ou ambos, alternadamente.

As janelas permaneceram fechadas, semanas após semanas, meses após meses, até que os olhos de ambas se foram adaptando à escassez de luz natural. Era sob a iluminação artificial que iam vivendo. Na verdade, sobrevivendo, pois as únicas atividades que praticavam eram as indispensáveis à sobrevivência. Comiam, bebiam, atendiam as necessidades fisiológicas e higiene pessoal. Luísa, a intervalos regulares, efetuava uma limpeza mais profunda à casa, aspirava, limpava o pó e lavava as superfícies. Raramente saía de casa, só mesmo para comprar alguns itens de que precisava para o dia a dia de ambas, para uma visita ao banco ou para ir ao médico. Mas nunca levava *Luana*. Esta já deixara de estar na expectativa de usufruir de um passeio no exterior. Resignara-se à sua nova vida de obscuridade e monotonia.

Para Luísa, a culpa que sentia por se saber negligente era atenuada pela compensação alimentar. Tornara-se uma alimentadora. Oferecia à cadela tudo o que achava que ela poderia apreciar e tentava exaustivamente que ela consumisse todos os petiscos que lhe apresentava. Com o passar do tempo, as refeições de *Luana* tornaram-se uma obsessão. Luísa vivia para a alimentar. Chegou ao ponto de cozinhar para ela, coisa que nunca mais tinha feito para si. Quando não comia, ralhava-lhe, chamava-lhe ingrata, cobrava a sua gratidão pelo cuidado que lhe dispensava. Queria vê-la roliça, os ossinhos escondidos, sinal de que era tratada com esmero, porque intuía que um animal gordinho é um animal feliz, que comprova a competência da cuidadora.

Só que *Luana* não vivia para comer. Apreciava os petiscos aromáticos que lhe eram oferecidos, saboreava-os com agrado, mas não exagerava na quantidade. Se assim não fosse, teria ficado, certamente, obesa. Talvez se sentisse condicionada pela falta de exercício ao ar livre, a monotonia dos dias na penumbra, a falta de estimulação cognitiva. Resignava-se à nova realidade, mas porque não tinha alternativa. Encontrava-se à mercê das decisões e vontade de Luísa. A tristeza constante que sentia não lhe estimulavam o apetite.

*

Desta forma se passaram três anos. Três anos em que os dias se arrastaram sempre

iguais, parecendo cada um uma cópia fiel do anterior. A vida continuou a acontecer para lá da clausura daquele apartamento em Algés. Os sons do exterior eram a única ligação que existia com o resto do mundo. As estações sucediam-se, regulares. A chuva, o frio e os dias curtos davam lugar aos mais longos, mais soalheiros. As árvores cobriam-se de folhas, flores e frutos. Os jardins pintalgavam-se com cores garridas e alegres. Depois, vinha o calor abrasador. Os cidadãos mudavam-se para a praia. Os apartamentos ficavam vazios e o silêncio reinava no prédio. Nessa altura, sentiam-se ainda mais sós. Depois, o regresso, as vizinhas infantis a caminho da escola, as mães a apressarem-nos, os pequenos indiferentes ao andamento contínuo do relógio. Em dezembro, a iluminação temática de rua infiltrava-se pelos orifícios dos estores. Esta era a única alusão ao Natal. A mesa da sala não mais se encheu de delícias natalícias, as visitas deixaram de aparecer, o calendário mudava de ano, mas ali tudo permanecia igual. As janelas fechadas, a luz elétrica, amarelada e macilenta, só quando necessária, a humidade a escorrer pelas paredes, as sombras fantasmagóricas e distorcidas dos móveis a espraíarem-se pelo soalho, o cheiro a bafio, o ar pesado e viciado.

Luísa permanecia deitada a maior parte do tempo. Comia o que lhe entregavam à porta, sentava-se em frente à televisão, por curtos períodos, sem se interessar pelos programas. A sua única atividade era cozer arroz para a cadela, desesperando quando esta se recusava a comer. Tinha consciência de que a sua memória começava a falhar, pois esquecia-se das coisas mais elementares, mas não reconhecia que a demência se estava a instalar rapidamente, em parte pela falta de estímulo cognitivo. Sem exercício, o cérebro definha, atrofia e torna-se disfuncional.

Havia muitos dias em que se esquecia de tomar banho, de almoçar, de fazer as tarefas domésticas, ou mesmo de dar comida a *Luana*. Na maior parte das vezes, achava que já o tinha feito, mas os momentos que recordava referiam-se a um dia passado, que ela pensava ser presente. Mantinha, religiosamente, duas taças ocupadas, uma com água e a outra com ração, para a cadela. Sempre que as via vazias, repunha o conteúdo. Por isso, não passava fome. Mas a comida exposta ao ar ia perdendo características organoléticas. E como Luísa não renovava o conteúdo, a não ser que as visse vazias, *Luana* era, muitas vezes, obrigada a comer o que lá estava, independentemente das condições de conservação. Começou a esquecer-se de partilhar com a cadela as refeições do restaurante, mas oferecia-lhe o arroz que cozinhava em grandes quantidades, seco e sem graça. Como ela se recusava a comer, o arroz permanecia no prato até se estragar. Só quando Luísa se apercebia de que acinzentadas colónias de fungos coloriam a alvura do cereal é que o substituía. Mas não sem maldizer a esquisitice da cadela, que, achava ela, se tinha tornado excessivamente seletiva com a comida.

XXII

26 de junho de 2013

Luísa acordou às três da tarde. *Luana* já não estava com ela na cama. Olhou para o relógio, tentou lembrar-se em que dia da semana e do mês estava, mas a mente nebulosa não lhe permitiu chegar a nenhuma conclusão. Não fazia mal. Iria confirmar no calendário de papel que tinha pendurado na cozinha e que já tinha adquirido com esse propósito. Cada mês ocupava uma página, os números escritos a negro, enclausurados em quadrados, representavam os dias da semana. A vermelho, os fins de semana e feriados. A forma como estes últimos se contorciam, para se tornarem em algo legível, era esvoaçante, leve, festiva, anunciando dias de puro descanso. A passagem do tempo era assinalada com uma grande cruz a invalidar o quadrado correspondente. Cada página apresentava-se decorada com a reprodução de uma pintura a aguarela, representando cenas da vida quotidiana. Paisagens campestres, nas várias estações do ano, acompanhavam os respetivos meses de primavera, verão, outono e inverno. Extensões montanhosas de branco glacial mudavam, na página seguinte, para verdes prados floridos e, mais à frente, para uma paisagem outonal de tapete de folhas caídas e árvores nuas.

Levantou-se com cuidado, para que o seu ponto de equilíbrio se adaptasse à posição vertical. Como passava muito tempo deitada, quando se erguia demasiado depressa, ficava tonta, via os quadros da parede a rodopiarem à sua volta e sentia-se como se estivesse dentro de uma centrífugadora. Se não se amparasse, caía redonda no chão. Calçou os chinelos e arrastou os pés em direção à casa de banho. Urinou, lavou a cara e as mãos, penteou o cabelo e ficou, por momentos, a fitar a sua imagem no espelho. A pele macilenta e amarelada, as olheiras profundas e o cabelo desgrenhado faziam-na franzir o nariz, desagradada. Dirigiu-se à cozinha. *Luana*, deitada na entrada, deitou-lhe um olhar mortiço. Verificou o dia no calendário (quarta-feira, 26 de junho), desenhou o X, cuidadosamente, unindo os cantos do quadrado. Tremiam-lhe as mãos quando pegou na caneta e tentou desenhar as linhas retas. Com a mão esquerda amparou a direita, para a ajudar na firmeza dos movimentos. *Luana* apareceu ao pé de si nesse momento.

— Tens fome? — perguntou-lhe, as palavras a saírem-lhe aos tropeções, como se se estivesse a esquecer de como as pronunciar.

A cadela olhava para ela de forma estranha. O fio de luz que entrava pela fresta da janela refletiu-se nos seus olhos. Luísa reparou, pela primeira vez (pelo menos assim o achava), na opacidade esbranquiçada que havia substituído o profundo castanho dos seus olhos. Foi algo muito rápido, até porque a cadela pestanejou de imediato, incapaz de encarar um raio de luz.

— Estás a ficar velhota, como eu. Quantos anos já tens? Não me lembro. Oito? Nove?

Fez a pergunta sem esperar resposta. Estes monólogos faziam-na sentir-se mais humana, pois poucas vezes falava com alguém, exceto para as burocracias indispensáveis, ou nas poucas vezes que saía para tratar de algum assunto.

Dirigiu-se à taça da comida. No dia anterior tinha feito uma mistela entre o arroz cozido aguada e os grãos de ração. *Luana* tinha torcido o nariz. Aquela conjugação improvável não era para si, preferia passar fome. Ainda se fosse um arroz de frango ou uma posta de salmão grelhada. Isso, sim! Era para ela.

— Então? Não comeste? Não gostas do arroz que cozi para ti? Dou-me a esse trabalho para nada?

Luana andava no seu encalço, ignorando o tom ríspido de Luísa, ao qual já se tinha habituado.

— É só estragar comida! Desta vez, como castigo, ficas só com a ração — sentenciou, enquanto deitava fora a mistela azeda. Uma mosca varejeira, que rondava a taça, foi lançada no caixote do lixo, arrastada pela cascata de grãos de arroz e bolas de ração inchadas pela água da cozedura. A mulher fechou rapidamente a tampa, deixando-a enclausurada, ficando a escutar as suas tentativas infrutíferas para se libertar. Sentiu-se ligeiramente satisfeita com a sua perícia.

Lavou a taça, secou-a e deitou-lhe meia dúzia de grãos de ração, tendo a lucidez necessária para programar refazer a dose se a cadela comesse tudo. Colocou água limpa na outra taça, limpou os dejetos que *Luana* insistia em depositar sempre no mesmo sítio, por baixo da janela da sala, entre os vasos das plantas, em tempos viçosas, mas agora secas pela falta de água e de luz natural. Concluídas estas tarefas, foi, finalmente, à porta recolher a refeição desse dia. As encomendas ficavam penduradas no puxador, uma vez que Luísa nunca atendia quando tocavam à campainha para fazerem as entregas. Uma nota escrita à mão em letra maiúscula, agraphada ao saco de plástico, servia de lembrete de que o restaurante estaria encerrado para férias do pessoal nas duas semanas seguintes. Luísa leu a missiva e, irritada, amarrotou o papel, deitando-o rapidamente no caixote do lixo. Tinha-se esquecido completamente. Teria de sair no dia seguinte para fazer algumas compras. Sobreretudo refeições congeladas e enlatados. Que maçada.

Aqueceu a posta de pescada com legumes cozidos, comeu sem grande apetite, pois não era o seu prato favorito, e acabou por oferecer uma parte a *Luana*. Esta comeu a pescada, mas rejeitou os legumes, o que aborreceu Luísa. Completou a

refeição com um pãozinho com manteiga e bebeu chá frio de limão e hortelã.

Por essa altura, já era meio da tarde. Arrumou a escassa loiça da refeição e pôs ao lume um tacho com água para cozinhar mais uma porção de arroz para a cadela, totalmente esquecida de que ainda tinha arroz cozido no frigorífico. A sua mente, cada vez mais limitada, pregava-lhe constantemente partidas e viajava para trás no tempo, esquecendo os acontecimentos mais recentes. Assim sendo, recordava a decisão que tomara, após a morte de Francisco, de começar a dar comida cozinhada à cadela, mas esquecia-se do que tinha feito nos dias anteriores. Voltava a confeccionar a sua única iguaria, completamente esquecida de que o tinha feito no dia anterior... e no dia anterior a esse! O arroz cozido acumulava-se no frigorífico, dia após dia. Tornara-se uma obsessão. Ou talvez uma constante luta entre a consciência e o esquecimento.

Depois de a água entrar em ebulição, deitou-lhe o arroz, mexeu, esperou que voltasse a ferver, baixou a potência da chama e tapou o tacho. Foi sentar-se no cadeirão da sala e acendeu a televisão. Procurou um canal que de alguma forma a interessasse e deixou-se ficar sentada a olhar para o ecrã, distraída. *Luana* olhava-a fixamente.

— Que é que queres? — perguntou-lhe, estranhando ela a estar a observar e não deitada na entrada, a vigiar a porta, como se tinha tornado seu hábito. — Estás doente? Não fiques assim a olhar para mim que me deixas constrangida. Querias ser capaz de me dizer alguma coisa?

Da cozinha chegou o som de água a entornar. Luísa lembrou-se do arroz e levantou-se de um salto. A chama tinha-se apagado e um líquido leitoso havia-se espalhado pelo inox do fogão. Praguejando, Luísa limpou os estragos e retirou o tacho para o lava-loiça. Quando se virou para voltar à sala, quase tropeçou na cadela, que continuava a segui-la, em silêncio.

— Ai, *Luana*, pareces um fantasma. Ainda te piso, se continuas a aparecer assim, em todo o lado atrás de mim. Vai para a tua cama.

Como se a tivesse compreendido, a cadela olhou-a cabisbaixa e foi deitar-se na entrada. Mas em vez de vigiar a porta da rua, ficou a olhar fixamente para Luísa, que voltara a sentar-se na poltrona e a dedilhar o comando da televisão. Num dos canais nacionais decorria o programa da tarde, em que a apresentadora entrevistava pessoas com histórias de vida dramáticas, de superação ou inspiradoras. Nesse dia, a entrevistada dava conta de como tinha lidado com o desaparecimento do seu filho pequeno, anos atrás. Um dia, ao voltar da escola, sumira-se no ar. Nunca mais souberam dele e a investigação feita, meticulosa e exaustivamente, pela Polícia Judiciária não chegara a ser conclusiva. Um retrato-robô daquilo que seria a aparência do rapaz por essa altura (já havia passado mais de uma década) passava repetidas vezes pelo ecrã. Ter-se-ia tornado um bonito homem, se estivesse vivo. Fazia vagamente lembrar a Luísa o seu próprio filho. O mesmo tom de cabelo, olhos da mesma cor, um certo ar melancólico, a expressão séria, os lábios finos, sem qualquer sinal de um possível sorriso a desabrochar.

Provavelmente, o técnico que desenhou o retrato, recorrendo à ajuda de um programa de computador, não teria querido representá-lo com grande expressividade, para que não restasse qualquer dúvida de que se tratava de uma simulação.

A mente de Luísa encetou uma viagem no tempo e lembrou, sem qualquer nebulosidade, o seu passado como mãe e o de Nuno como filho. Identificou-se um pouco com aquela mãe, tolhida pelo desgosto. Pois não tinha, ela própria, perdido o contacto com o filho? Não tinha, também ele, desaparecido da sua vida? Fez a conta, mentalmente, ao tempo que tinha passado desde que o tinha visto pela última vez. Ficou um pouco confusa, porque o passado recente lhe era muito mais difícil de recordar do que o mais antigo. Ora, Francisco tinha partido havia três anos. Assim sendo, havia três anos que nada sabia do filho. Mesmo até essa altura pouco se haviam relacionado, desde que o rapaz saíra de casa, para seguir a sua vida. O motivo pelo qual tinha ocorrido a rutura total já estava um pouco esbatido na sua mente, mas sabia que tinham tido a derradeira discussão após o funeral do marido.

Como teria sido a sua vida, se Guilherme não a tivesse abandonado? Teria voltado a ser mãe? Teria amigos, familiares, pessoas que se preocupassem com ela? Seria querida e desejada por todos? Ou teria estragado tudo, como havia feito durante a sua vida? Passados todos esses anos, não lamentava ter conhecido Guilherme. Pelo menos, havia experimentado o amor incondicional. E, quer quisesse quer não, tinha passado a olhar para o marido de outra forma após a separação. E a ser-lhe reconhecida pela sua abnegação. Provavelmente, não teria sobrevivido sem os seus cuidados.

E ela tinha querido sobreviver? Naquela altura, claramente não. Mas mais tarde, sobretudo depois da chegada de *Luana*, tinham vivido pacificamente, com um resquício de amor mútuo. Principalmente nos anos em que haviam passado longas temporadas em Tomar. Conhecera, durante aquele tempo, um pouco do que é viver pacificamente, tranquilamente, reconhecida ao que ambos tinham conquistado, em parceria e não como seres isolados que são obrigados a estarem na presença um do outro.

Depois de ter telefonado a Teresa para lhe dar conhecimento do falecimento de Francisco, esta ainda lhe telefonara uma meia dúzia de vezes, para saber como estava, para oferecer a sua ajuda, caso precisasse. Luísa fora brusca nas respostas e, apesar de a mulher relevar o seu comportamento, por ser empática com o seu sofrimento, acabara por deixar de lhe ligar. Até ao ano anterior, em que lhe aparecera à porta, com os objetos pessoais que havia deixado na casa. Luísa não a convidou para entrar, envergonhada com a desarrumação do apartamento.

Ali, entre portas, ainda lhe deu conhecimento de que tinha feito alguns pequenos arranjos na casa, mas não a voltaria a arrendar, porque tinham começado a ir lá passar as férias. Estava em construção uma piscina, para aliciar os miúdos a quererem lá passar tempo, mesmo que levando amigos. Já eram adolescentes e

difíceis de contentar, como era apanágio dessa fase da vida.

Antes de partir, pegou em *Luana* ao colo, que andava à sua volta. Acariciou-lhe as orelhas e segredou-lhe ao ouvido, carinhosamente, emocionada com a mudança operada no aspeto físico do animal:

— Estás a ficar velhota! A tristeza tem os seus efeitos, não é?

De facto, por aquela altura, já *Luana* deixara de ser o animal alegre que Teresa conhecera. O pelo sedoso e denso fora substituído por umas falripas baças, desiguais e quebradiças. O olhar límpido e profundo tornara-se opaco e desinteressado. Pousou a cadela no chão e virou costas, tentando disfarçar a emoção, saindo do edifício, proferindo um «até qualquer dia» entrecortado por um soluço, que teve dificuldade em controlar.

Luísa fechou a porta, ficando algum tempo encostada à mesma, do lado de dentro, tentando controlar as lágrimas que lhe caíam em catadupa. A visita da ex-senhoria tinha operado um efeito catártico nas emoções que teimava em reprimir. As recordações de Tomar haviam inundado a sua memória e ela sentira-se, de repente, afogada nelas.

Depois da visita de Teresa, poucas mais vezes lhe tocaram à porta, exceto, anualmente, a sua mediadora de seguros, que, compreendendo a grande vulnerabilidade de Luísa, preferia fazer a cobrança do seguro da casa, de forma presencial, do que enviar avisos de pagamento. De certeza que ela se esqueceria de o pagar e o seguro seria anulado. A apólice era paga em dinheiro, que Luísa tinha sempre em casa para qualquer emergência — sempre que ia ao banco resolver um assunto, levantava um valor fixo na caixa automática.

Voltou a focar a sua atenção no programa televisivo, no qual a apresentadora anunciava a venda de suplementos articulares, elogiando os seus efeitos benéficos para restituir a mobilidade. Na compra de duas caixas daquele produto, se o interessado ligasse na hora seguinte para o número que passava em rodapé, receberia, também, umas pantufas terapêuticas, completamente grátis. A mãe enlutada havia desaparecido do ecrã, enquanto a mente de Luísa, distraída, vagueara pelas memórias nebulosas do seu passado.

Sentia uma impressão estranha, generalizada. Como se a sua cabeça estivesse a separar-se do corpo. Não que essa sensação fosse desagradável. Mas era desconhecida. Sentia-se leve, a flutuar, a observar de cima, o corpo ainda sentado na poltrona e a cabeça a rodopiar pela sala. Era algo estranhamente relaxante, que ao invés de a assustar, a motivava a deixar-se ir, embalada naquela sensação. Viu *Luana* a tentar chamar-lhe a atenção, raspando-lhe as pernas nuas com as suas unhas. Parecia apreensiva, mas não deu importância, distraída que estava a usufruir daquele estranho e súbito bem-estar.

A televisão parecia ter começado a levitar, a apresentadora e as caixas dos suplementos a saírem dos limites do ecrã e a flutuarem nas imediações. E ela a observar o fenómeno, sem o estranhar, como se fosse habitual as imagens televisivas andarem a levitar pelas salas de estar dos telespetadores. Ela própria

deixara, de repente, de sentir as dores habituais, os achaques da idade. Seria por um qualquer milagre que a simples visão dos suplementos lhe tivesse restaurado de imediato a saúde articular?

Ficou por alguns momentos a desfrutar daquela sensação de leveza, de bem-estar, pairando sobre si própria. A insistência de *Luana*, raspando-lhe as pernas, era o que a mantinha ligada ao corpo. Tentou tocar-lhe para a tranquilizar, mas as mãos não obedeceram ao comando que o seu cérebro emitiu. Fez um grande esforço de concentração para conseguir movimentar o braço, mas este permaneceu imóvel. O seu cérebro estava rebelde e em autogestão. Nesse momento, assustou-se. Não estava na posse da sua vontade. Mas para o que interessava a sua vontade, se sentia aquele estranho bem-estar? Acabou por desistir de acalmar a cadela e abandonou-se à sua sorte.

De repente, voltou a ter sensação de si própria, quando um formigueiro lhe percorreu a nuca, o pescoço e o braço esquerdo. A sua cabeça, que havia voltado ao corpo, girou nessa direção, esperando ver um carreiro de formigas a passear-lhe pelo braço. Mas não havia nada, exceto a sua pele nua, a emergir da camisa de dormir de manga curta. Numa fração de segundos, o formigueiro desceu do ombro para o peito e explodiu numa dor aguda, paralisante, que lhe comprimia o coração, apertando-o, até a fazer perder os sentidos. Deixou-se escorregar pela poltrona para o chão, sentiu a língua quente de *Luana* nas suas bochechas transpiradas e voltou a sentir-se incredivelmente bem, o seu corpo contorcido no chão, a sua mente a circular pela sala, leve, finalmente livre.

LUANA

Porque é que estou com esta sensação estranha? Há algo a acontecer dentro do corpo da Luísa. Disso não tenho dúvida. Mas, o quê? Posso fazer alguma coisa para evitar um desastre? Não gosto nada do que estou a sentir. Tenho medo do que aí vem. Enquanto ela dormia e eu lhe vigiava o sono, algo começou a acontecer. Aquelas gotas de suor que lhe escorreram pela testa traziam informação química. E as palmas das suas mãos transpiradas transportavam informação semelhante. Depois, ela levantou-se e as coisas pareceram acalmar. Talvez tudo não passasse de um susto. Não, não. Definitivamente algo se passava. E não era nada de bom. Como poderia avisar a Luísa? Teria de manter uma vigilância apertada, estar por perto, para ver se conseguia evitar o que aí vinha. Lembro-me de ter tido uma sensação como esta, em tempos, em relação a Francisco. E o que acontecera? Ele desaparecera para sempre. Não tinha, nessa altura, conseguido evitar a tragédia. Conseguiria desta vez? Ou está além das minhas capacidades? Não tenho qualquer dúvida de que algo definitivo e inevitável está em marcha. Só me resta fazer o que estiver ao meu alcance para o evitar. Mas o que está ao meu alcance é muito pouco. Quase nada. Pois se nem eu própria sei o que aí vem!

Vou manter-me por perto, observá-la, estudar os seus humores, interpretar os seus odores. Fazer tudo para chamar a sua atenção, para a avisar. Não quero que aconteça tudo novamente. Mas deteto semelhanças entre o que aconteceu com Francisco. Quer dizer, nas horas antes da sua queda, naquele último passeio.

Olhando para a Luísa, ela parece igual à Luísa de outros dias. Mas o seu odor é outro. E aquele halo energético que a envolve por completo está diferente, hoje. Como se houvesse buracos no seu escudo protetor. Ao longo do dia, estes buracos têm-se multiplicado, deixando cada vez mais áreas desprotegidas. Quando a Luísa se foi sentar no cadeirão, olhando para a televisão, esta proteção tinha desaparecido completamente. Ela não pareceu dar por isso, mas o seu olhar desfocado revelava uma resignação total em relação ao seu destino. Eu fui tentando trazê-la de volta, mantê-la comigo. Sem sucesso. Quando, horrorizada, a vi desmoronar-se e ficar enrolada no chão, soube, sem qualquer dúvida, que, também ela, tinha abandonado o seu corpo, pois já não era a Luísa que ali estava. Desta vez, pela minha experiência anterior, já sabia que tinha ficado sozinha. E agora?

Enrosquei-me ao seu lado absorvendo o calor do seu corpo, que ia gradualmente ficando mais frio. Sentia-me doente, cansada, frágil, dorida. Apesar de estar calor lá fora, comecei a tremer e aproximei-me mais, buscando desesperadamente tudo o que ainda restasse dela que me pudesse confortar, dar-me um pouco de ânimo, fazer-me sentir menos só. A tristeza que eu sentia naquele momento... levou-me a gemer baixinho. Provavelmente não mais me iria levantar dali. Iria ficar com a Luísa até ao fim. Não me foi permitido o mesmo com o Francisco. Foi levado para longe. Mas a Luísa não ficaria sozinha, nem por um minuto.

Foi a tremer que adormeci e sonhei com aquele frio a abandonar o corpo da

Luísa e a penetrar no meu. Sentia-me tão gelada que queria acordar, mas não conseguia. Subitamente, dei por mim a escavar buracos na terra quente, na casa de Tomar. A Luísa e o Francisco observavam-me da varanda enquanto bebiam chá frio. A satisfação que senti era indescritível. Afinal, estava tudo bem. Estávamos ali os três. Naquele local maravilhoso.

Acordei com o barulho de passos no exterior. Estava escuro, mas entrava um resquício de luz por baixo da porta da entrada, proveniente da iluminação da escada do prédio. Fui de imediato catapultada para os acontecimentos dessa tarde. O corpo da Luísa mantinha a posição, mas estava completamente frio e rígido. Fui até à porta e reuni todas as minhas forças para ladrar e chamar a atenção de quem tinha acabado de passar pelo lado de fora da porta. O som saiu aos tropeções, parecendo mais uma espécie de ataque de tosse do que um chamamento. Ninguém veio em meu socorro. Regressei para perto do corpo e ali fiquei. Tinha prometido a mim mesma que não a abandonaria. Iria cumprir a promessa.

A manhã chegou, trazendo consigo fios de luz amarelada. Esta era a única forma de sinalizar a passagem do tempo. À noite, a luz azulada da iluminação pública; de manhã, a luz natural do nascer do sol, que ia ficando mais intensa ao longo do dia. Tudo filtrado pelos orifícios das persianas. Eu estivera sempre ali. Junto da Luísa. Não tenho a certeza se dormi. É possível, mas não me lembro. Agora, que é manhã, o meu corpo lembra-me que ainda estou viva e que tenho de satisfazer algumas necessidades. Vou ao resguardo e agacho-me para fazer chichi. Aliviada a bexiga, apercebo-me de que tenho muita sede. Vou à minha tigela e bebo até ficar satisfeita. Senti-me, de imediato, um pouco melhor. Passei pela taça da comida e vi que estava vazia. Mas não tinha muita fome. Voltei a deitar-me perto da Luísa.

O dia passou, a noite chegou e o meu estômago começou a roncar. Precisava de comer. Voltei à taça e lambi as migalhas. Não estava propriamente com fome, mas o meu instinto avisava-me de que, se me alimentasse, talvez me sentisse um pouco melhor. Fui até à bancada da cozinha e fiquei a olhar para o tacho de arroz que a Luísa deixara no lava-loiça. Levantei-me nas patas traseiras e estiquei-me ao máximo, para ver se conseguia chegar-lhe e empurrá-lo para o chão. Mas estava muito alto. Era impossível.

Estava calor. Bebi mais um pouco de água e voltei para perto da Luísa. Não queria deixá-la, mas o odor à sua volta começava a entranhar-se nas minhas narinas. Deitei-me um bocadinho mais afastada, sem contacto direto dos nossos corpos, como quando dormíamos juntas, no verão. Nessa altura, afastávamo-nos um pouco, para não ficarmos tão quentes. O que seria suposto eu fazer? Ladrar, para ver se vinha alguém em seu socorro? Manter-me simplesmente ali, para não se sentir só? Não sabia! Simplesmente fiquei... e fiquei... e fiquei! Dormi e acordei. Acordei e dormi. Ladrei à porta, sempre que ouvi passos na escada. Ninguém veio. Os meus chichis acumularam-se no chão. Acabaram por secar, mas deixaram no ar um odor fétido, que se misturara com o odor do corpo da Luísa.

Cada vez mais forte. Os meus cocós são escassos, pois não há comida. Resumem-se a meia dúzia de bolinhas ressequidas.

Tenho fome, o meu estômago ronca constantemente, lembrando-me de que devo procurar comida. Mas, apesar de haver, na cozinha e na despensa, várias hipóteses, não estão ao meu alcance. Ao fim de algum tempo, deixo de me sentir incomodada pela necessidade de comer. O pior é que a água acabou. Agora é que tudo ficou ainda mais difícil. Quanto mais sei que a taça está seca, mais sede tenho. Estou obsessiva. Olho constantemente para a taça e lambo-a, à procura de alguma frescura. Já não me preocupo com a comida. O meu cérebro está exclusivamente focado na água. Olho para todas as torneiras e desespero. O que eu mais quero é sentir a frescura daquele líquido a invadir-me a boca, a escorregar pela minha garganta, a preencher-me o estômago. Água, água, água!!! Circulo pela casa, desesperada, à procura.

Tento trepar para a sanita, mas é muito alta para mim. Além de ter a tampa fechada. A torneira do lavatório da casa de banho pinga. Para aumentar o limiar da tortura a que eu estou sujeita. Mas é impossível chegar lá acima. Tento e tento, dando saltos no ar. Sem sucesso. Nem estou perto de o conseguir, devido à minha pequena estatura. Estou cada vez mais cansada. Acabo por desistir e deitar-me, cada vez mais afastada da Luísa, mas o mais perto que o meu olfato consegue aguentar. Dormi por exaustão. Ou fraqueza, sei lá!

Acordo com o som da campainha. Vou buscar forças não sei onde e dirijo-me à porta. Tento ladrar. Sai-me um gemido lupino. Começo a arranhar a porta. Do outro lado, uma voz de mulher chama pela Luísa. Não obtendo resposta, baixa o tom, falando para mim, de forma meiga e infantil. Reconheço quando diz o meu nome. Redobro os meus esforços para ladrar. Consigo um pouco mais de volume e definição. A mulher volta a chamar pela Luísa, enquanto bate na porta e toca à campainha, repetidas vezes. Está praticamente a gritar. Alguém se aproxima. Desta vez, uma voz de homem. Falam os dois. Uma ou outra palavra são-me familiares. Continuo a vocalizar, dentro daquilo que ainda consigo. Arranho a porta. Desta vez é o homem que fala para mim. Depois, novamente a mulher. Ah! Como eu gostava de conseguir comunicar! Como eu desejava que me entendessem. Tento desesperadamente. Talvez aquela seja a minha última oportunidade. Não sei quanto mais tempo vou aguentar. Mas depois tudo se silencia. Os humanos afastam-se. Ouço os seus passos, cada vez mais longe. Bate a porta de entrada do edifício. Desanimada, deito-me ali mesmo. Sei que devo ir para perto do corpo da Luísa. Mas não tenho força. Só penso em água. Preciso de água. Lambo o chão de pedra. A sua frescura acalma-me um pouco. Mas logo em seguida a sede volta ainda de uma forma mais desesperada. Começo a ver água a escorrer da parede. Levanto-me a custo e dirijo-me a esse local, esperançada. Fico desesperada quando a visão desaparece. Aproveito que estou de pé para regressar para perto da Luísa. Deito-me e adormeço, mas tenho sonhos aflitivos com água. Sempre com água. Acordo e continuo sequiosa. Adormeço. Acordo. Adormeço.

Acordo. Não saio dali. Já não tenho força. Já nem sei se tenho sede. O meu coração bate tão rápido, que receio que acabe por saltar do peito. Estou desesperadamente cansada, mesmo sem me mexer. Não sei quantos dias passam. Ou se são só minutos ou horas. Estou entre a inconsciência e a semiconsciência. Parece-me ouvir a campainha a tocar. Depois batem à porta. Ouço vozes. Parecem agitadas. Mas é-me completamente indiferente. Nem sei se o que ouço está realmente a acontecer. Ou se é fruto das minhas alucinações, às quais já não dou importância. Deixo-me ficar. Descrente. Volto a adormecer.

Nos meus sonhos, ouço barulhos estranhos. Parecem vir da cozinha. Não penso no assunto. É-me indiferente. Sinto o coração a palpitar nos ouvidos. Nem sei como ainda se aguenta. Aqueles barulhos estão cada vez mais próximos. Abro os olhos, apesar de as pálpebras pesarem toneladas. Vejo formas humanas a agitarem-se à minha volta. Não as reconheço. Mas não quero saber. Tenho a sensação de que a porta da entrada está aberta. E há mais humanos a entrarem em casa. Provavelmente, são fruto das minhas constantes alucinações. Ignoro-as. Sinto-me a ser elevada do chão. Será? A minha cabeça tomba. Sou incapaz de a segurar. Pareço estar em movimento. Nos braços de um humano. Sou assolada por memórias do tempo em que o Francisco me mantinha assim... entre os seus braços. E de como me sentia feliz e segura. Deixo-me ir. Alucinações ou não, façam o que quiserem. Deixei de ter vontade própria.

XXIII

4 de julho de 2013

Cristina Varela era mediadora de seguros desde que terminara os estudos. Começara por fazer trabalho de escritório, na sede da companhia, mas rapidamente se tornou angariadora de clientes. Chegou a ser várias vezes a colaboradora do mês, pelo número de seguros que conseguiu vender. A sua carreira profissional foi acompanhando a evolução tecnológica, mas a sua empatia e a forma pessoal com que tratava os seus segurados faziam a diferença, deixando os clientes satisfeitos.

Conheceu Francisco quando este passeava *Luana*, ainda bebé, e encantara-se com a graciosidade da cachorra. Morava perto e passava todos os dias pela praça onde ficava o bloco de apartamentos habitado pelo casal, a caminho da padaria, onde se abastecia de pão fresco. Já tinha reparado nos dois, algumas vezes, mas no dia em que se cruzou diretamente com o par, a cadelita saltitava no canteiro, livre da trela. Correu para Cristina, assim que a avistou. Esta baixou-se para a cumprimentar e foi presenteada com umas generosas e húmidas lambidelas.

— És um amor, não és? — elogiava, enquanto tentava escapar aos arremessos molhados da língua de *Luana*.

Francisco aproximou-se, apressadamente, para tentar refrear o entusiasmo efusivo da cadela.

— Ai, *Luana*! Anda cá! Peço imensa desculpa, minha senhora. Não pode ver ninguém, que fica neste entusiasmo.

— Não faz mal. Fui eu que a provoquei. É mesmo gira. Que idade tem?

— Nove meses. Energia não lhe falta. Desde que a tenho, já conheci mais vizinhos do que em todos os anos que aqui vivi.

— Acredito. É uma facilitadora social — riu-se Cristina.

— É verdade! Nunca tinha pensado dessa forma, mas é isso mesmo.

Francisco voltara a prender a trela no peitoral de *Luana*, mas sorria, claramente orgulhoso do sucesso que ela fazia em todo o bairro.

— Sou a Cristina. Moro ali, na rua Luís de Camões — apresentou-se a mulher,

apontando, primeiro, na direção da sua rua e depois estendendo a mão a Francisco.

— Francisco. Muito prazer em conhecê-la — respondeu, retribuindo o gesto e apertando a mão da mulher. — E esta é a *Luana*.

A cadela, reconhecendo o seu nome, começara a saltitar à volta de ambos.

— Muito prazer, *Luana*. És mesmo simpática. — A mulher voltara a baixar-se para acariciar as suas orelhas e esta redobrava a velocidade com que abanava a cauda. — Muito prazer em conhecer os dois. Tenham um bom dia.

Cristina afastou-se em direção à padaria e o par seguiu o passeio.

Nas semanas seguintes, voltaram a cruzar-se algumas vezes. O tempo em que ficavam à conversa foi aumentando. Francisco já sabia que Cristina era mediadora de seguros e falavam, entre outros assuntos, sobre as várias modalidades disponíveis para proteção de pessoas e bens. Acabaram por combinar uma reunião, em casa de Francisco, para analisarem as propostas que esta teria para ele e compararem com as apólices que já possuíam, subscritas noutras companhias.

Foi nessa reunião que conheceu Luísa. Não simpatizou muito com ela, por ser ríspida e fechada, mas foi profissional e relevou a sua atitude. Acabaram por fechar negócio em relação ao seguro da casa e do carro. Os pagamentos eram feitos por referência multibanco, enviada por carta, para a morada de ambos.

Após a morte de Francisco, as importâncias não foram liquidadas durante algum tempo. Cristina sabia da sua morte, esse acontecimento fora notícia no bairro. Decidira visitar Luísa para conversar com ela sobre os pagamentos em falta e para evitar o cancelamento das apólices, apesar de este não ser um procedimento protocolar. Mas aquela sua faceta empática, que a distinguia dos outros colegas, guiava-a nas suas decisões.

Depois de várias tentativas de contacto por telefone, fora bater à sua porta. Luísa só a abriu depois de Cristina se ter identificado e explicado a razão da sua visita, através da porta fechada. Acabaram por acordar a anulação da apólice do seguro do carro, uma vez que Luísa não o utilizava, e combinaram que passaria por ali, anualmente, para receber o da casa.

A mulher saiu dali destroçada por constatar o sofrimento da viúva e a forma como lidava com ele. Estava sozinha, literalmente, mas era a própria Luísa que assim o queria, ou pelo menos pensava que queria, dado que a sua atitude para com os outros levava a que todos se afastassem. Não estava nas suas mãos resolver o problema de solidão de Luísa. Mas arrepiava-a ver um ser humano assim. Nada daquilo era viver.

A apólice vencia em julho. Como combinado, Cristina foi a casa da viúva logo no dia 2. Havia telefonado antes, várias vezes, mas primeiro não atendera, depois o telefone estava desligado. Não estranhou, Luísa vivia como uma ermita; porém, não deixou de ficar um pouco apreensiva. O seu isolamento arrepiava-a. E se lhe acontecia alguma coisa? Sabia que tinha um filho, mas que estavam de relações cortadas. Não fazia juízos de valor, lá teriam as suas razões. Mas não deixava de ser preocupante alguém daquela idade estar completamente só. Não que soubesse

pormenores da vida social de Luísa, mas era o que constatava nas poucas vezes que a contactava. Estava implícito na forma como a recebia, no desleixo com que se cuidava. Não que a casa estivesse suja ou que Luísa não tratasse da sua higiene. Mas a pele macilenta, os olhos turvos, a dificuldade com que encarava a luz, a forma atabalhoada como pronunciava as palavras eram reveladoras. Raramente saía de casa, nunca abria os estores para entrar luz natural, raramente comunicava, raramente recebia visitas. Era escasso o contacto com outros seres humanos, desde a morte do marido, há três anos!

Quando chegou, entrou diretamente no átrio do edifício, porque um vizinho lhe abriu a porta principal, uma vez que estava de saída. Tocou à campainha do apartamento de Luísa. Esperou um pouco. Não tendo resposta, voltou a tocar. Depois bateu com força. Já não queria saber das boas maneiras. Só queria ficar descansada, saber que Luísa estava bem. Devia estar, pois a cadela estava à porta, como habitual, quando tocavam à campainha. Talvez estivesse a ficar surda. Não acreditava que a estivesse a ignorar propositadamente. Os problemas da mulher não eram económicos. Não tinha dificuldade em pagar a apólice. O barulho que fez atraiu um dos vizinhos, que se aproximou. Perguntou-lhe se tinha visto Luísa nos últimos dias. Não tinha, mas, também, não era habitual vê-la. No entanto, ouvia a cadela. E não havia a entrega do restaurante, pendurada na maçaneta da porta. Como tal, ela devia vir recolhê-la diariamente. Este facto descansou um pouco Cristina. Tentou relaxar, esquecer o assunto. Voltaria nos próximos dias, noutro horário.

Mas passou o dia a matutar. Tentou ligar, durante a tarde, mas ia logo para o *voice mail*. Consultou a ficha de registo da apólice, à procura de algum dado que a pudesse ajudar. Devia tentar contactar o filho. Mas como lhe chegaria? Só sabia que se chamava Nuno. Talvez, juntando-lhe o apelido de Francisco, o conseguisse localizar nas redes sociais. Tentou, mas a quantidade de pessoas com o mesmo nome era imensa, e ela nunca o tinha visto. Por isso, não o conseguia identificar pela foto de perfil. Concentrou-se no trabalho, que já estava atrasado.

Mas o assunto não lhe saía da cabeça.

No dia seguinte, tinha a agenda preenchida. Não teve tempo para voltar a casa de Luísa, saiu de madrugada e voltou já tarde. Não passaria do dia seguinte: iria ao final da tarde. Chegou ao edifício por volta das vinte horas. Tinha estado um dia muito quente, mas o final da tarde trouxera uma brisa fresca. Os habitantes dos vários apartamentos tinham as janelas abertas enquanto cozinhavam o jantar. O cheiro a refogado espalhava-se pela praceta. Tocou à campainha de Luísa. Não houve resposta. Tocou para outro apartamento. Atenderam-na pelo intercomunicador e ela explicou que precisava de contactar a vizinha do rés do chão. Abriram-lhe a porta principal, destrancando o trinco à distância. Bateu à porta de Luísa. E bateu. E chamou. E gritou. Algo estava errado. Muito errado, pois a cadela não tinha vindo ladrar. Cristina estava à beira do pânico. Até porque não conseguia ignorar o cheiro, ainda que discreto, que escapava pelas frinchas da

porta.

Um terrível sentimento de culpa começou a tomar conta das suas emoções. Como pudera ela ter deixado passar tanto tempo?

Por essa altura, já alguns vizinhos se haviam agrupado no átrio. Gerara-se um burburinho, quando todos falavam em surdina, mas ao mesmo tempo. Cristina saía para a praça, para conseguir algum silêncio. Estava a ligar para a polícia.

A brigada de serviço chegou ao fim de vinte minutos. Depois dos esclarecimentos de Cristina, tentaram, eles próprios, que Luísa lhes abrisse a porta. O sargento Perdigão, uns quilos mais magro, reconheceu o local e lembrou a ocorrência, três anos antes, quando deu a notícia da morte de Francisco à viúva. Sentiu um arrepio na espinha. Lembrava-se da mulher que não vertera uma lágrima, mas ficara visivelmente afetada. O próprio fez uma chamada para os bombeiros. Identificou-se e requisitou os serviços para arrombamento e entrada forçada na casa. Enquanto aguardavam, foram recolhendo testemunhos entre os moradores. Cristina mantinha-se sentada nos degraus da escada, aliviada. Daí a pouco alguém estaria no interior e tudo seria esclarecido. Esperava, ardentemente, que tudo não passasse de um mal-entendido e que Luísa estivesse bem. Assim como a cadelita.

O carro de bombeiros e quatro operacionais chegaram rapidamente. Deram a volta ao edifício, para encontrar o melhor local para arrombamento e optaram pela janela da cozinha, apesar de ter uma grade protetora, que tiveram de serrar. Mas era a que permitia um acesso mais fácil ao interior. Forçaram a abertura da persiana e olharam para dentro. Tudo escuro. A única iluminação era a do candeeiro de rua, uma vez que já era de noite. Arrombaram o trinco da janela e abriram-na. O cheiro que lhes chegou ao nariz foi o suficiente para lhes dar uma imagem clara do que iriam encontrar quando entrassem. Apesar de já estarem familiarizados com este tipo de situações, não eram insensíveis, e foi com o coração a mil que entraram na casa, saltando o peitoril, ajudando-se mutuamente. Os mirones acumulavam-se no exterior, curiosos com o desenlace, ou por coscuvilhice mórbida. Os polícias tentavam manter um cordão de segurança à volta dos quatro bombeiros, para lhes dar espaço de manobra. Os operacionais, três homens e uma mulher, ignoraram-nos e, depois de acenderem a luz da cozinha, fecharam a persiana. Aquela alma tinha direito a alguma privacidade.

Já no interior, protegidos dos olhares indiscretos, retiraram um lenço do bolso, protegeram o nariz e a boca e ataram-no na nuca. Desta forma, protegiam-se daquele cheiro acre, que lhes causava náuseas. Acenderam uma lanterna de bolso, mas o foco direcionado e pouco amplo tornava o interior fantasmagórico. Respiraram fundo e prepararam-se para o que aí vinha.

Saíram para o *hall* e acenderam a luz, depois de terem localizado o interruptor com o foco da lanterna. Esta, vertida pelo apliance do teto, era amarelada e pouco intensa, mas suficiente para iluminar, ainda que escassamente, a entrada da sala de estar. Não ficaram surpreendidos quando localizaram um vulto deitado no chão.

Procuraram o interruptor da luz da sala e acenderam-no.

O corpo disforme de Luísa estava enrolado no chão, de cara para baixo, os braços e as pernas enrodilhados, boiando num líquido viscoso e fétido, que se fundia com a própria pele, ou o que restava dela, como se a estivesse a derreter. Mais ou menos a um metro de distância, provavelmente para evitar o líquido que alastrava a partir do corpo, um ser pequenino, que acreditavam poder ser um cão, estava enroscado, em bola. Quando lhe apontaram o foco da lanterna os seus olhos inexpressivos piscaram, meia dúzia de vezes, para logo se voltarem a fechar. A bombeira correu para o animal, de lágrimas nos olhos, esperançada de que ainda se pudesse salvar. Era algo a que se agarrara de imediato. Algo de positivo no meio daquele caos. À mulher... ninguém podia ajudar. Ao animal... ainda restava uma última hipótese. Só ansiava que tivessem chegado a tempo.

Um dos bombeiros destrancou a porta da entrada para dar passagem aos agentes da polícia, que aguardavam no átrio do prédio. Os vizinhos acotovelavam-se para conseguirem espreitar para dentro do apartamento. Ainda conseguiram vislumbrar a movimentação dos quatro bombeiros, mas depois o agente Perdigão pediu que dispersassem e fechou a porta, um pouco rudemente, para evitar a curiosidade mórbida dos condóminos. O cheiro que invadiu o átrio, aquando da abertura da porta, fez com que não fosse necessária mais argumentação e as pessoas afastaram-se, algumas saindo para a rua, onde ficaram a profetizar o desenlace já mais que esperado.

Cristina, sentada nos degraus, sentia-se consumida pela culpa, por não ter dado o alerta mais cedo. Já não tinha esperança num desfecho feliz.

Dentro do apartamento, o sargento Perdigão, com um lenço a tapar-lhe a boca e o nariz, tomava notas e tirava fotos com o seu telemóvel, mais ou menos como via fazer nas séries televisivas. Nunca se sabia se aquela documentação visual não viria a fazer falta. Já havia contactado o departamento de medicina legal, para atestar o óbito e poderem retirar o corpo.

A bombeira tinha *Luana* nos braços e tentava molhar-lhe a boca com água açucarada. Uma rápida inspeção ao local tinha confirmado que não havia água nem comida disponíveis. Um tacho com arroz, abandonado no lava-loiça, servia de incubadora para várias espécies de fungos. A cadelita parecia morta. O corpiño esquelético, hipotónico, pendia dos braços da mulher. De vez em quando, abria os olhos esbranquiçados e encovados, para depois os fechar novamente. Este era o único sinal de que ainda havia em si um sopro de vida.

Depois de algum tempo de insistência, começou a lambear os beiços, humedecidos com aquele xarope improvisado. A assimilação do açúcar deve ter-lhe dado um pouco de energia para que o seu organismo voltasse a funcionar, uma vez que começou a levantar a cabeça e a procurar o prato em que tinha sido feita a solução. Bebeu um pouco, voluntariamente, mas depois pareceu ficar nauseada e começou a ter reflexos de vômito. A mulher, pela formação que tinha tido ou pelo simples instinto, decidiu oferecer-lhe água natural, que retirou da torneira. Não

conseguiu conter as lágrimas quando a cadela mergulhou a cabeça, ainda periclitante, na taça e sorveu o líquido com uma sofreguidão inacreditável. Ainda sem se conseguir levantar, mas já tendo esvaziado o conteúdo, vomitou em jato grande parte do que tinha bebido. A mulher recriminou-se por lhe ter permitido beber tanto, assim de seguida, mas os efeitos daquele fluido milagroso já se faziam sentir, pois *Luana* tentava levantar-se, mesmo que sem sucesso. O seu corpo havia adquirido algum tónus, o olhar, apesar da opacidade das cataratas, estava menos encovado e mais atento. E tudo isso em menos de uma hora, que fora o tempo que passara desde que haviam entrado na casa.

Quando, por essa altura, chegou o médico legista, para atestar o óbito, a bombeira deixou os três colegas a acompanharem os procedimentos e saiu com *Luana* para a rua. Apanhar ar, sair daquele ambiente tóxico, poderia ser vantajoso. Não existiam regras para casos semelhantes. O que iria ser feito daquela cadela? A idosa teria família que a quisesse acolher? Naquele momento, o animal precisava de cuidados médicos especializados. Quem assumiria os custos desses cuidados? Da sua parte, tendo uma família de cinco e um ordenado pequeno, suportar aquela despesa seria complicado. As coisas até se poderiam resolver no futuro. Mas o problema teria de ser enfrentado de imediato.

Embrenhada nestes pensamentos, não deu atenção aos comentários dos vizinhos quando saiu do apartamento com a cadela nos braços. Já no exterior do edifício, Cristina aproximou-se.

— Desculpe-me! Não quero atrapalhar, mas só queria saber como está a cadelinha. Pelo menos, está viva! — disse, enquanto estendia a mão para lhe acariciar as orelhas.

Estava escuro e a iluminação pública não lhe permitia ter uma imagem clara do aspeto da cadela. Mas o toque foi suficiente para tomar consciência do seu estado de magreza extrema.

— Agora já parece viva! Quando entrámos, julguei-a morta. Se não fosse o ter aberto os olhos, por breves momentos, teria ignorado a sua presença, por a julgar cadáver. Não é familiar, pois não? Da idosa, quero dizer!

— Não. Sou a mediadora de seguros. Mas fui eu que dei o alerta, porque andava há uns dias a tentar contactá-la, sem sucesso. Se o tivesse feito mais cedo! Não consigo deixar de me sentir culpada — lamentou Cristina, com uma grossa lágrima a deslizar-lhe pela face. — Acho que não vale a pena perguntar, mas... a senhora Luísa?

— Lamento.

Cristina emitiu um longo suspiro, desalentado.

— Não vale a pena torturar-se. São coisas que acontecem. Sabe como é. Pessoas que vivem sozinhas... não pense que é só com idosos. Nesta profissão vejo disto muitas vezes. Claro que com os idosos ainda é pior. Mas ainda há umas semanas aconteceu com um rapaz de trinta anos. Embolia. Nem teve tempo de pedir ajuda. Depois ficou em casa, morto, durante muito tempo. Os pais estavam emigrados e

foram os amigos que deram o alerta, por não o conseguirem contactar. Sabe se esta senhora tem família?

— Sei que o marido faleceu há três anos e que tem um filho. Parece que não se relacionavam. Mágoas do passado. Mas não sei pormenores, nem tenho qualquer contacto.

— Vai ter de ser a polícia a entrar em contacto com o filho. Tem de ser informado, até por causa das questões legais. E vai ter de assumir a cadelita. Se ela sobreviver.

— Pobrezinha. Não sei se posso, mas gostava de a levar ao veterinário. Até encontrarem o filho, eu assumo as despesas. Sempre atenuo um pouco a culpa.

— Podemos falar com os agentes. Em princípio, não haverá problema. Não há leis que protejam os animais de companhia nestes casos. Tornam-se um fardo, porque geralmente ninguém os quer. Muitas vezes, acabam por ser entregues a instituições. Ou aos canis das câmaras municipais.

— Talvez o filho queira ficar com ela. Mas, para já, tem de ser socorrida.

Luana continuava ao colo da bombeira, olhos semicerrados, desinteressada dos comentários ao seu futuro. Cristina retirou-a com cuidado, passando-a para o seu colo. A bombeira retirou-se para falar com o polícia.

Voltou com o sargento Perdigão, que se mostrava muito ativo na resolução daquela tragédia. Dirigiu-se de imediato a Cristina.

— Então, está disposta a levar a cadela ao veterinário?

— Sim. É uma vida que está em jogo e que ainda pode ser salva.

— Deixe-me ficar com a sua identificação e contacto. Precisamos de saber para onde vai o animal, para o caso de a família a reivindicar.

— Sim, senhor agente. Aqui tem o meu cartão de cidadão e contacto telefónico. Ainda não sei para onde a levo. Vou para a clínica mais próxima que ainda esteja aberta.

— Muito bem. Ligo-lhe daqui a pouco, para tomar nota do local.

XXIV

Cristina virou costas aos inúmeros olhares curiosos e dirigiu-se para o seu carro. Acomodou a cadela no chão da viatura, ajeitou-a com o seu casaco, para a manter mais estável durante a condução, e consultou o Google para procurar direções para a clínica veterinária mais próxima.

Encontrou uma a cinco quilómetros, seguiu as indicações e daí a poucos minutos estava a estacionar à porta. Foi conduzindo, observando a cadela pelo canto do olho, sempre receosa da sua morte.

Chegada à receção, deu os seus dados à rececionista, para criar uma ficha clínica. Explicou a situação, que não era a responsável pelo animal, mas que assumia os tratamentos, enquanto os familiares não eram contactados, uma vez que lhe parecia, apesar de não ser entendida, que a sua situação clínica carecia de alguma urgência.

Pediram-lhe que aguardasse na sala de espera, enquanto levavam a cadela para dentro. Pela porta semiaberta, Cristina ainda a viu ser entregue nos braços da médica veterinária de serviço.

Aguardou cerca de quinze minutos, nervosa, andando de um lado para o outro na sala de espera. Ao fim desse período, a rececionista veio pedir-lhe que entrasse no consultório, para falar com a doutora Sara.

A médica veterinária atarefava-se à volta de *Luana*, que jazia num colchão aquecido, meio adormecida, com um tubo ligado à patinha dianteira, pelo qual gotejava o soro, pendurado num suporte adequado. Uma bomba de infusão, ligada ao tubo, matraqueava repetitivamente a cadência das gotas, controlando a sua entrada na circulação sanguínea. Uma máscara transparente cobria-lhe a boca e o nariz, para lhe melhorar a oxigenação. A magreza era chocante, apesar de ocultada por pelo comprido, mesmo que baço e rarefeito. Parecia tão indefesa, tão vulnerável, que Cristina deixou, mais uma vez, escapar uma lágrima emotiva. Envergonhada, fungou e passou as costas da mão pela cara, para a secar.

— Boa noite. Sou a Sara — a médica veterinária dirigiu-se a ela, mão esticada em forma de cumprimento.

— Boa noite. Sou a Cristina — respondeu, a voz embargada, tentando disfarçar a emoção.

— Não se iniba de chorar. Aqui todos compreendemos — confortou Sara. — O que me pode dizer sobre a *Luana*?

Cristina contou-lhe, o mais resumidamente que conseguiu, toda a envolvimento daquela tragédia. Sara ouvia, em silêncio, sem deixar de prestar assistência à doente.

— Coitadinha! Deve ter passado um mau bocado! — lamentou Sara. Assistir, assim, à morte da tutora. E ficar ali, a morrer aos poucos, ela própria.

— Há três anos assistiu à morte do senhor Francisco, o marido da dona Luísa. Ele também teve morte súbita. Saiu com a cadela para passear e teve um ataque cardíaco fulminante.

— Não acredito! A sério? Mas que carma!

— Acha que ela sobrevive?

— Não sei. Chegou a um estado de desidratação complicado. Está com um sopro cardíaco impressionante. Vamos ver... as próximas horas serão determinantes.

— Só espero que ela sobreviva. Depois de tudo o que passou! Morrer assim... de fome.

— O pior é a sede. Mata mais rápido do que a fome. Se fosse só fome, acho que ela teria chegado a um ponto em que o instinto de sobrevivência falaria mais alto! E acabaria por se alimentar do próprio cadáver. Mas, como não tinha água disponível, a fome passou para segundo plano na lista de prioridades.

— Como? Acha que ela o fez? — Cristina estava claramente impressionada e chocada com a possibilidade.

— Nunca saberemos! Mas os seres vivos fazem tudo o que está ao seu alcance para sobreviver. É instintivo. Os humanos, em situações de provação extrema, fazem-no. Como é que os outros animais não o fariam?

— Que horror!

— Pois! Foi um horror tudo aquilo por que passou. Mas está aqui. Viva! Quando todas as variáveis jogavam contra si!

— E agora? Sabe se há alguém na família que fique com ela? Um filho, ou um sobrinho?

— Bem... existe um filho. Mas estavam de relações cortadas. Não tenho muita fé na sua boa vontade.

— Pois. É sempre um problema quando os animais sobrevivem aos tutores.

— A polícia vai localizar o filho e dar-lhe a notícia. Vai ter de assumir as suas responsabilidades.

— Primeiro, é preciso que ela sobreviva!

— Por agora fica cá, certo?

— Sim. Fica a soro e sob vigilância. Sabe que idade é que ela tem?

— Não faço ideia! Lembro-me dela, ainda jovem, mas já há uns anos. Não consigo precisar quantos.

— Parece muito velhota, mas pode ser por estar tão fragilizada.

— Pelo que eu via, quando ia lá a casa, desde a morte do senhor Francisco que a cadela não saía à rua. Mesmo a própria Luísa raramente saía. Tornou-se uma eremita. E pior! Nunca abria as janelas. Portanto, viviam sem luz natural. Quando abriam a porta e entrava a luz do átrio do prédio, ficavam as duas a pestanejar, com dificuldade em encarar a luminosidade. Reparei, numa das visitas, que a cadela tinha os olhos esbranquiçados. Aquilo partia-me o coração, mas a dona Luísa tinha um feitio difícil. Ninguém a aturava durante muito tempo.

— Pobrezinha da cadela. Até era motivo para lhe ter sido retirada. Por negligência... digo eu... e se as coisas funcionassem dessa forma neste país!

— Talvez. Mas a dona Luísa gostava da cadela e não lhe faltava com a comida, o conforto ou a higiene. Achava que o resto não tinha importância. Pois se nem para ela própria se importava. Vivia daquela forma. Na penumbra. Sem sair de casa. Desistiu de viver! Na prática... sobrevivia!

— Bem, o que está feito não pode ser mudado. Agora temos de tentar remediar o que ainda pode ser remediado — a médica veterinária tentava disfarçar a emoção, apesar de lhe tremer um pouco a voz enquanto falava.

As mulheres despediram-se com um aperto de mão sólido de cumplicidade e Cristina saiu, depois de ter deitado um último olhar a *Luana*, que permanecia deitada, talvez adormecida, indiferente ao que se passava em seu redor.

Quando estava a entrar em casa, recebeu uma chamada, que atendeu de imediato.

— Dona Cristina? É o sargento Perdigão.

— Sim, sou eu! Como está, desde há pouco? Tem novidades?

— Já conseguimos localizar o filho. Agora será ele a tratar de tudo. Onde está a cadela? Tenho de lhe dar indicações, para ele passar por lá.

— Assim que desligar a chamada, mando-lhe o contacto da clínica, por mensagem. Assim talvez possa reencaminhar.

— Muito bem. Já fez algum pagamento?

— Sim. Deixei ficar uma caução, para ela poder lá ficar internada.

— Então, vou falar com ele, para que a reembolse. Depois, a nossa missão termina por aí. A responsabilidade é dele. Posso dar-lhe o seu contacto? Para o caso de ele querer falar consigo?

— Sim, claro. Eu gostaria de saber se a cadela fica bem. Só depois consigo seguir em frente.

— Com certeza a clínica poderá mantê-la informada — rematou o agente, um pouco ansioso por dar o assunto por encerrado.

Quando desligou, elaborou a mensagem com o nome da clínica, o contacto telefónico e o nome da médica veterinária que assistira a cadela. Enviou para o contacto do agente e tentou concentrar-se nos afazeres habituais. Ainda teria de trabalhar nessa noite, apesar da hora, para compensar o tempo perdido.

Aqueceu no micro-ondas os restos do jantar do dia anterior, completou com umas rodelas de tomate, queijo mozarela e manjerição e sentou-se em frente à

televisão, distraída, enquanto decorria o último bloco noticiário do dia. Quando terminou, levantou os pratos, lavou-os no lava-loiças e ligou o computador, para terminar o trabalho atrasado. Tinha acabado de se sentar quando o telefone tocou. Atendeu, surpreendida pela hora tardia.

— Estou?

Uma voz masculina, afetada, respondeu:

— Boa noite. Peço desculpa pela hora, mas calculei que ainda estivesse acordada, depois de tudo o que aconteceu hoje. Sou Nuno Rodrigues da Silva. Filho de Luísa.

— Ah! Boa noite, senhor Nuno. Lamento o que aconteceu com a sua mãe.

— Eu quero agradecer-lhe, do fundo do coração, tudo o que fez hoje. Além de querer compensá-la por todo o incómodo que teve e pela sua persistência em localizar a minha mãe. Já contactei a clínica e amanhã de manhã vou lá ver como está a cadela.

— Ai! Que alívio! Pensei que poderia ser alguém que não quisesse saber do animal!

— Compreendo. Deve achar que eu sou uma péssima pessoa, por deixar a minha mãe sozinha, sem a contactar para saber da sua saúde.

— Não faço juízos de valor. E bem sei que ela era uma pessoa de trato complicado.

— Pois era. Eu próprio talvez não seja muito paciente. Não me quero desculpar, mas são anos de mágoas, a sentir-me a mais, mal-amado, ressentido... mas isso agora não interessa. Envie-me o seu NIB que eu transfiro para a sua conta a soma que adiantou na clínica, por favor. E não se iniba de me pedir qualquer valor extra que considere necessário.

— Vou enviar por mensagem o valor da caução que paguei e o meu número de identificação bancária. Não tem de agradecer. Fiz aquilo que qualquer cidadão faria.

— Na verdade, a maior parte das pessoas teriam seguido com as suas vidas, sem pensar muito no assunto. Vidas demasiado ocupadas, sem tempo a perder...

— Não é o meu caso. Sabia que a sua mãe estava sozinha e não me atendia o telefone, assim como não me abria a porta. Foi só somar dois mais dois. Só tenho pena de não ter chamado ajuda mais cedo.

— O que não tem remédio remediado está. Sentimentos de culpa não mudam nada. Apesar de ser difícil controlar esse sentimento. O meu próprio sentimento de culpa tem anos de duração. É crónico. Nunca me consegui libertar dele.

— Imagino! Já pensou em fazer terapia?

— Na verdade, não.

— Talvez fosse boa ideia...

— Não sei. Vou pensar nisso.

— E já pensou o que vai fazer em relação à cadela?

— Não há muito para pensar. Quando ela tiver alta, vou buscá-la. Para viver o

resto dos seus dias comigo. Vou fazer o melhor que posso para a compensar pelos anos de provação.

— Importa-se que eu a visite? Enquanto estiver internada, quero dizer!

— Claro. E terei todo o gosto em que a visite cá em casa, sempre que quiser.

— Combinado! Boa noite para si!

— Boa noite! E mais uma vez, obrigada!

Despediram-se e desligaram, agradados com a forma como tinha decorrido a conversa.

No dia seguinte, Nuno não trabalhou, afogado como estava em burocracias relacionadas com os trâmites legais do funeral. Desta vez, foi tudo mais simples, uma vez que já beneficiava da experiência adquirida com o falecimento do pai. Visitou a cadela duas vezes, ao início da manhã e ao fim da tarde. Ela permanecia alheada, apesar de acordada, ainda ligada à bomba de infusão do soro. Nuno aproximou-se do compartimento onde ela permanecia, no internamento, enroscada numa confortável caminha almofadada. A enfermeira veterinária de serviço deu-lhe autorização para a retirar e pegar-lhe um pouco ao colo, assim como o incentivou a oferecer-lhe comida. *Luana* olhou para ele sem emoção, os olhos esbranquiçados, quase cegos, a encararem os seus. Nuno não conseguiu deixar de sentir o olhar da mãe, triste e resignado. Era como se a sua progenitora o continuasse a observar através da cadela. Sentiu-se estranhamente incomodado, mas tentou ignorar a sensação, reconhecendo o delírio da mesma.

Retirou-a do compartimento, atrapalhado com o sistema de soro que teimava em se enrolar à volta da cadela, acabando por se sentar numa cadeira estrategicamente colocada no local. Depois de conseguir relaxar, ofereceu-lhe um pratinho com uma porção de comida em patê, que a enfermeira lhe explicou ser especial para cães em convalescença, por ser hipercalórica. Ela comeu um pouco, sem grande entusiasmo, mas já era alguma coisa. Nuno sentiu-se melhor por a cadela aceitar alimentar-se no seu colo.

Foi invadido por uma onda de compaixão pelo animal, mas não conseguiu deixar de a canalizar para a mãe. Era como se não conseguisse separar os dois seres. Como se a mãe continuasse a viver no legado da cadela. Como se estivesse condenada a ver o mundo com a simplicidade do olhar de um cão. Como se essa fosse a sua maldição, para a melhorar, em termos metafísicos. Nuno não era ligado ao esoterismo, mas aquela sensação dava-lhe arrepios na espinha.

Voltou a colocar a cadela no compartimento e ajudou-a a aninhar-se. A sua magreza era impressionante. Sentiam-se todas as saliências ósseas, camufladas pela farta pelagem, já mais vistosa, pela hidratação intensiva do soro. Voltou a ser invadido por uma dilacerante compaixão, que, mais uma vez, não conseguiu deixar de transpor para a mãe. Passou a mão pela testa, na qual rolavam umas gotas de suor, tentando controlar a urgente vontade de chorar, a emoção deambulando entre o estado físico e psicológico do animal, e a tristeza pela perda da mãe e da hipótese de, algum dia, se perdoarem mutuamente.

Engoliu em seco, conseguindo controlar as lágrimas que teimavam em cair, e dirigiu-se à receção, onde pediu para falar com a médica veterinária que acompanhava o caso. Foi informado de que ela não estava, nesse momento, mas pediram-lhe que voltasse ao final da tarde, altura em que estaria disponível para o receber. A rececionista acabou por lhe pedir que, na visita da tarde, trouxesse os objetos pessoais de *Luana*, tais como a cama, uma mantinha e brinquedos, para que esta se sentisse mais confortável ao reconhecer os odores que lhe eram familiares. Nuno tentou, mental e emocionalmente, encaixar na agenda desse dia essa visita inevitável a casa da mãe. Era algo que, irracionalmente, tentava adiar, mas que teria de enfrentar.

XXV

Nuno passou o dia assoberbado com burocracias, sem tempo para pensar. Depois de terminado o período de expediente diário das instituições públicas, sem possibilidade para continuar a deambular entre elas, o restante teria de ficar para os dias seguintes. Estacionou na praceta à porta do edifício que fora morada dos pais e sua própria. Hesitou o máximo que pôde, mas sabia que o confronto com a realidade crua não poderia ser adiado, tinha de voltar à clínica a tempo da visita.

Respirou fundo e saiu do carro, sentindo-se tonto. Cambaleou um pouco, acabando por se amparar na parede do prédio. Abriu a porta e foi, de imediato, invadido por um cheiro acre, que não conseguiu identificar, mas que sabia ser o último vestígio da presença física da mãe naquele local. Fechou a porta, encostou-se a ela, e, não conseguindo controlar as lágrimas, chorou, chorou e chorou. Permitiu-se fazê-lo, na esperança de que a torrente de lágrimas lavasse todo e qualquer ressentimento. Que o sal das mesmas lhe purificasse os sentimentos negativos e os transformasse em memórias agradáveis, mas sobretudo em perdão.

Depois de largos minutos em que se sentiu esvaziar por dentro, limpou as lágrimas e olhou em volta. Percorreu as várias divisões da casa à procura dos pertences da cadela, mas evitou a sala, por saber que tinha sido naquela divisão que o coração da mãe batera pela última vez. Recolheu um comedouro e um bebedouro, que encontrou na cozinha, lavou-os no lava-loiça, depois de afastar o tacho com o arroz bolorento, adiando para mais tarde a limpeza do mesmo. Como não encontrou nenhuma caminha, nem brinquedos, foi obrigado a entrar na sala, local onde o cheiro se intensificava. Tentou não se focar em nada, mas o seu olhar foi de imediato atraído para uma mancha de humidade pegajosa que se espalhava pelos tacos de madeira que revestiam o chão a partir do cadeirão; parecia ter o formato de um corpo humano.

Foi acometido de um vômito biliar que lhe queimou o esófago; conseguiu contê-lo durante alguns segundos, mas este acabou por lhe sair, em jato, pela boca. Tapou a boca e o nariz com a mão, afastou-se daquela mancha macabra, foi até à janela e abriu o vidro, deixando fechado o estore, mas permitindo algum arejamento. Os dejetos secos da cadela acumulavam-se por ali. Encontrou a caminha de pelúcia e alguns brinquedos bafientos, que, com toda a certeza, há

muito não eram usados. Mesmo assim, levou-os consigo. Saiu da sala e abriu o armário do corredor, do qual retirou duas mantas pequenas, lavadas, que levou consigo. Guardou tudo num saco de desporto.

Já mais controlado, saiu de casa, deitando um último olhar ao seu interior. Os próximos tempos seriam complicados, seria função sua dismantelar todos os vestígios de uma vida, esvaziar o apartamento e colocá-lo à venda. Mas isso ficaria para depois. Nesse momento, havia outras prioridades.

Dirigiu-se à clínica, temendo estar atrasado — a visita a casa demorara mais do que tinha planeado. Estacionou o carro no parque reservado a clientes, pegou no saco e dirigiu-se à receção.

A rececionista recebeu-o com um sorriso caloroso.

— Boa tarde. Ainda bem que veio. Estávamos a pensar que se tinha esquecido do nosso pedido, mas vejo que traz aí um saco cheio.

— Demorei a encontrar o que me pediu. Peço desculpa!

— Não tem de pedir desculpa. Ainda vem muito a tempo. Quer ir vê-la, certo?

— Claro. Como é que ela está?

— A melhorar. A doutora Sara vai falar consigo. Eu acompanho-o ao internamento. Mas devo informá-lo de que ela tem outra visita. É uma paciente muito concorrida! — gracejou a rececionista, que parecia estar de especial bom humor.

— Ah, sim? Quem?

— A senhora Cristina. Que foi quem a trouxe para aqui ontem.

— Muito bem, é uma boa oportunidade para a conhecer.

Nuno seguiu a mulher, apesar de já estar familiarizado com o espaço.

— Senhora Cristina, aqui está o senhor Nuno, que vem visitar a nossa pequenina.

A mulher estava de costas, debruçada sobre o compartimento de *Luana*, afagando-lhe a cabeça. Levantou-se apressadamente e virou-se, mão esticada, sorriso rasgado, pronta a cumprimentá-lo. Nuno sentiu-se um pouco intimidado. Desde que o relacionamento com o amor da sua vida terminara que se tornara quase celibatário. Era demasiado inseguro para conseguir relaxar na presença de mulheres.

— Boa noite, Nuno. Finalmente nos conhecemos!

— Boa noite, Cristina. Como está? Muito prazer em conhecê-la! — respondeu, não deixando de reparar na elegância e desenvoltura da mulher.

— Estou bem, obrigada. Mas eu é que devo perguntar... como está a lidar com toda esta situação? Precisa de alguma coisa? Presumo que não seja fácil. Tanto emocional, como burocraticamente.

— Ainda me sinto algo anestesiado, por estar assoberbado com burocracias. Daqui a uns dias é que cairei provavelmente em mim. Hoje, porque fui lá a casa buscar as coisas da cadela, já me senti a ir abaixo. Mas a vida continua, com tudo o

que isso tem de bom e de mau!

— É verdade. Mas, às vezes, se partilharmos as nossas emoções com os outros, poderemos sentir-nos menos sozinhos e mais compreendidos.

— Fico-lhe muito agradecido! Ah! É verdade. Já transferi para a sua conta o valor da caução. Verifique, por favor, que recebeu. Amanhã já deve estar disponível. Volto a insistir: diga-me se lhe devo mais alguma coisa.

— Nada que um jantar não pague! Quando estiver mais disponível, combinamos. O que acha?

— Está combinado. Um dia destes telefone-lhe, para agendarmos.

— Fico a aguardar. Mas queria pedir-lhe que me informasse do dia e hora do funeral. Pode ser?

— Sim. Eu aviso. Penso que mais logo, ou amanhã de manhã, já saberei alguma coisa... E o que achou da cadela... enquanto aqui estive com ela?

— Continua apagadita! Mas parece estar a melhorar. Trouxe-lhe um urso de peluche. Deve ser uma palermice, mas apeteceu-me trazê-lo para alegrar um bocadinho o espaço onde está. Não há problema se o estragar, é mesmo para ela. Tinha-o em casa, desde que o ganhei num jogo popular, na feira de Tires.

— Muito obrigado. Irei levá-lo quando ela tiver alta. Será sempre um presente da sua salvadora.

Nuno sentiu-se corar, um pouco envergonhado por estar a ser tão lamechas. Gerou-se um silêncio desconfortável, que Cristina quebrou, para se despedir.

— Boa noite, Nuno! Fico a aguardar o seu telefonema.

— Boa noite, Cristina. Conte com isso.

A mulher saiu e Nuno ficou a segui-la com o olhar. Não lhe conseguia atribuir idade. O cabelo ondulado caía-lhe pelas costas, num tom indefinido entre o castanho e o ruivo. Vestia-se num misto entre o casual e o elegante, ou talvez fossem as suas formas esbeltas que conferiam a elegância à indumentária. Antes de sair do seu ângulo de visão, virou-se e acenou-lhe, em jeito de despedida. Tinha olhos castanho-claros (ou seriam esverdeados?... Não tinha a certeza), rugas de expressão nos cantos da boca e dos olhos, que se acentuavam quando se ria. Alguns cabelos brancos emolduravam-lhe o rosto, sobretudo nas têmporas, mas, em vez de serem um ponto negativo, davam-lhe uma maturidade interessante. Era de estatura mediana, mas o facto de ser magra fazia com que parecesse mais alta.

— Boa noite! Sou a Sara, a médica veterinária que tem tratado da *Luana*.

A voz da médica trouxe-o à realidade. Estava claramente distraído.

— Boa noite, doutora Sara. Sou o Nuno. Como é que ela está?

— Está melhor. Penso que vai ficar bem, dentro do possível, uma vez que pode ficar com algumas sequelas. Quanto a isso, ainda não posso adiantar muito. Só o tempo o dirá. Ela viu «o outro lado»! Já não resistiria muito mais tempo. Por agora é difícil concluir o que poderá dever-se à sua idade, a alguma doença que já tinha, ou a consequências da terrível provação por que passou. Basicamente, chegou com falha renal e graves alterações cardíacas. Estou com esperança de que

se devam à desidratação e que sejam reversíveis. Fizemos análises ontem, que revelaram essa mesma falha na função renal e um total desequilíbrio eletrolítico. Estes resultados, por si só, são suficientes para justificar o estado de falência orgânica geral. Amanhã vamos repetir as análises e fazer um ecocardiograma. Com sorte, talvez nos venhamos a surpreender com os resultados. Tem ideia da idade dela? Ou a que clínica veterinária ia? Poderíamos pedir um relatório ao colega...

— Peço desculpa, mas não tenho qualquer conhecimento sobre o passado da cadela. Eu e a minha mãe estávamos de relações cortadas. É algo de que não me orgulho, mas é um facto. Provavelmente, agora, que terei de dedicar tempo às burocracias, talvez encontre algum documento que nos possa ajudar. Mas é tudo uma incógnita. Pelas minhas contas, ela deverá ter mais ou menos dez anos, mas não tenho certezas.

— Bem, vamos ter de nos contentar com os dados que conseguimos recolher. Desta forma, é mais difícil dar-lhe um prognóstico. Será *um dia de cada vez*. E quando tiver alta? Tem alguém em vista? Para ficar com ela, quero dizer!

— Sim, tenho. Eu próprio. A *Luana*, daqui para a frente, será minha responsabilidade.

— Que alívio. Nem sempre estes assuntos, que envolvem falecimento dos tutores, acabam bem para os seus animais.

— Para mim, não faria sentido que fosse de outra maneira. Já tenho um cão. Um *golden*, com cinco anos. E duas gatas, irmãs, com catorze anos. O cão veio para mim porque se fartaram dele quando tinha quase um ano. Não gostaram que escavasse o jardim. Agarravam-no pelo cachão e batiam-lhe até urinar, com medo. Tinha medo de homens e reagia, mordendo, quando alguém aproximava a mão do seu pescoço. No início, foi difícil, porque até para lhe pôr a trela tinha de aproximar a minha mão. E quando ouvia a palavra «não», rosnava logo. Provavelmente, batiam-lhe, dizendo constantemente «não», e ele relacionava a palavra com o castigo físico. Esta é a conclusão a que cheguei, pelas reações dele. Não que me tivessem explicado... ficaram todos contentes por se livrarem do problema. Mas não me arrependo. Falei com um colega seu, especialista em comportamento, que me deu alguns conselhos sábios e ainda me recomendou um treinador. Orgulho-me de dizer que fizemos, os três (os quatro, se contarmos com o *Scott*), um bom trabalho. Hoje em dia, é um cão espetacular, que eu adoro e em que confio.

— Felizmente ainda há finais felizes. Parabéns por não ter desistido de o reabilitar. Tudo é possível quando existe empenho e resiliência. Fico contente por saber que a *Luana* fica em boas mãos. Estamos todos a torcer por ela. Acabamos sempre por ficar afetivamente ligados aos nossos pacientes. E a história da *Luana* não nos foi indiferente.

— Compreendo. Eu ainda estou um pouco perdido nestes acontecimentos. Não tive tempo para processar tudo. Mas não me passaria pela cabeça negligenciar o animal. Coitada. Ela foi uma vítima. Merece, também ela, um final feliz, dentro

do possível.

— Bem, vou mantendo-o informado. Tenho de ir, as consultas esperam-me. Adeus, senhor Nuno.

Saiu com um aceno de cabeça, enquanto Nuno processava a informação.

— Quer colocar os objetos no compartimento da *Luana*?

— Hã?

— As coisas que trouxe! Quer colocá-las com a cadela? Ou prefere que seja eu a fazê-lo?

A rececionista estendeu-lhe o saco.

— Eu posso tratar disso.

Nuno dirigiu-se ao compartimento onde *Luana* continuava enroscada sobre si própria. Abriu a porta e ela estremeceu, assustada, quando ouviu o estalido da mola do fecho. Passou-lhe a mão pelas orelhas, acalmando-a e anunciando a sua presença. Retirou-a, trocou a cama da clínica pela que tinha trazido de casa e cobriu-a com uma das mantinhas macias, em tons de rosa e azul. Sentou-se na cadeira estratégica, colocou a outra manta no colo (esta de um tom verde-água, com o Pluto estampado) e ajeitou a cadelita nos joelhos. Ficou a afagá-la enquanto observava outro cão noutro compartimento. Parecia sedado e tinha um volumoso dispositivo médico a imobilizar-lhe uma das patas traseiras. Ao seu lado, um urso de peluche, esburacado e sem olhos, velava o seu sono. Deveria ser prática comum pedirem aos tutores para trazerem os objetos preferidos. Era uma boa ideia. Talvez desta forma se sentissem menos sozinhos. Devia ser difícil para os animais estarem assim, longe de casa, longe de todas as referências, constantemente submetidos a procedimentos dolorosos. Por muito empáticos que fossem todos os profissionais de saúde animal, era inevitável haver desconforto físico e emocional.

— Essa cadela deve ser uma mimada!

A rececionista andava por ali, atarefada, verificando se estava tudo em ordem.

Nuno não compreendeu se tinha ouvido bem. Mimada? O que é que a mulher queria dizer com isso?

— Mimada? Acha?

— Sim. Mimada. Repare nas mantinhas! Macias, cheirosas e quentinhas. A caminha... fofinha. Os pratinhos com motivos amorosos. Os brinquedos... a sua mãe devia gostar muito da cadela.

Nuno preferiu não responder, mas deu por si a pensar no assunto. Será que a mãe tinha conseguido amar? Será que, simplesmente, não conseguia exteriorizar os seus sentimentos? Será que fora assim também consigo? Será que a escolha dos objetos eram a sua forma de manifestar amor? Claro que a cadela tinha precisado de muito mais do que de mantas, brinquedos e comedouros. Passear ao livre, conviver com outros cães, com outras pessoas, absorver odores reveladores, brincar, explorar vínculos e afetos. E todas estas vivências eram mais importantes do que os bens materiais. Esta era uma premissa transversal a todos os seres vivos.

Mas talvez a mãe não fosse um monstro. Talvez Luísa se sentisse bloqueada em

relação à manifestação dos seus afetos. Possivelmente, os sentimentos estavam lá, em todo o seu potencial, mas aprisionados, acorrentados, incapazes de se libertarem. Talvez a mãe tenha encontrado nos objetos o estreito canal por onde rudimentares manifestações dos mesmos se escoavam para o exterior.

Pensava em tudo isto enquanto acariciava *Luana*, que se mantinha aninhada no seu colo. Por vezes, levantava a cabeça e olhava-o, sem efetivamente o ver, como se lhe perscrutasse a alma. Nuno continuava com a estranha sensação de que a mãe o vigiava através da cadela. Como se estivesse a manipular os seus pensamentos, para que a sua visão dos factos fosse melhorada. Ainda assim, começava a habituar-se a essa sensação e a sentir-se menos incomodado com ela. Talvez esta nova visão fosse a mais realista. Talvez tivesse estado toda a vida tão condicionado pela autopiedade que nunca tivesse conseguido ver além da superfície. Talvez não fosse assim tão diferente da mãe.

Os seus pensamentos divagaram durante largos minutos, como se estivesse numa viagem mental de autoconhecimento, hipnotizado pela sensação do toque macio do pelo na palma das suas mãos. Já não se queria torturar mais. O passado era isso mesmo... passado. Não podia ser alterado. O futuro seria aquilo que fizesse dele, ainda estava em aberto.

— Senhor Nuno. Lamento, mas temos de terminar a visita. Amanhã de manhã poderá cá voltar.

— Ah, sim! Claro. Peço desculpa. Volto amanhã.

Nuno voltou a colocar a cadela no compartimento, envolveu-a com uma das mantas e saiu para a receção, onde aguardou o regresso da rececionista.

— Então, até amanhã. Hoje não temos contas a pagar. Quando ela tiver alta, acertamos tudo — despediu-se a mulher, com um sorriso compreensivo em relação à evidente desorientação de Nuno.

— Combinado. Até amanhã. Espero que com boas notícias.

Saiu para a rua, grato pela brisa fresca que lhe refrescava os pensamentos. Ficou, por momentos, a absorver a sensação e dirigiu-se ao carro, estacionado em frente. Sentou-se e ligou a ignição. Verificou o telemóvel, que tinha colocado no silêncio. Tinha várias mensagens e chamadas não atendidas. Verificou os números. Correspondiam a familiares e colegas de trabalho. A notícia da morte de Luísa já se tinha espalhado. As mensagens eram todas de solidariedade com o momento, mas um dos números pertencia à agência funerária. Ligou de volta, apesar da hora tardia. Atenderam rapidamente e informaram-no de que o corpo de Luísa iria para o centro funerário de Cascais, no dia seguinte, às duas horas da tarde. A cremação aconteceria por volta das cinco.

Nuno recostou-se no assento. A sua vida, sempre tão rotineira, estava, desde o dia anterior, transformada numa correria emocional. Inspirou profundamente e expirou devagar. Sentia-se tão assoberbado, tão anestesiado, amarrado a uma montanha-russa de sentimentos; em queda livre em direção ao desespero e tristeza, em ascensão vertiginosa em direção ao perdão e esperança no futuro, com

uns quantos *loopings* pelo meio. Precisava de organizar as ideias, elaborar uma lista de tarefas. Aquando da morte do pai, abdicara da sua parte da herança a favor da mãe. Não se imaginava a ficar com nada do que achava ser dela por direito. Depois do funeral, seguiu a sua vida, tirando um ou outro documento que precisou de assinar. Nunca havia imaginado aquele momento. Em que teria de remexer no passado, em que teria de voltar a casa, em que teria de reviver aquilo que passara anos a tentar esquecer. Suspirou, tentando afastar divagações e procurando focar-se nas questões práticas.

Voltou a pegar no telefone, elaborou uma mensagem-tipo, que encaminhou para amigos e familiares, informando a hora e local do funeral. Incluiu Cristina nesse grupo. Terminada a tarefa, conduziu para casa, ouvindo repetidas vezes o sinal de entrada de mensagem.

Quando chegou, foi recebido de forma discreta pelo seu cão, que, esparramado no chão, só abanava a cauda, em jeito de cumprimento. A veemência com que esta batia no chão, à laia de chicotadas insistentes, denunciava a alegria com que brindava a sua chegada. No sofá, as duas gatas dormitavam, enroscadas uma na outra. Uma, completamente branca, e a outra, toda preta, pareciam fundidas, como se se tratasse de uma representação viva do *yin-yang*, a Lua e o Sol, a dualidade de tudo, duas forças fundamentais opostas. Levantaram a cabeça, cumprimentaram-no com um simples piscar de olhos, e mudaram de posição, aproveitando o interregno no sono para se lavarem mutuamente.

Nuno ficou, por momentos, a observar o trio e a pensar na forma como *Luana* se encaixaria ali. O cão, *Scott*, era muito tolerante. Provavelmente, tentaria brincar com ela. O problema poderia ser a diferença de tamanho. Ele, com os seus trinta quilos, e ela, com menos um zero, pois não devia ter mais do que três quilos. As gatas iriam ficar curiosas, embora talvez um pouco desagradadas por outro animal entrar no seu território. Mas a cadela estava quase cega, velhota, muito provavelmente com dificuldades locomotoras. Não representaria grande ameaça. Com o tempo, todos encaixariam e viveriam os cinco em harmonia. Pelo menos, assim o esperava.

Tomou um banho morno, deixou a água correr pelo seu corpo durante mais tempo do que seria razoável, vestiu calções e *T-shirt*, alimentou o cão e as gatas, comeu uma tigela de sopa que nem aqueceu, e deitou-se. Apesar do cansaço, teve alguma dificuldade em adormecer. Ficou no escuro, a olhar para o teto, assolado por imagens soltas e sem encadeamento daquilo que a sua vida tinha sido até ali. Acabou por adormecer já tarde e acordou a meio da manhã, demorando algum tempo a cair na realidade dos acontecimentos da véspera e antevéspera.

Levantou-se, executou as tarefas diárias como um autómato, tomou um novo banho, desta vez mais curto, demorou algum tempo a escolher a indumentária apropriada, optando por umas calças de fazenda, azul-escuras e um polo branco. Não queria vestir nada muito dramático, mas que também não fosse festivo. Sóbrio q.b., porque não era cínico e não queria passar uma imagem enganadora.

Todos os presentes, que não seriam muitos, saberiam das dificuldades de relacionamento de ambos.

Saiu por volta da uma da tarde, sentindo-se nervoso, o estômago embrulhado, ansioso por fechar aquele capítulo. O percurso até ao centro funerário demorou vinte minutos. Ainda tinha algum tempo antes de começarem a chegar os familiares e o próprio corpo da mãe. Sentou-se num sofá de pele sintética depois de se servir de um café simples e observou distraidamente o espaço. Estava numa ampla sala de espera, envidraçada, com vista desafogada para um relvado relativamente grande e bem cuidado. Vários sofás semelhantes àquele onde estava sentado criavam recantos íntimos em conjunto com pequenas mesas de apoio. A decoração sóbria, sofisticada, talvez até um pouco *zen*, transmitia paz. Quem idealizou o local tinha sido bem-sucedido, se a tentativa fora aligeirar a carga emocional negativa.

Aquela sala funcionava como antecâmara para outras salas, mais pequenas e intimistas, onde decorreriam os velórios individualmente, conforme a escolha dos respetivos familiares. Todas as salas tinham a sua própria decoração, dentro da mesma linha, e uma parede envidraçada revelava um jardim interior verdejante, salpicado por flores coloridas, assim como uma fonte decorativa, na qual o som de água a correr tinha um surpreendente efeito catártico. Ao fundo, uma discreta porta numa parede de madeira escura encaminhava o caixão para o forno crematório. A sala mais central, num conjunto de quatro, estava preparada para receber Luísa, pois um cavalete colocado à entrada identificava-a pelo nome e uma foto antiga que Nuno guardara durante todos aqueles anos. Era uma fotografia de um fotógrafo profissional, daquelas que tinham de ser tiradas para documentos oficiais, mas que a loja reproduzia, como oferta, uma de maior tamanho. Naquela imagem, a mãe estava no seu melhor momento. Cabelo elegantemente apanhado, faces coradas, sorriso discreto mas presente, que acabava por lhe estreitar um pouco os olhos, brilhantes de expectativa. Era, por aquela altura, uma jovem bonita, recém-casada, atrevendo-se a ambicionar um futuro risonho.

Nuno consultou o relógio. Faltavam quinze minutos para as duas. Estava com alguma dificuldade em identificar e quantificar os sentimentos contraditórios que o atormentavam. Estava triste, sem dúvida. Culpado, também. Ansioso. Nervoso. Aliviado? Anestesiado? Confuso. Tinha a sensação de que não estava, efetivamente, ali. Como se estivesse a observar a cena, mas fosse invisível aos olhos dos outros. Por outro lado, sentia-se demasiado exposto. Só queria que tudo terminasse, para seguir com a sua vida.

Um burburinho crescente retirou-o do transe momentâneo. Quatro homens vestidos de escuro transportavam um caixão para a sala reservada a Luísa. Levantou-se e dirigiu-se ao grupo, identificando-se. O caixão foi pousado, apoiado em dois sóbrios cavaletes metálicos. Os quatro cumprimentaram-no com um aperto solene de mãos, transmitindo, à vez, as condolências. Uma mulher, também ela de fato escuro, aproximou-se, depositando uma coroa de flores num

suporte apropriado, lateral ao caixão. Encaminhou-se depois na sua direção, de mão estendida, cumprimentando-o da mesma forma:

— Boa tarde, senhor Nuno. Lamento a sua perda. O meu nome é Celeste Veiga e venho por parte da agência funerária. Não queremos, de todo, interferir num momento tão íntimo e pessoal, mas quero que saiba que estaremos aqui, discretamente, para qualquer coisa que precise. Às dezassete horas, acontecerá a cremação. Nessa altura, viremos recolher o caixão por aquela porta ali do fundo. Depois, serão cerca de duas horas até poder vir buscar as cinzas. Manteremos o caixão fechado, pois o estado de decomposição do corpo não permite a sua abertura. O meu colega, João Silva, ficará à entrada da sala, para apoiar os amigos e familiares que forem chegando. Qualquer questão ou necessidade, fale com ele.

Apontou para um dos homens, que assentiu com a cabeça.

— Naquela pequena sala, ali à esquerda, estão as máquinas de café e chá, assim como alguns *snacks*. Podem servir-se à vontade.

— Muito obrigado, Celeste.

Foi o pouco que conseguiu responder, a voz embargada pelo peso emocional do momento.

— Já sabe. Estamos aqui para o que precisar. Não hesite em chamar-nos.

A mulher retirou-se e o homem designado tomou o seu lugar, à porta, com uma postura muito profissional.

Pouco depois, começaram a chegar os que vinham acompanhar a cerimónia fúnebre. Nuno manteve-se firme, educado, cumprimentando-os, relembrando momentos vividos em conjunto, fazendo conversa de circunstância. Sendo o parente mais próximo, toda a responsabilidade da cortesia recaía sobre si. Não compareceu muita gente, como seria de esperar, mas a sala estava composta, as pessoas conversavam descontraidamente, sem qualquer drama exagerado.

Na verdade, Nuno deu por si satisfeito por rever algumas pessoas que não via havia anos. Outras não conhecia, mas mesmo estas o cumprimentavam e se identificavam. Vizinhos da praceta, que tinham presenciado o aparato da entrada forçada em casa, dois ou três antigos colegas de trabalho — de entre eles, Emília, que se identificou como a dona dos pais de *Luana* e quis saber como estava a cadelita —, a proprietária do café, que lhe fornecia as refeições, antigos tutores de cães que, um dia, tinham convivido diariamente com o pai. A tia Olívia e a família, que poucas vezes tinha visto durante a vida. O tio, ainda a viver em África, não conseguira chegar a tempo. Outros familiares, com os quais pouco tinha convivido, formavam uma fila pesarosa, para lhe prestarem solidariedade com a sua dor.

Teria gostado de ter consigo os tios de Vila Real. Ultimamente, pensava muito neles. Talvez por se sentir órfão pela segunda vez. Custara-lhe voltar a Lisboa quando terminou a escola primária, mas depois o tempo foi curando e a saudade esbatendo-se. Agora que os pais tinham ambos partido, dava por si a rever momentos daqueles tempos com alguma nostalgia.

Aquelas três horas que representavam as últimas do corpo físico de Luísa sucediam-se num ambiente surpreendentemente agradável, de conversas ligeiras, em tom baixo e respeitoso, onde se reviam familiares e amigos, onde se evocavam recordações, onde se homenageava, na medida do possível, a ténue pegada que a mãe havia deixado durante a sua passagem terrena.

E entretido neste papel de anfitrião, Nuno não reparou na chegada de Cristina. Quando o seu olhar recaiu casualmente sobre a mediadora, esta estava de costas, a escrever alguma coisa no livro de condolências. Sentiu uma certa impressão no estômago, que não soube identificar, e não conseguiu deixar de ficar a observá-la por mais tempo do que seria recomendável. Quando ela se virou, Nuno sorriu-lhe, timidamente, sentindo-se estranhamente confortado com a sua presença. Aproximou-se devagar, tentando discernir a estranha sensação que lhe volteava o estômago.

— Olá. Muito obrigado por ter vindo — disse-lhe, enquanto lhe estendia a mão num cumprimento formal.

— Não tem de agradecer. Tinha de vir! Mal ou bem, fiz parte de todo este drama — justificou-se Cristina, retribuindo o cumprimento.

— Não tinha de o fazer. Funerais não são propriamente o melhor programa. Mas sinto-me mais confortado com a sua presença.

— Fazemos parte de uma sociedade. A despedida dos nossos entes queridos é, também, um ato social. Manifestar compreensão e apoio aos enlutados é algo que devemos fazer.

— É verdade. Mas nas grandes cidades são hábitos que se vão perdendo.

— Talvez não se vão propriamente perdendo, mas adaptando-se à evolução das sociedades.

— Parece-me que a Cristina é uma otimista.

Nuno sorria, embevecido, sentindo uma simpatia crescente pela mulher, admirando a sua simplicidade, a sua elegância natural, a sua disponibilidade social, a sua empatia para com os outros. Uma pontada de culpa minava a sua disposição, por se sentir bem naquele momento naturalmente triste.

Foi catapultado daquele momentâneo torpor por um colega de trabalho, que se aproximou para o cumprimentar e oferecer o seu pesar. Nuno dedicou-lhe a sua atenção, desculpando-se a Cristina com um discreto aceno de cabeça. Enquanto conversava com o homem, ia deitando um olhar de soslaio aos seus movimentos pela sala, preocupado que se sentisse deslocada, uma vez que não conhecia nenhum dos presentes. Ficou mais descansado quando a viu sentar-se num dos lugares livres e, em poucos segundos, estava a dialogar com a pessoa sentada ao seu lado. Parecia ser de fácil trato e não sofrer de qualquer tipo de fobia social. Mais um ponto a favor, uma vez que Nuno, por ser tímido e inseguro, admirava essas características.

O tempo passou rapidamente. Quando olhou para o relógio, eram quatro e quarenta. Não conseguiu evitar um frio no estômago por estar a aproximar-se o

momento. Olhou para o caixão fechado, depositado nos cavaletes, sentindo um arrepio ao relembrar o seu conteúdo. Talvez por toda a envolvimento, ou pelas estranhas sensações motivadas pela presença de Cristina, foi inundado por uma capacidade, até aí desconhecida, de perdão. Não podia ficar indiferente a ser a sua mãe que deixava o mundo físico. Com todos os erros que cometera, no seu papel de mãe e esposa, não deixava de ser sua mãe. Sentiu uma enorme necessidade de partilhar os seus sentimentos com os presentes, prestando-lhe uma simples homenagem. Facto inédito, uma vez que evitava constantemente atrair as atenções para si.

Dirigiu-se ao caixão, posicionou-se ao seu lado e pediu a atenção de todos os presentes.

XXVI

— Quero começar por agradecer a todos a vossa presença. Nestes momentos em que nos sentimos mais vulneráveis, é importante sentirmos o apoio dos outros. — Enquanto falava, o seu olhar pousava recorrentemente em Cristina, como se pedisse, silenciosamente, a sua aprovação. — Não vou florear a passagem da minha mãe por este mundo. Todos os que a conheceram sabem das suas inúmeras fraquezas. Falhou no seu papel de mãe, provavelmente no seu papel de esposa, de amiga, de familiar. Mas, no meio de todos estes fracassos, foi, ela própria, vítima do fracasso de outros, e a sua experiência de vida acabou por condicionar aquilo que ela conseguiu ser. Ainda assim, mesmo lutando contra muitos fantasmas do passado, amou e foi amada. Talvez eu próprio, assolado pelos meus próprios fantasmas, não tenha sido o filho paciente que deveria ter sido. Talvez estivéssemos ambos tão ensombrados, que espreitávamos o mundo com extrema cautela, sempre receosos, incapazes de nos entregarmos de forma confiante. A sua viagem terrena terminou, sem que ela a apreciasse de forma prazerosa. Mas deixou-me o seu legado, pois, indiretamente, ensinou-me, ainda que demasiado tarde para recuperarmos a nossa relação, o poder de relevar, do perdão, da empatia, do olhar para os outros além do invólucro, de retirar importância àquilo que, efetivamente, não é importante.

Sentia-se inspirado. As palavras saíam-lhe de improviso, mas certas. Olhava em volta enquanto falava, observando os presentes nas suas variadas reações. Uns mantinham a cabeça baixa, apertando as mãos, de forma nervosa, talvez revendo-se na incompreensão da personalidade de Luísa; outros sorriam discretamente, agradados com a homenagem; outros, ainda, tinham os olhos marejados de lágrimas, emocionados, tentando limpar discretamente uma ou outra que se escapava, rolando pela face. Cristina mantinha o olhar preso no seu, uma expressão ilegível, como se o estivesse a avaliar sem ter conseguido, ainda, formular uma opinião.

— Quero, também, deixar aqui a minha homenagem ao meu pai, ainda que a título póstumo. Nunca consegui compreender o que o motivou a manter-se ao lado da minha mãe todos aqueles anos. A relação deles era péssima, discutiam constantemente, nunca presenciei qualquer manifestação de carinho, por mais

discreta que fosse, entre os dois. Secretamente desejei, durante muito tempo, que se divorciassem e acabassem com aquela tortura. Talvez dessa forma cada um seguisse a sua vida e conseguissem ser felizes, beneficiando, eu próprio, dessa mudança. Mas ele relevou tudo. As ofensas verbais, a falta de carinho, as discussões acesas e ruidosas, as decisões com as quais não concordava. Sempre tive como certo que era por uma questão de educação retrógrada. Tinha sido criado no conceito inalienável de que o casamento era para a vida e de que nada o poderia destruir. A vergonha de um casamento falhado seria motivo suficiente para aguentar tudo, a qualquer preço. Mas, olhando para trás, e revendo a vida deles de outra perspetiva, começo a pensar que não foi a vergonha ou a educação que o motivou. Foi amor. Ele amava-a, desde o início, e continuou a amá-la durante todos aqueles anos. Não porque fosse masoquista, mas porque o amor é algo que não se controla e pode assumir várias formas. E se a minha mãe conseguiu despertar um amor daquela dimensão, provavelmente foi porque ele foi capaz de ver além da couraça. Talvez ela fosse muito mais do que aquilo que revelou. Pela minha parte, quero quebrar aqui, hoje, o ciclo. Quero limpar qualquer vestígio de ressentimento com o passado e, daqui para a frente, viver a minha vida sem fantasmas a assombrarem o meu desempenho. Dentro daquele caixão não vai só a minha mãe, mas também o filho que fui até aqui. Fica uma pessoa madura, pronta a usufruir do resto da sua vida. A vida que ela me ofereceu, no dia em que fui concebido.

Nuno calou-se, voltando a olhar em volta. Parecia ter saído de um transe catártico. O silêncio era total, interrompido apenas por uma discreta fungadela aqui ou ali. Os funcionários da agência estavam ao fundo da sala, aguardando, não querendo interromper a homenagem.

Aos poucos, um a um, os presentes foram-se aproximando para reforçarem o seu apoio. Entre apertos de mãos mais calorosos, abraços apertados e beijos húmidos, todos deixaram implícita a sua compreensão e validação. Enquanto aceitava o contacto físico com todos os presentes, Nuno ia deitando o olhar por cima do ombro para observar Cristina. Era algo inconsciente, mas que estava efetivamente a acontecer. Esta mantinha-se afastada, sem intenção de se aproximar.

Um dos funcionários anunciou, solene e pesaroso, que chegara o momento de retirar o caixão. Nuno assentiu e todos se afastaram para dar espaço de manobra. A larga porta de madeira abriu-se, revelando um carril onde foi encaixado o caixão. Um ecrã de televisão interna iluminou-se e ficaram a observar o percurso de Luísa até ao forno crematório. Os presentes não conseguiram evitar um arrepio na espinha enquanto o caixão entrava por uma pequena porta metálica feita à medida. A emissão foi desligada e as pessoas começaram a abandonar o local. Nuno deixou-se ficar um pouco, a observar o vazio. Sentiu uma pressão ligeira no braço, voltou-se e deu de caras com Cristina. Não disseram nada, demoraram-se, simplesmente, a olhar um para o outro, durante breves momentos. Foram

interrompidos pela mulher da funerária, que reforçou o seu pesar e lhe lembrou que as cinzas estariam prontas para lhe serem entregues daí a duas horas. Entregou-lhe o livro de condolências e despediu-se cordialmente, retirando-se.

— Quer que lhe faça companhia enquanto espera? — perguntou Cristina, adivinhando-o desorientado.

— Ah... sim, claro! Quer dizer, se não for incómodo para si!

— Não é nenhum incómodo. Prefere sair um pouco, bebemos alguma coisa aqui por perto e depois voltamos? Ou ficamos aqui, bebemos um café, ou mesmo um chá da máquina, e conversamos um pouco enquanto esperamos?

— A Cristina decide, pode ser? Fico-lhe muito agradecido pela sua companhia. Estou um bocado perdido.

— É natural. Ficamos, então, por aqui, conversamos, e assim dá tempo para se reorganizar um pouco.

— Obrigado. Não sabe como lhe agradeço. É mesmo importante para mim.

— Prefere café ou chá?

— Eu vou buscar. Diga-me a Cristina o que prefere.

— Pode ser um chá, uma vez que não bebo café. Obrigada. Quer ajuda?

— Não, obrigado. Deixe-se estar, que eu já volto.

Saiu em direção à salinha das máquinas de bebidas e Cristina escolheu um recanto mais isolado para se sentar enquanto esperava.

Quando contornou a esquina, encontrou-se com a tia, que vinha claramente ao seu encontro.

— Meu sobrinho. Lamento muito a tua perda — declarou, enquanto lhe pegava nas mãos e as apertava, claramente emocionada. — Fiquei muito sensibilizada com as tuas palavras de despedida. Mas não quero voltar ao norte sem te dizer algo que provavelmente já vem tarde, mas que espero que ainda te possa trazer alguma paz.

Nuno fitou-a, apreensivo, sem articular palavra.

— A tua mãe amava-te. Nunca duvides disso! As circunstâncias da sua vida e a forma como lidou com elas impossibilitaram-na de manifestar esse amor. Sentiu-o, com todas as suas forças, mas não soube demonstrá-lo. E essa limitação tornou-a ainda mais frustrada. Viveu toda a vida a duvidar das suas capacidades. Nunca se sentiu amada, ou apreciada, mas sim descartada, desnecessária, um fardo para todos os que a deveriam amar. Por isso, cresceu a ocultar as suas emoções, com medo de ser rejeitada. Não que isto a ilibere de qualquer responsabilidade. Contudo, ajuda a compreender o porquê das suas atitudes.

Olívia aliviou a pressão nas mãos de Nuno e afastou-se um pouco.

— Podes ter a certeza de que ela te amava! Não podia deixar de te dizer.

— Obrigada, tia. Foi muito importante para mim que mo tivesse dito. Eu próprio me senti sempre a mais, um fardo, como disse.

— Temos tendência para repetir os erros dos nossos pais. A tua mãe não conseguiu evitar esta profecia. Acabou por repetir os atos que condenou. — Após

um suspiro, concluiu: — Espero que tu consigas fazer diferente.

Nuno permaneceu calado, circunspeto, enquanto a tia se afastava e lhe acenava em jeito de despedida.

*

Voltou com café, chá, frutos secos e chocolates num tabuleiro, localizou Cristina e sentou-se à sua frente. Distribuiu as bebidas e recostou-se, desfrutando do sabor amargo do café sem açúcar. Sentia-se estranhamente confortável.

— Temos aqui um verdadeiro banquete — riu-se Cristina, servindo-se de um pacote de amendoins.

— Este é um local de mortos, mas nós estamos vivos. Precisamos de nos alimentar — gracejou Nuno, numa tentativa de aliviar um pouco o ambiente.

Desfrutaram dos *snacks* e das bebidas, maioritariamente em silêncio, interrompendo-o para pequenos diálogos, que surgiam naturalmente.

— Quando sair daqui, ainda vou visitar a cadela. Espero que tenha alta em breve.

— Ela está muito melhor. Deve estar quase pronta para a sua nova vida.

— Vamos ver como vai ser com o *Scott* e as gatas. Mas estou confiante de que vai tudo correr bem.

— Vai, sim. Parece-me que a pobrezinha já viveu a sua quota-parte de provações.

— É verdade. Se calhar, eu devia tê-la trazido logo a seguir à morte do meu pai. Mas a minha mãe era uma pessoa válida, apesar de amarga. Não me pareceu correto privá-la da sua única companhia. Além de que essa atitude teria arruinado ainda mais a nossa relação.

— O que está no passado, no passado tem de ficar. Não interessa pensarmos no que poderia ter sido, mas sim no que poderá vir a ser.

— Pois. Tem razão, Cristina. Mas não deixo de me sentir constantemente culpado. Culpado do que foi, culpado do que não foi. Culpado porque sim, culpado porque não. A culpa é a minha principal emoção, neste momento.

— Isso é algo para o que deve trabalhar. Para mudar essa emoção. Não adianta nada e não o deixa viver o resto da sua vida da melhor forma possível.

— Eu sei que tem razão. Conscientemente, sei. Mas é algo que vai além da minha consciência, que está nas minhas entranhas e que se espalha como uma infeção.

— Talvez fosse importante procurar ajuda profissional.

— Talvez. Mas tenho esperança de que limpar todos os cacos deste desastre que foi a relação com a minha família próxima me deixe mais disponível para seguir em frente. Os próximos tempos vão ser difíceis, porque vou ter de remexer nas memórias do passado, esvaziando aquela casa, para depois a vender... ou alugar... ainda não pensei nisso.

— Tem tempo. Não se precipite. Faça as coisas com calma. Dê a si mesmo a possibilidade de ir ao seu próprio ritmo.

— Até pode ter razão, Cristina, mas eu, neste momento, só penso em apagar todo e qualquer vestígio da minha culpa, despachando todos os assuntos que se relacionam com a minha mãe.

Ficaram em silêncio, entreolhando-se numa compreensão mútua subentendida. Nuno acabou por desviar o olhar, fitando o relvado através das grandes janelas envidraçadas, sentindo uma calma interior reconfortante. Nunca tinha sido tão franco, nunca se tinha exposto tanto, como o havia feito com Cristina. E sentia que lhe fizera bem, que se sentira compreendido, que talvez não fosse tão má pessoa, como se habituou a pensar de si próprio.

— Senhor Nuno, já terminou. Temos as cinzas da sua mãe para lhe entregar.

Nuno virou a cabeça, confundido, embrenhado que estava nos seus pensamentos. João, o funcionário da agência, tinha-se aproximado sem que ele desse por isso.

— Ah! Obrigado. Onde as posso levantar?

— Venha comigo. Eu levo-o lá.

Levantou-se para seguir o homem, olhando para Cristina, confuso.

— Eu aguardo aqui. Demore o tempo que for preciso — sossegou-o ela, oferecendo-lhe um sorriso encorajador.

— Obrigado por esperar. Já venho ter consigo.

Desapareceu por uma porta lateral, regressando pouco depois com um pote cerâmico debaixo do braço. Aproximou-se de Cristina.

— Já está. Podemos ir. Nunca terei palavras suficientes para lhe agradecer toda a sua disponibilidade, compreensão e simpatia. Foi muito importante para mim e, sem dúvida, o meu suporte emocional durante estes dias.

— Não é preciso agradecer. Achei que poderia e deveria ajudar. Já pensou no que irá fazer com as cinzas?

— Sim. Já pensei nisso. Primeiro achei que as devia colocar ao pé do meu pai. Mas depois pensei que o melhor seria libertá-la, finalmente, de qualquer amarra e dar-lhe a possibilidade de começar de novo. Claro que tudo no sentido simbólico. Mas, mesmo sendo simbólico, tem significado para mim. Provavelmente, vou lançar as cinzas ao mar.

— Se precisar de apoio e companhia no momento em que o fizer, avise-me, que eu lá estarei.

— Volto a agradecer, mas acho que já fez de mais. Não lhe quero tomar mais tempo com este assunto. Vou ser só eu, ela e talvez a cadela.

— Compreendo! Bem, é agora que nos separamos. Tem o meu contacto. Qualquer coisa de que precise, estou à distância de um telefonema.

Tinham chegado aos carros no estacionamento. Cristina procurava já as chaves despejadas na carteira. Encontrou-as e carregou no comando de abertura de portas. O clique dos fechos a abrirem fez Nuno sobressaltar-se. Bolas! Estava com os

nervos em franja. Sentia uma tremenda necessidade de prolongar aquele momento, mas já não sabia como. Tinha de deixar Cristina seguir o seu caminho. Sentia, novamente, aquele revoltar no estômago que o deixava vulnerável.

Ela estendeu-lhe a mão, que ele apertou de uma forma demasiado intensa e entrou no carro. Baixou o vidro elétrico e despediu-se.

— Adeus, Nuno. Já sabe. Se precisar...

Era impressão sua, ou ela disponibilizava-se demasiado? Era, com certeza, impressão sua. Seria? Poderia estar ela a sentir, como ele, asas de borboletas a tocarem-lhe a pele da barriga? Disparate. Não podia ser. Era só olhar para ela e para ele. Ela, mulher bonita, elegante, sofisticada, inteligente, independente... Ele, um homem amargurado, envelhecido, recalcado. Não! Era impressão sua, com toda a certeza. Mas mesmo com esta consciência, porque é que sentia que não a queria deixar partir? Onde teria ido desencantar a coragem para lhe dizer o que lhe saiu da boca:

— Não se esqueça de que lhe estou a dever um jantar. Vou ligar-lhe, para combinarmos.

Ela sorriu. Parecia aliviada? Talvez estivesse a imaginar coisas.

— Fico à espera. E gostava de saber como correm as coisas com a cadela.

— Claro. Vou mantendo-a informada. Amanhã ligo-lhe.

Sabia que não estava a esconder a ansiedade, uma vez que deixava claro que a contactaria no dia seguinte. Não queria saber. E ela não se estava a esquivar. Parecia, até, agradada.

— Fico à espera.

Desta forma e com um sorriso, Cristina ligou a ignição, fez a manobra necessária e saiu do estacionamento. Nuno ficou a vê-la partir, embasbacado, consciente do ridículo da situação: ele, no estacionamento do centro funerário, com as cinzas da mãe debaixo do braço, a namoriscar, provavelmente pela primeira vez na vida, com uma mulher deveras interessante, para quem até àquele dia não se teria sequer atrevido a olhar. Era uma vida que terminava e outra que começava. Não deixava de ser irónico.

Apesar de exausto, resolveu passar em casa dos pais, agora vazia, para iniciar a árdua e penosa tarefa de a esvaziar, para posteriormente ser vendida. Sabia que, se protelasse essa missão, acabaria por deixar arrastar indefinidamente no tempo algo que teria de ser feito. Quanto mais depressa o fizesse, mais depressa seguiria em frente.

Estacionou na praça, ficou durante algum tempo a observar as entradas e saídas do prédio, enquanto pensava em Cristina e naquele novo despertar de emoções. Gostava de a ter consigo, naquele momento. Na verdade, gostaria de a ter consigo em todos os momentos. Mas talvez fosse melhor estar sozinho. Não sabia o que iria encontrar e como iria reagir ao desenterrar velhas memórias.

Esperou que não houvesse ninguém por perto e saiu do carro, esgueirando-se pela entrada, até ao patamar. Não lhe apetecia ter conversas de circunstância com

vizinhos curiosos. As mãos tremiam-lhe enquanto tentava introduzir a chave na fechadura. Lá dentro, apressou-se a abrir todas as janelas, para que a luz natural inundasse aquele espaço lúgubre e a cheirar a morte.

Na despensa encontrou sacos de plástico, que levou consigo, para encher com coisas que fossem para descartar. Respirou fundo e fez uma inspeção geral, abrindo gavetas e portas dos armários. Tomou consciência do imenso tempo que iria precisar para esvaziar a casa.

Resolveu começar pela sala, onde havia uma escrivaninha de madeira, antiga, com várias gavetas incrustadas com enfeites em estanho. Começou por aí e foi abrindo cada uma delas. Encontrou de tudo: faturas e recibos, cartas amarelecidas, contratos com fornecedoras de eletricidade, gás e água, agulhas de croché, carrinhos de linhas, botões desemparelhados, canivetes suíços, tesouras de costura, baralhos de cartas, dados de jogar, sabonetes perfumados dentro de bolsas de croché e fotografias antigas. Retirou o elástico que as mantinha juntas e ficou a observá-las, uma a uma, passando os dedos pelas imagens desbotadas, a maioria a preto-e-branco. Reconheceu algumas das pessoas retratadas, mas outras não fazia a mais pequena ideia de quem seriam. Ali estavam a mãe e o pai, no dia do casamento, ele próprio, ao colo da mãe, no dia do batizado, a avó, os tios, fotos dos primos, provavelmente enviadas pela tia, via postal. Voltou a colocar o elástico e arrumou o conjunto numa caixa de cartão, que encontrou no local. Estes pequenos pedaços da sua história de vida iriam consigo. Esvaziou as gavetas para os sacos de plástico. Aquelas coisas sem utilidade iriam para o lixo. Verificou os documentos, para se certificar de que eram antigos e desnecessários, e colocou-os num saco diferente, para irem para a reciclagem do papel. Pegou no molho de cartas, para as verificar uma a uma e descartar as que não tivessem valor sentimental. Foi abrindo os envelopes, um a um, para verificar o conteúdo e perdeu algum tempo a ler algumas das mensagens. Sentiu-se algo desconfortável, como se estivesse a devassar a intimidade tanto dos remetentes, como dos destinatários, mas não conseguiu parar de ler, avidamente, sequioso de saber um pouco mais da vida dos pais e das suas relações com os familiares e conhecidos. Estava tão absorto, que não se apercebeu do tempo a passar e deu por si fisicamente cansado, acabando por puxar uma cadeira para se sentar, incapaz de parar de ler aquelas missivas amarelecidas, um pouco desbotadas, de caligrafias antiquadas e artísticas.

Havia de tudo. Mas as que mais gostou de ler foram aquelas que provinham dos familiares mais chegados. A tia Olívia, relatando o seu dia a dia, a dar a notícia do nascimento das filhas, a descrevê-las e a ilustrar essa mesma descrição com fotos de bebés sorridentes e rechonchudos, crianças em idade escolar com trajes colegiais, adolescentes borbulentas e envergonhadas. O tio, a viver em África, enviava saudações e relatos vagos e omissos, das suas vivências naquele local exótico. Os tios de Vila Real, a descreveram orgulhosamente os progressos do sobrinho, na sua nova vida, naquela aldeia remota.

No meio destas, encontrou uma carta diferente, com os selos colados, mas sem

carimbo dos correios. Observou-a demoradamente, pressentindo alguma revelação, que não sabia se estava preparado para receber. O remetente era a mãe, o destinatário, ele próprio, mas a morada da aldeia. Nunca chegara a ser enviada. Abriu-a, tremendo de antecipação e leu-a, tropeçando nas palavras, que se começaram a desfocar, à medida que as lágrimas lhe toldavam a visão.

Meu querido filho,

É com o coração apertado que te escrevo, agora que a tua tia me disse que já sabes ler. Nem calculas o quanto estou orgulhosa de ti. O meu bebé deixou de o ser e está transformado num belo e inteligente rapazinho. Só lamento profundamente não estar presente nestes momentos tão importantes para o teu crescimento. Mas quero que saibas que te amo mais do que qualquer coisa neste mundo. Muito mais que a mim própria! És e sempre serás a melhor coisa que me aconteceu, em toda a minha vida. Questiono-me, todos os dias, como conseguiu alguém imperfeito como eu criar um ser tão perfeito como tu.

Espero que compreendas e me perdoes por te ter levado para Vila Real. Foi a pensar em ti e no teu bem-estar, em detrimento do meu. Não imaginas as saudades que tenho! Da tua carinha tímida, do teu sorriso, do teu cheirinho quando te penteava depois do banho, dos teus abraços, dos teus modos doces, que me enchiam o coração de amor por ti.

Aproveita estes tempos da tua infância, respeita os teus tios e sê feliz, por favor! Mas nunca te esqueças de mim e do pai. Nunca te esqueças de que, apesar de tudo o que possas estar a sentir, eu sou e serei sempre a tua mãe. Que te ama e amará para sempre!

Nuno leu e releu aquela carta várias vezes. Como é que a mãe que ele conheceu tinha, em certa altura, escrito algo como aquilo? Tão sentido, tão exposto. Mesmo que não tenha tido coragem para enviar a carta, tinha conseguido escrevê-la e revelado aquilo que sentia, no mais profundo do seu ser, como nunca o tinha feito, em nenhuma outra ocasião da sua vida.

Limpou as lágrimas e guardou a carta no bolso. Não podia desfazer-se da única prova de amor maternal que recebera.

Voltou ao molho das restantes cartas, folheando uma a uma até deparar com um envelope cuja caligrafia lhe chamou a atenção. Ia jurar que a reconhecia. Observou-a, numa espécie de jogo, tentando adivinhar quem a teria escrito. Tentava distrair-se do impacto emocional da carta da mãe nunca enviada. Não tinha remetente, só destinatário.

O nome completo da mãe aparecia desenhado a meio do envelope branco com manchas amareladas, causadas pelo passar do tempo. Não tinha endereço ou selos dos correios. Só o nome da mãe, claramente escrito de uma forma cuidada e demorada, as letras bem torneadas, como se o remetente pretendesse enviar uma mensagem, subentendida pelo destinatário. Sem endereço e sem selos, só podia ter sido deixada diretamente na caixa do correio.

Abriu o envelope, retirou a folha de papel de boa qualidade e assim que leu as primeiras linhas sentiu o sangue fugir-lhe das faces, um frio na barriga, o corpo percorrido por um calafrio, quando reconheceu, finalmente, a caligrafia.

Dona Luísa,

Primeiro que tudo, quero que saiba que gosto muito do seu filho.

Não sabe o quanto lamento tudo o que aconteceu. Não tinha qualquer intenção de o magoar. Antes de o conhecer, eu já tinha aquele namorado. Por aquela altura, ele já era abusivo, ameaçava-me constantemente, dizendo que me arrependeria se o deixasse. E eu fui ficando naquela relação, por medo. Depois, conheci o Nuno e senti-me verdadeiramente atraída por ele. Durante algum tempo pensei que, talvez, ainda tivesse o direito de ser feliz. Que o meu namorado se tornasse sensato e eu conseguisse seguir a minha vida, sem medo de represálias.

Até compreendo a sua indignação quando me viu com ele no centro comercial. Estava a proteger o seu filho. Mas não compreende que, ao ameaçar denunciar-me, está a colocar-me em risco e a colocar o seu filho em risco. Não sei o que ele poderá fazer se descobrir que me relacionei com outra pessoa. Tenho receio de saber e por isso vejo-me obrigada a ceder à sua ameaça e afastar-me do Nuno. Para o proteger... para me proteger. Não quero que nada de mal lhe aconteça. Gosto muito dele...

Maria José Feiteira

**A TERCEIRA VIDA
DE LUANA**

XXVII

2 de junho de 2018

A praia estava deserta. O vento desagradável que soprara durante a tarde tinha-se extinguido, dando lugar a uma brisa morna. Mas tinha afugentado os poucos banhistas que se atreviam a descer a escarpa íngreme até àquele reduto paradisíaco de areia branca e mar azul. O céu estava limpo, o sol a tocar a superfície longínqua do mar, pinceladas alaranjadas espreadando-se no horizonte faziam adivinhar um dia seguinte igualmente quente. Se o vento desse tréguas, seria um excelente dia de praia. Não que não tivesse sido, aquele, um excelente dia, também. Mas as rajadas fortes levantavam areia por todo o lado, impossibilitando o decúbito na toalha. O corpo açoitado dava a sensação de estar a ser picado por centenas de agulhas invisíveis. Era impossível manter os olhos abertos, porque os grãos de areia teimavam em penetrar nas pálpebras húmidas.

O para-vento improvisado com canas e toalhas tinha ajudado, mas se não fossem as rochas e as suas piscinas naturais, teria sido uma tortura permanecer ali. Por isso, todos se tinham retirado, encosta acima, logo a partir das quatro da tarde, deixando a praia deserta. Com certeza, estariam por essa altura a encher as esplanadas dos restaurantes, limpos e perfumados, degustando peixes e mariscos nas suas variadas formas de confeção.

A paciência de Nuno tinha sido recompensada. Passara a tarde ora deitado nas rochas, ora a banhar-se na pequena lagoa natural resultante de um feliz ordenamento rochoso, que retinha uma quantidade considerável de água, na maré vazia. Apesar de sentir os efeitos da dureza da rocha em todas as suas saliências ósseas, mantinha limpas as suas reentrâncias corporais, pois naquela zona da praia não havia areia e o único elemento que o vento conseguia trazer até si eram algumas gotas de água roubadas às ondas.

Quando a maré começara a encher, o vento acalmara e pudera usufruir daquele magnífico fim de tarde, tendo o privilégio de o ter só para si. Bem! Para si, para a sua companhia e para os dois cães que os acompanhavam.

De máquina fotográfica em punho, Nuno olhava para a paisagem através da

lente. O mar refletia o pôr do sol. A areia, lambida pelas ondas, refulgia em milhares de pontinhos cintilantes. As rochas cinzentas brilhavam como pedras preciosas. A escarpa verdejante denunciava as várias minicascatas que desciam pela encosta, alimentando a flora natural.

De dedo no gatilho, Nuno disparava a máquina em todas as direções. Excelente fim de tarde para a fotografia. Do seu lado esquerdo, *Scott* corria pela água, levantando esguichos em todas as direções. O seu pelo molhado acompanhava o movimento, ondulando ao sabor da brisa. A língua pendente e os olhos brilhantes denunciavam a felicidade que sentia. Adorava a praia, a água, a areia, onde escavava verdadeiras crateras. Era verdadeiramente inspirador constatar quão simples e básica a felicidade pode ser. Observou as fotos do cão no ecrã da máquina e continuou a fotografar a sua correria desenfreada sem objetivo. Ainda lhe atirou um pau que por ali encontrou, para que o fosse apanhar, mas ele estava mais interessado em correr para trás e para a frente, intercalando com breves pausas em que se esparramava na areia molhada, lambendo a água salgada que lhe chegava no vaivém das ondas.

Havia anos que passava férias naquela zona da costa vicentina. Por ali ainda se encontravam praias vazias, no seu estado natural, onde não se aplicavam leis que proibiam a permanência de cães. Como é que se podiam proibir cães nas praias? Pois se eram eles que mais desfrutavam! Pelo menos *Scott* adorava. Era um gosto vê-lo, de tão feliz que ficava. Ia para aquela zona mesmo antes de ter adotado o cão, já nem sabia bem há quantos anos. Conhecia todas as praias, mesmo as de acesso mais difícil — eram as suas preferidas, por estarem quase vazias, mesmo em pleno verão.

Depois de mais uns disparos, voltou a avaliar a qualidade de cada uma das imagens. Tinha conseguido alguns instantâneos bem divertidos, de qualidade, até, com o sol como pano de fundo, a cor dourada do cão a fundir-se com a areia, as sombras a jogarem com o movimento da água, as expressões alegres a transbordarem do visor. Dignas de uma revista, sem dúvida, pensou, orgulhoso do seu trabalho, mas sobretudo da beleza do animal.

Voltou a olhar pela ocular, focando a imagem no corpo do cão. Sorriu quando *Luana* apareceu no ângulo de visão, saltitando pela areia, as orelhas a esvoaçarem ao sabor do vento, as pequenas patas a enterraram-se na areia molhada. Tirou algumas fotos aos dois.

Baixou a máquina e ficou a observar a cena. *Scott* fazia congoxas à sua volta, desafiando-a para a brincadeira, levantando água à sua passagem. Ela, desorientada com tanto movimento, piscava os olhos, tentando focar a vista através da cortina de água que lhe escorria pelas pestanas.

Tinha tido uma evolução inacreditável. Quando a levava para casa, no dia seguinte ao funeral da mãe, estava esquelética, cega, desorientada. Entrara com ela ao colo, instalara-a numa caminha confortável e os outros animais tinham feito peregrinação ao local para a inspecionarem, com curiosidade, durante breves

segundos. Talvez porque ela se mantinha apagada, enroscada sobre si própria, a curiosidade fora rapidamente satisfeita e cada um dos três, *Scott* e as duas gatas, voltaram aos seus compromissos pessoais: dormir.

Nos primeiros dias, quase não saía da cama, comendo quando lhe apresentavam a refeição, sem entusiasmo, urinando no local onde dormia, protegido com um resguardo absorvente. Parecia ter perdido a força para viver. Sem motivação, sem vontade, sem energia. Nuno preparara-se para o pior, pensando que a cadela não iria conseguir ultrapassar aquela provação e que seria uma questão de dias até partir deste mundo.

Mas ela renascera das cinzas, como uma fénix!

Ao fim de uma semana de estada, saiu da cama por vontade própria e, quando Nuno se levantou, encontrou-a aninhada na barriga de *Scott*, que o olhava afetado, num misto de receio e surpresa. Pegou no telemóvel, incrédulo, para eternizar o momento através de uma fotografia. Nesse dia, não urinou na cama, escolhendo um local afastado para o fazer. Encontrou o bebedouro de *Scott* e bebeu voluntariamente, assim como ingeriu uma boa porção de peito de frango cozido e arroz, que Nuno cozinhava propositadamente para ela, numa tentativa desesperada de a pôr a comer.

As gatas, *Bia* e *Lili*, eternamente refasteladas no sofá, observavam a cena com um ar enjoado, como se conversassem telepaticamente entre si e comentassem a estranheza de tal ser.

Quando foi passear o *Scott*, levou-a consigo, primeiro ao colo, mas, enquanto o cão se entretinha a cheirar o percurso, colocou-a no passeio, para avaliar a sua reação. Primeiro ficou desorientada, olhando em volta sem nada ver, uma vez que os olhos baços lhe dificultavam a visão. Depois, de nariz no ar, apanhou o odor do *Scott* e começou a segui-lo, atabalhoadamente, desequilibrando-se no percurso. Quando este, satisfeito com a informação retirada do local, cavalgou pelo caminho rumo ao posto de informação seguinte, a *Luana* tentou segui-lo da forma que conseguia, tropeçando, caindo e levantando-se, esforçando-se por seguir no seu encalço. As suas curtas pernas e a fraqueza que ainda sentia faziam com que ficasse para trás. Mas não desistia de tentar segui-lo, mesmo estando este já demasiado longe. Preocupado com a fragilidade da cadela, Nuno voltou a pegar-lhe ao colo. Ainda era cedo para tanto esforço. Aos poucos ganharia resistência.

E assim foi. Durante aquele ano, a cadela, que parecia prestes a morrer, começou a rejuvenescer, como se fosse a versão canina do famoso filme *O Estranho Caso de Benjamim Button*, em que o protagonista nasce idoso e vai ficando cada vez mais novo à medida que o tempo passa.

Apesar de ter sempre um apetite caprichoso e ser difícil agradar-lhe, quando gostava da comida tirava a barriga de misérias e compensava os dias em que pouco ingeria. Não gostava de comer o mesmo em várias refeições seguidas, o que fazia com que Nuno tivesse de reinventar, sempre a tentar descobrir novas combinações. Era cansativo, sobretudo em comparação com o *Scott*, que devorava

tudo, sem o mínimo critério.

Dava gosto vê-la a ganhar peso, pelo sedoso e energia. Um verdadeiro cão, em todos os sentidos, emergiu de dentro daquele *zombie* que tinha levado para casa. Revelou uma inteligência rara num cérebro atrofiado pela falta de estímulo durante pelo menos três anos. Miraculosamente voltou a ver, ainda que com menos nitidez do que um cão mais jovem, mas a opacidade ocular, que era visível, foi limpando gradualmente e voltou a conseguir orientar-se, ainda que mantivesse cataratas bilaterais ligeiras. Aquilo que não conseguia enxergar com clareza compensava com o olfato, persistência e espírito aventureiro.

Surpreendentemente, sem que Nuno tivesse envidado qualquer esforço neste sentido, simplesmente por observação do comportamento das gatas, começou a usar a gateira, a pequena porta de plástico que dava acesso exterior aos felinos. Quando Nuno reparou que não havia dejetos para limpar em casa, preocupou-se. Mas ela parecia tão bem-disposta que não fazia sentido estar doente. Pensou que provavelmente estaria a fazer as suas necessidades noutro local que ele ainda não tinha descoberto. Procurou por toda a casa, debaixo das camas, debaixo das mesas e dos móveis, apurou o olfato o mais que conseguiu, de modo a ser guiado por qualquer odor desagradável. Nada. O mistério adensava-se. Olhava para ela, desconfiado, mas esta dormia tão sossegada na sua caminha, ou enroscada no sofá, que não conseguia resolver o enigma.

Uns dias depois de continuar sem encontrar dejetos, apercebeu-se de que a gateira se estava a abrir, pelo característico chiar das dobradiças. Surpreendido, olhou para as duas gatas sentadas à sua frente, a reclamar atenção e comida. Se estavam ali as duas, quem estava a entrar ou a sair pela gateira? Algum gato dos vizinhos, provavelmente. Contornou a mesa da cozinha para conseguir ver a porta, que ainda viu oscilar, mas sem ninguém à vista. Abriu a porta da rua e espreitou, ainda a tempo de vislumbrar a cauda da cadela a contornar a esquina da casa. Como? Não era possível! Ou era?

Seguiu-a discretamente para a ver agachar-se no canteiro das citronelas, a satisfazer as suas necessidades fisiológicas e voltar para casa, saltitando pelo caminho, parecendo muito satisfeita consigo própria.

Nuno estava incrédulo. Como é que um animal encerrado numa casa escura, obrigado a urinar e defecar no interior, negligenciado em qualquer estímulo cognitivo, tão necessário para manter o cérebro ativo, tinha conseguido aprender algo tão inovador só pela observação das gatas, que nem sequer pertenciam à sua espécie? E sem qualquer ajuda! Não conseguia olhar para a cadela sem sentir uma enorme admiração pela sua extraordinária personalidade. Os seus olhos marejaram-se de lágrimas, num misto de orgulho pelo feito conseguido e de tristeza por tudo o que tão extraordinário animal viveu.

Acompanhou-a de volta a casa, encetando ela uma corrida pela calçada, ele no seu encalço, e assistiu, na primeira fila, à sua habilidosa abordagem à gateira e ao seu ágil desaparecimento para lá da mesma. Não mais voltara a fazer necessidades

em casa, estivesse calor ou um frio de rachar.

O sol desaparecia na sua totalidade para lá do oceano. O *Scott* iniciara a sua patrulha diária pela praia, procurando restos dos piqueniques de outros banhistas. Como era da cor da areia e a luminosidade diminuía rapidamente devido ao desaparecimento do sol, Nuno já não o conseguia localizar. Mas não era preocupante. A praia era circundada pelas altas escarpas e só havia um local onde um carreiro criado pela constante passagem dos escassos frequentadores do local permitia a subida da falésia. Quando se fossem embora, ele apareceria. A *Luana* saltitava à sua volta. Ainda tentara segui-lo, mas acabara por desistir.

Tirou-lhe algumas fotos exclusivas e depois focou-se na paisagem. As cores do final da tarde eram incríveis. Ao longe, perto da lagoa natural, uma mulher encavalitada numa rocha observava o horizonte. De costas, os cabelos longos esvoaçavam, acariciados pela brisa morna. A túnica bordada colava-se ao corpo, deixando adivinhar as suas formas elegantes. Na mão, esticada ao longo do corpo, segurava um chapéu de palha, adornado com uma fita colorida.

Começou a fotografá-la. A combinação dos elementos dava excelentes imagens. Nuno sentia-se a transbordar de emoção. Nunca esperara ser tão feliz. Pensara que o seu prazo de validade para a felicidade estivesse caducado.

A mulher voltou-se na sua direção e acenou-lhe. Ele continuou a fotografar, sem preparar o disparo. Mais tarde faria uma seleção às melhores imagens. Ela saltou da rocha e caminhou pela areia. Por vezes, uma onda mais arrojada vinha lambê-lo os pés, salpicando-lhe a túnica branca. Sorria, as faces coradas pela exposição solar do dia, os olhos brilhantes de contentamento irradiando serenidade. Aproximou-se até conseguir tocar-lhe e depositou um beijo húmido nos seus lábios sedentos.

— Está na hora de ir, amor. Está a ficar escuro. Daqui a pouco, será difícil seguir o trilho.

Nuno sentia-se enfeitiçado. Cristina tinha tocado no mais fundo da sua alma, naquele lugar que tinha selado e ao qual não tinha imaginado vir a aceder. Transformara-o numa pessoa diferente. Que via a beleza das coisas, dos momentos, dos lugares. Amava-a e sentia-se amado. Adorava cada momento que partilhavam. Observava o mundo pelos olhos de alguém apaixonado pela vida, pelos outros, por si próprio.

— Sim, querida. Vamos. Não que me importasse de passar aqui a noite contigo!

— Importavas-te, sim. Quando estivesses cheio de frio e de areia — gracejou Cristina.

— Não me parece, uma vez que estavas comigo, para me aqueceres.

Abraçou-a e beijou-a sem pressa. Libertou-a contrariado quando ela o afastou suavemente.

— Pronto, pronto! Vamos embora.

— Onde está o *Scott*? — perguntou Cristina, enquanto pegava na *Luana* ao

colo. Esta olhava-a devotamente.

— A patrulhar a praia, como é hábito. Já volta. Gostas mais da cadela do que de mim! — gracejou Nuno, fazendo um beicinho brincalhão.

— É natural. Ela é muito mais adorável!

Nuno começou a atirar-lhe areia, fingindo-se ultrajado. Ela fugiu, a rir, com a cadela nos braços. Perseguiu-a, atirando-se dramaticamente para o chão para lhe agarrar o tornozelo. Incapaz de prosseguir, capturada pela perna, ela ajoelhou-se, pousou a cadela na areia e começou a espernear para se soltar. O aperto dele era firme, não lhe permitindo libertar-se. Foi subindo as mãos pela perna, até se posicionar por cima dela, fazendo-lhe cócegas. Ela ria, descontrolada, o cabelo numa confusão, os olhos fechados para os proteger da areia levantada, as lágrimas de riso a escorrerem pelas faces. Nuno aliviou o aperto, limpou-lhe carinhosamente a cara molhada e depositou-lhe beijos apaixonados nos lábios, nos olhos, no cabelo, nas orelhas, no nariz. A *Luana* observava-os intrigada e o *Scott* surgiu ali, excitado com a brincadeira dos dois, querendo participar na confusão.

Levantaram-se e começaram a arrumar os seus pertences, rindo a propósito de tudo e nada. Colocaram as mochilas às costas, a lancheira ao ombro e iniciaram o caminho de regresso, o braço de Nuno por cima dos ombros de Cristina, o *Scott* a correr à frente, a *Luana* no seu encalço. A luz natural escasseava, por isso apressaram o passo em direção ao trilho que subia a falésia. Antes de iniciarem a subida, Cristina pegou na *Luana* e aninhou-a dentro do saco das toalhas, pois as suas curtas pernas não lhe permitiam subir um carreiro tão inclinado. Ela, agradecida, mantinha-se imóvel, aconchegada nas toalhas, cabeça fora do saco, a observar o caminho.

O *Scott* era sempre o primeiro a chegar ao topo. Cristina chegava depois, a arfar devido ao esforço da subida. Nuno encerrava o grupo numa atitude protetora daquela que já considerava a sua família. Chegados ao cimo, ficaram por momentos a observar a paisagem, aproveitando para recuperar o fôlego. As sombras noturnas escureciam o oceano, os rochedos assumiam perfis fantasmagóricos. Emergindo da escuridão marinha, o areal quase invisível emitia um ténue brilho cintilante quando lambido pela espuma das ondas encapeladas, o céu, cerúleo, preparava-se para a chegada da lua, por essa altura em quarto crescente.

Nuno e Cristina entreolharam-se, cúmplices na emoção que sentiam. Normalizada a frequência respiratória, continuaram caminho. O trilho seguia pela beira da escarpa, durante uns metros, para depois se embrenhar num carreiro que serpenteava pela densa vegetação natural. Ouvia-se água a correr em todo o percurso, por este ser cruzado, em vários locais, por cursos de água doce, que caíam na praia sob a forma de pequenas cascatas. Algumas poças de lama preenchiavam parte do carreiro, onde anónimas almas caridosas tinham colocado pedras e paus para facilitar a passagem, sem enlamear os chinelos de enfiar no dedo. O pior é que o *Scott*, amante incondicional de qualquer pocinha de

humidade, se deitava escarranchado em qualquer delas, saindo de lá com o seu lindo pelo dourado coberto de lama escura. Evitar esse pequeno percalço era complicado, mas deu origem a um ritual em que passavam a correr na zona das poças, chamando-o pelo nome, para que ele, entusiasmado com a brincadeira, ignorasse a água e passasse a zona crítica sem conspurcar o seu imaculado pelo comprido. A estratégia resultava na maioria das vezes e conseguiam chegar ao alojamento relativamente limpos. Mas quando o apelo da água era mais forte e a estratégia não resultava, era com dificuldade que o conseguiam arrancar do banho de lama. Quando, finalmente, o convenciam, este sacudia-se com energia, projetando fragmentos de lama em todas as direções e à distância, atingindo os que estivessem nas imediações. Nuno e Cristina contorciam-se agilmente, para tentarem escapar aos fragmentos arremessados, nem sempre com sucesso. Depois, ao chegarem ao alojamento, tinham de proceder à lavagem do pelo, a jato de mangueira, acabando por ficar, também Nuno (a quem calhava a árdua tarefa), ensopado da cabeça aos pés, vítima de mais umas sacudidelas energéticas do cão, molhado.

Arrendavam, para a estada, uma pequena casa de alvenaria, num parque de campismo, do qual seguiam a pé para a praia. Era pequena mas moderna, com um quarto e sala em *open space* com a cozinha. Uma varanda virada para o oceano completava as mais-valias do alojamento. Era normalmente nesse local que degustavam as refeições e onde ficavam, ao serão, bebericando um copo de vinho, enquanto jogavam cartas ou conversavam sobre vários assuntos. Aceitarem animais tinha sido determinante na escolha, mas a localização era fantástica. Adoravam poder arrumar o carro e não precisarem dele para se deslocarem para a praia. Faziam o percurso a pé, primeiro por entre estufas de frutos vermelhos, abundantes naquela região, depois pelas dunas de areia, salpicadas de arbustos rasteiros — entre eles as camarinheiras, que davam camarinhas, bagas brancas, adocicadas, que Cristina gostava de apanhar às mãos-cheias, acondicionar num *tupperware* e levar para a praia. Depois das dunas, a vegetação adensava-se de tal forma que formava um túnel fresco e verde, onde, em alguns troços, era necessário caminhar curvado. O som musical de água a correr acompanhava os caminhantes que emergiam daquele bosque encantado no limite da falésia.

Cristina conhecera aquele local pela mão de Nuno. Este receara que ela não o adorasse como ele, pois a maior parte das pessoas preferia praias com melhor acesso e o bulício estival dos locais mais turísticos. Ali não havia bares ou restaurantes de praia por perto, vendedores ambulantes, nadador-salvador, espreguiçadeiras, chapéus de sol ou barracas de lona para alugar ao dia. Nenhuma das comodidades que fazem com que a maior parte dos veraneantes rume ao Algarve. Mas ela adorara-o tanto como ele e encontraram ali mais um ponto em comum. De manhã preparavam a merenda, normalmente sandes de pão regional (ainda quente, quando o compravam), fruta e água. Acondicionavam num saco as toalhas turcas, os livros que estivessem a ler na altura, baralho de cartas, cadernos

de passatempos e canetas. Um guarda-sol e uma pequena tenda completavam o espólio. Rumavam ao areal, prontos para passarem o dia no pequeno acampamento improvisado.

Abriam o chapéu de sol, para o *Scott*, e a tenda de praia, para a *Luana*. Ele gostava de observar o local, ela de dormir, esticada, dentro daquele sítio abrigado.

O mar era revoltoso, escondendo algumas rochas mais pequenas. Assim, Nuno e Cristina tomavam banhos maioritariamente na lagoa natural, protegida da ondulação pelas rochas que a rodeavam. Naquele local não havia ondas e a água era transparente, alternando entre o azul-turquesa e o verde-esmeralda, conforme a luminosidade do dia. Cardumes de pequenos peixes cruzavam a lagoa, que o *Scott* observava, curioso.

Banhavam-se os três, juntos, enquanto a cadela permanecia fora de água, pois não gostava muito de se molhar. Se o calor era demasiado intenso, tinham de ser eles a humedecê-la, para a refrescar um pouco, pois nunca o fazia por iniciativa própria. Ao contrário, o cão adorava água, apesar de evitar as ondas. Na lagoa, sem ondulação, desfrutava ao máximo dos prazeres balneares. Gostava de que lhe atirassem paus ou pedras para dentro de água, que ele conseguia pescar, mergulhando a cabeça de olhos abertos. Depois, transportava-os para a areia seca, onde se rebojava, satisfeito com a sensação de calor que a mesma lhe transmitia ao corpo, arrefecido pelo banho. Em seguida, excitado com a brincadeira, começava a escavar freneticamente, em torno do objeto. No final, cansado, deitava-se, entretenendo-se a roer o pau ou a pedra por algum tempo.

A *Luana*, por sua vez, ficava a observá-los enquanto nadavam. Mas, na maior parte das vezes, virava costas, enfadada, procurando a tenda, por sua conta. Deitava-se e dormia a sono solto durante horas. Outras vezes, se se cruzava com alguém, optava por seguir esses desconhecidos, como um patinho a seguir a mãe. Nunca conseguiram compreender porque o fazia, considerando que tinham a certeza de que ela os reconhecia, assim como ao *Scott*. Aliás, tinha uma verdadeira adoração por Cristina, para quem olhava com devoção, a quem dirigia cumprimentos efusivos quando ela chegava a casa. No entanto, naquela situação, talvez por se sentir desconfortável, procurava refúgio na companhia de qualquer pessoa.

Quando passeavam os três à beira-mar, ela acompanhava-os com alegria, correndo pela areia molhada, no seu encalço. As suas pernitais raquíticas foram-se recheando de massa muscular e a sua resistência ao exercício foi aumentando. Mas quando achava que já tinha dado tudo o que era capaz de dar, invertia a marcha e dirigia-se para a sua tenda, podendo, pelo caminho, mendigar abrigo a qualquer outro banhista. Voltara a adquirir o seu charme natural e encantava todos os que com ela se cruzavam. Talvez pelo seu pequeno tamanho, aliado à sua desenvoltura e perseverança, provocava olhares enternecidos nos que a observavam.

Habitualmente, ficavam por ali durante uma semana, no máximo duas. Mais

raramente, por períodos mais curtos, quando conseguiam juntar um fim de semana a um feriado. Voltavam para casa de baterias carregadas, com os cães saudavelmente cansados, a dormirem todo o caminho, ele esparramado no banco traseiro, ela ao colo de Cristina. Em casa eram recebidos com algum entusiasmo por *Bia* e *Lili*, que preferiam não mudar de território.

Pelo caminho, conversavam, riam, ouviam música e cantavam à desgarrada, para mais facilmente passar o tempo da viagem, que durava cerca de três horas, primeiro por estradas nacionais e autoestrada no troço final. Por vezes, inventavam jogos tolos, como o de combinarem as letras das matrículas dos automóveis que com eles se cruzavam, por forma a fazerem sentido.

— Olha, olha. Um obsessivo-compulsivo — observava Cristina, apontando para a matrícula de um veículo que circulava no sentido inverso, da qual faziam parte as letras O e C.

— E ali um médico-veterinário — dizia Nuno, apontando um MV-10-40, à sua frente.

— Pois atrás de nós está um presidente da república.

Nuno olhava pelo espelho retrovisor e lá estava um pesado com a matrícula 55-PR-39. Riam, divertidos, sentindo-se crianças novamente.

Uma criança feliz era, de facto, como Nuno se sentia desde que conhecera Cristina. A mãe falecera há mais de um ano, mas deixara-lhe a sua principal herança: *Luana*. Fora por sua causa que os dois se tinham começado a relacionar. Apesar de Luísa ter sido a principal responsável pela personalidade tristonha, introvertida e acomodada do filho, tinha-lhe legado o passaporte para o resto da sua vida. Como se tivesse partido deste mundo para lhe dar a oportunidade de encontrar, finalmente, a felicidade. Quando conhecera Cristina, não alimentava qualquer ilusão de poder ainda vir a amar. Muito menos de ser amado. Na verdade, não sabia, mesmo, se queria alguém na sua vida. Desiludira-se nas relações afetivas ainda muito novo e habituara-se a estar por sua conta. Porém, a vida fora generosa para consigo e provara-lhe que nunca é tarde para o amor.

Sem saber como, e apesar dos sentimentos negativos que tinha por si mesmo, quando conheceu Cristina, deu por si a avançar às cegas para algo que tinha evitado toda a sua vida. Tomara a iniciativa algumas vezes, não recuara quando fora Cristina a fazê-lo. Surpreendia-se a si próprio, não se reconhecendo na coragem que, subitamente, passara a determinar as suas decisões. Havia algo novo, desconhecido e avassalador, que se formava dentro de si, que o obrigava a avançar, não lhe permitindo recuos. E o mais surpreendente era que Cristina parecia movida pelos mesmos sentimentos. Como era isto possível? Como é que alguém se interessava por si, ao fim de tantos anos? Talvez não fosse, ele, assim tão desinteressante. Começara a olhar para si mesmo de outra forma. Como alguém que tinha muito para dar a alguém muito interessado em receber.

Tinha uma estranha sensação de liberdade. Como se tivesse sido a existência da mãe que o mantivera refém de si próprio e a sua partida tivesse quebrado essas

amarras.

Após o funeral, passou uma semana a resolver burocracias. Tinha ido buscar a *Luana* à clínica no dia seguinte e telefonara a Cristina para lhe dar conhecimento da alta da cadela. Comprometera-se a ir-lhe dando notícias e lembrara-lhe o compromisso de a levar a jantar. Pedira uns dias de folga, na redação, para atender a todos os compromissos inesperados; deslocou-se à instituição bancária onde *Luísa* tinha conta, às Finanças, ao Notário, às companhias de água e eletricidade, cancelou os contratos com as operadoras de televisão e telefone, e continuou a desenhar, à noite, enquanto acompanhava a adaptação da cadela à sua nova casa.

Falava com Cristina diariamente, contava-lhe as novidades e ouvia as dela. Tornou-se um hábito pelo qual ansiava todo o dia e sentia que se conheciam cada vez melhor.

Nuno ia fazer 52 anos em setembro. Cristina já tinha feito 53, tinha uma filha com 26, a viver em Inglaterra. Ainda não tinha netos e estava divorciada desde os 45 anos, mas mantinha um relacionamento saudável com o ex-marido. Não tinha qualquer intenção de começar um novo relacionamento, porque estava a usufruir, finalmente, de uma liberdade prazerosa, da qual se tinha habituado a desfrutar. Fazia o que queria, quando queria, sem dever explicações a ninguém. Saía frequentemente com amigos, visitava a filha em Inglaterra e passava férias, ou fins de semana, sozinha ou com amigos. Tinha uma vida preenchida, sem grandes preocupações económicas, pois a sua atividade como mediadora de seguros permitia-lhe viver de forma desafogada, mesmo que sem luxos exagerados. Comprara um apartamento nas imediações da praça onde *Luísa* vivera, com o dinheiro da venda da casa de família, depois de dividido com o ex-marido. Era um apartamento moderno, com dois quartos, para que a filha pudesse ficar com ela quando vinha a Portugal. Uma sala de dimensões generosas permitia-lhe receber amigos sempre que queria. A vista era esplêndida. Uma vez que habitava o último andar, conseguia ver o Tejo, para lá dos telhados dos outros edifícios, com os seus barcos do tamanho de formigas e o Farol do Bugio a guardar a entrada do estuário. Adorava animais e tinha tido um cão rafeiro, enquanto Beatriz, a filha, era ainda criança. Este morrera, velhote, depois do divórcio e, como Beatriz já estava, por essa altura, na faculdade, não voltara a ter nenhum animal, para poder gozar a sua liberdade recentemente adquirida.

Quando conheceu Nuno, após a morte de *Luísa*, a primeira impressão a seu respeito não fora muito favorável. Que tipo de pessoa deixava sozinha a mãe idosa, ao ponto de esta ter falecido havia vários dias, sem que ele se tivesse apercebido do seu silêncio. Independentemente do seu feitio difícil. Mas, aos poucos, começara a sentir uma inegável atração pela sua personalidade tímida, pelo seu cavalheirismo um pouco antiquado, pela sua constante preocupação com o seu bem-estar. Quem era ela para o julgar, assim, à primeira vista? Existem sempre razões que a razão desconhece, certo?

Depois, conforme o foi conhecendo melhor, compreendeu o ser amargurado

que ele era. Como se sentia culpado de tudo, como se penalizava pelo que era e pelo que queria ter sido, e não o fora. Era vítima de uma infância e adolescência disfuncionais, que não lhe tinham permitido crescer como outras crianças, no seio do amor incondicional. A própria Luísa era uma pessoa igualmente amargurada. E não soubera dar-lhe a volta. A herança emocional que deixara ao filho fora essa mesma amargura. Mas talvez para ele ainda houvesse alguma hipótese de reabilitação, ou mesmo de cura, uma vez que, para Luísa, já era demasiado tarde. E fora esta vertente cuidadora, da personalidade de Cristina, que a fizera apaixonar-se irremediavelmente por Nuno.

No início, quis negar a si própria que iam crescendo borboletas que se agitavam na sua barriga de cada vez que pensava nele. Depois resolveu que, sendo uma mulher descomprometida, não havia motivo para que não se envolvesse com um homem igualmente descomprometido e deveras bem parecido. Não seria dessa forma que iria perder a sua liberdade. Pelo contrário, iria enriquecê-la. Desde que cada um no seu espaço, tudo correria bem.

Mas, claramente, os seus planos tinham saído completamente gorados. À medida que o tempo passava e se iam conhecendo melhor, a necessidade emocional de estarem juntos foi-se sobrepondo ao bom senso. Cristina rapidamente começou a pernoitar em casa de Nuno, na Margem Sul, uma vez que era mais difícil para ele deslocar-se para Algés, por causa dos animais. Mesmo assim, por vezes, passavam um fim de semana em Algés, na companhia dos dois cães, deixando as gatas em casa, ao cuidado de uma vizinha.

Sem se aperceberem, já duplicavam os objetos pessoais, na casa de um e de outro, assim como os utensílios dos cães, na casa de Algés. Daí até ficarem definitivamente a viver juntos foi um passo.

Nuno esvaziara a casa dos pais e contactara uma agência imobiliária para a colocar no mercado, assim como a sua moradia. No final desse ano, já tinha vendido ambas, por um bom preço. Adicionou às suas poupanças o dinheiro que estava na conta bancária da mãe e utilizou o produto da venda das casas para adquirir uma nova moradia, na zona de Sesimbra. Uma mistura entre o moderno e o rústico, com três suites, uma para eles, outra para Beatriz, quando viesse a Portugal, e a terceira para visitas. Uma cozinha de sonho, uma sala com grandes janelas envidraçadas com vista desafogada para a piscina, um *barbecue* exterior, quintal com cerca de mil metros quadrados, uma garagem para dois carros e uma zona remodelada para *atelier* e escritório completavam as suas mais-valias. Estava localizada numa zona calma, com poucas casas e muito campo envolvente, mas o comércio, transportes públicos, restaurantes e cafés não ficavam longe. Inicialmente, Cristina, habituada que estava à margem norte da cidade, custou-lhe a escolha de Nuno. Mas confortava-se dizendo para si própria que tinha a casa de Algés à sua espera, sempre que quisesse. O facto é que depois de se mudar para lá, primeiro por uns dias e depois acabando por ficar definitivamente, foi-se apaixonando pela zona e a casa de Algés manteve-se fechada.

A maior parte do trabalho de ambos podia ser feito em casa e a necessidade de ir a Lisboa ficava reduzida a poucos dias por semana. Cristina acabou por pedir transferência para uma sucursal local e a vida de ambos adaptou-se à nova realidade. Nos dias ensolarados de inverno, passeavam com os cães nas praias da Arrábida, de Sesimbra ou da Costa da Caparica. Quando o verão se avizinhava, optavam pela Lagoa de Albufeira, porque ali eram permitidos cães, mesmo durante a época balnear. Mas quando, nos meses mais quentes, a população lisboeta rumava em direção à margem sul do Tejo, Nuno e Cristina (à semelhança do que Nuno já fazia anteriormente) seguiam para a costa alentejana, para desfrutarem de dias diferentes e de total sossego.

XXVIII

Regressaram do Alentejo com uma certa nostalgia pelos quinze dias ali passados. Praia, areia, dias inteiros espojados ao sol, banhos refrescantes, longas leituras à sombra do chapéu de sol, conversas intermináveis, os dois cães como única companhia. Sentiam-se numa bolha de felicidade, impossível de ignorar e que irradiava para todos os que com eles se cruzavam.

Era final de agosto. Habitavam aquela nova casa desde o início do ano. A *Luana* e as gatas já haviam reaprendido a usar a nova gateira, o *Scott* adorava banhar-se na piscina. A *Luana* tentava imitá-lo em quase tudo, exceto na adoração pela água. Era como se estivessem permanentemente de férias.

Desfizeram as malas na companhia das duas gatas, curiosas, que tentavam a todo o custo deitar-se no seu interior, enroscadas na roupa por lavar. O *Scott* aproveitara para se refrescar na piscina e ladrar à volta da casa, como que a anunciar a sua chegada. A *Luana* seguia-o no reconhecimento do terreno, ladrando em unísono, apesar do seu tom esganicado. Foi algumas vezes abalroada quando este invertia subitamente a marcha, esforçando-se por reorientar o seu centro gravitacional e voltar à posição de pé. Não se deu por vencida e continuou a seguir no seu encalço, não descurando a sua responsabilidade como segunda guardiã do espaço. Nuno e Cristina adoravam observar a sua felicidade nestas pequenas manifestações. *Luana* a ser aquilo que era suposto ser: um cão, na verdadeira aceção da palavra.

Terminada a patrulha, entraram em casa, o *Scott* esticando-se no chão fresco, a *Luana* procurando Cristina, por quem tinha, claramente, preferência. Depois de a localizar no quarto de casal, aproximou-se, chamando a sua atenção com um toque de uma das suas patas dianteiras.

— Que queres, minha pequena princesa? Não estás cansada da viagem? — Cristina falava com a cadela em tom meigo e sussurrado, enquanto lhe pegava ao colo e lhe passava as mãos suavemente pelas orelhas macias.

— Mas que mimada — reclamou Nuno, divertido, sensibilizado com a união entre as duas.

— És um ciumento!

— Pois sou. Não te quero partilhar com ninguém!

— Aqui não tens hipótese. Ela já me conquistou irremediavelmente.

— E tu a ela! — admitiu Nuno, enquanto aflagava, também ele, as orelhas da cadela e depositava um beijo apaixonado nos lábios de Cristina. — Ninguém te resiste. És, tu própria, adorável.

— Assim até acabo por me convencer de que sou alguém especial — ironizou Cristina, agradada com a manifestação de carinho de Nuno.

— Não tenhas dúvidas. Tu és especial. E vieste mudar a minha vida! Completamente. Eu não era nada, não tinha nada, antes de ti. Agora tenho tudo. Sou outra pessoa! E quero passar o resto da minha vida contigo. E como a *Luana* foi a chave para o nosso relacionamento, é perante ela que te entrego este anel e te pergunto: queres casar comigo?

Sem tirar os olhos de Cristina, Nuno retirou do bolso das calças uma pequena caixa de veludo. Ela demorou a reagir, surpreendida, sustendo o olhar. Quando tomou consciência do que estava a acontecer, pegou na caixa, abriu a pequena tampa e demorou-se a apreciar o seu conteúdo: era um pequeno anel de ouro branco, com brilhantes incrustados.

— Não gostas? — questionou Nuno, nervoso. — Pedi ajuda à dona da ourivesaria.

— Gosto, sim. É lindo! Mas não estava à espera.

— E queres dar agora a tua resposta? Ou precisas de tempo para pensar?

— Não! Não preciso de tempo. Já sei a resposta. Se me tivessem dito, há pouco mais de um ano, que hoje me seria feita esta proposta, diria que claramente a resposta seria *não*. Hoje, passado este tempo, a minha resposta é evidentemente *sim*. Sim, tu também vieste mudar a minha vida. Deste-lhe uma volta de cento e oitenta graus. Demoliste todos os meus alicerces e reconstruíste-me. É verdade que eu estava bem. Mas porque não sabia o que era estar contigo. Sim! Também quero passar contigo o resto dos meus dias!

Nuno, que sentira o coração a bater descompassado de expectativa, receando a resposta, descontraiu um pouco, retirou-lhe a cadela do colo, envolveu-a num abraço e beijou-a demoradamente. Ainda não sabia bem o que aí vinha, mas, fosse o que fosse, tinha a certeza de estar no caminho certo.

Luana continuava a observá-los, ao ponto de se sentirem constrangidos. Por vezes, Nuno ainda tinha a sensação de que a mãe o olhava através dos olhos da cadela. Como se, de alguma forma, continuasse a existir dentro dela e sob esta forma pudesse, finalmente, ser a mãe que deveria ter sido.

O telefone tocou, trazendo-os à realidade. Cristina desenlaçou os braços, aborrecida, pois o soar irritante daquele trinado vinha profanar um momento tão íntimo. Nuno sorria, emocionado. Nunca pensara vir a viver uma aventura como aquela.

Enquanto Cristina se deslocava pelo comprido corredor, *Luana* corria como um cavalinho, ao seu lado. Adorava fazer *sprints* o máximo que conseguia, corredor acima, corredor abaixo, por vezes em derrapagem, caindo e levantando-se. Era um

gosto vê-la. O que ela tinha rejuvenescido. Mas o que mais emocionava Cristina era o ar de absoluta felicidade com que o fazia, como se a vida lhe tivesse sido sempre favorável e ela fosse absolutamente grata por isso.

Por vezes, corria com ela, para trás e para a frente, para a encorajar. A cadela seguia no seu encalço, feliz pela participação no jogo, olhando-a com adoração. Outras vezes, sentava-se no chão e esticava as pernas esguias, criando um obstáculo que *Luana* era obrigada a saltar. E fazia-o, prontamente, reforçando a velocidade, lançando-se em voo por cima das pernas e aterrando airoso do outro lado. Depois sentava-se, orgulhosa, esperando um elogio verbal da parte de Cristina:

— Linda menina! Tão atlética, a minha princesa. Mas que cadelinha tão habilidosa.

Enquanto falava, acariciava-lhe as orelhas e *Luana* pavoneava-se, orgulhosa, à sua volta. *Scott*, entusiasmado com a correria, acompanhava a debandada, abalroando tudo à sua passagem. Cristina ria. *Scott* escorregava durante todo o percurso, mas persistia na demanda. *Luana* fazia razias às patas do cão, excitada pela confusão instalada. As gatas observavam a cena de longe, em parelha, mas preferiam subtrair-se à algazarra. A casa tornara-se uma rebaldaria total, pensava Nuno, enquanto observava a cena, rindo, sentindo uma felicidade assustadora. Era uma casa com vida. Um verdadeiro lar. Uma família real. A sua família. Pela primeira vez, sentia-se parte integrante de algo.

Pela primeira vez na sua vida, era feliz.

*

Casaram no final de setembro. Contrataram uma empresa de *catering* e aluguer de tendas. Decoraram o jardim da casa de Sesimbra com pérgulas e flores, iluminaram a piscina com velas flutuantes de várias cores e montaram as mesas para o copo de água numa tenda romântica, num dos cantos da propriedade. Os convidados não eram muitos, mas todos os que efetivamente importavam lá estavam. Beatriz tinha vindo para Portugal uns dias antes, para ajudar a mãe nos preparativos e ficar a pernoitar, com o namorado, na casa de Algés.

Cristina mantivera a tradição, guardando a escolha do vestido no mais absoluto segredo, para não estragar o fator surpresa no dia do casamento. Nuno escolhera o fato com a ajuda de uma colega de trabalho, que se entusiasmara pelo projeto e que organizara uma despedida de solteiro de última hora num restaurante lisboeta. A noiva preferira ser mais recatada e convidara a filha e duas amigas próximas para uma tarde de *spa*, seguida de um jantar íntimo em casa.

O dia do casamento nasceu ameno, com um céu azul pintalgado por uma ou outra nuvem branca que conferiam um certo romantismo à ocasião. Os empregados do *catering* chegaram cedo, para ultimar os preparativos, decorar as mesas e adiantar os acepipes. A florista chegou ao fim da manhã e preparou os

floridos centros de mesa. Mas deu especial atenção à decoração da pérgula onde a cerimónia se realizaria, com bonitos arranjos de flores de tons suaves. Cadeiras forradas a veludo verde-água, alinhadas na perfeição, serviriam de plateia para o evento e uma passadeira de pétalas de flores encaminharia Cristina para o local do enlace.

Por volta das quinze horas, começaram a chegar os convidados, recebidos por Nuno, quase irreconhecível de tão elegante, num discreto fato castanho-claro e camisa bege sem gravata, um pequeno *bouquet* de flores secas na lapela. *Scott* fazia-lhe companhia, com o seu pelo dourado escovado na perfeição e um lenço verde ao pescoço. Um empregado de bandeja em punho oferecia bebidas espirituosas e entradas *gourmet* aos que iam chegando.

Às dezasseis horas, já todos tinham ocupado os lugares em frente à pérgula. A conservadora notarial aguardava a noiva, assim como Nuno, claramente nervoso pela forma como retorcia as mãos e batia com os pés no chão. Tinha as faces coradas e parecia prestes a ter um achaque de qualquer ordem. O cão, sentindo o seu nervosismo, aguardava ao seu lado.

Quando Cristina surgiu do interior da casa, acompanhada pela filha, Nuno não conseguiu deixar de se emocionar e os seus olhos marejaram-se de lágrimas. Estava linda, num vestido verde-pálido, quase branco, com um corpete bordado e a saia esvoaçante, até aos pés. O cabelo apanhado de lado caía-lhe pelas costas, salpicado por pequenas flores naturais. A maquilhagem discreta conferia-lhe um brilho radioso às faces e uma gargantilha simples adornava-lhe o pescoço esguio. Parecia flutuar por cima do caminho de pétalas.

A filha de Cristina seguia ao seu lado, sorridente. Entregou-a simbolicamente a Nuno, que fungava, emocionado. Ela deu-lhe a mão para o acalmar e sentaram-se, em frente à conservadora, enquanto esta dirigia a cerimónia. Proferiram os votos e, quando chegou o momento da troca das alianças, Beatriz aproximou-se com *Luana* pela trela. Nuno retirou a pequena caixa pendurada no seu pescoço numa larga fita de cetim. Por entre juras de amor eterno, paciência e dedicação, as alianças foram colocadas nos respetivos dedos e a cerimónia terminou com um beijo carregado de emoção e os aplausos dos presentes.

LUANA

Sinto-me como se tivesse morrido, para depois renascer.

A minha morte aconteceu lentamente, com o meu corpo a manter-se vivo, mas a minha mente a definhar dia após dia desde o desaparecimento do Francisco. A Luísa tentou. Tentou até ao limite das suas forças. Eu sei! Eu estava lá! Eu senti! Senti o seu desespero, a sua expectativa, a sua desilusão por não conseguir superar, por não conseguir corresponder, por não conseguir continuar. Senti a raiva que tinha de si própria, a forma como se penalizava, como se culpabilizava. Como foi, ela própria, definhando, desaparecendo, tornando-se etérea.

Eu nunca a culpabilizei. Ou porque era ela, também, vítima, ou porque os cães não são capazes de sentir esse tipo de coisas. No meu coração só havia perdão. Perdoei-lhe tudo! Aceitei tudo como sendo o meu destino e aprendi a viver com ele. Na verdade, era a minha Luísa e eu amava-a! Da forma que, penso, só um cão é capaz: desinteressada, genuína, altruísta, sem mágoas ou ressentimento, sem expectativas. Amei o Francisco, muito, muito, muito! De uma forma diferente, porque ele significava carinho e diversão; eu dava e recebia, assim como ele, numa cumplicidade perfeita. Ele era o meu protetor e eu, a sua princesinha. Com a Luísa, passei a ser uma cuidadora. Mas não foi por isso que a amei menos.

Eu tentei. Tentei chegar até ela, trazê-la de volta à terra, trazê-la de volta para mim e para si própria. Mas estava, também eu, a cair num buraco negro. Era assim que me sentia. A perder as minhas capacidades, dia após dia. Via cada vez menos, ouvia cada vez menos. Sentia-me numa bolha estéril de sensações. Esqueci o que eram os odores da rua, o vento a tocar-me na ponta do nariz, a chuva a molhar-me o pelo, o sol a aquecer-me o corpo, a sensação maravilhosa do toque das mãos humanas. Esqueci a minha própria espécie, de como nos cumprimentávamos na rua, de como brincávamos, de como comunicávamos.

Mas não esqueci o Francisco e não esqueci a Luísa. Depois do desaparecimento do Francisco, era ela que me guiava, que representava a minha razão de viver, a minha missão de vida. Os dias seguintes à sua morte transformaram-se num borrão de tinta, na minha memória. Lembro-me de pouco, de quase nada. Tenho noção da fome e da sede, mas não me lembro de que maneira as combati. Se fiz alguma coisa para sobreviver. Ou se me abandonei à minha sorte e me deixei ir, na corrente do destino. Terei desistido? Ou foi a fraqueza que me obrigou a isso?

Depois, a minha vida deu um salto temporal, diretamente para casa do Nuno... e do *Scott*... e da *Bia* e da *Lili*, que funcionavam como uma só. Aí renasci. Aos poucos. Lentamente. Um pouco mais tarde, veio a Cristina, que se tornou a minha nova missão de vida. Tudo aquilo que a Luísa não foi, e que eu lhe perdoei por não ter sido, é, agora, a Cristina. Carinhosa, meiga, alegre. Transmite uma energia que me faz bem, que me estimula, que faz querer superar-me, que me mantém animada, que me faz feliz. Gosto do *Scott*. Gosto muito do *Scott*. Gosto da *Bia* e da *Lili*. Sinto-me um pouco como elas, talvez pelo nosso tamanho semelhante. Gosto do Nuno. Gosto de todos e de tudo nesta minha nova vida.

Mas a Cristina é a minha mentora.

Tenho vivido aquilo que nem sabia existir. Senti a areia quente nas minhas almofadinhas, o sal da água do mar na minha língua, a maresia no meu nariz. Passei pelo campo, pela serra, pela cidade. Deitei-me consoladamente cansada, dormi confortável. Acordei revigorada e feliz. Finalmente, sei o que é uma vida preenchida, cheia de emoção. Conheço o valor da amizade, do amor. O prazer imenso que se retira de coisas simples, como um passeio ao sol, o chapinhar numa poça de água, as gotas de chuva na minha língua pendente, a brisa morna nas minhas orelhas, o frio glacial nos dias invernosos. Mas o melhor de tudo é o meu sentimento de pertença. Pertença a algo que me pertence também. Pertencemos uns aos outros, numa comunhão de emoções.

Somos uma verdadeira família.

EPÍLOGO

Luana viveu com Nuno, Cristina, *Scott*, *Bia* e *Lili* durante cinco anos.

E foi feliz. Muito feliz. Nuno e Cristina trabalhavam sobretudo em casa, conjugando as suas agendas para irem a Lisboa nos mesmos dias e regressarem juntos. Mas esses dias eram exceções. Naquela que era a verdadeira rotina dos seus dias, levantavam-se cedo e passeavam os cães pelos campos ao redor da casa, com *Scott* a correr à frente e *Luana* a tentar acompanhá-lo. De vez em quando, Cristina pegava-lhe ao colo, para que descansasse um pouco, porque as suas pequenas pernas exigiam o triplo dos passos para palmilharem o mesmo terreno que *Scott*.

Ao fim de semana, com mais tempo livre, gostavam de fazer longas caminhada pela serra, para as quais tinham adquirido uma mochila adaptada ao transporte de cães pequenos. Assim, era mais fácil que *Luana* os acompanhasse, pois, com o passar dos anos, começara a ter dificuldades acrescidas, devido à doença degenerativa das articulações.

— Estou a tornar-me na velha dos cães — brincava, enquanto caminhava pelos trilhos lamacentos da encosta da Arrábida, com a mochila a tiracolo.

Nuno ria-se, encantado, observando a forma como *Luana* a olhava com devoção. Como ele a compreendia. Surpreendia-se a si próprio amiúde a deitar-lhe os mesmos olhares.

Noutros dias mais soalheiros passeavam de bicicleta, os cães a correrem ao seu lado. *Luana* surpreendia pela sua resistência, a trote campos fora, as orelhas coladas à cabeça, à passagem do vento. Quando, já mais velhota, a artrite lhe limitava os movimentos, viajava dentro do cesto da bicicleta, acomodada numa almofada macia, que se adaptava ao seu corpo deformado.

Quando, à noite, cansados, se recostavam no sofá a ver televisão, a cadela saltava para perto de Cristina e adormecia contente com os feitos do dia. Por vezes, o seu corpinho era percorrido por tremores enquanto dormia e emitia queixumes indistintos. Cristina e Nuno interrogavam-se sobre as imagens que povoariam os sonhos da pequenita. Seriam memórias do passado? Ou acontecimentos recentes? Apesar de ambos saberem que ela tinha uma boa vida naquele momento, o passado não tinha sido generoso. Gostavam de ter o poder de lhe apagar as memórias más, mas tinham consciência de que isso não era possível.

Que o conjunto dessas memórias a tornavam no ser espantoso que era, que, sem elas, ficaria despersonalizada.

Os primeiros sinais de que a saúde de *Luana* se estava a degradar surgiram quando repararam que ela se perdia no jardim ou nalguma parte da casa. Ficava desorientada, a andar em círculos, ou simplesmente parada em frente a uma parede ou peça de mobiliário, sem conseguir descobrir como contornar o obstáculo. A demência foi-se instalando e as consequências foram devastadoras. Perdeu os hábitos de higiene e passou a usar fralda. Muitas vezes, não encontrava o prato da água e bebia com sofreguidão quando lho colocavam à frente do nariz.

Por orientação da médica veterinária, ainda tomou uns suplementos para seniores, que a ajudaram, inicialmente. Instalaram-na numa divisão que revestiram com piso antiderrapante, estimularam-na com jogos cognitivos, baseados no olfato, uma vez que este era o único sentido que mantinha intacto. A cegueira voltara e a surdez instalara-se, remetendo-a novamente a uma bolha sensorial. Dormia durante o dia e passava a noite agitada, andando horas e horas, em círculos, esbarrando com o que encontrava pela frente, na sua alucinada demanda.

Cristina e Nuno sofriam com a degradação mental e física de *Luana*. Sabiam que era a lei da vida e que lhe tinham dado o melhor, nos seus últimos anos. Mas queriam mais. Queriam que a doce, corajosa, aguerrida e esperta *Luana* ficasse com eles por mais tempo. Por vezes, Cristina chorava enquanto tentava acalmá-la nas longas noites sem dormir. Nuno tentava confortá-la, fazendo-lhe companhia, passando-lhe os braços pelos ombros e aconchegando-a no peito. Sabia que a forte ligação entre ambas era algo que não se explicava, simplesmente existia.

Quando os rins falharam, a sua capacidade para depurar o sangue ficou comprometida. Os produtos tóxicos resultantes do seu normal metabolismo acumularam-se no seu fragilizado corpo e comprometeram o funcionamento dos órgãos. Um por um, começaram a não assegurar as funções vitais.

Apesar de ter sido internada por alguns dias, o seu estado agravou-se e tanto Nuno como Cristina tomaram consciência de que ela tinha chegado ao fim do seu percurso terreno. Levaram-na para casa, para os seus últimos momentos. Revezaram-se nessa noite para que não ficasse sozinha, passearam, de manhã, com *Scott* e levaram-na ao colo, incapaz de andar por si própria. Regressaram, introspectivos. Não precisavam de falar para saberem exatamente o que cada um sentia.

Regressaram à clínica nessa tarde para darem a *Luana* a oportunidade de partir deste mundo com o mínimo de sofrimento. Não queriam continuar a ser egoístas ao ponto de prolongarem a sua agonia, simplesmente porque nenhum deles estava preparado para a deixar partir.

E dessa forma, cinco anos depois de ter entrado nas suas vidas, *Luana* terminou a sua existência terrena. Nuno e Cristina voltaram para casa sentindo um vazio físico e psicológico. Apesar do seu pequeno tamanho, *Luana* tinha a alma de um

gigante. Preenchia todos os espaços com a sua personalidade aguerrida. A sua capacidade de seguir em frente e de aproveitar tudo o que a vida lhe oferecera tinha sido uma inspiração para ambos. Na verdade, tinha completado com sucesso a sua missão: a de devolver a vida perdida a Luísa e Francisco, que conseguiram encontrar equilíbrio e felicidade na última fase das suas vidas, enquanto casal, enquanto indivíduos.

Cada um viveu o luto à sua maneira, mas com enorme respeito mútuo. Cristina sentia-se vazia. A casa parecia vazia. O mundo parecia diferente. A nostalgia instalou-se e ela demorou algum tempo a recuperar. Nuno, por seu lado, sentia como que se a morte da mãe só tivesse realmente acontecido naquele momento, pois vivera a sua presença em cada interação com Luana. Foi o encerrar de um ciclo.

Fizeram questão de receber as suas cinzas, pedindo a cremação individual. Uma semana depois, foram-nas recolher à clínica veterinária. Numa pequena cerimónia familiar, espalharam parte das mesmas no jardim da casa e outra parte, no bosque onde passeavam diariamente com os cães. Guardaram uma pequena porção para levarem para a praia de sempre, onde *Luana* tinha vivido com eles as suas primeiras férias.

No verão seguinte, no último dia de praia, antes de voltarem para casa, depositaram o resto das cinzas na ondulação e ficaram os três a ver a corrente a arrastar aquele leve pó branco para longe. Nuno tinha o braço sobre os ombros de Cristina e ela mantinha a mão pousada no dorso de *Scott*, em despedida solene. Ali ficaram longos momentos, enquanto as ondas lambiam a areia, cada um imerso nas suas memórias, nas quais *Luana* corria pela areia molhada, o pelo castanho a ondular ao vento, um halo avermelhado a envolvê-la pelo reflexo dos últimos raios de um sol no momento do ocaso.

Nota da autora

Esta é uma história verídica. Para proteção dos envolvidos, os nomes, locais e parentescos foram alterados. Mas a *Luana* existiu, tal e qual como é descrita, apesar de ter tido outro nome. E viveu tudo o que aqui contei, desde a adoção por Luísa e Francisco, ter assistido à morte de ambos os tutores, um de cada vez, quase ter morrido de fome e sede, sozinha, junto do corpo sem vida de Luísa, até à sua surpreendente recuperação e última fase de vida na companhia de *Scott* e das gatas. Tudo em relação a ela é real, desde a descrição física, a personalidade, o estado de saúde, o resgate, a degradação física e mental, no fim.

Também o casal Luísa e Francisco é real, assim como as divergências entre ambos, o seu relacionamento disfuncional, as depressões de Luísa, a sua paixão arrebatadora extraconjugal e o final de vida a dois, mais equilibrado do que nunca.

Conheci a *Luana* ainda cachorra, em contexto profissional, uma vez que sou médica veterinária. Mais tarde, tornei-me próxima da família por razões pessoais. Perdi o contacto com a Luísa durante os anos seguintes à morte de Francisco e voltei a encontrar a cadela depois do resgate. Fiquei completamente sensibilizada com o seu estado físico e mental, assim como assisti, emocionada, à sua espetacular recuperação e à sua nova vida.

Na minha atividade profissional deparo-me, vezes sem conta, com situações de extrema complexidade emocional. O maior desafio está em conseguir ultrapassá-las sem me tornar insensível ou demasiado sensível, para que a minha capacidade de discernimento se mantenha íntegra, para bem dos meus pacientes. O desgaste emocional é tremendo, uma vez que lidamos com a vida e a morte de forma igual. A gestão das emoções é levada ao extremo. Casos de sofrimento animal, negligência, maus-tratos, abusos, empurram-nos em direção a um abismo, de onde só nos erguemos porque os animais nos provam, diariamente, que nada é definitivo, que é possível contornarmos obstáculos, reerguermos-nos das cinzas e voltarmos a viver.

Luana foi uma adorável cadelinha, com uma missão de vida que cumpriu heroicamente. Apesar do seu aspeto frágil, escondia um coração de guerreira, uma invejável capacidade de perdão e uma força inspiradora. A sua história ficará para sempre comigo. Agora, tenho a certeza de que ficará convosco também.

Que a sua mensagem, ensinamentos e amor incondicional perdurem.